

A close-up of a diamond ring resting on a thin, light-colored branch. The background is a soft, out-of-focus blue-grey, showing the silhouette of a couple embracing. The overall mood is romantic and contemplative.

Até onde você iria por vingança?

o PRECÇO De UM amor

ELIZABETH BEZERRA



O Preço De um Amor

Elizabeth Bezerra

O Preço
De um Amor
Série Recomeçar
Livro 1

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, lugares, personagens e incidentes são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, empresas, organizações, eventos ou lugares é mera coincidência.

O PREÇO DE UM AMOR

CAPA

Denis Lenzi

Revisão

Lucilene Vieira

[2016]

Todos os direitos dessa edição reservados à autora.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610 de 19/02/1998.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia, gravação ou por qualquer sistema de armazenamento e recuperação de informações, sem a permissão por escrito do autor.

Índice

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Capítulo 42](#)

[Capítulo 43](#)

[Capítulo 44](#)

[Capítulo 45](#)

[Capítulo 46](#)

[Capítulo 47](#)

[Capítulo 48](#)

[Capítulo 49](#)

[Capítulo 50](#)

[Capítulo 51](#)

[Capítulo 52](#)

[Capítulo 1](#)

[Sobre a autora](#)

*Para Adriana, Lucilene, Ana e todas as pessoas que viajaram comigo.
Obrigada.*

Playlist

Obrigada a todas as leitoras do site que ao enviarem suas músicas contribuíram para que eu me inspirasse mais e mais.

DEBBIE GIBSON - LOST IN YOUR EYES

Andrea Ribeiro

I want to know what love is - Mariah Carey

Luciana Rapello Manuel Alves

Bon Jovi - Lie to Me

Sheila Pereira Ribeiro

Bryan Adams - Everything I Do I Do It For You

Uncoditional Love

Susanna Hoff's

The Killers Somebody told me

Quiero decirte que te amo

Laura Pausini

Skid Row - I Remember You

Sheila Pereira Ribeiro

Scorpions - Still Loving You

Luciana Rapello Manuel Alves

I Hate You I Love You (Ft. Olivia O'Brien)

Carina Gonçalves

SAndy e Junior - Turu Turu

Forever by Your Side" por The Manhattans

Andelson Marcelino E Andréa

Kansas - Dust in the wind

Renata Thomas

Avenged Sevenfold - Dear God

PAULA ABDUL - RUSH, RUSH

Andréa Ribeiro

Delta Goodrem Born to try live

Andréa Ribeiro

Eric Clapton - Tears In Heaven

Lonely Is The Night - Air Supply

Luciana Rapello Manuel Alves

Stop Crying Your Heart Out - Oasis

Luciana Rapello Manuel Alves

Bruce Springsteen - Streets of Philadelphia

Passenger - Let Her Go

Prólogo

17 anos atrás

— Vamos, Laura! Já estamos atrasados para o jantar! — Nicholas disse, entrando no quarto do bebê.

O quarto era todo rosa e branco, e o papel de parede floral. Através da ampla janela, atravessava o restante de luz solar daquele fim de tarde. No chão, um tapete branco e felpudo que cobria todo o assoalho. Próximo à janela havia uma enorme casa de bonecas branca e lilás. Por todo o ambiente se via brinquedos e ursos de pelúcia e muitas bonecas espalhadas. Um quarto que seria o sonho de qualquer criança, um verdadeiro paraíso infantil. E no outro canto próximo à porta ficava o berço onde o bebê dormia tranquilamente, sem sequer imaginar que, nas próximas horas, toda a sua vida iria mudar.

— Não sei se devo ir, querido — disse Laura, alisando a cabecinha do bebê como sempre fazia ao observá-la dormir, seu pequeno anjo na Terra — Ela é tão novinha ainda.

— Laura, ela já tem oito meses! Vamos... — Nicholas falou com a voz carregada de impaciência — Nós também precisamos de uma folga.

Ele amava a filha, mas ansiava avidamente voltar a ter uma vida social com sua esposa.

— Mas ainda não me sinto segura. Além disso, sua mãe não poderá cuidar do bebê e não me sinto bem em deixá-la com estranhos.

— Não é uma estranha, mas sim a babá contratada através de uma agência muito bem recomendada. Você precisa relaxar. Vamos rever nossos amigos, jantar, conversar e...

Ele caminhou até ela, passando os braços em sua cintura, e logo estavam girando pelo quarto, embalados pela melodia saindo pelos lábios dele.

— Está bem — Laura o empurrou gentilmente ao abafar um sorriso e fez sinais para que ele não acordasse a criança — Vou dar as últimas instruções para a babá e já desço. Peça para ela subir, por favor.

— Eu espero você no hall — disse ele, beijando sua nuca.

Laura observou o bebê que continuava a dormir como um querubim. Ela era linda — os cabelos e olhos negros contrastavam com a pele alva. O rosado em suas bochechas a fazia ainda mais encantadora. Costumava dizer que ela era sua própria Branca de Neve. Todos sempre riam disso, mas tinham que concordar: era um bebê muito lindo. Ela estava linda em um vestido amarelo claro com rendas brancas. Em seu pulso, a pulseira com um pingente com o nome dela e as iniciais dos seus pais.

— Com licença? — Laura ouviu alguém chamar da porta.

— Ah, sim, você é Camila, certo? A babá enviada pela agência?

— Sim, senhora — Ela respondeu, olhando para o chão.

Achou estranho o fato da jovem não a encarar. Mas acreditou que seria tímida ou estivesse incomodada com seu luxuoso vestido de festa. E olhando para os trajes simples à sua frente, entendia bem o quanto uma casa suntuosa como essa poderia intimidar. Laura também viera de uma família modesta.

— Não há muito com que se preocupar, Camila, o bebê costuma dormir a noite toda, ainda mais depois de uma tarde agitada como a de hoje. Ela só acorda para trocar a fralda e tomar a mamadeira

da noite. Eu e meu marido pretendemos voltar cedo, por volta das onze horas. Na sala há uma agenda, com o número onde poderá nos encontrar e o do pediatra, caso precise. Ligue-me a qualquer momento, está bem?

— Sim, senhora — Camila respondeu-lhe, ainda olhando para o chão.

— Os empregados costumam ir embora por volta das oito horas, mas a governanta, a senhora Connolly, e Tom, o jardineiro, dormem na ala leste, e há o segurança do turno da noite. Se precisar de algo, pode chamar por algum deles.

— Entendi, senhora.

Laura foi até o berço, deu mais um beijo no bebê, e mesmo sentido algo estranho oprimindo seu peito, foi em direção à porta.

— Senhora!

— Sim?

— Não me disse o nome do bebê.

— Ah, claro, desculpe-me. É Rebecca. Mas todos a chamamos de Becca.

****.

Quase uma hora havia se passado quando ela se aproximou do berço para pegar a criança.

— Rebecca... — sussurrou, passando a mão nos cabelos macios do bebê enquanto olhava em volta do quarto — Você é linda. Sua casa é linda. Tão pequena, e já tem o melhor que o dinheiro pode comprar.

Em seus olhos havia mais do que cobiça; havia muita revolta e inveja do que nunca iria ter.

— Uns com tanto e outros sem nada. Acho que isso precisa mudar...

Enquanto descia as escadas com a criança em seus braços, refazia mentalmente os planos da última semana. Ela sabia que para sair da miséria e desgraça na qual vivia, era indispensável seguir cada detalhe. Sabia o que fazer, sabia como fazer, só não sabia se podia confiar.

— Até que enfim, Taylor. Por que demorou tanto? — ela quase gritou ao atenderem ao telefone.

— Fique calma, Jéssica, sabe que odeio histerias! — exaltou-se, e ela foi capaz de identificar o tom meio grogue em sua voz.

— O que estava fazendo? Aposto que enchendo a cara com um dos seus amigos inúteis.

— Não enche, Jéssica!

— Eu só estou nessa por sua causa, então, se não vai fazer as coisas direito, está fora! — ela praticamente gritou, mas moderou o tom ao ver a expressão da menina mudar para choro.

— Entrei nessa, não entrei? — ele resmungou — Por que tanto drama?

— O Matt está com você?

— Sim.

— Quando vão chegar aqui?

— Estamos a algumas quadras, acho que em mais ou menos uns quarenta minutos.

— Conseguiu pegar o uniforme do seu primo?

— Sim, hoje é o dia de folga dele na pizzeria, então foi fácil.

— Está indo como combinamos. Presta atenção no que vou falar: nada pode dar errado, essa gente tem muito dinheiro, se nos pegam, nunca mais sairemos da cadeia!

— Estou ouvindo...

— Você vai ter que passar pela portaria principal para chegar aqui. Eu vou avisar para o segurança que pedi uma pizza, para que ele avise na portaria principal e o deixem entrar. Na casa só está uma governanta, o jardineiro e o segurança noturno.

Teve cuidado de checar com a governanta se todos já tinham ido embora. A própria havia se despedido e seguido para seu próprio dormitório. Já era bem idosa, a droga que havia colocado na bebida dela, quando insistiu que tomassem o chá juntas, certamente a faria dormir até o dia seguinte.

— É só seguir o plano, entendeu?

— Certo e desligando...

— Idiota. — Jéssica murmurou para o telefone mudo — Espero que ele não estrague nada.

A oportunidade surgira quando, em uma certa tarde, Camila, sua irmã mais velha, contou a ela e à sua mãe quase bêbada, que fora selecionada para ser babá de uma das famílias mais importantes da cidade. E se eles gostassem do trabalho dela, provavelmente seria fixa. Inicialmente não dera bola ao entusiasmo de sua irmã.

“O que haveria de bom em ouvir berros de bebê e fraldas sujas?”, dissera a ela.

Camila já era funcionária da agência há quase seis meses, mas nunca fora responsável por crianças tão ricas, os pais sempre exigiam mulheres mais experientes e confiáveis. Mas aquele era um período de férias. Pouca oferta, muita procura. A única que estivera disponível havia ficado doente e tivera que ser substituída às pressas.

O fato de Camila ser muito carinhosa e paciente com as crianças fez com que a fama dela se espalhasse na agência, e apesar dos poucos meses de experiência, fariam um teste com ela no próximo fim de semana.

A princípio, pensou em pegar um pouco do dinheiro que Camila receberia, mas depois de conversar com Taylor naquela mesma noite, decidiram que o dinheiro de um sequestro era melhor do que míseros dólares roubados de sua irmã, a idiota.

Claro, tivera que idealizar todo o plano. Pegaram o máximo de informações sobre a família, passaram de carro algumas vezes próximo ao condômino, olhando a movimentação ao redor. Se algo desse errado, precisariam ter uma rota de fuga.

Notou que todos que entravam no condomínio tinham que se identificar primeiro. Isso não seria difícil, era muito parecida com a Camila. Tinha o mesmo tom de pele e cor de cabelos, a única diferença era ser poucos centímetros mais baixa que a irmã, mas como Camila nunca havia trabalhado naquele condomínio antes, ninguém desconfiaria.

Seria muito fácil ficar no lugar da irmã. Ela tinha uma queda absurda por Taylor, então, quando aceitou a carona dele, não tinha ideia do que fariam. Acordaria no dia seguinte sem ter ideia do que havia acontecido.

“*Bom, hora do próximo passo do plano*”, ela pensou, indo até o interfone.

— Portaria — ouviu uma voz educada ao fundo.

— Olá — ela disse com uma voz sexy — Preciso de uma informação.

— Sim, senhorita.

— Com quem falo?

— Juan, senhorita. Está precisando de algo?

— Ah... Juan, meu nome é Camila, sou a babá de plantão.

— Sim, eu a vi quando chegou, senhorita.

— Não precisa me chamar de senhorita, me chame de Mila — disse com uma voz adocicada.

— Claro, senhori... Quero dizer, Mila.

— Juan, eu estou com muita fome, então eu liguei na pizzaria aqui perto, em que meu primo trabalha... Madre Mia, conhece?

— Sim. Às vezes eu faço pedidos lá.

— Pedi duas pizzas, estou morrendo de fome, trabalhei o dia todo antes de vir para cá. Você sabe,

nós, os pobres, temos que dar duro, não é?

— Com certeza, senhorita... digo, Mila.

— Você poderia pedir para que liberem a entrada dele na portaria principal?

— Não sei, senhorita, os patrões não gostam de gente estranha entrando e saindo quando eles não estão — ele disse, e ela notou o receio em sua voz.

— Ah, por favor. — ela sabia que precisava de todo seu charme para convencê-lo, seu tom era como de uma gata ronronando sobre os lençóis — Ele não é um estranho, é meu primo, e vai estar uniformizado. Estou morrendo de fome. E não sou acostumada a essa comida de gente rica.

Um breve momento depois teve a resposta que quase a fez sair saltitando:

— Está bem, ele entra e sai rapidamente, ok?

— Muito obrigada, Juan. Comprei duas pizzas, espero que goste de quatro queijos.

— Eu adoro, obrigado. Qual o nome do rapaz?

— Luke Collins.

— Quando ele vai chegar?

— Em uns quarenta minutos. Obrigada, Juan — ela disse, gemendo seu nome, desligando em seguida. — Homens, são tão idiotas, basta fazer beicinho e eles fazem tudo que você quer.

Tudo estava saindo como planejara. Era só esperar Taylor e Matt com o carro. Logo estariam longe dali.

Jéssica foi com o bebê até um dos sofás da sala e a colocou entre as almofadas.

— Só falta essa pirralha começar a chorar — sussurrou preocupada.

Mas, para seu espanto, o bebê apenas bocejou e colocou as mãozinhas na boca, falando aquele linguajar típico dos bebês.

“Vamos trocar de roupa, titia Jess trouxe algo lindo para você”, ela pensou, irônica.

Antes de ir para a mansão, havia passado em uma loja de departamentos e comprado um vestido de bebê vermelho, que estava em liquidação.

— Não podemos andar com você por aí vestida de princesa, levantaria suspeitas.

O bebê, como se entendesse o que ela disse, olhava-a intensamente, e não gostou disso. Não gostou da sensação que aqueles olhos escuros traziam a ela. Faziam-na ficar de repente nervosa e insegura. E quando quarenta minutos depois o interfone tocou, sentiu sua autoconfiança se renovar.

— Senhorita, o rapaz com a pizza chegou, eu vou subir para levá-la até você.

— Não é preciso — apressou-se em responder. — Eu mesmo pego, Juan, o bebê está dormindo, e quero te agradecer pessoalmente — ela mentiu.

— Fique quietinha, eu já volto — sussurrou ao bebê.

Ao caminhar, deu uma olhada ao redor. A casa estava em silêncio. Nenhum sinal da governanta ou do jardineiro. Nove e quinze, indicava o antigo relógio na parede.

— Ótimo!

Pegou um lenço no jeans da calça e abriu a porta. Taylor e o homem uniformizado discutiam no caminho que leva à entrada.

— Prima, poderia pedir para seu amigo me deixar ir ao banheiro?

— Senhorita, eu estou tentando informá-lo que não posso deixar ninguém entrar. — o segurança retrucou, irritado.

— Eu entendo, Juan... — disse Jéssica, passando a mão em seu braço.

— Luke, ele já fez muito deixando que eu pedisse essa pizza. — Jéssica disse, fingindo censurá-lo.

— Eu sei como são essas coisas, meu camarada, mas você sabe. Hoje é sexta, eu sou homem...

Entre uma entrega e outra, fui me divertindo com alguns amigos.

— Juan, só mais esse favor. Deve ter um banheiro para empregados, ele nem precisa entrar na casa.

— Bem... Tem os banheiros perto da piscina, pode usar o de lá, então. Venham, mas sejam rápidos.

Olhando rapidamente para Taylor, sem que o segurança percebesse, Jessica fez sinal para que ele o seguisse. Chegaram em frente a um cômodo, quando Juan se virou para eles.

— É aqui, seja rápido, por favor!

— Obrigado, cara! — disse Taylor — Obrigado mesmo.

— Juan, você é tão gentil. — Jéssica começou a alisar seu braço, passando as mãos pelo peito dele. — Você é tão forte, também. Faz musculação?

— Uma vez por semana... — foi a última coisa que ele disse, antes de ser acertado na nuca e quase cair por cima dela, se Taylor não o tivesse segurado a tempo.

— Como você é lerdo, Taylor, pensei que eu teria que beijá-lo. — Jéssica resmungou com cara de nojo.

O homem era musculoso, como dissera, mas as vantagens terminavam ali. Nada nele a atraía fisicamente; era mais velho, calvo e tinha um rosto agressivo.

— O que faremos agora, Jess?

— Amarre as mãos e passe a mordaca na boca dele. Depois o jogue na piscina. — disse, virando-se em direção à casa.

— O quê? — Taylor disse, soltando o corpo, agarrando o braço dela. — Mas isso irá matá-lo.

— É claro que sim, idiota! Por acaso quer ser preso? Ele viu nossos rostos.

— Mas você não disse que íamos matar alguém, eu não gosto disso!

— Como se você nunca tivesse feito isso antes!

— Aquilo foi acidente, e você sabe.

— Sei, mas será que a polícia vai acreditar quando eu disser que o louco do meu namorado matou um homem e ainda me obrigou a ficar calada?

— Você não faria isso, Jess, faria?

— Claro que não, querido — ela disse, fazendo beicinho. — Mas agora ele já nos viu, e não quero ser obrigada a denunciar você. Taylor, pense no dinheiro, milhares de dólares. Nós vamos para bem longe daqui, depois. Você quer ser preso?

— Não!

O pai dele estava preso, ele sabia o inferno que estaria o esperando.

— Então faça o que eu disse. Eu vou pegar o bebê.

— Espere! — Taylor a segurou pelo braço. — Você tem algo aí? Eu já usei tudo o que tinha e preciso de algo para dar coragem.

— Pega, mas não use tudo, vou precisar de algo depois.

Correu até a casa, mas não sem antes olhar ao redor. Antes de pegar a menina, limpou todos os lugares que havia tocado e correu de volta para onde havia deixado Taylor.

— O que você está fazendo? Por que ainda não o jogou na piscina?

— Não me apresse, sua vaca! — ele disse, empurrando-a.

Jéssica odiava quando ele ficava chapado. Taylor ficava ainda mais idiota e agressivo do que já era.

— Tome, segure o bebê. Deixa que eu faço isso.

Não seria uma coisa muito difícil; só tinha que empurrá-lo, pois ele já estava na borda. Juan caiu

pesadamente, espirrando algumas gotas na sua calça. Não fez movimento algum, afundou como uma pedra. Talvez a pancada na cabeça tenha sido forte o suficiente para matá-lo. O que a ajudaria, se algo saísse errado. Não hesitaria um segundo em colocar a culpa em Taylor. Afinal, seriam suas atitudes desastrosas que poderiam colocar tudo a perder. Ela não ficaria enrascada, não importava como isso terminasse.

— Me dê o bebê, você sai na frente, que daqui a cinco minutos eu o encontro do outro lado do muro, aquele que a câmera não pega o ângulo. Se perguntarem por que demorou tanto, diz que foi ao banheiro e depois se perdeu. Mas eu duvido que façam isso. Pelo que vimos na última semana, eles só se preocupam com quem entra e não com quem sai.

— Ok. — disse Taylor, seguindo em direção ao portão.

Tudo acontecia como idealizara. “*Só precisavam seguir cada detalhe do plano*”, pensou, seguindo pelas sombras.

Seria rica, daria adeus à mãe entorpecida pela bebida, à irmã idiota e ao cubículo ao qual crescera.

Só tinha que seguir o plano à risca.

Capítulo 1

17 anos depois

— Entre!

— Com licença, Madre, a senhora me chamou?

— Sim, sente-se, Rebecca — disse a Madre, indicando uma cadeira em frente à sua mesa. —

Você acabou de completar 18 anos, pelo menos é a idade que achamos que tem. Quando você foi entregue aqui, deveria ter por volta de um ano, não sabemos ao certo. Tudo o que sabemos é seu primeiro nome, ou que poderia ser o seu nome, pelo que vimos na pulseirinha de bebê que carregava.

— Sim, Madre.

Por incontáveis noites, meditou sobre isso. Ela não tinha ideia se tinha irmãos, quem eram seus pais e nem se eles ainda estariam vivos. Se haveria, em algum lugar no mundo, alguém esperando por ela.

— De acordo com as normas do orfanato, você não poderá continuar aqui.

— Eu entendo, Madre. Vou arrumar minhas coisas — disse ao se levantar, as lágrimas queimando em seus olhos.

“*Para onde iria?*” pensou desolada. Não tinha dinheiro ou família a quem recorrer. Tudo o que conhecia era o orfanato e as pessoas que viviam ali.

— Espere, querida! — o toque suave interrompe-a na porta — Para onde vai?

— Eu não sei — ela a abraçou aos prantos; o único abraço de mãe que já teve e que brevemente iria perder. Sabia que um dia isso aconteceria, o que não sabia é que machucaria tanto dizer adeus — Não sei...

— Venha, sente-se e fique calma — disse a Madre com sua voz branda, conduzindo-a à cadeira novamente. — Filha, eu não vou deixá-la desamparada. Jamais a deixaria solta no mundo. Uma garota como você não pode ser abandonada nas ruas. Você é muito linda, Rebecca, seria alvo fácil para algum vigarista ou coisa pior.

— Mas como, se eu não posso ficar aqui? — disse ela sem entender.

— Eu conheço uma senhora de uma agência de empregos, que sempre nos ajuda com doações, e ela conseguiu um emprego para você.

— Mas eu nunca trabalhei, Madre — falou preocupada.

Tudo o que sabia era ajudar as freiras nas tarefas diárias, cuidar das crianças, ajudar na cozinha e onde mais fosse necessário.

— Como não? Desde pequena você ajuda a cuidar das crianças menores, e elas a adoram! Essa senhora a viu em atividade algumas vezes — continuou animada. — E sabe o quanto é dedicada e cuidadosa.

— Mas isso não é um trabalho, faço com prazer, porque eu posso e devo ajudar. Eu sei das dificuldades que enfrentamos e o quanto nossos pequenos sofrem.

Só um órfão entende a dor do outro. As noites vazias e solitárias, à espera de alguém que nunca aparece com os braços estendidos na porta.

— De qualquer forma, você nos ajudou e ajuda muito, vai ser muito difícil ficar sem você — ela disse, segurando as lágrimas nos olhos. — Todos vamos sentir sua falta, principalmente as crianças. Mas infelizmente o orfanato vive de doações e não temos como contratá-la.

— Eu entendo.

— Mas consegui esse emprego de babá com uma boa família, que também faz doações para nosso orfanato. A criança já tem 14 anos. O filho mais velho tem 19 e está na faculdade, só fica em casa nas férias.

— E os donos da casa?

— A mãe da menina está muito doente, se chama Olivia. Ela tem uma enfermeira que cuida dela, não vai precisar se preocupar com isso.

— Não seria um incômodo.

— Eu sei, querida, você sempre está disposta a ajudar o próximo, assim como ensinamos aqui. O pai das crianças se chama Max e mal fica em casa. Não precisará se preocupar com as acomodações, eles têm quartos para empregados. Também darão alimentação e você terá um bom salário.

Para quem via um destino obscuro à sua frente, Becca estava feliz em ter muito mais do que poderia sonhar.

— Não sei como agradecer, Madre — o sorriso era franco e genuíno. Havia enfim uma luz brilhando em seu caminho.

— Terá folga todos os domingos, que é o dia que o pai da menina fica em casa, mas dependendo da necessidade, poderão precisar de você.

— Certo, sem problemas — respondeu rapidamente.

Não havia a quem visitar e nem para onde ir, a não ser rever seus amigos e freiras no orfanato. Não perderia contato com eles, não importasse para onde a vida a levasse.

— Também disseram que o irmão da menina, quando está em casa, fica bastante tempo com ela, são muito unidos, ainda mais depois que a mãe adoeceu. Ele sempre brinca com a garota, leva para passear e passam finais de semana na praia para que se afaste um pouco do clima da casa. Provavelmente, nessas ocasiões, também terá algumas horas de folga.

Enquanto Becca ouvia tudo atentamente, guardava o máximo de informações possíveis. Pareciam boas pessoas, e apesar da dificuldade que enfrentavam, imaginava-os felizes.

— Ele pode querer ou não sua presença. Geralmente ele dispensa. A antiga babá foi babá do Sr. Hunter, já era idosa e se aposentou devido a problemas de saúde.

— Que triste isso — disse com pesar. — Deve sentir falta dela.

— Mas será bom ter alguém jovem como você.

— E quando poderei começar?

— Amanhã. Arrume suas coisas, um carro virá buscá-la à tarde.

— Sim, senhora.

— E, Becca?

— Sim.

— Cuidado com o filho deles. Dizem que é um rapaz muito decente, mas também muito namorador, além de bonito. Não quero que você sofra.

— Pode deixar, Madre. Além disso, ele não olharia para uma simples babá como eu. Contos de fadas existem apenas nos livros, não é? Se fosse assim, meus pais viriam me buscar no natal ou no meu aniversário, como sempre pedi em minhas orações — a tristeza e amargura em sua voz foram perceptíveis à freira.

Não a impediu quando a jovem saiu apressadamente porta afora para esconder o rastro de lágrimas em seu rosto. Havia absorvido coisas demais em um único dia. Sua vida mudaria drasticamente em algumas horas, e ela não estaria mais ao seu lado para aconselhar e protegê-la. Esperava que tudo o que havia ensinado ajudasse sua pequena criança a enfrentar o mundo. Mas ela

também sabia o quanto a vida além dos muros do orfanato poderia ser perigosa.

“*Babá sim, Becca, mas simples, jamais*”, meditou a Madre. Talvez contos de fadas não existissem, mas os milagres, sim!

Sempre disseram que Becca fora uma criança linda, querida por todos, nunca deu muito trabalho, nem quando bebê. Todas as freiras e os poucos funcionários que haviam passado por ali a amaram e paparicaram à sua maneira. Causava inveja algumas vezes, o que ocasionava em uma travessura ou outra para que a culpa caísse sobre ela e ficasse de castigo. Não se enganem: crianças também sabem ser maldosas. Mas, para sua sorte, tinha mais amigos do que as que se incomodavam com seu jeito de ser. Quase sempre descobriam o verdadeiro culpado antes de ser repreendida.

Teresa, a cozinheira, sempre dizia como Becca mudou e crescia assustadoramente. Com o decorrer do tempo, passou de uma criança bonita para se tornar uma jovem exuberante e linda, pela qual os homens não passariam sem olhar duas vezes.

Enquanto recolhia suas coisas no quarto, que dividia com sua melhor amiga Brianna e outras seis meninas, ponderava sobre isso. Nunca efetivamente pensara ou quisera pensar sobre isso. Nunca vivera nada além desses muros.

Colocou sua última peça na mochila. Não tinha muito que levar. As freiras não tinham condições de ajudar, as roupas que tinha eram doações e passadas de uma órfã para outra. Era assim que conseguiam se manter ali.

Pendurou seu vestido branco próximo à janela. Seu melhor vestido, usava-o apenas quando precisava ir a algum lugar além do orfanato, o que era raríssimo. Tinha sido doado pelos pais de uma jovem falecida. Houvera uma pequena disputa entre as internas, sobrando a ela o vestido disputado.

— Becca! Diga que não é verdade! Por favor, diga que você não vai embora!

Brianna irrompeu no quarto, chorando. Não sabia o que fazer para atenuar a dor da amiga, a mesma dor que duramente apunhalava seu peito.

— Sinto muito, Bri, já tenho 18 anos — murmurou, alisando seus cabelos afetuosamente. — Nós sabíamos que isso aconteceria um dia.

Brianna era sua melhor amiga no orfanato. Ainda se lembrava de quando ela havia chegado ali. Tinha nove anos, Rebecca dez. Fora entregue pelos agentes sociais. A mãe de Brianna havia morrido em um assalto quando voltava do serviço à noite. Filha única de mãe solteira, não havia mais ninguém a quem recorrer. No começo era arredia, quase não falava e chorava muito. Becca conseguiu conquistar sua confiança, e a partir dali, tornaram-se grandes amigas, uma confortava a outra.

Becca sempre acreditou que, para Brianna, fora ainda mais doloroso crescer no orfanato que ela. Nunca soubera o que era ter um lar de verdade. Brianna tivera mãe, que a amara muito. Foi a vida a tirar isso dela.

— Me leva com você. Eu posso trabalhar também, por favor. Você é minha única família. Disse que ficaríamos sempre juntas!

— Eu sei, querida. Eu não posso levá-la agora. Mas virei vê-la todos os domingos, que é minha folga. Além do mais, eu vou guardar todo meu dinheiro. Você já tem 17 anos, e quando fizer 18, teremos um lugar para morar. Ficaremos juntas, como prometi.

— Você promete mesmo, Becca?

— Eu juro, nunca vou deixá-la! — ficaram abraçadas na cama, rindo do passado e chorando com temor do futuro.

— Becca? Está com medo?

— De quê?

— De sair daqui e enfrentar o mundo?

— Um pouco, mas eu tenho muita sorte, porque consegui um emprego e um lugar para ficar.

Aprendemos a viver com pouco. Vou guardar cada centavo para poder buscar você daqui a um ano.

— Onze meses, para ser exata, Becca — Brianna corrigiu-a sorrindo. — Esqueceu que já faz um mês que fiz aniversário? Você fez um bolo lindo.

— Bri, você é tão sonhadora — sorriu de volta — Foi apenas um bolo simples, não tinha nem cobertura, recheio ou velas.

— Mas para mim foi lindo, só minha mãe havia feito um bolo de aniversário para mim. Você sempre fez, desde que cheguei!

— Aquele não conta. Eu queimei tudo e fiquei de castigo por usar a cozinha sem permissão.

— Depois você passou a guardar cada dinheiro que ganhava em seu aniversário para fazer um bolo para mim. Eu nunca vou esquecer isso, Becca. Eu nunca fiz isso por você — disse Brianna, olhando para o chão.

— Talvez porque você gasta seu dinheiro com doces e esses livros que lemos à noite?

— Becca, quem vai cuidar de mim?

— Sempre estarei por perto. E quando eu tiver o primeiro salário, vou comprar um cartão telefônico para que você me ligue sempre que tiver saudade. E eu já disse: virei todos os domingos.

— Está bem. — Brianna murmura, fazendo beicinho, arrancando riso das duas.

Naquela noite, conversaram e reviveram os melhores momentos de suas vidas. Reram as partes mais emocionantes dos seus livros preferidos, até que o sono foi mais forte.

Brianna foi a primeira a dormir. Em seu rosto, o mesmo sorriso doce de sempre. Sentiria falta disso. Sentiria muita falta da sua melhor amiga, Brianna.

Era ainda nutrindo esse sentimento angustiante, chamado saudade, que Rebecca recebeu a Madre em seu quarto pela última vez.

— Becca, está pronta? — Embora a Madre tentasse esconder sua tristeza com um sorriso encorajador e gentil, Rebecca sabia que a despedida, mesmo que breve, também era dura para ela.

— Sim, Madre.

— Hoje é quinta, então domingo você vem, não é, Becca? — Brianna perguntou, ansiosa.

— Brianna, pare de perturbar a Rebecca.

— Mas, Madre...

— Ainda não sei, Bri, se não vier nesse, virei no próximo.

— Mas, Becca...

— Fique quieta, Brianna! — o tom agora autoritário fez com que a jovem se encolhesse em seu canto — Já está na hora do almoço. Vá ajudar na cozinha!

Orientar uma dúzia de freiras, algumas funcionárias e cuidar de quase cinquenta crianças perdidas exigia uma mão de ferro, mesmo que, na verdade, o coração da Madre fosse suave como manteiga.

— Adeus, Becca — com um longo e sentido abraço, as duas se despediram.

— Até logo, Bri.

Cabisbaixa e como se carregasse todos os problemas do mundo em seu peito, Rebecca deixou-se ser guiada através do longo corredor. Sua tristeza era evidente. Para ela, a vida era feita de encontros e desencontros, e muitas vezes com separações dolorosas.

— Que cabeça a minha, querida! — a Madre interrompeu os seus passos; poderiam ter se chocado se fosse um pouco mais desatenta — Já é hora do almoço, você ainda não deve ter almoçado, não é?

Posso pedir ao motorista que espere um pouco mais.

— Não precisa. Eu não quero causar uma má impressão no primeiro dia e não estou com fome realmente. E, depois, posso comer alguma coisa por lá mesmo.

— Tem certeza?

Após acenar que sim, as duas seguem até o portão. Na verdade, Rebecca sentia-se ansiosa demais, nervosa demais para que qualquer coisa passasse por sua garganta, que não fossem os nós formados ali.

No meio-fio em frente ao portão, havia um carro preto esperando por elas. O motorista era um senhor magro e calvo. Apesar da postura séria, o sorriso franco que ele lhe deu fez com que Rebecca relaxasse um pouco.

— Se já estiver tudo pronto, Madre, podemos partir. Ainda tenho que buscar o Sr. Hunter no escritório — o motorista disse, se desculpando.

— Ela está pronta sim, senhor. Só mais um minuto.

Somos fortes até o momento em que nossas fraquezas nos lembram de que somos humanos.

— Boa sorte, querida. Saiba que sempre estaremos aqui para o que precisar.

— Obrigada, Madre — abraçaram-se fortemente, deixando que o coração falasse por elas.

E com o último olhar para o lugar que havia sido seu lar, Rebecca entrou no carro. Passara alguns momentos tristes ali, com algumas órfãs a perseguindo; sentira dolorosamente a falta dos pais que nunca conheceu, mas também foi feliz. Teve na madre a figura carinhosa de uma mãe, conhecera Brianna, a quem considerava uma irmã. De alguma forma, o orfanato havia sido seu lar. Estava com medo do que o futuro reservava, mas a próxima parada de trem poderia ser incrível, se assim o desejasse.

— Chegamos, senhorita — disse o motorista, olhando-a através do espelho.

— Obrigada... Senhor?

— Pode me chamar de Bill, senhorita.

— Então me chame de Becca.

— Combinado, Becca — ele diz sorrindo.

Haviam conversado bastante durante o caminho. Ele era muito brincalhão e simpático. Falou das peripécias dos netos, que era um dos poucos funcionários antigos da casa e que estava prestes a se aposentar também.

— Nossa, essa casa é linda, parece um palácio.

Enquanto o portão subia, Rebecca observava a residência imponente que só vira em revistas. Um imenso quintal e ao seu lado esquerdo um jardim de rosas brancas meticulosamente bem cuidadas. Podia sentir o perfume infiltrando em seu nariz conforme caminhava, um aroma doce e agradável. No centro do jardim, um lindo gazebo estilo georgiano dava um clima lúdico e romântico. A casa não era um castelo como os dos seus contos juvenis, mas chegava próximo a isso. Pensar em viver ali era mais do que um sonho para Rebecca.

E quando alcançou os degraus que levavam à porta de entrada, seu coração batia muito mais rápido que o normal; sentia que sairia por sua boca a qualquer instante e, por alguns segundos, tudo o que ela pôde fazer foi admirar a maciça porta branca e antiga, toda trabalhada em arabescos, enquanto exigia de si mesma que mantivesse a calma. As pessoas por trás daquela porta não eram ruins. A Madre passara boa parte da manhã afirmando isso. Ela só tinha receio do desconhecido.

— Venha por aqui, Becca, os empregados devem entrar pela área de serviço — ela assentiu.

Eles rodearam a casa, passando próximo à enorme piscina quadrada.

— Pode entrar — disse Bill ao abrir a porta — Você chegará à cozinha, logo a governanta

mostrará o seu quarto. Vou buscar sua mala.

— Obrigada, Bill.

A cozinha era tão bonita como o exterior da casa. A pia em frente à janela era enorme, certamente deixaria a cozinheira do orfanato com alguma inveja. Havia tantos eletrodomésticos ali, que ela só vira pela TV, e uma mesa quadrada de mármore branco. Atraída pela cortina que balançava suavemente pela brisa do fim de tarde, Rebecca aproximou-se um pouco mais da janela, para observar uma parte visível do jardim enquanto aguardava.

— Agora você vai se ferrar, sua fedelha! Tome isso!

Splash!

Rebecca não teve tempo de reagir ou saber de onde havia surgido o bombardeio. Choque e surpresa imediatamente tomaram conta do seu rosto quando um balão de água estourou em suas costas, molhando o vestido branco quase impecável.

— Oh, meu Deus! — a voz rouca e apreensiva do jovem veio em sua direção ao mesmo tempo que ele.

Quando se virou lentamente em direção à voz, foi como se uma onda gigantesca tivesse a atingido. Diante de seus olhos, até então atordoados e carregados de cólera, estava o jovem que, pela primeira vez, fez o seu coração paralisar em seu peito. Não apenas porque, sem dúvida alguma, era um rapaz atraente e bonito; era a forma que os olhos dele conectavam com os dela: firmes e de uma forma intensa.

Não conseguia desvendar se os cabelos caindo em sua testa eram loiros ou castanhos claros, devido à umidade. Abaixo das sobrancelhas arqueadas, em um claro sinal de deboche, incríveis olhos azuis, tão cristalinos como a piscina que havia admirado há pouco. Aqueles olhos claros faziam-na se perguntar se o mar teria o mesmo tom profundo e de mistério que esses olhos lhe transmitiam.

O nariz imponente, de certa forma, atenuava ainda mais o rosto quadrado. Seus olhos continuaram a estudá-lo minuciosamente: desde a boca carnuda, e que naquele momento estava levemente torta, nitidamente segurando um sorriso, ao corpo magro, mas de braços fortes e ombros longos. Sem dúvida alguma fariam qualquer garota, mesmo ela, se perder dentro deles.

— Já terminou a análise? — provocou-a, sorrindo.

— O quê? — perguntou nervosa.

Havia sido pega fazendo exatamente o que ele acusou: estava analisando-o como um bolo em uma vitrine.

— Não seja tímida, eu vi que você estava me devorando com os olhos — disse ele, antes de se apoiar na mesa e lançar a Rebecca um olhar sedutor.

— Eu não estava...

Era uma mentirosa. Mentirosos não vão para o céu. Era o que todas as freiras frequentemente diziam a ela. Mas Rebecca sabia também que o caminho até o paraíso era regado a espinhos. Um deles estava à sua frente.

— Toma isso, marujo!

Outro morteiro em forma de balão de água surgiu em direção à Rebecca, dessa vez acertando em cheio o seu peito.

— Nossa!

Encarou a menina assustada correndo para trás do jovem, atônita.

— Vocês são malucos! — Rebecca soltou, tentando controlar a nova onda de fúria.

Provavelmente a Madre, todas as freiras, nem mesmo Brianna, conseguiriam reconhecer a doce

Rebecca de todos os dias, com a jovem enfurecida encarando os dois causadores de confusão.

— O que está acontecendo aqui? — disse uma mulher ao entrar na cozinha.

Seus olhos assombrados vagavam de um para o outro. Imediatamente, um olhar destorcido cobriu o seu rosto enrugado.

— Michael e Caroline! — a mulher disse, extremamente irritada — Quantas vezes eu já disse que eu não quero vocês na minha cozinha?!

Rebecca encarou o jovem que ela havia chamado de Michael e assistiu-o imitá-la sem que percebesse, revirando os olhos e balançando a cabeça, enquanto a menina gargalhava sem parar.

— Olhem só isso: a cozinha está toda alagada e a pobre moça toda molhada. Ela irá pensar que vivem como animais!

Michael continuava imitando-a, enquanto a menina chorava de rir.

— Acha isso engraçado, Caroline? — A senhora deu mais evidência à sua cara invocada — Você também está toda molhada! Quer ficar doente como sua mãe?

— Não, senhora — a menina respondeu tristemente, cessando imediatamente o riso.

— Não seja maldosa, Sra. Dickens. Limpamos tudo depois, como sempre fizemos. — Michael diz, agora com raiva.

— Venha, Caroline, vamos tomar um banho quente e vestir uma roupa seca. — disse a governanta, com um olhar severo para a menina.

Olhando para Rebecca, a Sra. Dickson suavizou o olhar. Talvez ela não fosse tão ruim como aparentava ser. Talvez o grande problema seja ele, Michael. Nos poucos minutos que Rebecca estivera com ele, teve uma pequena parcela do que aquele sorriso atraente e olhar astucioso poderiam fazer.

— Rebecca, não é? Eu já venho mostrar seu quarto. Ou melhor, Michael, faça isso. Ela também precisa trocar de roupa ou será mais uma das vítimas das suas inconseqüências.

— E eu? — o charme lançado à governanta não teve efeito, não sobre ela — Não tem medo que eu caia morto aqui?

— Você já está bem grandinho! — disse ela, levando a menina consigo.

Os olhos ardis voltaram a cair sobre ela, na verdade, sobre o seu corpo, que o vestido agora nada tinha a esconder.

— Então, você é a Rebecca, a nova babá? Pensei que fosse mais velha.

— E eu que você fosse mais novo — sussurrou Rebecca, abraçando a si mesma.

Havia pensado que ele fosse um menino mirrado, um completo adolescente com espinhas na cara, mas, pelo contrário: apesar da idade, Michael já era bem desenvolvido e mostrava que ficaria ainda mais bonito conforme fosse amadurecendo.

— O quê?

— Nada. Podemos ir? Estou com um pouco de frio.

Michael a olhou de cima a baixo. O vestido tinha ficado transparente e colado ao corpo miúdo, revelando parte dos seios sem sutiã. E se perguntava se os bicos estavam duros e empinados por causa do frio, tal como imaginava naquele momento. Embora Rebecca tentasse se proteger, a peça havia encolhido um pouco, revelando pernas que ele foi incapaz de ignorar.

— Muito melhor do que o concurso da camiseta molhada — Michael disse, devorando-a com os olhos enquanto mordida os lábios descaradamente — Senhorita, sabe como mexer com um homem.

— Não é minha culpa o que aconteceu... — após repreendê-lo, ela encarou o chão, onde, certamente se pudesse, enfiaria a cara.

Enquanto Rebecca sentia suas bochechas queimarem, Michael fazia o som rouco de sua risada

repercutir pela cozinha.

— Não tenha vergonha, querida, você tem um corpo que levaria qualquer homem à loucura. Não há nada de ruim nisso.

Rebecca não era inocente. Sabia que tipos de desejo uma mulher despertava em um homem. As freiras ensinavam o necessário, e o que era tabu para as jovens senhoras, os livros que Brianna e ela liam à noite esclareciam.

Podia ser virgem ainda, mas não era tola ou burra.

— Só não quero que pense que...

— Relaxe, Rebecca — Michael tocou o seu rosto. Seu corpo tremeu, e ela não tinha ideia se era o frio ou efeito do toque dele em sua pele — Venha, eu vou mostrar seu quarto.

Foi quando os dedos abandonaram o queixo de Rebecca, que ela soube que o frio não teve nenhuma relação à reação de seu corpo.

Saíram da cozinha e passaram por um imenso corredor e algumas portas, até chegar ao centro da sala. Ao fundo dela, a escada em forma de Y que levava ao andar superior.

— Na ala esquerda é onde fica o quarto dos meus pais e alguns quartos de hóspedes — disse ele ao se dirigirem ao lado direito no fim da escada. — Desse lado o meu quarto, o da Caroline e o seu, é claro.

— Como assim, o meu? Pensei que ficaria com os outros empregados.

— Não. Com minha mãe doente e meu pai trabalhando, às vezes viajando, e como passo muito tempo na faculdade, Caroline precisa de sua presença constantemente. Às vezes ela tem pesadelos à noite. Além do mais, a antiga babá era como um membro da família, e devido às circunstâncias, resolvemos deixar como está.

Caminharam em silêncio pelo corredor que levava aos quartos. Rebecca absorvia as últimas palavras de Michael e não tinha noção do quão perigoso era estar tão próximo a ele assim.

— Venha — Michael disse, indicado o quarto — Esse é o quarto de Carol.

Ele abriu a porta, mostrando-lhe o quarto infantil mais lindo que já havia visto.

— Ao lado há um quarto de hóspede — ele se virou e saiu — Esse é seu quarto, em frente ao da Carol, e ao lado, o meu.

Michael foi se aproximou dela e posicionou as mãos na parede, deixando Rebecca presa entre elas.

— Então, se precisar de um ombro amigo ou alguém para conversar à noite, jogar gamão... é só abrir a minha porta. Eu nunca tranco — Michael sussurrou, sedutor, os lábios a poucos centímetros do rosto hipnotizado de Rebecca. Ele não tinha apenas um olhar e sorriso capazes de fazê-la esquecer o próprio nome. Ele tinha uma voz sexy e hipnotizante que a faria dizer sim para qualquer pedido que ele fizesse. Como se ele fosse a sereia e ela um simples marinheiro naufragando no mar turbulento que eram seus olhos.

O ar cálido e o hálito adocicado saindo dos lábios dele infiltravam-se dentro dela, fazendo seu próprio corpo aquecer.

Michael significava perigo. O próprio demônio em pele de cordeiro. E se havia algo que ela aprendeu muito bem, é que com o diabo não se brinca. Enquanto ela fosse capaz, fugiria dos seus encantos, mesmo que minasse todas as suas energias.

Rebecca apenas não sabia até quando teria forças.

— Não será preciso, obrigada. — disse ela ao se abaixar e dar um rápido sorriso para ele.

Escorregando pela parede, conseguiu a proeza de fugir dos braços dele, fechando a porta em seguida. Não sem antes notar o olhar sexy e debochado que Michael emitia.

Que Deus a ajudasse!

Não seria nada fácil fugir de um demônio como ele...

Capítulo 2

Ele encarou a porta por dez segundos. Sabia disso porque havia contado o tempo que precisaria para se recompor dos minutos mais incríveis e confusos da sua vida.

A pequena atrevida o tinha dispensado com um olhar determinado e o sorriso mais sexy que ele já vira. E aquele corpo... Sentia uma euforia começar a germinar dentro dele ao lembrar das pernas torneadas e dos seios volumosos, que o vestido branco e molhado pouco ou nada escondia.

Quando sugerira a uma Carol toda tristonha, por ver a mãe tendo mais uma crise, devido às sessões de quimioterapia, que fizessem algo divertido como encher bexigas de água e brincarem de caça ao inimigo, não imaginou que sua próxima vítima seria uma jovem estonteante parada em sua cozinha.

Assim que acertou o balão de água em suas costas, por puro reflexo, sabia que estava encrocado. Mas foi quando ela virou surpresa e zangada que ele pôde ter ideia do quanto estava perdido.

Os olhos e cabelos negros eram um contraste interessante com a pele clara. Achava-se um felino atraído pelo pote de leite, queria deslizar a língua em sua pele alva e constatar se os lábios carnudos pareciam tão doces quanto sugeriam.

— Merda! — sussurrou, colando sua testa na porta.

Não decorrera uma hora que a garota se instalara na casa e ele já tinha pensamentos libidinosos sobre ela.

A culpa era toda dele, se condenava. Deveria ter prestado mais atenção ao que o pai dizia quando informou que Carol teria uma nova babá.

Estava tendo uma discussão com Stacy, sua ex-namorada via mensagem, quando o pai surgira com a notícia.

Tudo o que Michael processara era que sua irmã teria uma nova companhia e ele não precisaria mais perder aulas na faculdade, como vinha fazendo.

Nos dois ou três minutos que o pai falara, apenas balançara a cabeça e concluiu que a suposta babá seria exatamente como a anterior, uma senhora rechonchuda e agradável. Ele não poderia estar mais enganado.

Inquieto, seguiu para o quarto ao lado, jogou-se na cama e encarou a parede que os separava.

Estava com sérios problemas. O maior deles preso dentro de sua calça, enquanto pensava na jovem do outro lado, despindo-se.

O vestido branco e molhado moldando-se perfeitamente ao corpo delgado, essa era uma imagem que Michael, tinha certeza, seguiria imprensa em sua cabeça por muito tempo ainda.

Merda.

Capítulo 3

Rebecca deteve-se ao pé da escada e respirou fundo. Sentia-se sonolenta após a noite mal dormida. Não sabia se havia estranhado a cama macia e aconchegante ou se foram as horas mal dormidas por ter se revirado na cama a maior parte da noite, meditando sobre seu futuro.

Sair de um orfanato onde tinham apenas o básico, ou quase nada, para se ver em uma mansão rodeada de luxo, era algo que ela jamais cogitou nos seus dezoito anos de vida. Mesmo sendo apenas mais uma das empregadas da casa, para Rebecca era uma mudança e tanto em sua vida.

Mas não fora apenas a casa e tudo o que ela representa a lhe tirar o sono; o charmoso filho dos seus novos patrões também foi o culpado. Desse sim, com toda certeza, deveria manter distância. Michael ocupou boa parte dos pensamentos de Rebecca. Ela sabia o fim que aquela história poderia ter. E se fechasse os seus olhos por um momento, poderia visualizar a Madre Superiora com seu olhar circunspecto passando-lhe um sermão, encorajando-a a ficar o mais longe possível de Michael. E Rebecca entendia que não precisava de mais essa complicação. Perdera muito ao longo da vida. Perder esse emprego, para ela, seria jogar pela janela a oportunidade de seguir em frente que generosamente a vida lhe dava.

Enquanto Rebecca descia, notou o quão a casa lhe parecia silenciosa. Deveria ser a única pessoa de pé às cinco da manhã daquele dia. Estava habituada a isso, não se importava. Atender tantas crianças, jovens animados e famintos, exigia trabalho e tempo. As atividades na cozinha do orfanato iniciavam cedo.

No último degrau da escada, ela parou por um momento. Não sabia ainda em qual horário iniciaria seu dia ou quando deveria estar a postos.

“Desfaça sua mala e descanse, Michael e Caroline passarão o resto do dia com a mãe, está dispensada por hoje”, fora o que a governanta dissera quando surgiu em seu quarto com uma bandeja de chá e biscoitos. Já havia tomado banho e trocado de roupa quando ela surgira. Passou as horas seguintes admirando o quarto. Tinha um quarto lindo e um banheiro só dela.

Incerta do que fazer ou para onde deveria ir, seguiu em direção à cozinha. Parecia que havia tomado a decisão certa. A Sra. Dickson já estava acordada, inspecionando o café da manhã, ao lado de uma senhora rechonchuda. Rebecca não sabia se as bochechas coradas eram por causa das panelas que manuseava ou se essa era uma característica da simpática senhora. Mas a faziam lembrar de Flora, uma das fadas madrinhas da Bela Adormecida. Um dos passatempos preferidos das crianças do orfanato era quando sentava com elas para contar histórias. Sempre comparava as pessoas com os personagens ao qual narrava, acabara virando um hábito.

— Bom dia, Rebecca — a Sra. Dickson a encarou, lançando um sorriso simpático. — Você acordou cedo.

— No orfanato acordamos cedo. Precisam de ajuda?

— Não. Sente-se, querida — indicou uma cadeira com a colher em sua mão e voltou a mexer nas panelas — Tome seu café. Logo o Sr. Hunter irá descer e falar sobre suas obrigações.

Rebecca acenou com a cabeça, perdendo-se na mesa farta diante dela. Tinha diante de si uma variedade impressionante de pães, queijos e frutas que a faziam dedilhar os dedos, em dúvida do que escolheria primeiro. Optou por torradas, geleia e suco de laranja.

— Só vai comer isso? — Dickson a encarou abismada.

Rebecca não tencionava impressioná-la, acostumara-se a comer rápido e pouco. No orfanato tinha

trabalho antes e após o café da manhã. E quando não se tinha mais nada do que mingau de aveia ou de qualquer outra coisa no café da manhã, torradas com uma grande camada de geleia de morango significavam um banquete para ela.

— Eu não como muito de manhã, obrigada.

— Pois deveria. Aquela menina parece ser um anjo, mas tem muita energia, e quando se une a Michael, então? Só Deus para ter misericórdia do resto da humanidade...

Rebecca sentiu as bochechas ficarem vermelhas ao ouvi-la citar o nome dele. Para disfarçar o constrangimento, voltou-se para a mesa e concentrou sua atenção em encher o prato com tudo o que via na mesa ampla, enquanto a governanta seguia tagarelando sobre Caroline e Michael. Ela teve um vislumbre, no dia anterior, de como a dupla poderia ser perigosa, juntos ou não.

— Ainda não sei o nome dela. — disse Rebecca, indicando a outra mulher, desejando que isso mudasse o rumo que seguia a conversa.

— Castillo, Marisa Castillo. Com a loucura de ontem, não apresentei todos devidamente — suspirou a governanta, como se esse tivesse sido um lapso realmente lamentável — Logo chegará Lucy, a arrumadeira, e Bill, o motorista. Esse você já conhece, não é?

— Sim, senhora.

— Você verá também na casa Oscar, o jardineiro. Ele vem duas vezes por semana. Tania, a faxineira, vem toda sexta. E claro, Melissa, a enfermeira da Sra. Hunter.

Atenta ao que a mulher dizia, Rebecca procurou memorizar todos os nomes e suas funções dentro da casa. Era boa em guardar nomes e rostos de pessoas. Crianças entravam e saíam do orfanato o tempo todo. Uma pessoa lembrava a outra que lembrava alguma coisa; era uma boa técnica. Marisa lembrava a fadinha Flora. A Sra. Dickson, a Cruela Devil, mas muito mais simpática, e ao que ela acreditava, não tão cruel também. Embora, quando ela ficava nervosa como ontem, parecesse assustadora.

— Bom dia, Sra. Dickson — a voz masculina que invadiu a cozinha fez a pele de Rebecca gelar por um instante, porém logo notou que o som tinha um tom mais grave do que o filho, mas igualmente sedutor — Pode levar o café de Olivia, por favor?

— Sim, Sr. Hunter — disse ela apressadamente, pegando a bandeja pronta ao lado dela — Ah, essa é Rebecca, a nova babá de Carol.

Saltando da cadeira, Rebecca esfregou as mãos trêmulas na calça. Compreendeu ali de onde Michael havia herdado tal magnetismo. Max Hunter era um homem extremamente bonito. Alto, estava vestido em um terno azul marinho, camisa branca e gravata preta; os cabelos castanhos estavam perfeitamente penteados para trás. E os olhos azuis cristalinos eram tão cativantes como os de Michael, mas Rebecca podia ver neles também serenidade.

— Bom dia — ele a cumprimentou com um sorriso luminoso — Termine seu café e encontre-se comigo no escritório em meia hora.

— Ah, eu já terminei — grasniu ela de forma estridente, até mesmo para os seus ouvidos. Embora de forma completamente diferente, Max conseguia lhe deixar extremamente nervosa, tal como o filho. Michael fazia com que se sentisse atordoada, enquanto o pai a intimidava muito. Uma coisa é certa sobre os homens da família Hunter: não eram do tipo que passam despercebidos.

— Então me acompanhe.

Quase cambaleando e tropeçando nos próprios pés, Rebecca o seguiu.

— Rebecca... — disse Max com voz macia, indicando uma das cadeiras em frente à sua mesa para que ela se acomodasse, o que agradeceu mentalmente. Era difícil olhar para ele e controlar suas pernas nervosas ao mesmo tempo — Foi muito bem recomendada pelas freiras do orfanato, mas me

parece jovem demais.

— Tenho dezoito anos, senhor — informou apressadamente, como se dissesse que tinha trinta, ao que aos seus ouvidos soou extraordinariamente ridículo.

— Tem alguma experiência com crianças?

Sendo a primeira entrevista de Rebecca, era de suma importância que ele acreditasse que ela daria conta do serviço, principalmente que se dedicaria ao máximo para ser uma boa babá para a filha dele.

— Profissionalmente, não — sinceridade sempre foi sua melhor característica — Mas eu cresci no orfanato, como o senhor sabe. Passei minha vida toda ao redor delas e sempre ajudei a cuidar das crianças menores. Então, acho que posso dizer que tenho muita experiência, sim. Mais do que muitas pessoas, eu diria.

Passou pelo orfanato duas ou três pessoas que não suportavam ou não tinham paciência com crianças, algo que Rebecca nunca entendeu.

— De qualquer forma, você não será uma babá propriamente dita — disse ele com um vestígio de humor. — Como diz minha filha, ela já é uma garota crescida. Será mais como uma companhia. Levar à escola, às aulas de balé e em todas as atividades dela fora de casa. Ficará ao lado dela enquanto a minha esposa estiver passando por esse tratamento doloroso.

As últimas palavras foram ditas com uma tristeza quase que controlada, mas Rebecca detectou na voz dele o quanto tudo isso o machucava. Ela observou o quanto ele deveria amar a esposa. Sentia que ambos estivessem passando por aquela situação.

— Caroline precisa de uma figura feminina, uma amiga — disse Max — Terá todos os domingos de folga, mas caso seja necessário que fique, pagarei um bônus, se não for inconveniente para você. Os benefícios são esses.

Max entregou a ela uma pasta transparente. Ela retirou o contrato e todas as folhas anexas a ele. O salário, plano de saúde e benefícios eram melhores do que cogitou. Em pouco tempo iria economizar uma quantia considerável, levando-se em conta que não teria gastos com alimentação e moradia.

— O horário de trabalho é das oito às cinco horas, mas se puder acompanhá-la durante o jantar, eu pagarei as horas extras.

Rebecca olhou para ele espantada, sua boca abrindo e o queixo caindo. Ela nunca vira tanto dinheiro na sua vida, e o Sr. Hunter falava como se fosse pagar o padeiro da esquina.

— Não é necessário. Será um prazer fazer isso e...

— Negócios são negócios, Rebecca — disse Max com firmeza — Terá as noites livres, caso tenha um namorado.

— Ah, eu não tenho um namorado, Sr. Hunter. — Rebecca sentiu suas bochechas voltar a queimar novamente. Fechou a boca, constrangida.

— Não? — ele ergueu uma sobrancelha — Bem... Espero que isso não seja um problema no futuro.

Ela entendia o que Max queria dizer indiretamente, mas se dependesse dela, não haveria *problemas* futuros.

— Sei qual é meu devido lugar, senhor — ela murmurou, seca.

— Não quis insinuar isso. Bem, se está de acordo com o contrato, assine aqui.

Max inclinou-se em frente a ela e indicou a linha pontilhada. Conversaram por cerca de meia hora, após ter recebido toda a rotina de trabalho com a filha.

Max a conduziu de volta à cozinha, deixando-a aos cuidados da governanta. Rebecca já se sentia um pouco mais à vontade em sua presença. Apesar da aura intimidadora, Max Hunter era uma pessoa

amigável. Ele seguiu até a porta, após dar boas-vindas a ela. Se despediria da esposa antes de seguir para o trabalho. Sendo presidente de uma das companhias farmacêuticas mais importantes do país, havia muita responsabilidade pesando em seus ombros.

— Sr. Hunter? — Rebecca chamou antes que ele desaparecesse no corredor — Onde devo buscar o uniforme de trabalho?

— Não será necessário — ele enrugou a testa. — Carol teria um chique se andasse uniformizada com ela.

— Sim, senhor.

Voltou para a cozinha e esperou pacientemente que Carol descesse. Não teria iniciado o café da manhã se soubesse que teria que fazer companhia a ela.

Carol surgiu alguns minutos depois, uniformizada e com sua mochila a tiracolo. Não foi constrangedor, como esperava, iniciarem uma conversa. Como toda criança, reclamou da escola e de todas as suas obrigações. E apesar da diferença de idade, Rebecca sabia que se dariam bem.

Voltou para casa após acompanhar a menina até a escola. Não sabia o que fazer com seu tempo livre, então resolveu explorar os arredores. Circulou a piscina imensa e inspecionou algumas salas de jogos; logo se viu em uma sala ampla cercada de equipamentos de ginástica.

Foi em um dos equipamentos que o encontrou. De costas para ela, sentado enquanto fazia algum tipo de exercício para os músculos dos braços. Sua pele estava lisa e suada, devido ao esforço físico. E toda vez que levantava os braços para puxar peso, os músculos das costas contraíam-se mais.

Rebecca sentia-se hipnotizada com a cena. Seu corpo reagia de forma esquisita, e tinha um desejo estranho de querer tocá-lo.

— Gosta de olhar, Rebecca? — Michael sussurrou de costas, mas seus olhos se cruzaram no espelho — Há um nome para isso. Chama-se Voyeurismo. É uma observadora? Posso ficar mais à vontade, se você quiser.

Michael a estava provocando. Via isso em seus olhos e no sorriso jocoso.

— Mas eu não quero!

Correu tão disparado quanto o próprio coração palpitando em seu peito. Sua mente estava dando voltas, e tudo o que conseguia pensar era na boa mentirosa que estava se tornando. Desejara descobrir muito mais do que os olhos libidinosos queriam dizer.

Refugiada em seu quarto, Rebecca se perguntava o que a levou a olhá-lo daquela maneira.

Não encontrou a resposta. Trancada em seu quarto, escorada contra a porta, a única certeza que ela tinha era que precisava ficar longe dele. Por sua sanidade e se quisesse permanecer no emprego. Por ela e por Brianna.

Rebecca tinha de ficar longe dele.

Capítulo 4

Ele tinha feito de novo, provocou a garota até que se irritasse e refugiasse em seu quarto, tremendo de raiva e indignação. Isso o divertira e induzira a provocá-la um pouco mais. Por outro lado, havia algo em Rebecca que o deixava confuso.

Michael perdia seu norte ao lado dela. Normalmente sempre sabia o que dizer e como agir para despertar as atenções femininas. Na verdade, nem era preciso que se esforçasse muito. Michael tinha um charme natural e um sorriso sedutoramente ensaiado no rosto, que agiam por ele o tempo todo.

Com Rebecca, tudo isso parecia brincadeira de criança, como um menino testando os primeiros truques de mágica em sua cartola. Ela não parecia impressionada com suas investidas, por mais que se esforçasse para isso.

No entanto, Michael sabia que ela não era tão indiferente a ele como se esforçava em dizer. Podia correr ou fingir que a atração entre eles fosse fruto apenas de sua cabeça, mas ele notou a forma com que o observava enquanto malhava.

O corpo dele ainda reagia à força intensa daquele olhar. E vira transpassar em seu rosto delicado desejo intercalado a curiosidade enquanto o observava.

Mais do que se exercitar para manter a forma, ele precisava extravasar, principalmente porque tivera seus sonhos invadidos por uma garota de corpo escultural e olhar angelical, capazes de fazê-lo sentir-se incapaz de qualquer pensamento racional.

Viera malhar para desviar seus pensamentos de Rebecca, e ela tinha conseguido marcar o local tanto quanto os riscos na parede que mediram seu crescimento ao longo dos anos.

— Droga! — jogou a toalha que havia secado o rosto em cima de um dos bancos de ginástica e seguiu para o banheiro, esperando que a ducha fria fizesse mais por ele do que os exercícios físicos.

Encarou mais uma vez a parede de espelho onde seus olhos a haviam flagrado e seguiu para o vestiário. Nunca mais olharia para a academia da mesma maneira. Sempre enxergaria os olhos escuros refletidos ali, conectando-se aos dele, assombrando-o.

— Michael? — ouviu o pai lhe chamar quando ia em direção à escada, rumo ao seu quarto. Precisava arrumar suas coisas, os dias de licença que pegara estavam se esgotando.

Encontrou-o no corredor que dava para o escritório. A maleta em sua mão indicava que estava a caminho do trabalho.

— Que bom que ainda está em casa. Preciso falar com você.
Ele não conseguiu evitar que medo e preocupação o acometessem. Fora ao quarto de sua mãe logo cedo, embora estivesse dormindo, ela lhe parecia bem. Mas essa era uma doença traiçoeira. Um dia estava feliz e falante, no outro parecia triste e entregue à enfermidade.
— Tudo bem com a mamãe?

Michael vislumbrou a melancolia brilhar rapidamente nos olhos do pai. Compreendia o quanto Max padecia e se sentia impotente; todos sofriam e tentavam se manter em pé.

Ele gostaria de poder fazer algo mais por sua mãe, além de ser um mero estudante de medicina do primeiro ano. Queria ser ele a poder dar a cura que ela e quantas pessoas mais precisassem. Para isso precisava da única coisa que não conseguia ter — tempo. Ainda que fosse capaz de ser o melhor aluno, se dedicasse com afinco, descobrir algo que ajudasse Olivia a sair vitoriosa, estava entrelaçado ao seu pior inimigo: o tempo. O relógio não batia ao seu favor.

— Sua mãe vai ficar bem, filho — o sorriso mal se formou em seu rosto, se desfez — É sobre outra coisa que eu quero falar com você.

Ao invés de ocupar sua cadeira, Max sentou na quina da mesa, cruzou os braços e encarou Michael de perto.

— Já conheceu a nova babá?

Michael remexeu na cadeira, sentia que alguém havia colocado uma tarraxa que o fazia se inquietar. Desviou o olhar dos olhos perspicazes do pai e focou em algum título dos vários livros na prateleira, mas precisamente em *Introdução à farmácia de Remington*.

— É, eu a vi.

— É bonita, não achou?

Voltou a encarar o pai. Sabia exatamente aonde ele queria chegar.

— Acho que sim.

Max soltou um suspiro, descruzou os braços e segurou na borda da mesa, batendo um dos dedos. Executou todos os movimentos sem jamais desviar o olhar do filho. Conhecia Michael como conhecia a si mesmo naquela idade. Sabia que era um namorador e gostava de se divertir com as garotas. Não era um cafajeste ou um garoto egoísta, era apenas jovem.

Mas Max havia prometido à Madre Superiora que cuidaria de Rebecca. Para ser honesto com ele mesmo, havia sentido empatia pela garota. Gostara de sua sinceridade e determinação em cumprir o trabalho. Não podia deixar que Michael, por impulso ou empolgação da idade, a prejudicasse de alguma forma.

— Quero que mantenha suas calças no lugar — disse a ele com firmeza — Eu prometi às freiras do orfanato que a protegeria. Isso se aplica a você...

— Orfanato? — Michael interrompeu o pai, surpreso.

Isso explicava algumas coisas, pensou Michael.

— Rebecca é órfã, não tem mais ninguém no mundo. A vida não foi fácil para ela. Além disso, você volta para a faculdade. Preciso de alguém que dê conta da Carol. Não posso me preocupar com sua irmã, o trabalho e dedicar à sua mãe toda atenção que ela precisa.

O que seu pai queria dizer era: não seduza a babá, não parta o coração dela, não estrague tudo e não cause mais problemas do que já tenho.

— Entendi, pai — queria que a firmeza em sua voz fosse a mesma para conseguir manter-se distante de Rebecca — Vou tentar ficar longe dela.

O juramento parecia soar tão falso como ele dizer a Caroline que era capaz de ir à lua.

Precisava falar com Rebecca. Se desculpar e garantir que ela se sentisse à vontade com sua presença na casa.

Mas a única coisa que conseguiu foi deparar-se com a porta trancada. Talvez devesse dar tempo para que ela apagasse tudo o que aconteceu. Ele mesmo precisava de tempo para digerir tudo isso.

Capítulo 5

Após algumas horas, ainda estava com o coração batendo forte no peito, as mãos suadas e a respiração acelerada. Eram reações que o corpo de Rebecca emitia depois da cena inesperada vivida anteriormente.

Ela se perguntou por que agiu de forma tão dramática a algo tão simples, como um jovem exercitando seus músculos. Mais do que isso, por que saiu correndo feito uma maluca? O que Michael estaria pensando sobre ela agora? Com certeza, que era uma virgem estúpida e fantasiosa. Embora a parte da *virgem* fosse verdadeira.

Talvez fosse isso mesmo. Talvez ela apenas estivesse se deixando levar por sentimentos que nunca tinha se deparado antes. Qualquer garota normal se sentiria atraída por um jovem bonito como ele.

Olhou para o relógio na cabeceira. Eram dez e meia da manhã. Carol sairia da escola no final da tarde. Então teria horas para ocupar seu tempo livre até que ela estivesse de volta. O lado distorcido dessa história, é que uma jovem como ela não seria nada mais para Michael do que passatempo e diversão.

Certa sobre isso, Rebecca se via em seu primeiro grande dilema. Não poderia ficar presa no quarto para sempre, tinha obrigações a fazer. Por outro lado, fugir e manter todos os riscos longe dela mostrava-se ser a melhor saída por enquanto. Poderiam lhe dizer que estava fugindo, se escondendo como uma donzela assustada. Ela não ligaria. Rebecca sabia que era exatamente isso o que estava fazendo. As freiras sempre ensinaram a fugir das tentações do mundo, por isso seguia os conselhos à risca. Estava por conta própria agora, e aquele rapaz era mais que todos os pecados do mundo. Poderia mentir para Michael sobre os sentimentos emergindo nela em relação a ele, mas não podia burlar o próprio coração.

Presa nessas conjecturas e decisões, notou a maçaneta girar de um lado ao outro. Saltou como um grilo em direção à sua cama. Por covardia ou premonição, havia passado a chave na porta. Respirou aliviada, esperando em silêncio.

Sabia ser ele do outro lado da porta. Rebecca se sentia dividida entre a euforia de Michael ter procurado por ela e indignação por ele ser atrevido ao ponto de ir até o seu quarto. O que poderia buscar com Rebecca, além de piadas e caçoar dela?

Assim, após quase uma hora e cansada de andar em círculos pelo quarto, resolveu abandonar seu casulo e enfrentar o que estivesse por vir. Perguntaria à Sra. Dickson se poderia pegar emprestado algum dos livros da biblioteca.

Caminhou na ponta dos pés, evitando fazer qualquer barulho. Rebecca soltou uma risada, tapando os lábios com as mãos, evitando que o som ecoasse pelo corredor. Em apenas um dia nessa casa já se comportava como uma louca. O que seria capaz de fazer dentro de algumas semanas? A culpa disso tudo era do Michael. Se não fosse tão bonito e atraente, Rebecca não teria pensamentos indecorosos em relação ao corpo suado e musculoso; pensamentos que certamente fariam cada freirinha do orfanato ficar de cabelo em pé.

Um barulho do outro lado do corredor lhe chamou atenção. Algo como som de vidro sendo quebrado veio de um dos quartos na ala esquerda. Ela se aproximou da porta de onde imaginou ter vindo o ruído. Os gemidos fizeram Rebecca se aproximar um pouco mais. Pela fresta, viu a mulher estirada sobre a cama, a cabeça inclinada para fora, olhando com desgosto o copo estilhaçado no

chão.

— Deixe que eu a ajudo — entrou e correu até ela, recolhendo os cacos espalhados pelo tapete.

— Água... — disse a mulher com grande dificuldade. — Tenho sede.

Rebecca seguiu até um cesto de lixo próximo à cômoda e jogou os cacos dentro dele. Pegou um dos copos vazios em cima da mesinha próxima à mulher, enchendo até a metade. Ajudou a frágil mulher a se acomodar e entregou o copo a ela. Suas mãos tremiam ao ponto de ter que auxiliá-la a segurar o copo enquanto bebia com certa dificuldade.

Apesar dos cabelos opacos e da pele pálida, Rebecca notou o quanto era muito bonita. Olivia sorriu e afastou o copo dos lábios assim que se deu por satisfeita.

— Obrigada — sussurrou, desabando sobre o travesseiro, fechando os olhos cansados — Você foi muito gentil.

Era perceptível a Rebecca como esse simples gesto deixou-a exausta. Sentiu por aquela mulher uma inexplicável ligação e simpatia. Não sabia qual a doença que ela enfrentava. Ninguém havia sido direto sobre o assunto e não tivera a audácia em perguntar ao Sr. Hunter.

Rebecca ajoelhou em frente à cama e arrumou as cobertas em volta dela. Era estranho que estivesse sozinha. Onde estaria a enfermeira responsável por cuidar dela?

— Laura?

O olhar turvo e a expressão confusa disseram a Rebecca que estava a confundindo com outra pessoa. Talvez com a enfermeira, mas pelo o que se recordava, ela se chamava Melissa.

— Que bom que está aqui, Laura — Olivia sussurrou, voltando a fechar os olhos.

— Estou aqui — Rebecca tocou sua testa, ficando aflita ao observar que estava ardendo em febre — Fique tranquila. Eu já volto.

Por instinto ou porque estava acostumada a isso, correu até a pia do banheiro com uma toalha em suas mãos. Sabia o que fazer para baixar a febre. Essa fora uma das muitas coisas que o médico que regularmente visitava as crianças no orfanato havia ensinado a ela, quando uma vez houvera um surto de gripe. Encontrou o termômetro na caixa de curativos, higienizou e colocou entre os lábios dela para medir a temperatura.

Entre uma toalha e outra que Rebecca depositava em sua testa, Olivia seguia dizendo coisas desconexas sobre a amiga chamada Laura. Alguma coisa sobre a infância delas e um bebê. Mudou de toalha diversas vezes, até ter certeza de que a febre começava a ficar sob controle. Voltou a checar a temperatura, e embora ainda não tivesse voltado ao normal, Rebecca sorriu aliviada ao constatar que havia diminuído.

— O que faz aqui?

A voz quase rabugenta da Sra. Dickson assustou Rebecca, fazendo-a deslizar para a borda da cama.

— Oh... — levou a mão ao peito. — Que susto a senhora me deu.

Dickson passou por ela com o olhar desconfiado, mas rapidamente se tranquilizou ao ver Olivia dormir tranquila.

— Parece com febre — murmurou ela após tocá-la no rosto. Indicou as toalhas molhadas no chão e voltou a olhar Rebecca com desconfiança. — Você fez as compressas?

— Sim. Cheguei aqui, e ela estava meio desnorreada. Consegui baixar a temperatura. Onde está a enfermeira?

— Ligou dizendo que teve um problema — disse ela, desgostosa. — Tentei falar com o senhor Hunter, mas está incomunicável. Será que a Sra. Hunter vai piorar?

Dickson podia ter seus momentos rabugentos e autoritários, mas era visível o carinho que nutria

pela jovem patroa.

— Não sei — Rebecca balançou os ombros, desejando poder dizer mais do que isso. — A febre cedeu, mas talvez devêssemos levá-la ao médico. Onde está o filho dela?

— Tomou banho e saiu faz meia hora.

— Você não disse o que aconteceu?

— Pensei que a enfermeira chegaria logo, mas acabou de dizer que não vem. Então resolvi checar Olivia antes de entrar em contato com o Sr. Max de novo. Vou ligar para a Dra. Brown e ver o que ela acha disso. Você pode ficar aqui?

— Sim — não precisava ter perguntado isso, Rebecca jamais a deixaria sozinha — Pode ir tranquila.

Continuou velando o sono de Olivia e aguardando que a Sra. Dickson retornasse com instruções da médica. A febre parecia controlada, o que a fazia sentir-se um pouco mais calma.

Uma hora depois de a governanta avisar, a médica surgiu. Por volta dos quarenta anos, cabelos e olhos castanhos, era alta e magra. Tinha mãos e voz delicadas ao examinar a paciente.

— Você fez um bom trabalho ao baixar a febre, Rebecca — a médica sorriu ao começar a guardar os equipamentos em sua maleta — Foi uma reação à quimioterapia, mas, em algumas horas, Olivia se sentirá bem melhor.

Quimioterapia? Então a Sra. Hunter enfrentava algum tipo de câncer. Essa descoberta deixou Rebecca triste. Uma freira no orfanato já havia enfrentado essa doença, mas graças a Deus ela havia vencido. Desejava com toda sinceridade que Olivia conseguisse também. Era tão jovem e bonita ainda.

— Dê esse comprimido se a febre retornar — a médica entregou um frasco a Rebecca — Qualquer alteração, não hesite em entrar em contato comigo.

— Dra. Brown, a Rebecca não é a enfermeira — Dickson tentou explicar. — É apenas a babá de Caroline.

— E onde está a enfermeira?

— Não pôde vir hoje, algum problema na família.

— Pelo que conheço do Max — continuou a doutora, suas bochechas ficando levemente vermelhas — não acho que a enfermeira voltará aqui. De qualquer forma, Olivia precisa de cuidados e atenção. Se não há quem cuide dela, vou ter que interná-la.

— Eu posso fazer isso — Rebecca se prontificou — Posso cuidar dela.

— Como fará isso? — questionou a governanta, revirando os olhos — E quanto a Carol?

— Com ela na escola, eu passo a maior parte do meu tempo livre. Hoje mesmo só terei que buscá-la mais tarde, deixá-la no balé, depois buscar novamente. Nesse meio tempo podemos nos revezar, Sra. Dickson. Pelo menos até que o Sr. Hunter volte para casa e decida o que fazer.

— Eu não sei... — Dickson parecia indecisa. — Você não é enfermeira.

— Ela pareceu lidar bem em emergência. Olivia só precisa de alguém para dar os medicamentos na hora certa e verificar se a febre volta — A médica veio ao socorro de Rebecca, colocando a mão no ombro da governanta, tentando acalmá-la. — Por um ou dois dias, acho que essa medida será suficiente. Não acredito que Olivia queira ser internada, sabe disso.

— Está bem — Dickson suspirou, vencida — Só até o Sr. Hunter chegar e decidir o que fazer.

A Dra. Brown deu às duas instruções sobre o que fazer nas próximas horas. Rebecca voltou ao seu posto ao lado da cama. Pegou um dos livros em uma das poltronas e começou uma leitura em voz baixa. Não sabia se Olivia poderia ouvir, mas continuou assim mesmo.

Era um romance de época, sobre uma jovem obrigada a casar com um homem viúvo e mais velho,

e acaba se apaixonando pelo enteado do novo marido.

Por volta das duas da tarde, a governanta voltou ao quarto com um carrinho contendo o almoço delas: sopa leve de legumes para Olivia e espaguete para Rebecca.

Olivia despertou, e enquanto Rebecca a ajudava a comer, olhava-a com muita insistência.

— Você se parece muito com a Laura — disse Olivia — São realmente muito parecidas. Se a criança não estivesse morta...

Rebecca não sabia se estaria delirando ainda, então, após dar a última colherada de sopa, tocou sua testa. Aparentemente estava bem.

— É sua amiga? Essa pessoa com quem eu me pareço?

Olivia suspirou, e em seu rosto brilhou uma expressão de tristeza. Rebecca xingou a si mesma. Não quis despertar lembranças dolorosas a ela.

— Melhor amiga — o sorriso era franco. — Eu diria que somos como irmãs. Éramos inseparáveis, mesmo depois de casadas. Nossos maridos ficavam enlouquecidos com isso. Dizíamos que nossos filhos se casariam um dia. Mas houve uma tragédia, e depois disso Laura nunca mais foi a mesma.

— Quer mais água ou um suco? — tentou desviar a atenção dessas lembranças amargas. — A Dra. Brown disse que deve se hidratar bastante.

— Não, obrigada — sussurrou ela, ainda olhando-a com insistência. — É incrível. Se não fosse impossível, eu diria que...

A insistência dela, de alguma forma, deixou Rebecca desconfortável. Era como se Olivia tivesse diante dela um fantasma do seu passado.

— Então, você é a nova babá da minha filha? — disse ela, mudando de assunto. Acho que notou o desconforto no rosto da garota — É jovem demais, não é?

Outra vez a mesma conversa sobre como Rebecca era jovem para o trabalho. Precisava dele, o que poderia fazer?

— Foi o que o seu marido disse, mas já tenho dezoito anos, senhora. Sou capaz disso.

Começou a arrumar os pratos e empilhar sobre a bandeja.

— Não quis ofendê-la, desculpe — sussurrou com doçura na voz. — Seus pais não se importam que trabalhe tão cedo? Deveria estar na escola ou preocupada com rapazes. Mas que pergunta tola! Se você trabalha, é porque precisa ajudá-los, não é mesmo?

— Não tenho pais, senhora — sentou-se ao seu lado na cama. — Cresci no orfanato St. Thomas. O mesmo que seu marido faz doações todo ano. Como completei dezoito anos, fui obrigada a sair. A Madre entrou em contato com a agência de empregos, e agora estou aqui.

— Sinto muito por seus pais — Olivia segurou suas mãos em um gesto gentil — Espero que seja feliz aqui. Carol precisa mesmo de uma amiga, principalmente quando eu...

— Eu já sou feliz — Rebecca a interrompeu, não queria que ela concluísse o pensamento que certamente faria.

— Você é muito bonita — disse Olivia ao vê-la sorrir — Já conheceu meu filho, Michael?

— Sim, senhora — respondeu, afastando-se dela. Colocou a bandeja no carrinho. Suas mãos estavam trêmulas, e Rebecca sentia o rosto arder. Essa era uma reação que Michael sempre causava a ela, estando próximos ou não. — Esbarrei com ele pela casa algumas vezes.

— Ele é bonito, não acha?

Bonito, charmoso e terrivelmente atrevido. Mas não poderia dizer isso a ela. Consequia ver o brilho de orgulho que tinha ao falar do seu filho.

— Preciso buscar a Carol na escola. — encarou-a, nervosa. — A Sra. Dickson fará companhia até

eu voltar, tudo bem?

— Não se preocupe comigo — disse em um tom de divertimento. Rebecca não queria saber o porquê. — Ainda não estou morrendo.

— Ah, eu não...

— Vá, querida — afastou-a com um gesto de mão. — Ficarei bem.

Rebecca acenou com a cabeça e se retirou do quarto, levando o carrinho consigo.

— O Sr. Hunter ligou e chegará em alguns minutos — informou a governanta. — Pode ir sem preocupação.

Bill já a esperava quando saiu. No caminho até o colégio, Rebecca refletia sobre o seu dia. Precisava fazer algo a respeito de ficar nervosa sempre que alguém falava ou citava o nome de Michael. Era uma reação muito infantil aos seus olhos, que certamente denunciava seu interesse.

Carol a recebeu animada, e conversaram bastante até a companhia de balé onde ela fazia suas aulas. Rebecca preferiu não falar nada sobre a crise de sua mãe, não havia necessidade de preocupar a menina. Durante o caminho de volta, contou sobre suas atividades na escola e de uma festa oferecida pelas populares do colégio, a qual havia sido excluída. “Garotas bobocas”, dissera sacudindo os ombros, mas Rebecca sabia que, mesmo querendo soar indiferente, Carol sofria com isso.

A conversa logo mudou para o fato engraçado de quase ter desmaiado na sala de laboratório, quando o professor avisou que estudariam um sapo morto. Carol odiava répteis e quase saíra da sala correndo.

Não viram o tempo passar, souberam que haviam chegado quando o carro atravessou os portões. Carol ainda era uma menina, mas muito madura para sua pouca idade. Talvez seja a doença de sua mãe ou as dificuldades na escola que a fizeram amadurecer, mas Rebecca sentia que poderiam ser grandes amigas.

Assim que entraram, Carol correu para o seu quarto, jogando a bolsa de balé e mochila no chão. Seguiu para ver a mãe, como sempre disse que fazia. O Sr. Hunter e o filho também estavam no quarto. As reações do corpo de Rebecca foram inevitáveis ao vê-lo.

Bochecha corada e respiração suspensa. Estava se acostumando a isso como se acostumara à sua própria sombra. Seus olhos se cruzaram, os deles provocativos, os delas receosos. Desviou o olhar e encarou a mulher na cama, que os encarava de um para o outro, um olhar indecifrável em seu rosto. Rebecca sabia que não havia passado despercebido o olhar que Michael e Rebecca trocaram.

— O que está acontecendo aqui? — Carol pula na cama, abraçando a mãe. — Reunião de família?

— Quase isso, querida — Olivia beijou os cabelos dela. — Parece que Melissa não poderá cuidar de mim, e seu papai quer que eu vá para o hospital.

— Então é grave? — disse a menina, com voz preocupada.

— Não é nada grave, e já disse a seu pai que ficarei aqui. Rebecca poderá me fazer companhia.

Olivia voltou a olhar para a jovem com ansiedade.

— Se não for um problema para você — murmurou — Max pagará em dobro. Não é, querido?

— Faria isso, com certeza — disse ele, contrariado. — Há apenas um agravante: Rebecca não é enfermeira e é babá de Caroline.

— Eu não preciso de babá, papai!

— Caroline! — disse ele, autoritário — Já discutimos isso antes. Não é seguro que fique sozinha.

— Mas não sou um bebê como o da tia Laura — Carol insiste, praticamente batendo os pés — É a mamãe quem precisa de cuidados.

Não passou despercebido o nome da mulher que Olivia dizia que Rebecca lembrava. Algo entre

ela e uma criança havia acontecido; algo doloroso o suficiente para que fosse um assunto que ninguém quisesse tocar.

— Eu posso cuidar da Sra. Hunter enquanto Caroline estiver na escola. Não faço nada nesse tempo livre, e será um prazer.

— Eu não sei — disse Max, um pouco resistente — E nas horas em que estiver com nossa filha? Olivia precisa de cuidados constantes.

— Eu não preciso de cuidados constantes, Max, ainda não estou morrendo, embora pareça — disse Olivia, sempre humorada — Parece um ótimo acordo para mim, pelo menos até que encontre outra enfermeira. De jeito algum vou para o hospital.

— Eu posso cuidar da mamãe nesse meio tempo, pai — Michael sorriu, beijando a mão dela.

— Você voltará para a faculdade semana que vem — Max sentenciou. — Já conversamos sobre isso também.

Estava claro para Rebecca que ambos queriam que os filhos seguissem suas vidas normalmente. Eles estavam em primeiro lugar. Sentiu que era mesquinho da parte dela desejar algo assim, mas esse foi um sentimento que não conseguiu evitar.

— Então está tudo resolvido — disse Olivia, contente. — Semana que vem, se ainda não tiver outra enfermeira, veremos o que faremos. Por enquanto, Rebecca e Michael cuidarão de mim.

— Acho que então não há mais nada que eu possa fazer — disse Max, resignado, olhando para a esposa com os olhos repletos de amor. — Vá ao meu escritório depois do jantar, Rebecca, conversaremos outra vez sobre o seu salário.

— Realmente, não é necessário... — ela tentou dizer.

— Não há discussões quanto a isso — Max decretou, encerrando o assunto.

Rebecca aceitou e foi para o outro canto do quarto. Queria ficar o mais invisível possível. Enquanto Carol monopolizava toda a conversa em volta dos pais, vez ou outra xingava o irmão que a provoca, puxando-lhe os cabelos. A cena familiar era como uma das poucas que vira nos comerciais de TV. Imaginou como seria crescer regada de amor e carinho como essa família. São pessoas de muita sorte.

Comovida, virou-se para a janela ao seu lado. Rebecca olhou o jardim, admirando as roseiras. Os raios de sol do fim de tarde deixavam-nas ainda mais belas.

— Parece que passaremos mais tempo juntos — ouviu o sussurro de Michael ao pé do ouvido.

Seu coração reagiu, suas mãos reagiram; não houve uma parte do seu corpo que não tivesse despertado ao som da voz dele. Não o tinha visto se aproximar, talvez por isso o choque tenha sido mais intenso.

— Por que trancou a porta hoje?

A confirmação de que fora ele em seu quarto mais cedo não era preciso, sempre soube. Rebecca voltou a encarar a noite caindo lá fora. Com o rosto em chamas, ela se perguntava se seria capaz de escapar dali sem atrair a atenção de ninguém.

— Está com medo de mim? — Michael insistiu. Estava ainda mais próximo dela. Rebecca podia sentir o calor do corpo dele passando para o dela, além de sua respiração morna em seu pescoço — Ou de você mesma?

Ela se afastou para longe dele, sem conseguir encarar em seus olhos ou responder à provocação.

— Preciso me arrumar para o jantar e preparar as coisas de Carol para amanhã — disse a Olivia, rezando para ela não notar sua voz distorcida.

A ideia de usar o jantar como desculpa havia sido risível, afinal demoraria algumas horas para que a mesa fosse posta, mas ela precisava de algum argumento que a tirasse dali e de todas as

tentações impregnadas naquele quarto.

— O que o senhor decidir sobre meu pagamento está bom para mim — encarou o Sr. Hunter antes de sair — Se precisarem, estarei em meu quarto. Com licença.

— Ela é uma graça, não é?

Rebecca ouviu Olivia dizer antes de fechar a porta, mas foram os olhos de Michael, como brasas sobre ela, que a fizeram flutuar pelo corredor.

Chegou ao seu quarto em um tempo recorde. E como fizera de manhã, Rebecca passou a chave na porta.

Apenas por precaução, afirmou a si mesma.

Se ela soubesse que se oferecer para cuidar de Olivia implicaria em ter a presença de Michael constantemente, teria repensado a oferta. Sentia uma sincera empatia por Olivia. Quis de coração ocupar o seu tempo livre cuidando dela. Não pelo salário ou benefícios que certamente viria a ter, mas pelo prazer da companhia dela. Agora se via presa em meio a uma encruzilhada. Como poderia disfarçar a atração que sentia por Michael, se apenas o fato de ouvir seu nome a deixava trêmula e com as bochechas ardendo?

Rebecca havia se enfiado em uma enrascada e não fazia ideia de como sair.

Como era esperado, desceu para acompanhar Carol durante o jantar. Havia apenas as duas à mesa, pois o Sr. Hunter preferiu ficar no quarto com a esposa. Graças a todos os santos, o filho mais velho e atrevido do casal tinha saído para curtir seus últimos dias de férias com alguns amigos. Com certeza, com alguma garota disposta a aproveitar seu ombro amigo ou qualquer outra coisa que Michael estivesse disposto a oferecer.

Não que Rebecca se importasse com isso, afirmava a si mesma. Tinha pena por Carol. Certamente não contava aos pais o que acontecia na escola, e o irmão parecia alheio do quanto ela tinha uma vida solitária e triste. Ter que ver a mãe definhando dia a dia em uma cama não deve ser uma coisa fácil para alguém, quanto mais para uma menina de sua idade.

Após o jantar, as duas ficaram juntas vendo TV. Momentos de tanta descontração eram algo que Rebecca nunca experimentou.

Quando percebeu a menina sonolenta, insistiu para que fosse dormir. Conversou com ela por mais alguns minutos, até que viu seus olhos perderem a briga contra o sono. Isso a fez recordar todas as noites que passou conversando baixinho com Brianna. Sentia falta de sua melhor amiga. Lembrou de todas as noites trocando confidências com ela. Nunca haviam passado tanto tempo longe da outra. O que a confortava era que no domingo estariam novamente juntas.

Após verificar Carol pela última vez e se certificar se as cobertas estavam a aquecendo devidamente, Rebecca seguiu para o seu próprio quarto. Tomou banho, trocando a calça jeans por uma camisola clara de algodão.

Passava das duas da madrugada quando desistiu de forçar o seu sono. Talvez um copo de leite quente a ajudasse a dormir. Ou algum dos livros na biblioteca que não a fizesse se imaginar no lugar da heroína, e o herói não tivesse maravilhosos olhos azuis. Talvez assim ela conseguisse parar de se torturar cogitando o que Michael estaria fazendo na companhia de seus amigos.

Com os lábios ressequidos de tantas vezes passar a língua sobre eles, ao imaginar como seria ter os lábios de Michael ali, encorajou-se a ir até a cozinha.

Pegou um robe pendurado no cabide do banheiro, ignorou o chinelo e desceu descalça. Avançou pela casa silenciosa e escura. Serviu-se de um copo de leite e, após aquecê-lo, sentou por ali na cozinha mesmo.

Havia uma meia lua no céu, e a noite lhe parecia linda. Rebecca ficou por um tempo olhando a

escuridão da noite através da janela, rodando o copo entre as mãos, aquecendo-as um pouco.

— Insônia? — a voz grave era quase um sussurro. — Ou esperança em me ver?

Estava se acostumando a mentir, mas não diria a ele o quanto seu coração se alegrava em tê-lo tão perto de si.

— A primeira opção — respondeu levantando, pronta para sair.

Michael segurou o seu braço, impedindo-a. Seu toque lhe queimou a pele de uma forma tão intensa que parecia estar deixando a marca dele em seu corpo. Uma moleza estranha tomou conta dela quando seus corpos se uniram.

— Estamos em um impasse — sussurrou ele, os olhos fixos nos seus — A minha é a segunda.

Quando Michael lhe agarrou a cintura, prendendo Rebecca ainda mais rente a ele, uma parte dela, a parte que ninguém tinha despertado antes, começou a pulsar.

Era inebriante e assustador para ela na mesma medida. Mas quando os lábios macios de Michael tocaram os dela, Rebecca se viu presa em uma das experiências mais emocionantes de sua vida.

Seu primeiro beijo.

Capítulo 6

Rebecca não tinha experiência suficiente para comparações, mas julgava esse ser o melhor e mais assustador beijo que receberia na vida. Começou com um breve roçar de lábios e aos poucos foi se transformando em algo muito mais profundo, com a língua de Michael enroscando na dela. Um leve formigamento percorria pelo seu corpo, fazendo com que sua cabeça girasse, enquanto uma estranha sensação de prazer a dominava.

Ela não poderia explicar em palavras, apenas sentia uma desesperada e urgente necessidade de fundir o seu corpo ao dele, como se ela precisasse de mais para se sentir completa, inteira e viva.

Levado por tal euforia, Michael colou seu corpo ainda mais ao de Rebecca. A respiração descompassada era incapaz de negar as emoções que ela também lhe provocava.

As mãos escorregaram da cintura para as nádegas, em uma leve carícia. Rebecca sentiu a masculinidade dele pressionando contra ela. A vertigem sobrepujando seu corpo se intensificou de forma deliciosamente inebriante, e o pulsar entre suas pernas fizeram os joelhos cederem.

Michael a sustentou em seus braços, mas em nenhum momento sua boca deixou de explorar a dela; ele não poderia. Os gemidos roucos que Rebecca emitia, mesclando-se aos deles, era o melhor som que já tinha ouvido: o som de suas almas se conectando.

Era bom, era assustador para os dois.

— Pare! — Rebecca sussurrou tão baixinho que achou ter sido audível apenas para ela. Ou quem sabe o pedido tivesse ecoado apenas em sua cabeça.

Michael, no entanto, continuou a beijá-la com uma urgência faminta. Rebecca sentia-se fraca e ao mesmo tempo forte. Queria continuar emergindo nesse paraíso que acabara de conhecer, mas algo dentro dela a alertava de todos os riscos que corria. Estava indo por um caminho perigoso e sem volta; um caminho em que perderia muito mais do que o seu coração.

— Pare! — disse com mais ímpeto dessa vez e o afastou com uma ferocidade que roubou o pouco que lhe restava de energia. — Michael, pare!

Agarrando a quina da mesa, buscou forças para raciocinar com clareza. *O que fazia na cozinha, aos beijos com o filho dos seus patrões?* perguntava-se a cada segundo em que a realidade a abatia.

Era errado, insano, sabia disso. Mas quando estavam juntos, nos braços do outro, nada parecia tão certo também.

— Por que fez isso? — O olhar acusador de Rebecca seguiu em direção a ele — Não deveria ter feito isso! Não tem esse direito.

Michael a encarou confuso, como se também tentasse entender o que acontecia com ele. Nunca todos os seus sentidos estiveram tão aguçados. Nenhuma outra garota havia tirado seu chão.

— O quê?

— Por que me atacou?

— Você quis isso tanto quanto eu — logo a confusão em seu rosto dá lugar ao típico olhar debochado, predatório — Não negue, Rebecca, estava vibrando em meus braços, eu senti.

Passou os dedos nos lábios de um jeito extremamente perturbador, aproximou-se mais, encurtando a distância imposta por ela. Michael era o caçador e Rebecca sua caça. Era assim que se sentia em relação a ele.

Encurralada!

— Vamos para o meu quarto ou continuamos aqui, mas não negue o que estava sentido.

Desejara-o mesmo antes de saber o real significado disso. Reconheceu naquele beijo tudo o que o seu corpo queria dizer. Mas ela também sabia dolorosamente que era preciso calar aquela voz. Havia muito mais a perder.

— Pare, Michael! — circulou a mesa até o outro lado, fugindo dele como o Diabo foge da cruz. Era a analogia mais próxima que conseguia fazer — Não sou como uma de suas amigas, não posso deixar que brinque comigo.

— Brincar com você? — seu tom evidentemente frustrado e impaciente — Você é uma mulher e eu sou um homem. Queremos a mesma coisa. Não há nada de errado nisso. Pare de agir como uma puritana. E se fosse uma das minhas amigas, já estaríamos saciados no chão, e não aqui conversando.

— Puritana? — indagou exaltada, apontando o dedo em riste — Você é um moleque que sempre teve tudo o que quis, quando quis. E eu sou apenas a empregada que *precisa* desse emprego, que tem muito a perder quando o seu divertimento acabar. Então sacie seu corpo de outra forma.

Deveria haver alguma parte dentro dele com bom senso e consideração pelas outras pessoas.

— Por favor, não dificulte as coisas para mim — Rebecca não receava implorar. Não havia outro lugar no mundo para onde pudesse ir se tudo saísse dos eixos. Essa casa e esse emprego eram tudo o que tinha agora. — Eu não posso e nem quero perder a confiança e o respeito que os seus pais depositaram em mim por uma aventura boba. Não tenho mais nada longe desses portões, Michael.

Os pais de Michael eram pessoas bondosas, não acreditava que Michael pudesse ser tão diferente assim.

— Não precisa ser tão dramática — disse sem jeito, balançando a cabeça — Era só dizer não.

— Michael, o mundo não é a perfeição que você imagina. Atrás dessas paredes ele pode ser bem cruel, às vezes. Por favor, fique longe de mim.

Não esperou por sua resposta. Ignorar o que ele despertara nela, em tão pouco tempo, era tão difícil quanto ser obrigada a dizer adeus.

Seu único alento, horas depois, enquanto revirava na cama, era saber que independente do que aconteça, sempre guardaria na memória a doçura do primeiro beijo. Errado ou não, estava feliz que tivesse sido ele a marcá-la assim.

No dia seguinte, Rebecca não acordou cedo como de acostume. Não dormira quase nada o resto da noite. Por mais que sua mente a ordenasse a ter cautela, seu coração tolo pensava diferente. Vivia uma guerra entre a razão e o coração.

Antes tivera sérias dificuldades em apenas ouvir o nome de Michael, ficar próxima a ele, imaginar que gosto teria seus lábios nos dela. O que faria agora, sabendo o quanto tudo isso lhe era perfeito? Como dividiriam o mesmo espaço, sendo que tudo o que mais desejava era estar em seus braços outra vez?

Foram apenas dois dias para Michael virar o mundo de Rebecca de pernas para o ar. O que ela faria com o passar dos dias e das semanas? Quando o tempo se transformasse em meses e os meses dessem lugar aos anos?

Pulou da cama, desejando que fosse tão fácil tirar tais pensamentos da cabeça como afastara as cobertas do corpo.

Contudo, Rebecca não tinha tempo a perder, nem poderia ficar na cama lamentando a própria vida. Apesar de ser sábado, tinha um longo dia de trabalho pela frente. Recebeu mais do que garotas

em sua situação poderiam ter. Precisava continuar lutando, Brianna contava com ela. Certamente logo todos esses sentimentos em relação a Michael perderiam a força com o passar do tempo. Ele retornaria aos estudos e todos os seus dilemas estariam resolvidos.

Com essa decisão fixando-se em sua mente, seguiu para o banheiro muito mais animada.

Esperava por Carol pacientemente na mesa do café, quando ouviu os seus passos. Sentiu a presença de Michael antes mesmo de ouvir seu cumprimento matinal, algo que não aconteceu.

Saiu tão rápido como passou por ela. Não que Rebecca tenha se magoado, apenas havia ficado surpresa com o gesto rude, pelo menos foi o que tentou convencer ao seu coração.

Mas a razão dizia a Rebecca que não havia motivos para se chatear. Fora ela a exigir que Michael mantivesse distância.

E quando Carol se uniu a ela, tais pensamentos estavam longe. O mais importante eram os planos que fazia para ela e Brianna para o dia seguinte.

Após o café, subiram para o quarto de Olivia, onde passaram a manhã entretidas com alguns jogos. Almoçaram juntas, e uma hora depois, foram praticamente expulsas pelo Sr. Hunter, que aconselhou que saíssem e também fizessem alguma coisa para se divertirem, mas o que ele realmente queria era algumas horas de tranquilidade com a esposa.

— Será que um dia eu terei um amor assim como o deles? — Carol deitou de lado na espreguiçadeira, encarando Rebecca com um olhar sonhador.

— Tenho certeza que sim.

— Já se apaixonou, Rebecca?

— Não — respondeu, desconfortável com o rumo que a conversa seguia.

— Mas gostaria?

— Eu não sei — focou seu olhar na piscina — Nunca pensei sobre isso.

Até Michael surgir em sua vida.

— Eu quero um amor como o dos meus pais um dia...

As duas passaram boa parte da tarde nas espreguiçadeiras em frente à piscina. Rebecca sondou se Carol já havia sido convidada para a festa no final de semana seguinte.

Ela respondeu que não, dizendo que não se importava, e rapidamente mudou de assunto. Falou sobre a apresentação anual de balé que a companhia onde estudava fazia todos os anos. Confidenciou que inicialmente não gostara da dança. Sempre foi o sonho da mãe ser bailarina, não dela. E quando Olivia adoeceu, fez isso por ela, e acabara se apaixonando.

O que Carol não disse, é que via na dança o seu próprio refúgio. Quando a música tocava e seu corpo ganhava vida, nada nem ninguém poderia feri-la.

— Sabe, passo todo verão na casa da minha madrinha Laura, mas esse ano eu não estou a fim — Carol confidenciou a Rebecca.

Sempre visitava Laura porque sua mãe insistia, dizia que sua presença faria a tia mais feliz. Carol sentia exatamente o contrário. A madrinha sempre a tratara bem, mas foram inúmeras as vezes em que a observara se afastar e se refugiar em seu quarto, chorando. E depois que adotaram Ryan, a reclusão de Laura ficara ainda mais evidente.

Quando crianças, as empregadas conseguiam distraí-los até que Nicholas retornasse do trabalho. Ele sempre brincava e passava a maior parte do tempo com eles. No último verão quase não o vira, e recentemente soubera do divórcio dos dois.

— Por que não? — questionou Rebecca, alheia ao que lhe ia na mente — Não gosta dela?

— Eu gosto, mas é que... — disse cobrindo os olhos dos raios de sol tocando seu rosto, apesar do guarda-sol em suas cabeças — Ela está sempre muito calada ou triste. Quando meu tio estava lá era

mais suportável. Tem o Ryan, meu primo, mas ele é bem tímido. A realidade é que quero ficar aqui com você e a minha mãe. Eu tenho medo de ir e nunca mais voltar a...

—Carol, nada vai acontecer — Rebecca sabia que não era seguro fazer tal promessa, mas também se recusava que a menina tivesse pensamentos tão sombrios. “Enquanto há vida, há esperança”, era o que as freiras constantemente diziam — E talvez sua madrinha fique mais feliz ao te ver. Quem sabe eu possa ir com você, se quiser.

Seria uma ótima oportunidade de ficar longe de Michael quando ele estivesse novamente de férias. Talvez, até lá, Olivia já estivesse melhor e não precisasse de tantos cuidados.

— É, talvez...

À tarde decidiram sair e tomar um sorvete. Rebecca adorou tanto o lugar, que prometeu a si mesma levar Brianna ali.

Quando retornaram, Carol subiu para ver a mãe, e a Sra. Dickson avisou que o patrão esperava por Rebecca no escritório. Chegou à sala no mesmo momento que Michael saía. Não a ignorou como de manhã, mas não sorriu também.

— Deseja falar comigo, senhor? — perguntou ao entrar.

Max olhava através da janela, e seu corpo parecia tenso. Obviamente havia brigado com o filho.

— Sente-se — Max indicou a mesma cadeira da outra vez. — Quero entregar algo a você.

Enquanto ele procurava por algo em sua gaveta, Rebecca se questionava o real motivo de tê-la chamado. Esforçou-se para não cair no choro ao imaginar o que Michael e ele pudessem ter discutido.

— Aqui — disse ele entregando o envelope branco.

— Obrigada — sussurrou Rebecca, lágrimas ardendo em seus olhos. — Foi muito bom trabalhar aqui, mesmo que por pouco tempo. Eu sinto muito ter desapontado.

Levantando abruptamente, caminhou até a porta, o peso do mundo caindo em seus ombros frágeis.

— Espere! — a voz imperativa soou atrás dela. — Que parte eu perdi aqui? Do que está falando?

Rebecca o encarou, muda e receosa. Não sabia que versão da história Michael havia contado a ele.

— Sei que Caroline é uma pestinha às vezes — diz ele ao respirar fundo. —, mas pensei que estivessem se dando bem. Se minha filha fez algo que a ofendeu, exigirei que peça desculpas.

— Carol não fez nada — apressou-se em defendê-la. — Eu pensei que esse envelope... Não vai me despedir?

— De onde tirou isso?

— Bem, eu... É que eu pensei...

Rebecca calou-se rapidamente. Já tinha sido precipitada e idiota o suficiente.

— Claro que não. Minha esposa me mataria, o que dirá minha filha — Max sorriu — Isso é apenas um adiantamento. Amanhã é seu dia de folga, lembra? Todos os domingos? Pensei que quisesse sair com seus amigos.

O alívio no peito de Rebecca foi tão grande que poderia abraçá-lo e agradecer de joelhos. Estava prestes a enfrentar seu maior receio, que era voltar a ficar sozinha no mundo, quando fora surpreendida com um gesto tão generoso. Ela prometeu a si mesma jamais desapontá-lo enquanto estivesse ali. Nem que para isso tivesse que sufocar com todas as forças qualquer sentimento que pudesse nutrir por seu filho mais velho.

— Obrigada, Sr. Hunter — sorriu agradecida — Muito obrigada.

— Não tem por que me agradecer — disse ele, desconcertado. — Agradeço o que tem feito por minha esposa e minha filha.

— Fiz o meu trabalho — respondeu sem jeito.

— Amor não se compra, é dado espontaneamente. É isso o que tem feito grandiosamente — Max piscou para ela — Sabe, você me lembra uma grande amiga, bons tempos, momentos felizes, outra época...

— Laura? — diante do seu olhar curioso, ela tentou explicar: — Sua esposa me disse.

— Realmente parece com ela — sussurrou, voltando do passado — Bem, divirta-se amanhã. Só tenha cuidado. Prometi à Madre que ficaria de olho em você.

Talvez fosse a carência de uma figura masculina ou o carinho que via em seus olhos, mas Rebecca via-o como um pai. Era ridículo, já que era apenas uma empregada, mas se sentia assim. Fosse por ser sentimental demais ou talvez se apegar rápido às pessoas.

— Sr. Hunter?

— Sim.

— Posso usar o telefone? — ele enrugou a testa, como se a pergunta tivesse sido absurda. — Eu não quero abusar, é claro. Serei rápida, só quero dizer à Madre que está tudo bem e trocar umas palavras com minha amiga Brianna.

— Fique à vontade e use sempre que quiser.

— Obrigada — em um gesto espontâneo, pouco usual na relação entre patrão e empregada, beijou seu rosto de forma impulsiva e saiu em disparada pelo corredor.

Não queria abusar ainda mais de sua generosidade ligando do escritório, então usou o telefone da sala. Fez um breve resumo à Madre de como tinha sido seus primeiros dias, obviamente deixando Michael de fora. Conseguiu alguns minutos para falar com Brianna e ter autorização para sair com ela.

— Tenho saudades também — disse a ela. — Então nós nos vemos amanhã. Eu te amo.

Desligou feliz por ter ouvido a voz de Brianna. Tinha tantas coisas para contar a ela. Com toda certeza, surtaria ao contar sobre Michael e o beijo. Sua amiga era uma leitora de romances muito mais compulsiva que ela, portanto, muito mais romântica.

Ainda sorrindo, Rebecca deparou-se com frios olhos azuis ao se virar. Deduzindo que ainda estivesse contrariado por ter fugido, decidiu dar o primeiro passo. Gostaria que fossem amigos, se Michael quisesse.

— Oi — ela sorriu, disposta a ser a primeira a colocar uma pedra em tudo o que aconteceu. — Olha, sobre ontem...

— Nada aconteceu — Michael a interrompeu, passando por ela como uma fera. Seus ombros tocaram os dela, e se não tivesse agarrado a mesa, teria caído devido ao impacto.

— Ei! — olhou para ele, chocada. — Você está maluco?

— Talvez eu estivesse — deu meia volta e agarrou seus braços. Ser encurralada contra a parede não a assustou mais do que a fúria em seus olhos — Talvez eu tenha ficado maluco quando achei que fosse doce e inocente.

Rebecca poderia refutar o que ele disse, mas o dedo deslizando em seus lábios a impedia de ter qualquer reação além de prazer.

— Por um minuto, acreditei que fosse assim. Até me senti culpado...

Ele a soltou como se da boca dela saíssem chamas que o queimassem. O olhar raivoso, as narinas dilatadas e os punhos cerrados diziam que controlava a raiva com muito esforço.

— Cínica!

Atônita, viu-o se afastar, sentindo os lábios queimando. Não sabia se era efeito de Michael sobre ela ou a forma bruta que a tocou.

Subiu as escadas correndo e jogou-se em sua cama. Não queria chorar, sabia que não devia. Mas isso não impediu que as lágrimas descessem amargas e silenciosas pelo seu rosto.

“*Vai passar*”, dizia a si mesma.

Vai passar!

Para Rebecca, enfrentar o jantar seria quase uma penitência. Mas novamente era apenas Carol e ela à mesa. Sentiu-se aliviada e estupidamente desapontada também. De certa forma, queria vê-lo e confrontá-lo. Não conseguira entender por que Michael esteve tão zangado e a tratou com tamanha brutalidade.

Também não dormiu bem essa noite.

Mesmo não sendo sua obrigação, fez companhia a Caroline durante o café da manhã. Michael se juntou a elas alguns minutos depois, e como era previsível, ignorou Rebecca. Usava a mesma roupa da noite anterior. Provavelmente havia passado a noite com os amigos, na farra.

—Você não pode ficar, Becca? — Carol perguntou pela milésima vez. — O que vou fazer enquanto você estiver fora?

— Stacy passará a tarde com a gente — Michael disse à irmã. — Podemos ficar na piscina. O que acha?

—Argg — Carol mostrou a língua de forma nada educada — Você voltou com aquela chata?

— Isso não é da sua conta — murmurou irritado. — Seja educada com ela.

Enquanto os dois continuavam em uma discussão animada, Rebecca viu a oportunidade para escapar. Voltou para o quarto, digerindo o que Carol havia dito.

Michael tinha uma namorada?

Obviamente que tinha. Fora tola ao ponto de nem chegar a considerar essa possibilidade, de existir outra garota em sua vida. Não deveria se sentir decepcionada ou traída, era ridículo. Michael tinha uma vida antes dela. Naturalmente tinha namorada e amigos.

E talvez fosse isso o que Rebecca precisava: encarar a realidade e parar de sonhar com o impossível.

Capítulo 7

Rebecca foi recebida com grande festa por todos do orfanato, principalmente pelas crianças menores. Ela também sentia saudades delas, foram sua família por longos anos.

Foi com muita insistência que conseguiu que a Madre Superiora aceitasse parte do dinheiro que o Sr. Hunter havia dado a ela. Crescera ali, foi amada e cuidada da melhor forma que podiam. O mínimo que poderia fazer era retribuir de alguma forma.

— Nossa! Eu sempre quis vir em um lugar como esse, Rebecca — disse Brianna, sua boca transbordando de sorvete. Ela mal conseguia falar — Lembra quando víamos todos aqueles cartazes e nos imaginávamos aqui dentro?

Estavam na mesma sorveteria que tinha ido com Carol no dia anterior. Era uma das sorveterias mais conhecida da cidade. Eles tinham uma variedade impressionante de massas e sabores. Brianna encontrava-se com uma tigela enorme e colorida.

— Se eu fosse você, iria com calma, Bri — Rebecca sorriu, divertida. — A Madre me mata se tiver uma dor de barriga a noite toda.

— Hum... — ela voltou a encher a boca com uma colherada enorme — Vai saber quando terei outra oportunidade como essa?

Brianna sabia que Rebecca a amava; sabia também que a amiga faria todo o possível para que ficassem sempre juntas, mas ela também sabia que a vida surpreendia das formas mais duras possíveis. Sua mãe a amava, mas isso não impediu que fosse tirada dela quando ainda era apenas uma menina. Por isso queria aproveitar cada minuto e tudo o que pudesse, enquanto ainda tinha sua amiga consigo. Isso incluía devorar aquela maravilhosa tigela de sorvete como se não houvesse amanhã, pois era assim que sentia às vezes. E quando chegasse a vez de ser somente ela mesma no mundo, queria ter na lembrança a certeza que aproveitara cada minuto com as pessoas que amava. Na vida não se tem garantias, passara longos anos no orfanato sabendo o quanto a premissa era verdadeira.

E com a boca lambuzada de sorvete e seus olhos brilhando como uma criança em dia de festa, Brianna se sentia absurdamente feliz por tão pouco. Para qualquer pessoa seria um típico domingo ensolarado para passar o tempo na sorveteria; para ela, era o seu dia de festa.

— Que tal voltarmos aqui domingo que vem? — diz Rebecca com a voz cálida. — Ou melhor: que tal irmos àquela loja de chocolate?

Brianna pulou da cadeira, animada, e seus olhos pareciam duas esferas gigantes.

— Sério? De verdade?

— Se você sobreviver a todo esse sorvete, sim.

— Você é a melhor amiga do mundo.

Brianna, sendo Brianna, rodeou a cadeira para abraçar a amiga, sujando sua blusa de framboesa.

Como última extravagância do dia, as duas foram ao cinema assistir a uma comédia romântica. Foi a primeira experiência das duas e juraram repetir muitas vezes. Ao contrário de Rebecca, Brianna conseguiu devorar um balde de pipoca. E no caminho de volta para o orfanato, passaram rapidamente em uma livraria. Rebecca comprou alguns livros para Brianna e um novo romance para si mesma.

Os livros fariam a Brianna a companhia que Rebecca já não poderia fazer. Ela não contara nada

sobre Michael à amiga. Sabendo que era comprometido, não haveria porquê encher a cabeça dela com sonhos adolescentes e impossíveis.

Já anoitecia quando retornou à mansão dos Hunter. Entrou pela ala dos empregados, como deveria fazer, mas seria obrigada a passar pela sala principal antes de chegar ao seu quarto.

— Quem é você? — a pergunta saiu de uma garota ruiva, sentada em uma das poltronas próximo às janelas.

A jovem levantou e caminhou até onde Rebecca estava. Usava um vestido branco e minúsculo. Os saltos deixavam-na alguns centímetros mais alta que ela. As unhas pintadas de vermelho lembravam garras afiadas de um falcão.

— Sou Rebecca — estendeu a mão para ela. — A nova babá de Carol.

— Babá? — questionou, uma sobranceira erguida em uma análise desconcertante demais — Acho que Carol é um pouco velha para ter uma babá, e você nova demais para ser uma.

— Na verdade, sou mais como uma acompanhante, uma amiga enquanto a mãe dela...

— Sei, não me espanta — interrompeu, circulando em volta de Rebecca — Aquela garota é tão chata, que os pais precisam pagar para que tenha amigos que possam aturá-la.

— Ah... Não é assim...

Não era o dinheiro que Rebecca receberia que a fazia gostar de Carol. Era uma menina doce e carinhosa. Não podia deixar que essa garota fosse tão venenosa.

— Não me interessa. Mas eu a alerto para que fique longe de Michael — as unhas da garota se cravaram no braço de Rebecca. Involuntariamente ela soltou um gemido de dor e surpresa — Você não vai me querer como inimiga.

Pela forma apaixonada, aquela só podia ser Stacy, namorada de Michael, que fora citada essa manhã durante o café. Era uma jovem bonita, não podia negar.

— Eu não...

— Não mesmo! — ela a interrompeu.

Soltou o braço de Rebecca como se tivessem acabado de finalizar uma saudação amigável. A ruiva retornou ao seu lugar e cruzou as pernas, exibindo um sorriso tão doce como fel.

Não havia gostado de Rebecca, e ela podia dizer que a recíproca era verdadeira. Algo rondando em torno da ruiva dizia que era tão perigosa como ela acabara de afirmar.

Decidida a fazer exatamente o que a bruxa aconselhara, ficar longe dela, Rebecca continuou seu caminho até o quarto. Encontrou Michael no topo da escada. Ele a encarou da mesma forma intensa de sempre, mas havia algo mais em seu olhar.

— A tarde foi boa? — a voz era gélida.

Os olhos pararam na blusa manchada e nas marcas em seu braço. Um sorriso petulante surgiu em seu rosto.

— Foi, sim — respondeu simplesmente — Maravilhosa.

— Eu notei — retrucou, dessa vez em um tom irritado — Posso imaginar.

Michael passou rapidamente por ela. Rebecca segurou forte no corrimão. Não esperava encontrá-lo, ainda mais depois de uma cena tão tensa.

Observou quando caminhou até a garota toda sorridente e manhosa para ele que, sorrindo, abraçou-a pela cintura. Stacy sussurrou algo no ouvido dele. Michael encarou Rebecca com um sorriso lascivo brilhando em seu rosto.

Beijou o pescoço de Stacy e voltou a sorrir. Claramente e levados por objetivos opostos, estavam provocando a garota na escada. Rebecca desejava ser indiferente e que nenhum dos dois pudesse afetá-la. Mas o coração sentia o que precisava sentir.

— Isso é bom — ouviu a jovem dizer antes de saírem rindo — Adorei a ideia.

Foi o barulho da porta batendo que fez Rebecca emergir do buraco profundo de mágoa e desapontamento no qual mergulhara. A porta de seu quarto fechou com a mesma batida enfurecida que movia seu coração, enquanto afirmava que não se importava.

Michael havia deixado bem clara sua posição diante de sua namorada. Rebecca havia entendido.

Pela primeira vez na vida, ao menos que ela se lembrasse, havia perdido a hora. Saltou da cama tão rápido como uma lebre desajeitada e correu para o banheiro. Lavou o rosto, escovou os dentes, penteou os cabelos e trocou de roupa em tempo recorde.

Rebecca passara boa parte da noite pensando em Michael e no fato de namorar uma garota tão irritante como Stacy a incomodar tanto. Era melhor que a jovem fosse tão intragável, seria mais difícil sonhar com os olhos azuis se ela fosse uma pessoa afável.

Bloqueou esses disparates em sua cabeça. O despertador ao lado da cama marcava quase oito horas. Não teria muito tempo para verificar Carol e descerem para o café da manhã.

Tirar Caroline de debaixo das cobertas exigiu uma boa dose de paciência e determinação, mas, após o banho, ela pareceu mais disposta e animada.

Para a sorte de ambas, o Sr. Hunter já havia saído para o trabalho. A Sra. Dickson estava no quarto com Olivia. Fora o que Marisa informara quando se acomodaram à mesa para o café.

Não preocupara a Rebecca o longo sermão que certamente a governanta faria sobre o horário de atraso. O que a deixou desconcertada foi se deparar com o jovem lindo, irritante e de olhar debochado tomando café.

Sentou rapidamente ao lado de Caroline, duvidando que suas pernas trêmulas fossem capazes de a sustentar. O ambiente estava deveras carregado de grande tensão, emanando de Michel para ela, como sempre acontecia quando estavam próximos.

— Então, descobriu que tem um emprego? — disse Michael de forma sarcástica. — Saiu com seu namorado ontem à noite também?

Rebecca sentiu as bochechas pegarem fogo. Não que estivesse envergonhada, mas pelo tom e porque a pergunta fora inapropriada e sem cabimento. Não devia satisfações a ele do que fazia em suas noites de folga, com quem saía ou não.

— Nada contra suas aventuras por aí... — continua Michael, no mesmo tom provocativo — Só não negligencie seu trabalho. Meu pai não irá gostar de saber que a paga para ficar dormindo.

— Bom dia, Sr. Hunter — Rebecca murmurou educadamente ao abrir o guardanapo em seu colo — Não devo explicações ao senhor, mas já que está tão interessado em saber sobre o meu horário de trabalho, ele inicia às oito. Tenho certeza de que seu pai ficará satisfeito em saber que estive de prontidão quinze minutos antes do acordado.

A expressão de surpresa e indignação que Michael exibiu teria sido engraçada, se Rebecca não estivesse tão furiosa com ele.

Era irônico que ele exigisse explicações e não refreasse as críticas, quando o mesmo deveria ter passado a noite toda na farra com aquela garota esnobe e sem graça que é a namorada dele. A mesma camisa xadrez da noite anterior e os cabelos bagunçados não deixavam dúvidas que mais uma vez ele havia passado a noite fora.

— Bom dia, Mike — Carol o cumprimentou, tentando esconder o sorriso — Acho que alguém sabe te colocar no devido lugar.

Com a mesma naturalidade que Carol havia proferido as palavras sábias, ela se concentrou em seu cereal, deixando Michael e Rebecca trocando farpas pelo olhar.

Rebecca não conseguia explicar os sentimentos que Michael invocava nela. Tudo que podia dizer é que ninguém mais a irritava tanto quanto a atraía.

No orfanato tinha pouco contato com o mundo exterior. Eram educadas pelas freiras, portanto não iam à escola como qualquer criança. Os poucos meninos que passaram pelo orfanato sempre foram vistos como irmãos adotivos. Os maiores que passaram pelo orfanato tiveram a sorte de serem adotados ou fugiram. Seu contato com homens fora o Sr. Stryder, o contador que fazia serviço voluntário uma vez por semana, e o médico que ocasionalmente as visitavam, ambos com idade avançada. De certa forma, cresceram em um pequeno casulo, protegidas demais do mundo que as cercava.

— Eu levarei Carol para a escola hoje — murmurou Michael, sem a encarar — É caminho para a faculdade.

A declaração pegou Rebecca de surpresa. Já estava contando quantas colheradas ainda restavam para Carol encerrar o cereal e ela pudesse fugir para longe de Michael mais uma vez.

— Obrigada pela carona, Sr. Hunter, mas não queremos incomodá-lo ainda mais — ela gostaria que sua resposta soasse menos desesperadora como pareceu.

— Não é um favor a você, sempre faço isso quando volto para o campus — ele sorri para a irmã dessa vez — Temos mais tempo para nos torturar.

Certo, Michael poderia ser um grande de um babaca em relação a Rebecca, mas era evidente o carinho que tinha por Carol.

— Não é preciso que nos acompanhe — diz ele a Rebecca — Já que eu não vou retornar, seria perda de tempo.

As palavras baquearam-na mais do que deveria permitir, e sentiu-se petrificada na cadeira. Rebecca deveria estar exultante com a sugestão, não deveria? Então, por que se sentia excluída? Como se estivesse sendo abandonada pela segunda vez?

— Você vai embora? — o sussurro foi mais como uma afirmação a si mesma do que uma pergunta em si — Quando você volta?

Pelo que soube, as aulas de Michael iniciariam em uma semana. Por que decidira regressar antes da hora?

— Por quê? Sentirá minha falta, Rebecca? — a pergunta não saiu debochada como esperava, e havia muita intensidade ao olhar para ela — Gostaria que eu ficasse?

Estranhamente e de uma forma muito confusa, ela não queria que Michael fosse embora, mesmo que fosse por alguns meses na faculdade. Certamente, durante esse tempo, ele viria nos finais de semana para visitar a família e, ainda assim, ela não queria que ele partisse. Mas Rebecca entendia também que seria o momento ideal para esquecê-lo.

— Não vai responder às minhas perguntas? — sussurrou ele, o sorriso enigmático dançando em seu rosto.

— Nem uma coisa ou outra — mentiu.

Ela sabia que era preciso.

— Se você diz... — disse em um comentário bem mais que polido; parecia decepcionado.

Fugiu do olhar desafiador, do olhar cor de safira que parecia olhar além dela. Podia negar o que realmente a partida dele causava a ela, mas Michael sabia. Esse era o único que a fazia perder o fôlego, por mais que lutasse contra ele.

— Bem... — levantou desajeitadamente. Os olhos azuis não despregavam dos delas um único

instante — Como já não sou necessária, farei companhia à Sra. Hunter. Boa aula, Carol, e boa viagem, Sr. Hunter.

Saiu apressadamente, sem esperar a resposta de nenhum dos dois. Rebecca sentia-se vitoriosa por ter caminhado dignamente e por suas pernas trêmulas não terem falhado, fazendo-a se estatelar como a idiota que sentia ser. Obviamente a reação desnorteada à partida dele já contribuiu o suficiente para isso.

Subiu as escadas correndo. Não iria para o quarto de Olivia, como disse. Precisava de um tempo sozinha. Deveria acalmar o coração batendo acelerado em seu peito. Não queria ter que dar explicações do porquê do seu rosto afogueado e respiração acelerada. Mentiria se dissesse que a culpa foi dos poucos lances de escada que subira.

Era Michael a mexer com ela mais uma vez. Era Michael fazendo uma bagunça dentro de sua cabeça e coração. Tudo dentro dela estava mudando, e Rebecca já não tinha tanta certeza que pudesse controlar.

Quando ela mal repousou as costas sobre a madeira da porta, batidas insistentes do outro lado a fizeram saltar. Não era preciso ter uma bola de cristal para saber quem estava lá.

O que Michael ainda queria com ela? Não havia a torturado o suficiente?

— Abra, Rebecca! — a voz soou obstinada — Sei que está aí, se escondendo.

“*Que presunçoso!*” pensou estarrecida.

— O que você quer, Michael? — abriu a porta, levada por uma coragem que logo se arrefeceu ao encará-lo.

— Por que não me disse que tinha um namorado? — perguntou com frieza.

— Outra vez esse assunto? E que importância isso tem?

— Importa muito se você me beija como beijou e corre para os braços de outro no dia seguinte!

— Também não me falou sobre sua namorada!

— Stacy?

— A menos que haja outras, sim...

— Ela não é minha namorada — interrompe ele, fazendo-a recuar pelo quarto até encostar na parede oposta. Pousou as mãos na parede, prendendo a cabeça dela entre elas; sua respiração tão acelerada quanto a da jovem intrigante que frequentemente o deixava sem chão. Michael não era indiferente a Rebecca como quis transparecer no final de semana. Via-se isso em seu olhar apaixonado e respiração suspensa.

— O que ele tem para preferi-lo a mim? — perguntou, agora com suavidade em sua voz — Será que a faz se sentir assim?

As perguntas ficaram flutuando no ar quando os lábios dele tocaram os dela. O beijo começou suave, tal como um beija-flor tocando a pétala.

Rebecca sentiu o corpo reagir. Ainda assim, tentou permanecer rígida como uma estátua. Mas os lábios de Michael continuavam a beijar com delicadeza, a língua invadindo sua boca de forma implacável. Sem que percebesse, foi relaxando gradativamente.

Rebecca estremeceu quando sentiu a leve carícia em seu quadril. E quando Michael moveu-se com sensualidade contra seu corpo, o beijo passou a ser mais exigente e apaixonado. Os lábios firmes e a língua aveludada faziam com que o seu mundo parecesse rodar e tudo à sua volta desaparecer.

As mãos de Michael subiram até os seios dela, em uma carícia carregada de um erotismo excitante. Rebecca gemeu sem perceber, arqueando o corpo contra o dele, procurando o calor do corpo masculino junto de si.

Michael se afastou por alguns segundos e respirou fundo em busca de ar. Acariciou os lábios dela com os seus, os olhos brilhando intensamente, e Rebecca sentia a necessidade de algo mais; uma urgência que a queimava por inteiro.

— Não volte a vê-lo! — disse ele. — Prometa-me!

O pedido exigente a arrancou do estado de estupor que se encontrava. Que direito ele tinha em pedir que se afastasse de um namorado, mesmo que fictício, enquanto desfilava com a ruiva petulante por aí?

Antes mesmo que pudesse compreender sua reação intempestiva, o empurrou impetuosamente, pegando-o de surpresa, e sua mão voou firme, acertando-lhe o lado esquerdo do rosto. A marca de seus dedos na face perfeita a fez recuar dois ou três passos. O choque tomando conta do rosto de Rebecca era tão nítido quanto a raiva expressa em Michael.

Nunca fora agressiva antes, mas Michael arrancava os melhores e os piores sentimentos que Rebecca conseguia sentir.

— Desculpe — murmurou com voz rouca — Eu não quis...

— Não se atreva a fazer isso novamente — declarou ele. A mandíbula rija e a suavidade na voz eram mais ameaçadoras do que o brilho furioso em seus olhos — Pode negar o quanto quiser, mas seu corpo responde contra sua vontade. Divirta-se com esse idiota, pensando em mim.

Por que com eles dois era tudo tão confuso? Como um quebra-cabeças onde as peças não se encaixavam.

Michael se afastou, e Rebecca o acompanhou com o olhar até que sumisse no corredor. Seu corpo ainda fervilhava e as mãos tremiam e formigavam devido ao tapa. Desconhecia essa nova Rebecca, e tinha muito medo do que seria capaz de fazer.

Rebecca saiu do seu quarto meia hora depois, o tempo que levou para se acalmar e manter Michael longe dos seus pensamentos. A raiva foi substituída pela tristeza e um desejo de que tudo pudesse ser diferente. Nunca questionara sua vida no orfanato. Apesar de tudo, era feliz. Os únicos momentos que ansiou por uma família foram em datas comemorativas, como Natal e Ano Novo. Às vezes fazia pedidos para os pais ou qualquer outro casal que a levassem para um lar feliz. Sempre prometia ser uma boa criança, cumpria isso ano a ano, até perder a fé que os desejos do seu coração pudessem se realizar.

Sempre foi pequena demais, grande demais ou bonita demais para ser adotada. Com isso, os anos foram passando e nunca experimentou a felicidade de ter um lar.

Nesse momento, Rebecca gostaria de ser como qualquer outra garota normal, até mesmo como Stacy, com uma casa bonita e família respeitável. Acima de tudo, sentir que pertencia a alguém, a algum lugar; ter raízes, alguém para recorrer em momentos difíceis ou de dor. Uma mãe para conversar sobre rapazes e o primeiro amor.

Havia Brianna, que era como irmã e poderia confidenciar o que lhe afligia a alma. As freiras no orfanato também jamais a desamparariam, mas não era tão importante como os braços de uma mãe. Rebecca nunca desejou tanto isso como hoje.

Mas nunca fora de se lamentar pelos cantos. A vida era como tinha que ser. Lançou tais pensamentos depressivos para longe, bateu na porta e aguardou.

— Entre.

— Bom dia — cumprimentou Olivia com o maior sorriso que consegui exibir — Como se sente

hoje?

Olivia sentou com certa dificuldade, e Rebecca logo apressou-se em ajustar os travesseiros em volta dela para que ficasse mais confortável.

— Bem melhor do que ontem e espero estar melhor amanhã.

Rebecca sentia-se comovida ao se deparar com a força interior dessa mulher, lutando bravamente para enfrentar a doença. Lembrou das vezes que a freirinha do orfanato ficava apática e chorava muito. Essa é uma doença que sensibiliza tanto as pessoas que a enfrentam, como as que estão ao redor delas.

— Eu tenho certeza que em breve estará dando piruetas pela casa toda — disse ao lembrar o quanto ela ama dançar.

— Melhor não, sempre fui muito desajeitada — disse ela com um leve toque de humor na voz. — Acho que era por isso que nunca fui uma boa bailarina. Quebraria todos os vasos da casa.

— Bem-vinda ao meu clube — confessou Rebecca, envergonhada — Tenho dois pés esquerdos.

Com um amplo sorriso, Olivia deu uma palmadinha na cama, pedindo que se unisse a ela. Havia surgido uma amizade instantânea entre as duas. Não como mãe e filha, era uma conexão diferente. Um carinho e respeito gratuito.

— Como foi sua vida no orfanato?

— Ah, eu não quero perturbá-la com minhas histórias, Sra. Hunter — murmurou — Já tem muito com que se preocupar.

— Olivia, nada de senhora — ela segurou sua mão com certa firmeza — Eu quero saber. Antes pensei que estivesse imaginando coisas, mas são tão parecidas...

Assim como no dia em que se conheceram, Olivia voltou a falar sobre sua amiga, mas hoje não estava com febre e nem delirando. Isso não a perturbou. Não diz a lenda que todos temos um homônimo no mundo?

— Conte-me sobre sua vida — Olivia insistiu.

A palidez em seu rosto foi substituída pelo rubor, diante da excitação. Talvez sua história de vida seja deprimente apenas para ela mesma. Poderia esconder todos os momentos tristes e focar apenas nos fatos que a fizessem rir.

— O que quer saber, exatamente?

— Tudo, desde o início — Olivia murmurou entusiasmada — Como chegou lá? Quantos anos tinha? Quem a levou?

Essas perguntas não tinham respostas engraçadas. Até porque Rebecca pouco sabia do assunto. Fora abandonada ainda bebê. Nem mesmo as freiras tinham respostas.

— Cheguei no orfanato com um pouco mais de um ano — começou a narrar sua história, exatamente como as freiras disseram. — Pelo menos é o que as irmãs acreditaram na época, já que eu parecia muito magra e negligenciada.

— Aposto que era um bebê lindo — murmurou Olivia. — Com essa pele, esses cabelos e olhos. Sabe como é linda?

Nunca se preocupou com isso antes. Sempre disseram ter sido uma criança bonita, após alguns cuidados. Consequentemente desabrochara em uma jovem atraente, mas Rebecca nunca dera importância a isso. Com Olivia afirmando, uma senhora elegante e bem-educada, fazia com que ela se sentisse, de certa forma, especial.

— Não diria isso se tivesse visto como cheguei — disse ela com descontracção. — Muito magra e uma cabeça enorme.

Ao invés de rir como era o desejo da jovem babá, viu tristeza brilhar nos olhos de Olívia.

— Sinto muito.

— Não sei como cheguei, na verdade ninguém sabe — respondeu a outra pergunta, ignorando seu olhar de piedade — Em uma certa manhã, as freiras me encontraram dormindo em um embrulho dentro de uma caixa de papelão, próximo ao portão. Disseram que eu era um bebê muito calmo. Que se não precisassem fazer as compras matinais, eu teria passado a manhã inteira ali, sozinha.

— E os seus pais?

— Eu não sei quem são — disse com indiferença. Já não doía tanto pensar sobre eles, acreditava que se acostumara ao passar dos anos. Não sentira necessariamente falta de pessoas, sentira a falta de amor — A madre acha que devo ser filha de alguma viciada, pela forma que me encontraram. E foi muita sorte que ela tenha tido um pouco de serenidade para me abandonar no orfanato.

A tristeza encobriu o rosto dela por míseros segundos. Essa era uma parte de seu passado que fazia questão de esquecer. Imaginar que as drogas, ou qualquer outro vício, tenha sido mais importante que ela para sua mãe, magoava mais que o abandono em si.

— Mas eu não quero falar sobre isso — disse num tom alegre — Eu tenho histórias muito mais engraçadas para compartilhar. Você quer ouvir?

— Claro.

Foi o que Rebecca fez: contou algumas histórias entre ela e Brianna. Algumas engraçadas o suficiente para levarem lágrimas aos olhos.

Em torno do meio-dia, o Sr. Hunter veio almoçar em casa. Rebecca quis deixá-los sozinhos, mas Olivia fez questão que permanecesse com eles. E, por insistência dela, passaria a chamá-los apenas de Max e Olivia. Não se sentiu confortável no início, mas parecia ser tão natural tratar-se assim quanto o pedido.

O Sr. Hunter, ou melhor, Max, não contestou ou achou estranho. Não haveria nada que ele negasse à esposa e, para Rebecca, em nada tinha a ver ela estar enferma.

O resto da tarde seria buscar Caroline na escola, auxiliá-la com o dever de casa e monitorar o sono de Olivia.

Todas as tarefas foram cumpridas.

Capítulo 8

Max havia levado Olivia para mais uma sessão de quimioterapia. Eles ainda não encontraram uma enfermeira que pudesse ocupar o lugar de Melissa. Então, os revezamentos em torno dela seguiam os mesmos.

Rebecca não se importava, pelo contrário. O relacionamento de amizade e afeto entre elas crescia a cada dia. As histórias de sua juventude, ao lado de sua amiga Laura, faziam com que ela se sentisse mais próxima a ela. Pelo que soube através de Olivia, Laura não veio de uma família abastada como ela, mas isso nunca influenciou na amizade entre as duas.

— Estou morrendo de calor — murmurou Carol ao seu lado, trazendo Rebecca de volta ao presente — Tem certeza que não quer se unir a mim na piscina?

Estavam relaxando nas confortáveis espreguiçadeiras em frente à piscina. Rebecca usava o mesmo vestido branco de quando pisou na casa pela primeira vez. Carol exibia o corpo, que começava a ganhar curvas, em um biquíni laranja e branco.

— Não acho que seja apropriado, Carol. Além disso, eu não sei nadar.

— Por que não seria apropriado? — Carol bateu o pé, emburrada. — É minha amiga e posso ensiná-la a nadar.

— E não acho que seus pais — iniciou, encarando-a firme. Quando Caroline colocava algo em sua cabeça, era muito difícil movê-la dessa ideia. —, principalmente a Sra. Dickson, aprovariam.

Rebecca já havia ultrapassado a linha patrões e empregada, mais do que a pragmática governanta conseguia aceitar.

— Fala sério — Carol murmurou chocada — Tudo o que precisa é que meus pais permitam que use a piscina comigo?

“*Ai, Jesus!*” pensou Rebecca, escondendo o rosto entre as mãos. Essa menina era uma diabinha. Não era apenas o fato de não saber nadar ou precisar do sinal verde dos seus patrões, mas o fato de se sentir cada vez mais ligada a eles. Todos os dias a faziam se sentir como um deles, e isso a preocupava. Carol não seria uma menina para sempre. Logo chegaria o dia em que Rebecca teria que ir embora.

Rebecca precisava manter em sua mente e coração que sua posição naquela casa era provisória. Quanto menos se envolvesse, menor seria a dor quando tivesse que partir.

— Falarei com meu pai ainda hoje, e sábado começamos as aulas de natação — Carol disse, empolgada — Vai ser muito divertido!

Antes que Rebecca conseguisse formular alguma desculpa plausível, Carol jogou-se na água, tão habilidosa como uma atleta. Bem, que mal haveria em algumas aulas, se seria para deixá-la feliz? Com esse pensamento em mente, Rebecca relaxou outra vez. Deitada na espreguiçadeira, deixou que esses pensamentos temerosos a preocupassem no futuro. Não haveria motivos de sofrer por antecipação. Viveria um dia de cada vez, seguindo o exemplo de Olivia.

À noite, após o jantar, como era esperado, Carol trouxe o assunto à tona. Passaram no quarto de Olivia para dar boa noite, e a jovem não deixou o assunto escapar.

— É claro que pode usar a piscina — disse Max em tom quase ofendido — Pode usar a piscina e a academia, se quiser. Isso é uma ordem.

— Sim, senhor, obrigada — murmurou Rebecca, constrangida.

O resto da noite foi tranquilo. Ficaram boa parte dela na sala, vendo TV, já que Olivia ainda se sentia sensível, devido à sessão de quimio. Como em todos os dias, Carol assistiu suas séries preferidas até pegar no sono e ser enfiada na cama.

No dia seguinte, a rotina foi quebrada pela visita inesperada e desagradável de Stacy. O sorriso solto e conversa animada entre Carol e Rebecca deram lugar à surpresa de presenciarem a ruiva na casa.

— Pensei que não chegaria nunca, Caroline — Stacy a encarou com um olhar nada amigável — Não é de bom tom fazer as pessoas esperarem.

Rebecca olhou para a jovem amiga sem entender.

— Esqueci que viria hoje — disse Carol, jogando a mochila e o corpo em um dos sofás — Agradeço a sua intenção e a do Michael, mas não pretendo ir à tal festa. Portanto, não preciso da sua ajuda em nada, Stacy.

Embora inicialmente Rebecca tenha ficado admirada que Carol tenha escondido seus planos com Stacy, podia ver claramente a animosidade entre as duas. Carol já havia declarado anteriormente não gostar da namorada de Michael.

— Não me importa se você deseja ou não. Tive que aturar a chata da Mary Lou um dia inteiro para conseguir que você fosse incluída naquela festa — Stacy a encara com ódio no olhar — Michael e sua mãe, estranhamente, desejam que você seja normal. Então não me faça subir e dizer à Olivia a pirralha mimada que ela tem. Com certeza, o sorriso no rosto dela, quando soube que iria fazer compras comigo, virará lágrimas de sangue e desgosto.

Rebecca era incapaz de presenciar Stacy ser tão cruel com a pobre garota. Carol não era esquisita. Era uma garota tímida e retraída, mais preocupada com a saúde da mãe do que em bailes e festas. Além disso, era muito mais madura que as garotas de sua idade. Fora obrigada a amadurecer antes da hora. Conversas fúteis e suspiros sobre meninos não importavam a ela tanto quanto ver Olivia bem.

— Por que você é assim? — Rebecca saltou na frente dela, ficando entre as duas — Não precisa falar desse jeito e nem incomodar a Olivia. Em todo caso, posso levar Carol ao shopping para comprar um vestido novo. Não precisa ser desagradável, se isso é um incômodo para você.

— Você? Fazendo compras com Carol? — Stacy soltou uma gargalhada tão ferina quanto suas palavras arrogantes — Faria com que passasse vergonha, sem dúvida. Olhe para si mesma, garota. Uma criada sem classe, que acha que entende de moda.

A atenção e perversidade de Stacy havia mudado de alvo. Rebecca não se importava. Mesmo com a garota andando em volta dela, como se analisasse algum verme na aula de química, sentia-se bem com ela mesma. Não usava alta-costura ou um vestido sexy, mas sentia-se muita mais feminina e elegante, em seu vestido branco e simples, do que a ruiva no tubinho curto irrisório, que não deixava nada a esconder aos olhos.

Stacy poderia ser rica, mas era vulgar. Para Rebecca, não era preciso ter dinheiro para ter classe, era preciso atitude.

— Já chega, Stacy — murmurou Carol — Eu vou com você, mas Rebecca irá com a gente. É isso ou nada.

Derrotada, a jovem pegou a bolsa em cima da mesa e seguiu até a saída.

— Mas ela andarás atrás de nós, como deve ser — disse Stacy ao abrir a porta.

Carol tentou protestar, mas Rebecca fez sinal para que a ignorasse. Não seria um grande desapontamento para Rebecca ser excluída pela víbora. Até preferia assim. Mas deixar Carol à mercê do veneno de Stacy não seria algo que a deixaria tranquila.

— Sinto muito — Carol balbuciou ao seguirem a Stacy, que espumava de raiva.

Rebecca apenas balançou os ombros e sorriu.

No carro, seguiram em silêncio. A ruiva verificava a maquiagem a cada dez minutos. As duas jovens riam dela sem que percebesse. Elas conseguiam se comunicar com o olhar.

De loja em loja, Stacy colocava Rebecca em seu devido lugar como empregada. Vestido a vestido, Carol consultava sua amiga, incluindo-a na conversa. Não para provocar ou ditar regra, mas porque, para ela, importava muito o que Rebecca acharia.

Escolheram juntas um vestido de tule azul marinho, drapeado, com uma camada de renda em forma de rosas a partir da cintura. A saia levemente bufante dava a Carol um ar juvenil e alegre.

Obviamente Stacy preferira peças que evidenciassem as curvas que a jovem começava a adquirir. E não escondeu o descontentamento sobre o vestido discreto que Rebecca havia indicado a ela.

— Claro que nós estamos nos divertindo, querido, Carol é um doce — disse Stacy com o telefone no ouvido, enquanto se aproximavam do caixa. Há quase meia hora iniciou uma conversa com Michael, de como o dia delas estava sendo divertido — Sabe que eu faria qualquer coisa por você e por Carol. Sim, o vestido é maravilhoso. Eu vejo você no sábado, Michael. Também te amo.

Não foram as palavras mordazes de Stacy, os olhares de desprezo ou todas as vezes em que ela quis fazer com que Rebecca se sentisse mal que destruíram seu dia, mas a declaração carinhosa que acabara de ouvir.

Michael dissera que Stacy não era sua namorada, mas fora a ela que ele procurou para socorrer a irmã; fora a ela que confiou a missão de ajudar Carol a ter uma roupa apropriada para a festa.

Mais uma vez, Stacy tinha provado a Rebecca qual era o seu devido lugar. E não era apenas como uma empregada sem graça, mas bem longe da vida e do coração de Michael. Essa foi a lição mais dolorida e difícil para ela engolir.

Apesar da apatia sobre Rebecca, sua rotina seguiu como sempre: acompanhar Carol na escola, ficar com Olivia, ir para a aula de balé com a menina e depois passarem parte da noite com a mãe dela.

Durante a semana, as únicas notícias que teve de Michael vinham de Carol ou pela mãe deles. Todos os dias ele ligava, chegou a atender uma ou duas vezes. Obviamente que seu coração afundou em seu peito, mas resistiu firmemente, vestindo a máscara da indiferença.

Sempre que presenciava a conversa de uma delas com ele, via seu coração disparar. Fora a semana mais longa da vida de Rebecca, e nem assim foi suficiente para arrancá-lo do coração. Pelo contrário; a distância parecia fazer redobrar o que sentia por ele. Difícilmente não se via sonhando com os olhos safiras e os lábios tentadores.

— Michael voltará sábado à noite — disse Olivia com alegria — É uma pena quando os filhos crescem e têm que seguir suas vidas, não é? Nossa vontade é que fiquem sob nossas asas eternamente.

“Infelizmente nem todos os pais se sentem assim”, pensou Rebecca

— Sabia que quase abandonou a faculdade por minha causa? — ela torna a sorrir — Foi um custo convencê-lo do contrário. Tive que ameaçar me internar em uma clínica, se fizesse isso. Michael sabe o quanto a ideia me apavora, por isso acabou aceitando retornar aos estudos.

Essa nova informação a pegou de surpresa. Rebecca, inicialmente, achou estranho que ele optasse em ficar longe de casa, quando a mãe está passando por essa fase tão delicada. Ao que parece, Michael não era tão arrogante e mimado como julgou, pelo menos não ao que dizia respeito à família.

— Ele estuda medicina, certo?

— Sim. Max queria que fizesse administração e cuidasse da empresa da família, mas Michael não tem vocação para isso — disse ela, com orgulho na voz.

— O Sr. Hunter deve ter ficado decepcionado, então — murmurou ela. Carol pretendia ser bailarina, não restaria ninguém para ocupar seu lugar.

— Não obrigamos nossos filhos a fazerem o que não querem. Um dia eles se casarão, talvez a esposa de Michael ou o marido de Caroline assuma o cargo. Alguém terá vocação para o cargo um dia.

— Eu tenho certeza que sim. E você e seu marido ainda são muito jovens, poderão ter outros filhos.

— Ah, não — ela sorri, melancólica — Ficaria feliz em ter a oportunidade de conhecer os meus netos.

Rebecca desejou fervorosamente que sim. Que Olivia vivesse por longos e felizes anos. Pensar na possibilidade de perdê-la para essa doença era algo inimaginável.

— Na verdade, tenho uma leve desconfiança que Michael tenha optado por medicina por minha causa. Por dois anos lutei contra a doença, sem saber, até descobrir que era um tipo raro de câncer. Acho que ele sente que precisa ajudar de alguma maneira.

Droga! Rebecca não precisava de mais essas novas informações para achá-lo encantador. Está certo; algumas vezes, Michael conseguia tirá-la do sério, provocar emoções descontroladas quando estava por perto, mas essa nova faceta de sua personalidade mexeu com ela mais do que gostaria.

Começava a enxergá-lo com outros olhos. Isso não era bom para seu coração, principalmente.

Não esperava se deparar com um Michael sensível e com sentimentos altruístas. Se antes era difícil controlar seus sentimentos em relação a ele, agora poderia ser impossível.

Dr. Hunter.

Rebecca meditava enquanto Olivia seguia elogiando-o. Em alguns anos ele seria médico, o que o afastaria ainda mais. Ao lado dele estaria uma linda, elegante e educada Sra. Hunter.

Rebecca precisava descer das nuvens nas quais vinha sonhando.

— Tenho que pegar a Carol na escola — disse a jovem, levantando num ímpeto.

Lutava contra as lágrimas que mal conseguia conter.

— Já? — Olivia encarou o relógio — Devo tê-la aborrecido com as minhas histórias.

— Não! — Rebecca apressou-se em tranquilizá-la. — Preciso passar em uma livraria antes. Voltarei mais tarde, tudo bem?

— Sim.

Era a primeira vez que saía do quarto sem conseguir encará-la. Se tivesse que fazer isso, se desmancharia em lágrimas à sua frente, e não queria que Olivia soubesse dos sentimentos confusos que tinha sobre o filho dela.

Não suportaria perder sua confiança e respeito. O jeito era sufocar tais sentimentos, como sempre fez, mesmo que parecesse rasgar sua alma.

O sábado estava radiante, e assim que Caroline concluiu os deveres do dia, arrastou Rebecca para a enorme piscina. Como não tinha roupas de banho, a jovem a levou até o vestiário próximo à piscina e mostrou várias peças que a mãe não tivera oportunidade de usar.

Rebecca escolheu um conjunto branco, com detalhes em miçangas. Branco, definitivamente, era uma cor que ela gostava.

— Caiu como uma luva — disse Carol ao saírem do provador.

— Não ficou muito justo?

Apesar de ser magra, era mais alta e curvilínea que Olivia e tinha mais busto também.

— Sexy sem ser vulgar — Carol riu da própria piada. Era o que diziam sobre Stacy, embora a ruiva fosse exatamente o oposto — Está linda. Se Michael estivesse aqui, não tiraria os olhos de você.

— Carol!

A garota não era burra. Havia notado que entre Rebecca e o irmão acontecia algo. E como confessara diversas vezes quando conversavam, preferia ela a Stacy.

— Olha, acho que talvez fosse melhor que meu irmão a ensinasse a nadar — disse Carol depois de algumas tentativas frustradas na piscina — Ele é muito bom nisso, foi Michael quem me ensinou.

— Eu sou um caso perdido — murmurou saindo — É melhor esquecermos isso.

Após uma hora dentro da piscina, Rebecca ainda não havia criado coragem o suficiente para se afastar um metro da borda.

— Não é não — disse Carol, inconformada — Se eu aprendi quando era um bebezinho, com certeza você aprende também.

Rebecca poderia explicar a ela que os bebês aprendem com muito mais facilidade, já que estiveram nove meses em uma bolsa d'água na barriga da mãe; para eles era natural. Mas, conhecendo a insistência de Carol, preferiu manter-se calada.

Teria que encontrar uma desculpa convincente, mas de forma alguma ficaria seminua perto de Michael. Imaginá-lo com ela, vestindo apenas trajes de banho, usando apenas uma sunga minúscula, fazia seu corpo explodir como um vulcão em erupção.

— Estou com sede — tentou mudar de assunto, enquanto batia os pés na água. — Vou até a cozinha pegar alguma coisa.

— Fique aí treinando um pouco mais — disse Carol, saindo da água — Vou pedir que preparem um refresco para a gente.

Assim que a viu sumir no jardim, Rebecca saiu da água morna e deitou sobre a espreguiçadeira, de frente para o finalzinho de sol do dia. Fechando os olhos, se deliciou com os raios tocando sua pele.

Sentiu uma sombra cair sobre ela. Ia protestar com Carol, quando reconheceu a voz que aqueceu cada partícula sua, mais do que os intensos raios de sol em um deserto.

— Deusa ou uma sereia? — ouviu a voz rouca, incrivelmente sexy — É uma dúvida interessante. Se jogá-la na água, criaria escamas ou lançaria raios sobre minha cabeça?

— Michael? — indagou em pânico.

Quando abriu os olhos, Rebecca se deparou com o par de óculos escuros e um sorriso devastador. Sem nenhuma pressa ele tirou os óculos, e os olhos azuis vaguearam lentamente por todo seu corpo. Pelo sorriso malicioso e olhar abrasador, tinha plena certeza que ele apreciava o que via. Isso fez com que sua pele se arrepiasse inteira.

— Oi — disse ele.

Capítulo 9

Rebecca levantou-se apressada, tentando de alguma forma esconder o corpo com a toalha.

O que Michael estaria fazendo ali? Olivia havia garantido que só chegaria à noite. Ela não teve tempo de refazer a muralha em torno do seu coração.

Conseguiria resistir ao homem incrivelmente lindo e sedutor diante dela? Não havia dúvidas: estava inegável e completamente perdida!

— O que você está fazendo aqui? — indagou surpresa, ainda brigando com a toalha em volta do corpo.

— Acho que... — iniciou Michael com o sorriso torto de sempre — Eu ainda moro aqui.

Não era sobre isso que Rebecca havia perguntado, ele sabia. “*Por que havia retornado antes da hora e por que diabos ela havia caído na pilha de Carol?*”, ela se perguntou. Agora estava envergonhada e seminua diante do olhar malicioso e sorriso mais indecente do mundo.

— Eu pensei que só voltaria à noite — lembrou-o num tom brando. — Se eu soubesse que...

— Teria se escondido no quarto como um coelhinho?

— Não seja idiota! — tentou passar por ele e fazer exatamente o que ele dissera: trancar-se na segurança do seu quarto.

— Do que você tem medo, Rebecca? — pergunta em um tom adocicado. — De mim ou de você?

Os olhos de Rebecca desviaram-se dos impactantes olhos azuis para os dedos que prendem seu braço como garras. Não conseguia dizer qual mexia mais com ela.

— Você é muito pretencioso — disse irritada, puxando o braço furiosamente.

Correra porque nessa complicada e estranha relação que desenvolveram, era tudo o que conseguia fazer. O som da risada em suas costas fazia com que se sentisse ainda mais tola. O que só piorou com o fim do dia.

Michael passou o resto da tarde na piscina com Carol, o que obrigou Rebecca a acompanhá-los, mesmo que de longe.

O fato de ter substituído o biquíni por camiseta larga e bermuda jeans foi irrelevante. Sempre que podia, ele lhe lançava olhares ardentes, como se a despisse com os olhos.

— Calor? — Michael deitou-se em uma espreguiçadeira ao seu lado. Os óculos escondiam seus olhos, dando a ele um ar de mistério — Poderia se juntar a nós na piscina.

— Não, obrigada.

— Becca não sabe nadar — informou Carol — Eu disse que você poderia ensiná-la, Michael.

— Verdade? — disse ele, estudando-a com uma expressão divertida no olhar — Há muitas coisas que poderia ensinar a você.

— Eu fico muito agradecida — sussurrou com o olhar falsamente apaixonado — Mas eu dispenso.

— Mas, Rebecca... — começou Caroline, alheia ao motivo que realmente a fez declinar o convite.

— Se não precisa mais de mim, Carol, eu vou para o meu quarto — corto-a antes de levantar.

Rebecca nunca antes havia levado seu horário de trabalho ao pé da letra, mas era algo impossível de suportar por muito tempo.

Michael e seus olhares de conquistador; seus sorrisos e palavras macias, tão envolventes como um diabo vestido de cordeiro. Há um limite que qualquer pessoa consegue resistir, e Rebecca havia ultrapassado o dela, diante de toda tentação que ele representava.

— Não esqueça de que ainda tem que se arrumar para a festa — ela alerta a Carol — Passo em seu quarto às sete.

Após ajudar Carol a se arrumar para a festa, Rebecca refugiou-se em seu quarto. Optou por jantar nele, já que estaria sozinha essa noite.

Por volta das dez, cansada e entediada de ficar olhando as páginas do livro, que nem mesmo lembrava os nomes dos personagens, Rebecca resolveu ir para a cozinha preparar um chá. Talvez a ajudasse a dormir. Talvez a ajudasse a não pensar no que o trio estivesse fazendo essa noite, principalmente Michael e Stacy.

Pensar nos dois juntos, abraçados, dançando, beijando-se, perdidos em uma balada lenta, era demais para o seu autocontrole. Tentou pensar em Carol, em como estava feliz ao sair. Não ajudou muita coisa, seus pensamentos sempre se desviavam para Michael e como seria se fosse ela a os acompanhar.

Perdida nesses pensamentos, Rebecca estacou no meio da escada ao deparar-se com a cena acalorada. Stacy berrava com Carol, que não media esforços em avançar sobre a ruiva.

Michael, entre elas, tentava manter o controle e as duas longe uma da outra.

— Isso é culpa da selvagem que toma conta dela, Michael — Stacy escondeu-se atrás dele — Veja como me trata, depois de tudo o que fiz por ela.

— Você é uma bruxa como todas as outras, Stacy — Carol voltou a berrar — Odeio você... odeio todas aquelas pessoas!

Rebecca notou no choro padecido o quanto a noite tinha sido terrível para Carol. Sofria com ela, mesmo sem saber o que aconteceu para causar-lhe tanta dor.

— Carol? — chamou por ela ao cruzarem na escada.

Rebecca observou de perto o rosto inchado e banhado de lágrimas. O vestido estava rasgado na lateral, e ela tinha arranhões em seus braços.

— Eu não queria ir — balbuciou em um soluço — Eu disse que eu não queria!

Rebecca teria corrido atrás dela, se Michael não tivesse tomado a frente. Deixou que ele fosse. Se havia alguém que a amava e a entendia, era ele. Embora seu coração quisesse estar com os dois nesse momento, tinha alguém que precisava enfrentar.

— O que você fez a ela, Stacy?

— Por que acha que fui eu? — indagou ela.

— Porque você é má!

— E você é boazinha? — ela riu — Pessoas boazinhas não sobrevivem. Já era hora de Carol entender que garotos interessantes não querem meninas sem graça e estranhas como ela. A não ser para se divertir. Não acha?

Rebecca poderia falar tudo o que achava de todas as sandices que ela acabara de dizer, principalmente o que pensava sobre Stacy e o possível garoto que acabara de citar. Que os dois eram pessoas vazias e frias, sem consideração pelos sentimentos dos outros. Mas sua preocupação em relação a Carol era mais importante.

— Vou ver a Carol.

Controlando a raiva dentro de si, Rebecca deu as costas a ela.

— Não esqueça do que eu te avisei — ouviu a voz seca atrás dela — Fica longe dele ou eu destruo você.

Não era a ameaça vinda da garota maluca que fazia Rebecca seguir por essa trilha. Era o medo de ferir o próprio coração, mas talvez já fosse tarde demais.

Encontrou com Michael saindo do quarto. Ele parecia tão consternado, que Rebecca precisou

manter seus braços firmemente apoiados em seu corpo para não o abraçar.

— Ela quer ficar com você — disse apenas ao passar por ela — Eu vou levar Stacy para casa.

— Michael...?

Ele não virou ao parar. Rebecca não podia ver o seu rosto, mas seu corpo falava muito mais do que um livro repleto de palavras.

— Eu só queria que ela tivesse um dia especial — Rebecca notou as mãos cerradas em punhos — Que se sentisse especial.

Fora o que Rebecca também desejara. Pelo visto, ela vinha desejando muitas coisas impossíveis. Como desejar que ele esquecesse a malvada da Stacy à sua própria sorte e ficasse com elas. Mas Michael tinha seus próprios demônios para fugir. Todos nós temos.

No dia seguinte, Rebecca saiu de casa o mais cedo possível. Passara o resto da noite com Carol. Ela não havia entrado em detalhes sobre o que acontecera. Rebecca não insistira, quando ela estivesse pronta, diria. Tudo o que pôde fazer foi ficar abraçada a ela, ouvindo-a soluçar até pegar no sono.

Acabara de se acomodar em uma das mesas na praça de alimentação do shopping, quando Brianna a encarou com seu olhar perspicaz e interrogativo. Rebecca nunca foi muito boa em mascarar seus sentimentos, e era óbvio que havia algo de errado com ela.

— Então... — Brianna a encarou com preocupação — Vai me contar o que está acontecendo?

Rebecca abaixou a cabeça em um gesto angustiado. O que poderia dizer a ela? Que caíra no velho e conhecido clichê da criada apaixonada pelo filho dos patrões?

— Eu não tenho nada a dizer — murmurou.

— Não vem com essa — pela primeira vez nos últimos minutos, Brianna ignorou a comida à sua frente e focou os olhos inquisidores em Rebecca — Pensei que fôssemos amigas. Que não escondêssemos nada uma da outra.

O olhar triste que Rebecca presenciou em seus olhos cortou seu coração. Não queria manter Brianna excluída da vida dela e nem que ela se sentisse assim. Mas o fato de finalmente poder compartilhar seus sentimentos com outras pessoas faria que eles se tornassem mais reais. Era disso que vinha fugindo, como uma covarde que era.

— Certo — murmurou receosa. — Mas tem que me prometer não enlouquecer com isso, tudo bem?

— Eu juro — Brianna cruzou os dedos e, como mágica, voltou a se interessar pelo enorme sanduíche em seu prato.

— Há um rapaz...

— Está apaixonada! — disse ela em alto e bom tom — Eu sabia! Quem é ele? O jardineiro? O motorista? Não, aquele era muito velho. O rapaz que entrega o jornal?

Enquanto Brianna fazia sua infinita lista de empregados dentro e fora da casa, Rebecca chegou à conclusão que sua vida seria mais fácil se tivesse se interessado por algum deles.

— Passou muito longe — respondeu desanimada — É algo mais impossível e burro.

— Não vai me dizer que se apaixonou pelo filho de seus patrões? — disse Brianna, rindo da própria conclusão absurda.

Rebecca exibiu um olhar derrotado e um suspiro infeliz. Os olhos de Brianna saltaram

esbugalhados diante da conclusão; o sanduíche em suas mãos despencou, espalhando-se em seu prato.

— Oh, meu Deus! — Brianna a encarou, abrindo e fechando a boca repetidamente.

As bochechas pálidas de Rebecca logo ficam rubras diante da perplexidade dela.

— Michael é o nome dele — começou cruzando os braços, tentando controlar a tremedeira que a denunciava ainda mais — Bem, eu não sei exatamente o que dizer a você, Bri, mas ele mexe comigo. Michael mexe comigo de uma forma que eu nem consigo descrever.

— Caramba — murmurou Brianna, apoiando os cotovelos na mesa, olhando-a atentamente — Está mesmo apaixonada?

— Eu não sei! — disse bruscamente. — Há momentos que eu o odeio, ele é tão irritante e convencido de si mesmo. Mas, quando ele me olha com aquele jeito intenso e quando me beija, transforma tudo o que eu detesto em algo bom. E o redemoinho nunca acaba. Sinto-me como alguém presa em um furacão.

— Mas ele... — Brianna começa de um jeito vacilante — Ele sente o mesmo por você? Quero dizer, você é linda, Rebecca, qualquer rapaz ficaria interessado. Mas você sabe: jovem, bonito e rico, pode ter qualquer garota que quiser.

— Eu sei qual é meu lugar na vida dele, Brianna — murmurou ela, amargurada — Além disso, Michael já tem ou tinha uma namorada. Não entendo a relação dele. Stacy é tão linda e rica quanto ele.

Brianna segurou as mãos delas em cima da mesa. Em seus olhos havia tristeza e um sentimento de pena. Brianna não era o tipo melancólico que aparentava. Mas, naquele momento, até ela sentia pena de si mesma.

— Sinto muito, Becca — disse Brianna — O que fará agora?

— Agir como se nada estivesse acontecendo. E ficar longe de Michael, guardar o máximo de dinheiro que conseguir, e quando você fizer dezoito anos, iremos embora.

— Ainda faltam onze meses, quase dez — disse ela — Vai conseguir lidar com isso? Ele é bonito?

— Sabe aquele ator que você gosta? É fichinha perto dele.

Brianna afundou na cadeira. A expressão no rosto dela causou desespero em Rebecca.

— Minha Nossa Senhora, serão os onze meses mais insuportáveis da sua vida.

Para garantir a felicidade e paz de espírito de Rebecca, ela esperava que fossem apenas tranquilos. E que conseguisse sufocar os sentimentos que a impeliam em direção a Michael.

Na segunda-feira, Carol acordou com a garganta inflamada e com um pouco de febre. Dizia que fora devido às horas que ficara na piscina, mas, para Rebecca, era uma reação psicológica. Era evidente para ela que a garota não estava preparada para enfrentar os colegas da escola, e isso se confirmou com a declaração que ela deu, assim que Rebecca surgiu com a bandeja do café da manhã.

— A única coisa boa é não ter que ir para a escola — murmurou Carol fazendo careta.

Estava encolhida na cama, como se sofresse todos os males do mundo.

— Eu disse para sair da piscina — Michael fez carinho na testa dela — Isso é o que crianças teimosas ganham.

— Eu não sou criança! — rebateu Carol com birra, que foi interrompida por uma crise de tosse, obrigando-o a socorrê-la — Eu queria fugir da festa, se não lembra. Antes eu tivesse conseguido.

— Beba isso — Michael entregou um copo com água — Vou ligar para a médica.

Ele parecia aliviado em desviar do assunto que era desconfortável para eles.

Michael retornou meia hora depois. De acordo com a médica, deveria passar o dia na cama e ingerir muito líquido. Rebecca deixou o quarto para solicitar que Marisa fizesse uma canja para a menina.

Encontrou Michael no meio da escada. Era estranho que sempre se cruzassem ali.

— Quero agradecer por cuidar de Carol — disse ele com um sorriso que ela nunca se acostumaria em ver — E dar algo como agradecimento antes de ir embora.

— Fiz apenas o meu trabalho — murmurou ela, sabendo o quanto a declaração soara falsa. Gostava de Carol quase tanto quanto amava Brianna — E não há nada que eu queira de você.

Rebecca podia ser durona. Ela se sentia assim, ao menos tentava. Era só não encarar os olhos safiras por muito tempo e nunca fixar o olhar nos lábios movendo-se em um sorriso cínico e irresistível.

Tentou passar por ele, mas foi impedida pela muralha que era seu peito. Michael a encarava com fome. Rebecca sentia a garganta seca e o coração sufocado. Havia um vulcão em erupção dentro dela. O calor a fazia tiritar.

— Isso você quer — disse ele com olhar arrogante — Vem pedindo isso todas as vezes que me segue com os olhos, quando acha que não a vejo, e cada vez que suspira quando estou por perto. E quer saber de uma coisa?

— Não — disse Rebecca em um fio de voz.

— Eu quero o mesmo. Sua boca mente, Rebecca — Michael enrolou os cabelos dela em seu pulso, obrigando-a a encará-lo.

Azul. Rebecca se perdeu na imensidão azul que eram os seus olhos. Presa à armadilha sensual emanando dele. Michael lhe ergueu o rosto e acariciou a bochecha púrpura como uma rosa. Primeiro deu um pequeno beijo no pescoço dela.

— Mas seu corpo me diz outra coisa.

Seus olhos cerraram-se no exato momento que ele a beijou. Michael a beijava com a mesma ferocidade que o coração dela saltava em seu peito. Sua língua desenhava os lábios delicados e sensíveis, chupando-os, levando Rebecca para um mundo que ela jamais imaginou existir.

— Michael... — murmurou entre seus lábios, perdida entre a realidade que teria que enfrentar e o paraíso daquele beijo, enquanto ele continuava a torturá-la com os lábios, sem misericórdia — Pare...

Michael interrompeu o beijo, colando a testa na dela.

— Você será minha, Rebecca — atrevidamente, tocou-a nos lábios com os dedos — Pode dar adeus a esse cara. Você será minha!

— Michael...

— Até o próximo final de semana — murmurou indo em direção à porta, sempre de costas, nunca desviando os olhos dela — Pense em mim.

— Michael, eu...

— Eu vou pensar em você — interrompeu ele, sorrindo. — Todos os dias.

— Michael! — gritou enquanto ele corria até a porta.

Queria dizer que não havia outro homem. Queria ser tão honesta com ele como havia sido naquele beijo.

Mas tudo o que conseguiu foi exibir um sorriso idiota em seu rosto ao vê-lo partir, sabendo que a

última imagem que aquele arrogante idiota e sedutor teria dela era aquele sorriso apaixonado na escada.

Rebecca sentia como se Michael tivesse acabado de colocar o sapatinho de cristal em seu pé. Para o seu desespero, ele havia se encaixado perfeitamente. E ela não poderia continuar a lutar contra isso...

Estava apaixonada.

Capítulo 10

— Como vai, Olivia?

Ela parecia bem melhor que nos outros dias, o que fazia Rebecca acreditar que as sessões de quimioterapia estavam dando algum resultado, pelo menos é o que todos na casa desejavam.

— Bem. E como está a Carol?

— Agora está dormindo, mas anda um pouco manhosa. Quer vê-la, mas sabe que não pode.

— Essa é a pior parte em estar doente — disse ela com tristeza — Não poder acalantar meus filhos quando mais precisam de você.

— Não é a mesma coisa — murmurou Rebecca, emocionada. — Mas eu vou tentar representá-la da melhor forma possível.

— Eu sei que vai — disse Olivia, afastando-se um pouco para que ela sentasse ao seu lado na cama — Sente-se, me conte um pouco mais sobre o seu passado, fiquei pensando muito sobre ele.

— Eu acho que eu já disse tudo — Rebecca sorriu sem jeito — Não há muito o que falar sobre mim.

— Sempre há o que falar — insistiu ela. — Pelo o que me disse, deixaram você na porta do orfanato. Devem ter deixado alguma pista sobre os seus pais, não?

— Não, senhora — respondeu, intrigada com o insistente interesse. “*Por que Olivia estaria tão obcecada com isso?*”, questionava Rebecca. Talvez fosse pelo fato de ficar trancada nesse quarto por tanto tempo. Mas uma história triste como a dela não contribuiria para deixá-la ainda mais abatida? — Não havia nada de mais, apenas um cobertor vagabundo e uma pulseira com um pingente velho.

— Pulseira com pingente?! — murmurou exaltada. — Como... como era esse pingente?

Alheia à expressão de surpresa que tomou o rosto da enferma, Rebecca mexia na barra de sua camiseta, enquanto tentava lembrar.

— Um desses pingentes que se colocam fotos — disse com pouco interesse — Mas não havia foto minha ou dos meus pais, apenas estava escrito Rebecca e duas iniciais, agora apagadas. Foi assim que surgiu meu nome. Rebecca pelo pingente e Thomas pelo orfanato. Rebecca Thomas.

— Você tem essa pulseira? — Olivia olhou no fundo dos seus olhos, como se a cura para a sua doença estivesse ali — Pode mostrá-lo a mim?

— Sim — murmurou Rebecca, notando o quanto isso a exaltava — Um dia eu mostro, mas é apenas uma pulseira com um pingente velho.

— Mostre-me agora! — as mãos frias de Olivia agarraram as dela com força, uma força admirável para alguém convalescendo e frágil — Por favor.

— Está bem — disse Rebecca, tentando tranquilizá-la. — Eu vou buscar, com uma condição.

— Qual? — a expressão no rosto de Olivia dizia que ver o pingente era algo tão importante para ela quanto a cura para sua doença, por isso faria qualquer coisa para conseguir vê-lo.

— Vamos ficar um pouco no jardim — Rebecca levantou, indo até a janela — O dia está lindo hoje.

Rebecca sabia que fazia um pedido difícil a ela; Olivia pouco saía do quarto. O máximo que ela fazia era sentar na sacada para admirar suas rosas. As únicas vezes que vira-a sair foi para as sessões de tratamento, e sempre voltava debilitada. Às vezes Rebecca sentia que Olivia aceitava sua

doença como um castigo. Não entendia o porquê de se punir assim. Era uma das pessoas mais amorosas e gentis que já conheceu. O que pesava em sua consciência?

— Tudo bem — concordou Olivia — O dia está lindo mesmo. Suspeito que ficará ainda melhor.

Rebecca estava tão animada quanto ela, por razões diferentes, é claro. Nunca deu importância ao pingente. Nem ao menos sabia se realmente era dela. Assim como as freiras, acreditou que sua mãe tenha sido uma jovem inconsequente e irresponsável. A joia poderia ter sido roubada e esquecida com ela quando fora abandonada.

Quando criança, teve o desejo infantil de que pertencesse à sua mãe, seu único elo com ela. Com o passar dos anos, esse sonho foi se desfazendo. Assim como abandonou os sonhos de que seus pais um dia fossem buscá-la, Rebecca abandonou a pulseira em uma caixa.

Mas, se Olivia precisava vê-lo para comprovar que não havia nada de especial em uma joia antiga, daria essa pequena alegria a ela.

Talvez, como Brianna, ela também fosse romântica e sonhadora.

— Vou pegar um casaco e uma manta para você — informou Rebecca, indo em direção ao closet.

Rebecca a ajudou a vestir um casaco de tweed e prendeu-lhe os cabelos em uma trança frouxa, enquanto Olivia falava sobre sua juventude com sua amiga Laura. Descobrira muito sobre a mulher através dos olhos dela. Sabia que era uma pessoa amorosa e gentil. A jovem só não entendia por que estava distante, quando a amiga mais precisava dela.

— Com licença, senhora — disse Bill, parando no umbral da porta — Podemos descer quando estiverem prontas.

Rebecca tinha ligado, pedindo que a senhora Dickson o mandasse subir. Não queria que Olivia se desgastasse subindo e descendo as escadas.

— Enquanto vocês descem, eu vou pegar o pingente — Rebecca disse a Olivia, enquanto fechava a porta — Estarei lá em alguns minutos.

Ela seguiu para o quarto, indo direto para sua pequena caixa no guarda-roupa. Revirou, espalhou todos os conteúdos em cima da cama e não encontrou o objeto.

Procurou embaixo da cama, sob o tapete, em meio às gavetas. Virou o quarto de cima a baixo, tendo todas as suas tentativas frustradas. A pulseira com o pingente não estava ali com ela.

Seguiu até os fundos da casa, onde ficavam os carros. Talvez tivesse deixado cair no carro quando Bill a trouxe. Para sua tristeza, ele afirmou não ter encontrado nada, mas que daria uma olhada mais uma vez.

Apesar de lamentar a perda, para Rebecca, esse era apenas mais um sinal de que deveria esquecer o passado de uma vez por todas.

A vida era como tinha que ser. Rebecca não fora a única pessoa no mundo sem conhecer os pais, diariamente isso acontecia a milhares de crianças, e a vida continuava, sem traumas. Com ela não poderia ser diferente.

Confortando a si mesma, seguiu para o jardim onde Olivia estava.

— Onde está? — Olivia a encarou, como uma criança ansiosa pelo bolo da festa.

— Eu não o encontrei — Rebecca suspirou, desanimada — Tinha certeza de que estava entre minhas coisas que trouxe do orfanato, mas procurei por todos os lugares e nada.

O desapontamento no rosto de Olivia era evidente. Parecia mais arrasada do que a própria Rebecca.

— Talvez você tenha esquecido por lá, então

— murmurou Olivia, seu tom de voz era tão desanimado quanto a tristeza em seu rosto — Por que você

não liga e pergunta se alguém o encontrou?

— Eu verei minha amiga Brianna no domingo — respondeu, sentindo-se apática. — Então poderei perguntar a ela.

Olivia cerrou os olhos. Desapontamento, ansiedade e frustração percorriam seu semblante. Notar tais sentimentos deixavam Rebecca confusa e angustiada. Parecia ser realmente importante para ela.

Ideias absurdas passaram por Rebecca. *“Olivia acreditava que poderia ajudá-la a encontrar os seus pais?”*

Oh, não. De alguma forma, Rebecca precisava tirar isso de sua cabeça. Já havia se conformado em nunca saber quem eles eram. Além disso, que garantias teriam que desejavam revê-la? Não queria mexer em velhas feridas e nem permitir que Olivia saísse tão magoada quanto ela mesma.

— Por que está tão interessada? — Rebecca acomodou-se ao lado dela no banco — É só um pingente sem valor algum, tanto financeiro como sentimental.

— Só queria vê-lo — disse ela, desviando o olhar para as rosas à sua frente — Gosto de joias antigas, e tive um parecido há muito tempo. Ganhei da minha mãe, e daria a Caroline quando nascesse.

Fazia um pouco mais de sentido agora. Para Olivia era uma questão de nostalgia.

— O que aconteceu com ele?

— Foi roubado — disse ela — Acho que vou pedir à Sra. Dickson para colher algumas rosas e colocar em meu quarto.

Rebecca sabia que ela desejava colocar o assunto de lado. Ao mesmo tempo, sentia que Olivia tentava ocultar alguma coisa. Bem, ela mesma desejava mudar o teor da conversa. Acabara de se perguntar se a sua joia não seria a mesma que a dela. Seria uma dessas coincidências espantosas, mas não lhe soava absurda.

Olivia afirmara que o pingente fora roubado. Sua mãe poderia ter feito isso. Cabia a Rebecca agora descobrir a verdade e devolver a joia a quem realmente pertence.

A semana seguiu sem muitos aborrecimentos. Revezava entre os cuidados com Caroline e Olivia. Suas únicas preocupações eram a história por trás do pingente e Michael atormentando e invadindo todos os seus pensamentos.

Não houve um dia em que Rebecca não tenha pensado nele e uma noite que não tivesse passado horas em claro se revirando na cama, sonhando com seus beijos. Principalmente quando Michael escolhia os momentos em que estava ao lado de Olivia para ligar. Aquelas míseras trocas de palavras eram suficientes para deixá-la aturdida, principalmente quando ele decidia provocá-la.

— Alô. — Rebecca saiu apressada do banheiro até o telefone ao lado cama, a voz saiu esganiçada e a respiração acelerada devido à corrida.

— Rebecca? — sondou Michael — Pensando em mim?

— Como?

— A voz acelerada. Coração disparado no peito, posso jurar que suas bochechas estão coradas agora.

Ele sorriu. Não, na verdade soava como um leve ronronar. Ela levou a mão ao rosto em chamas. Mas não iria admitir a ele o quanto estava perto da verdade.

— Estava no banheiro — retrucou — Tive que correr para atender a ligação. Não tem nada a ver com você. E eu nem penso em você. Por que eu pensaria? É tão pretensioso, tenho coisas mais

interessantes para fazer, além disso...

— Ei, ei! — a voz mantinha o tom irônico — Respira, querida. Ainda quero encontrá-la viva quando eu chegar.

Rebecca respirou fundo. Não porque ele tivesse pedido, mas porque se deu conta que realmente agia como uma alienada.

— Você estava no banho? Está nua agora ou enrolada em uma toalha?

Ela sorriu. Não sabia por que estava sorrindo. Michael era incrível em fazê-la sorrir quando deveria ficar brava.

— Se você não notou, ou fingiu não notar, esse é o quarto da Olivia. Vim ajudá-la com o banho.

— Minha mãe está bem? — rapidamente ele mudou de brincalhão para preocupado.

— Está sim, um pouco menos disposta, mas está bem, não se preocupe — procurou tranquilizá-lo.

Houve um momento de silêncio. Rebecca concluiu que era o tempo necessário para Michael absorver suas palavras.

— Então, se você está de roupa, o que está vestindo?

Ele merecia o prêmio de “*Cretino Mais Charmoso do mundo*”.

— Ah, por favor! — Rebecca condenou a si mesma por suas palavras saírem adocicadas e carregadas de charme.

— Só uma dica — insistiu ele — Estou enlouquecendo aqui.

Ele queria provocar? Ela gostava do jogo.

— Aquele vestido branco de quando cheguei.

— Oh, senhor, aquele vestidinho do pecado que eu...

Literalmente, não apenas com seu rosto incendiando, mas todo o resto do corpo parecendo um vulcão, Rebecca obrigou-se a encerrar a chamada.

— Sua mãe precisa de mim — mentiu, enrolando o fio do telefone, nervosa — Eu digo que você ligou.

Bateu o fone no gancho ao mesmo tempo que levava a outra mão ao coração acelerado.

Estava perdida.

Caroline se recuperou bem e rápido. Como a médica havia prevenido, foi apenas uma virose. O primeiro dia de volta ao colégio tinha sido mais tenso, mas ela soubera lidar com a situação. Não tocou no assunto quando retornou para casa. E Rebecca não quis insistir, ela era uma garota forte, certamente herdara a qualidade da mãe.

Nos últimos dias da semana, Rebecca se arrastava, não de tristeza, mas de uma profunda apatia. Encontrava-se em um canto da sala com seu livro preferido. O olhar vez ou outro fixado na porta, como uma esposa saudosa, esperando o regresso do marido pós-guerra. Aguardando que ele passasse por ela a qualquer momento.

Precisava conversar com ele, esclarecer que não havia outro. Não podia permitir que Michael continuasse a brincar e bagunçar com seus sentimentos.

Fechou o livro com a intenção de dar uma volta pelo jardim, quando ouviu a maçaneta girar. O coração deu saltos no peito. Tudo parecia bizarro e em câmera lenta. A coragem que havia nela estupidamente fugiu pela janela, como um cãozinho assustado.

Michael entrou, mas não estava sozinho. Sua decepção só não foi maior do que a cena tensa que presenciou.

Stacy, agarrada ao braço de Michael, exigia sua atenção, enquanto ele a encarava com o olhar

enfadado, e se Rebecca não estivesse ainda mais confusa, diria que a olhava também com desprezo.

— Isso não me interessa! — esbravejou Michael, puxando o braço com certa agressividade. — Você sabia muito bem o que estava fazendo, Stacy.

— Eu estava com raiva e queria provocar ciúmes em você — Stacy se desfaz em lágrimas diante dele. — Sabe que eu te amo, Michael.

— É uma pena — murmurou ele, nem um pouco comovido com a cena que ela representava — Eu não te amo, acho que nunca amei.

— Michael! — O grito desesperado que ela emitia causou certa pena em Rebecca. Era óbvio que se havia algo de honesto em Stacy, era o amor que dizia sentir por ele. De forma alguma Rebecca gostaria de estar na pele dela — Não é verdade, está apenas magoado. Michael, você foi o primeiro homem da minha vida. Ele só foi...

— Não me interessa, Stacy — murmurou Michael cinicamente. — Não interessou antes e nem agora.

— Querido, olha — Stacy ronronou para ele, enroscando o braço em volta do seu pescoço — Eu nem sabia que ele havia voltado, foi tudo um jogo dele.

— Já disse que não me importa! — murmurou Michael, voltando a se desvencilhar como quem se livra de uma praga — Vocês dois formam um lindo casal, e espero que dê uma chance a ele. Agora me esqueça.

— Seu cretino! — o tapa de Stacy foi tão forte quanto sonoro.

Os olhos raivosos lançaram-se sobre ela.

— Adeus, Stacy — Michael a conduziu até a porta.

A ruiva foi a primeira a notar que Rebecca presenciou a cena. O brilho de ódio em seu rosto a fez acreditar que seria alvo da ferocidade dela. Mas, surpreendentemente e em questão de segundos, Stacy voltou à sua pose de rainha de gelo, ignorando Rebecca.

— Vou deixar que você pense com calma — murmurou Stacy, desviando a atenção de volta para ele — Nos falamos depois.

Ao contrário da fúria que Rebecca imaginou que Michael estaria, ele exibiu um riso de deboche, como se o destempero dela fosse mais engraçado do que perturbador.

Foi só quando os olhos de Michael se fixaram em Rebecca, que a expressão cafajeste em seu rosto mudou. Ainda tinha o mesmo olhar perturbador, mas havia um calor dentro deles.

Sentira falta dele. Sentira muita falta, de um jeito que Rebecca não era capaz de explicar. Michael foi cavando um caminho para dentro do seu coração, e a cada dia ia instalando-se ali, sem que ela tivesse controle.

— Olá — murmurou ele.

Seus olhos eram duas labaredas tocando sua pele. Elas incendiaram o corpo de Rebecca de ponta a ponta.

— Oi — murmurou trêmula — Eu não estava... Quero dizer... Eu já estava aqui quando vocês...

— Estou feliz que tenha presenciado a cena, Rebecca.

— Está? — perguntou, encolhendo-se ainda mais contra a poltrona onde estava, enquanto ele se aproximava.

“*Por que ele estaria feliz em vê-la presenciar uma cena tão constrangedora?*”, perguntava-se ela.

— Agora não há barreiras — disse ele, a voz em um tom mais suave — Pelo menos, não da minha parte.

Suas mãos agarram os braços de Rebecca, erguendo-a da poltrona e colando o corpo dela ao

dele. Os olhos estavam tão conectados, que ela não era capaz de ver nada além da imensidão azul.

Queria fugir, queria ficar. Acima de qualquer desejo, queria ter os seus lábios devorando os dela, de um jeito que só ele sabia fazer.

Rebecca queria encostar a cabeça em seu peito e se sentir segura.

— Não há nada entre Stacy e eu, já não havia antes de conhecer você — Michael suspira em meio à declaração — Agora você só precisa terminar com seu namorado.

— Michael, eu...

Ele passa os braços ao redor da cintura delicada, a cabeça inclinando em direção à Rebecca.

Ela sentia o hálito quente acariciando seus lábios, a mão em seu cabelo puxando-a para ele.

— Ah, querida, diga que sim — murmura Michael, um pedido angustiado, impregnado de um desejo que a fazia levitar — Não me enlouqueça mais.

E presa entre seu peito e braços, Rebecca se desmanchou. Os lábios tocaram os seus, e ela se sentiu em casa, que pertencia a alguém.

Como desejou antes, Rebecca sentia-se segura.

Capítulo 11

Ela não tinha certeza se dizia sim em relação ao beijo, seus sentimentos sobre Michael ou a oportunidade que ele pedira.

— Sim!

O que ela tinha certeza era que estava inegavelmente se apaixonando. Não havia mais força, desejo ou razão para continuar fugindo.

— Sim para mim ou para esse beijo? — Michael sussurrou a pergunta entre o ouvido e os cabelos de Rebecca. Sua indagação dava voz ao turbilhão de perguntas na cabeça dela.

A reação de seu corpo foi imediata. Outra coisa que aprendera, era que Michael mexia com todas as suas terminações nervosas. Não importava onde tocava ou como fazia, o simples contato de suas peles causava em Rebecca um processo de ebulição incontável.

— Desde que a vi naquele vestido branco, eu sabia que seria minha. Nunca mais saiu da minha cabeça. Nunca mais tive uma noite tranquila de sono.

Ela entendia e compadecia da urgência de suas palavras. Desde que seus olhos caíram sobre ele a primeira vez, sua vida nunca mais foi a mesma.

Então, a declaração soara tão primal quanto verdadeira. Não dera o coração a Michael; ele simplesmente roubara.

— O que acontece agora? — indagou ela.

Rebecca não queria que sua voz saísse tão frágil como pareceu e nem que em seu rosto fossem tão transparentes os receios que rondavam sua alma. Não queria que Michael visse nela uma garota insegura e tola, mas não conseguia evitar o quanto era aterrorizante admitir para si mesma, que estava mergulhando de cabeça num mundo completamente assustador. E que esse sentimento começava a ocupar uma parte tão grande do seu coração, que seria impossível qualquer outra pessoa no mundo voltar a preencher.

— Ficamos juntos... — disse ele, como se essa fosse a resposta para toda aquela confusa equação chamada Rebecca e Michael.

Matemática sempre fora seu forte, mas esse cálculo era confuso demais para decifrar.

— Não é tão simples assim, Michael — ela o interrompeu, encontrando, não sabia de onde, forças para se afastar.

Ficar assim, tão perto dele, sempre fazia com que seus pensamentos deixassem de ser coerentes. Mal conseguia algo tão ridiculamente simples como respirar.

— Eu trabalho para os seus pais. Eu gosto de Carol e Olivia. Tenho o respeito e apoio do seu pai. O que acontecerá se não passar apenas de empolgação de sua parte? Não sou como a Stacy.

Ela não podia ser tão cruelmente descartada quando a empolgação dele desaparecesse como fumaça após o incêndio. Principalmente porque Rebecca tinha a plena convicção, e essa nada exagerada certeza, de que a chama dela por ele nunca iria se apagar.

Aproximando-se dela, Michael lhe tomou o seu rosto entre suas mãos.

— Eu nunca senti por Stacy, ou qualquer outra, o que eu sinto por você, Rebecca — se os olhos são as janelas da alma, os de Michael diziam muito — Meu coração nunca bateu assim. E eu nunca desejei ninguém com a intensidade e a loucura com que eu a desejo. Talvez seja euforia, mas também é algo muito maior acontecendo. Também me assusta, mas não é suficiente para fazer com que fique

longe de você.

Aquele foi o momento em que Michael destruiu a última barreira que protegia o coração dela. Podia ver a bandeira branca tremular na mesma batida do seu coração. Esteve em guerra o tempo todo; caía rendida agora.

— O que acha de começarmos do início? — havia um sorriso esperançoso iluminando o rosto de Michael — Sair, jantar, namorar.

— Tipo... Namorar escondido?

— Namorar, Rebecca, somente namorar — Michael passou os lábios suavemente nos dela — Sem interferência de ninguém. Vamos ver o que rola, e quando estivermos prontos, diremos aos meus pais.

O lado racional de Rebecca sabia que, no fundo, ele tinha razão. Quanto menos pessoas soubessem o que viviam, menos explicações teriam que dar no futuro se, ao final, fosse apenas euforia dos dois. Não precisaria encarar a decepção dos pais de Michael e nem estragar a relação de amizade com Carol e Olivia. Por outro, havia uma parte dela, chamada coração imprudente e romântico, que queria gritar a todos a maravilha do primeiro amor.

— Acho que você tem razão — sua decisão já estava tomada, antes mesmo de ponderar os prós e os contras dessa aventura maluca — Podemos tentar, então?

O sorriso vitorioso que ele deu, dizia: *Estamos tentando antes mesmo de você perceber.*

Ela não podia ignorar o certo que isso parecia ser.

E o beijo apaixonado foi a única resposta que ela precisou, a única que importava de fato.

Rebecca não previa o que o futuro lhe reservava. Somente que hoje estava feliz como nunca esteve em sua vida. Enquanto a língua dele enroscava na sua, aquela pequena e vertiginosa parcela do seu corpo entrelaçada a dela, e que a levava a uma esfera regada de sensações e prazer, ela constatou que isso não importava. Nada no mundo importa mais do que aquele beijo, nem mesmo o futuro, pois quando Michael a prendia em seus braços daquela forma, todo o restante deixava de existir.

— Só temos um problema para resolver agora — disse ele com intensidade na voz — Tem que dizer adeus ao outro cara.

Rebecca tossiu e viu seu corpo convulsionar, alguns solavancos tendo seu peito, enquanto a risada frouxa escapava dos lábios dela. Mesmo diante do olhar aborrecido e ciumento que Michael emitia, não era capaz de controlar a risada.

— Não posso dizer adeus — disse, um pouco mais controlada.

— Rebecca...

Ela queria dizer que não poderia dizer adeus a Brianna. Eram como irmãs, a amava, e juraram, ainda crianças, nunca se separarem.

Poderia dizer agora, ainda essa noite, que o rival que lhe corroía a alma era uma garota de dezessete anos. Mas preferia ver a surpresa em seu olhar quando se deparasse com ela.

— Tem o dia livre amanhã? — indagou ela, voltando a se aproximar.

— O que isso tem a ver com...

— Vai conhecer Bri e entenderá do que estou falando — disse ela — Me encontra na sorveteria que a Carol ama, amanhã, uma hora.

Rebecca entendia que era um jogo perigoso continuar com a farsa, talvez até mesmo um pouco desonesto. Mas algo que Michael teria que trabalhar era a ter confiança. E confessava a si mesma que, de certa forma, dava-lhe o troco por todas as vezes que a fizera remoer com Stacy ao seu lado.

— Amanhã, uma hora — repetiu antes de tocar os lábios nos dele em um beijo casto e sutil.

Afastou-se rapidamente, pois o pequeno roçar de seus lábios era suficiente para mudar sua órbita.

— Ei, aonde você pensa que vai? — Michael tentou puxá-la para si com a mesma determinação que via Rebecca se afastar.

O sorriso ardiloso e travesso que via nela só fazia seu desejo aumentar.

— Sem pressa, lembra? Além disso, tenho que ver a Carol — disse ela, desvencilhando-se dele e pulando os lances de escada. Era sua primeira relação amorosa, mas Rebecca sabia ao que esses beijos poderiam levar — Ainda estou em horário de trabalho. Folgo todas as noites e aos domingos, caso o senhor queira saber.

— Pode apostar, Srta. Thomas.

E, pela primeira vez desde que Rebecca chegara àquela casa, não fugia com medo do que sentia por Michael; fugia porque desejava se entregar.

Também tinha consciência de que, como dissera a ele, precisava ir com calma. Mergulharam, saltaram, se entregaram rápido demais a estes sentimentos tão potentes como um trem descarrilhado.

Podia funcionar, acreditava. Poderiam viver e amadurecer essa relação, e quando estivessem prontos, o mundo também estaria.

Aquela foi uma noite cheia de surpresas. Primeiro por iniciarem a melhor versão Romeu e Julieta que já viram; depois, por manter longe de Carol todos os olhares apaixonados entre eles dois, enquanto se dirigiam para a sala de jantar, algo que se tornou absurdamente difícil, quando Michael sussurrava ao ouvido de Rebecca como estava bonita ou como ele adorava o jeito adorável com que ela ficava rubra.

Para finalizar, Olivia e Max haviam descido para o jantar com eles. Isso nunca acontecia. Ele trouxera a esposa em seu colo. Ela estava linda em um vestido lilás e com os cabelos soltos. Parecia cansada e abatida, mas exibia um sorriso contagiante.

Olivia contou sobre as horas que passara com Rebecca no jardim e o quanto se sentia melhor após isso.

A indagação nos olhos de Michael foi substituída por um olhar emocionado e de gratidão. Ele via o quanto a mãe parecia feliz de um jeito que há muito tempo não via. Fora a chegada de Rebecca que iniciara a mudança.

Michael murmurou a ela um agradecimento mudo. Apenas Rebecca notou, mas que significou muito mais do que se tivesse feito um discurso. Havia doçura transpassando em seus olhos.

E no decorrer da noite, enquanto o jantar seguia, a jovem babá não se sentia como uma intrusa, alguém observando a família através da janela. Rebecca sentia-se parte dela, tal como idealizara em seus sonhos infantis. Não era Natal, não havia uma gigantesca árvore e luzes piscando em todos os cantos, mas era uma cena familiar a essa que idealizara em sua singela cama no orfanato.

O jantar seguiu animado. Aprendeu mais sobre a infância feliz que tiveram Carol e Michael. Não sentia pesar por ela mesma, gostou de conhecer esse rapaz que Olivia e Max amorosamente descreviam.

E enquanto passava a salada a Max, Carol enchia o seu copo com suco e falavam sobre o suflê que Olivia amava, sentia os pés de Michael enroscando nos seus por debaixo da mesa. Vendo todas as coisas acontecerem, teve nesses pequenos momentos compartilhados a mais encantadora compreensão do que é uma família feliz.

Após o jantar, Olivia voltou para o quarto. Carol e Michael foram para a sala jogar xadrez. Tentaram ensinar os princípios básicos a Rebecca, que se desconcentrava sempre que ele fingia tocar

em sua perna acidentalmente. Então preferira apenas ser uma mera espectadora.

A noite se encerrou para os dois com um beijo caloroso em frente à porta do quarto de Rebecca, após levarem Carol para a cama.

Foi difícil para Rebecca se afastar. Foi difícil ficar se revirando entre os lençóis, tentando entender o que o próprio corpo ansiava.

Manter Brianna na cadeira, depois de relatar os últimos acontecimentos em sua vida, era uma missão quase impossível. Até mesmo o fato de ainda não terem escolhido a sobremesa havia sido esquecido a ela.

— Quando você disse que ele vem?

Rebecca já respondeu essa pergunta mais do que poderia contar. Para Brianna, a amiga vivia um conto de fadas e ela estava louca para conhecer o príncipe encantado.

— Na verdade, já veio — Rebecca apontou para o jovem parado na entrada da soverteria.

Michael havia caprichado no visual. Camiseta preta, meio justa. Para combinar, jeans claro e surrado que pareciam ter sido moldados em seu corpo e óculos escuros, estilo aviador. James Dean certamente ficaria enciumado com a aparência ilegalmente sexy de *bad boy* que ele exalava. Os cabelos úmidos e bagunçados, caídos sobre sua testa, mexiam levemente ao caminhar. E, graças a Deus, os olhos azuis estavam escondidos por trás das lentes escuras. Ele já exibia um sorriso confiante demais enquanto caminhava entre as mesas. Não precisava do tiro de misericórdia que a profundidade azul daria a meia dúzia ou mais de garotas que mal disfarçavam o interesse.

— Então, você é Bri? — Michael perguntava a Brianna, mas era Rebecca quem ele encarava.

Não Brian, como ele acreditara antes, mas uma doce e sorridente garota olhando para ele.

Rebecca tentou desvendar em seu rosto o quanto ele poderia estar zangado com ela, mas tudo que via era um sorriso de divertimento.

Rebecca não tinha a mínima ideia que, para Michael, era um alívio saber que nunca houvera outro. Que o ciúmes que quase o enlouquecera era apenas fruto da intensidade dos seus sentimentos.

— Ela é a Brianna — disse Rebecca, já que Brianna parecia incapaz de fazer o que ela sabia melhor: falar — Minha melhor amiga. A pessoa que me encontro todos os domingos e que eu não posso dizer adeus, nunca.

Mais do que fazer Michael engolir o próprio veneno, o que Rebecca sinceramente desejava era que Michael gostasse dela.

— É um prazer conhecer você, Brianna — disse Michael, tirando os óculos e encarando uma embasbacada jovem.

Charme ele tinha e sabia muito bem como usar, mas, para Brianna, não deu o sorriso que fizera Rebecca se apaixonar; dirigiu a ela o mesmo sorriso sincero dado a Carol. Michael entendera a importância da jovem em sua vida com a mesma delicadeza que Rebecca abrira o coração para os que ele amava.

— Estou contente por você, Becca — estavam abraçadas em frente ao portão do orfanato. Despedir-se sempre era algo doloroso para ambas — Ele ama você, dá para ver no jeito que te olha.

Usar a palavra com “A” parecia cedo demais a Rebecca, mas, ao mesmo tempo, se perguntava quanto tempo levava para se apaixonar. Ela amava Michael, e esse sentimento apenas crescia.

— Mas se ele a fizer sofrer, está ferrado comigo — Brianna continuou em um tom animado — Nos vemos no próximo domingo, certo?

Não passou despercebido a Rebecca o tom de insegurança na voz de Brianna. Era natural que ao conhecer Michael ela sentisse que ficaria esquecida.

— Como venho fazendo sempre — abraçou-a ainda mais forte — Michael entrou na minha vida, Brianna, ele não tirou você.

Soltou-a e alisou os cabelos da amiga, como sempre fazia quando precisava de colo. Entendia as inseguranças dela. Não havia ninguém mais no mundo que se importasse tanto com ela; eram a família que haviam aprendido a ter. Não sabia muito bem como coordenaria seu tempo entre Michael e Brianna, mas jamais a excluiria de sua vida.

— Amo você, Rebecca — disse Brianna, as mãos já tocando o ferro frio — Não importa o que aconteça.

— Amo você também, Bri.

Afastou-se, mascarando com um sorriso a tristeza que ia dentro dela. Somente o sorriso de Michael, esperando por ela no carro, foi capaz de enchê-la de calor.

— Ei? — ele segurou o seu queixo com delicadeza — O que foi?

— Penso em Brianna sozinha.

— Não estará sozinha. As freiras e todas as crianças estarão com ela.

— Pode se estar sozinho mesmo em meio à multidão — respondeu em um fio de voz.

O abraço apertado que recebeu dizia que nunca mais teria essa sensação outra vez. Que o amor que tinha por ele sempre a acompanharia.

Capítulo 12

“Quando a alma está em paz, todo o resto caminha para essa direção.”

Era assim que Rebecca se sentia essa noite ao embrulhar-se como um casulo em seu lençol, no confortável abrigo que era sua cama.

Apesar de estar uma noite abafada, ela gostava da sensação do tecido macio em sua pele, bem diferente do linho grotesco dos cobertores do orfanato, que às vezes pinicava a pele. No entanto, sentiu-se ingrata por tal comparação. Em dias frios e rigorosos de inverno, aquele singelo cobertor a manteve aquecida por muito tempo.

Mas como sempre fazia quando lembranças melancólicas de seu passado vinham à tona, Rebecca deixou que seus pensamentos navegassem em outra direção. Nas horas que passou com Michael e Brianna, por exemplo. Foram as mais especiais de toda a sua vida.

Em como foi difícil conter as risadas, seguidas de beijos indiscretos, quando entravam na casa. E de como foi quase impossível manter as mãos dele afastadas do seu corpo quando seguiam em direção à escada, principalmente por terem sobre eles os olhos de águia da sempre desconfiada e vigilante Sra. Dickson.

Despediram-se de jeito discreto e formal, dois amantes guardando de forma entusiasmada o pequeno segredo amoroso que viviam. Pelo menos era assim que se imaginavam: vivendo clandestinamente.

Eles não viram o sorriso contido nos lábios da velha senhora, que poderia ter a fama de mãos de ferro e rabugenta, mas que amava e desejava a felicidade de suas crianças como se fossem dela, já que nunca se casara ou tivera filhos.

A Sra. Dickson, mesmo que relativamente preocupada, via o desabrochar do primeiro amor entre eles. E, por experiência própria, sabia que ir contra ao que experimentavam apenas inflaria e jogaria mais combustível à fogueira que já fora acesa. Então rezava internamente para que ambos encontrassem seu caminho e que nenhum dos dois saísse ferido.

E era refletindo sobre a velocidade e a força esmagadora que o amor conseguiu brotar em seu coração desavisado, que Rebecca meditava em sua cama. Os olhos focados nas sombras dançando na parede pouco notavam alguma coisa, enquanto sua mente trabalhava fervorosamente em todas as experiências que vivenciara em tão pouco tempo.

A mente estava muito longe para perceber o primeiro estalo contra a janela. Foi preciso mais força e energia para que o barulho do pedregulho contra o vidro a despertasse de seu pequeno devaneio romântico, isso se obviamente não tivesse acordado o resto da casa, como Rebecca imaginou ao saltar da cama, assustada. Inicialmente imaginou que seria uns dos galhos da árvore próxima, arranhando o vidro, mas isso só seria possível se lá fora iniciasse uma tempestade, com um vento forte o suficiente para envergar os galhos naquela direção.

Descartou imediatamente a possibilidade, já que a noite estava fresca e o céu tão límpido e estrelado, que ela duvidava ter algum indício de chuva nos próximos dias.

Movida pela curiosidade e quase paralisada pelo medo que a impulsionava a voltar para sua cama a cada passo que dava, Rebecca alcançou o parapeito e se debruçou sobre ele após levantar o vitrô.

Não ficaria tão surpresa se abaixo dela estivesse a figura assustadora de Michael Myers. Não era

uma grande fã de filmes de terror como Brianna, mas esse era um clássico que a deixava apavorada por dias, sempre que conseguiam ver escondido. Um orfanato dirigido por freiras não era o lugar apropriado para ver filmes do gênero, mas elas sabiam ser meninas malvadas e quebravam as regras quando preciso. Bem, Brianna quebrava, Rebecca apenas a seguia.

No entanto, ao invés do homem assustador com sua máscara branca e facão sujo de sangue, o Michael esperando por ela exibia um olhar doce e uma cesta de vime em suas mãos.

— Michael? O que está fazendo aí? — sussurrou, levando a mão à garganta.

Seu coração disparava no peito feito uma britadeira beijando o asfalto.

—“Oh, fala outra vez, anjo brilhante, pois esta noite tu és gloriosa” – proclamou ele ao pé de sua janela. Era um dos atos que ela mais amava em Romeu e Julieta. Essa sempre foi sua história preferida. Mais do que a tragédia em torno deles, Rebecca suspirava pela profundidade e intensidade daquele amor. Sentia-se como Julieta. Tinha o seu Romeu e uma relação furtiva.

Rebecca, no entanto, desejava com todas as suas forças que a releitura desse amor, protagonizado por eles, não terminasse tragicamente. Que o único veneno em seus lábios fosse causado pela saudade que ele deixaria nela enquanto estivesse fora, estudando.

— Desça, Julieta.

Aquele trapaceiro sabia mesmo como chegar ao seu coração. Quem resiste a um homem lindo declamando Shakespeare em sua janela? Ela, certamente, não. Talvez fosse mais romântica do que admitira a Brianna e a si mesma; talvez fosse a pessoa mais romântica do mundo.

Michael a fazia assim. Ele tinha o melhor lado dela.

— O que faz aí fora? — perguntou ela, enrugando a testa.

Sua resposta foi um sorriso aberto e irresistível enquanto balançava a cesta como um pêndulo diante dele. Rebecca sabia que qualquer protesto que poderia ter eventualmente proferido, estava perdido para aquele sorriso.

— Desça, Rebecca.

Vencida, soltou um suspiro.

— Vou trocar de roupa e já desço — respondeu com intenção de se virar.

— Venha como está — Michael parecia impaciente.

Rebecca olhou para si mesma, para a camisola de algodão nada sexy que usava. Não que quisesse impressioná-lo com algo mais chamativo.

Não! Ela queria impressioná-lo com algo mais sensual e chamativo.

Por outro lado, talvez fosse melhor não mexer com sua libido. Ainda estavam testando essa relação, não se sentia pronta para ir além, embora cada célula de seu corpo dissesse que sim.

— Pare de pensar e desça, querida.

Ele a chamou de querida. Rebecca gostava de como o som saía de sua boca. Sentia-se assim: querida.

— Está bem — rendeu-se àquela loucura como todas as outras que vinha fazendo — Me espera na porta...

— Não! — Michael a interrompeu, colocando a cesta no chão — Vem já pela janela.

Rebecca sorriu, na verdade, emitiu uma suave gargalhada, alta o suficiente para o que a noite permitia. “*Ele só pode estar maluco*”, refletia, tentando controlar a risada.

Não haveria maneira de que se arriscasse a quebrar o pescoço. Gostava de aventuras, mas não iria tão longe. Nem mesmo por ele.

— Eu ajudo você — com agilidade, ele escalou o tronco destorcido da árvore até chegar ao topo em frente a ela — Viu? É fácil, já fiz isso muitas vezes.

— Escalou árvores quando poderia simplesmente descer as escadas e abrir a porta?

Aquilo não era lógico para ela. A não ser que ele tivesse propensão ao suicídio.

— Não é tão divertido assim — Michael escorou o corpo contra a janela e usou a mão livre para puxar o rosto dela para um beijo.

A lua iluminando seus corpos, deixando um efeito prateado, a leve brisa desprezando o calor em sua pele e a boca dele colada à sua, a faziam esquecer momentaneamente todas as suas intenções.

Sim, ela se arriscaria por aquele beijo. E foi o que fez. Embriagada pelo néctar saindo dos lábios dele, Rebecca arriscaria muito mais do que um pescoço quebrado.

Quando alcançaram o chão, Michael recolheu a cesta e caminharam de mãos dadas até o gazebo no jardim, um dos lugares preferidos de Rebecca.

Havia um cobertor em um dos bancos. Ele estende-o no chão circular.

— Frutas, biscoitos e... — ele narrava conforme tirava os alimentos da cesta — Vinho roubado diretamente da adega do meu pai.

— Acho que ele não irá gostar disso — ela tentou, em vão, colocar algum juízo na cabeça dele.

Saírem escondido e roubar bebida dos pais dele não eram algo que os ajudariam a enfrentá-los se fossem pegos. Nem contribuiriam para ela readquirir a confiança que certamente iria perder quando a verdade viesse à tona.

— Ele não irá saber — disse ele, segurando sua mão e puxando-a para baixo em seu colo.

— Com quanta frequência faz isso? — indagou Rebecca, ansiosa — Quantas vezes trouxe outra garota para piqueniques noturnos arriscados?

Não deveria pensar em Stacy ou qualquer outra garota que Michael tenha dedicado tal experiência, mas não conseguia evitar. O ciúme era um bichinho feio, Rebecca não gostava nada dele.

— Nunca fiz isso antes, nem de dia nem de noite — ele confessou, afastando uma mecha de cabelo do rosto dela — Com ninguém. Mas gosto de vir aqui à noite quando estou triste, para pensar. Eu fico observando o céu estrelado e, de alguma forma, tudo parece melhorar.

— Está triste agora? — perguntou preocupada.

— Hoje não — Michael sorriu do jeito que sempre a deixava meio fraca — Eu queria marcar esse local com lembranças boas também. Lembranças de nós dois.

Como marcar os seus nomes em uma árvore. Ou escolher a música que combinaria com o casal, era o que ela pensava. Colecionavam memórias.

Durante quase duas horas, eles conversaram, comeram, se olharam. Ela bebeu vinho pela primeira vez. Rebecca falou mais sobre sua infância; Michael narrou fatos engraçados. Aprendiam a se conhecer ainda mais. Ela se via pelos olhos dele, e Michael se descobria pelos olhos dela.

— O que você quer, Rebecca?

Ele estava escorado contra um banco, ela sentada entre as pernas dele, as costas apoiadas em seu peito. Sentia uma leve sonolência enquanto ele alisava os cabelos dela.

— Minha cama?

Ele sorriu. Ela sentiu o balançar em seu peito.

— Não, o que você quer da vida? — continuou ele, com aquela carícia gostosa — O que quer fazer?

“Ficar com você”, gostaria de ter dito a ele.

— Por muito tempo, tudo o que eu quis foi conhecer os meus pais — suspirou ao lembrar desse sonho de infância — Agora, já não sei mais.

— Foi muito difícil? — Michael mudou de posição para poder observar seu rosto.

— Um pouco, mas só até Brianna aparecer. Alguém precisava mais de mim do que eu mesma. Ela via a tristeza nos olhos dele. Não era esse sentimento que queria ver brilhar ali.

— São muito ligadas, não é?

— Como você e Carol. Eu fui feliz, Michael. De qualquer forma, ainda tenho mais sorte que a Bri.

Ainda posso encontrar os meus pais, ela não. Sua mãe faleceu em um assalto.

Esta constatação sempre a fez ver a vida de outra forma.

Michael voltou à posição inicial, puxando-a para seu peito em um abraço forte.

— Então, além de encontrar os seus pais e ficar comigo, o que você sonha?

Ela não resistiu em beliscar-lhe o braço, fazendo-o gemer mais por reflexo ao ataque do que de dor.

— Convencido e pretensioso.

Os dois riram. Rebecca pensou sobre sua pergunta um tempo depois.

— Não sei — foi sincera — Quando não se tem nada, não tem muito tempo para pensar sobre tudo. Eu apenas pensei em deixar minha vida seguir. Trabalhar, juntar dinheiro, conseguir um lugar para mim e Brianna. Seguir a vida. Nenhum grande plano, nenhum sonho impossível, até você chegar em minha vida.

— Foi você que chegou em minha vida — disse ele, embora quisesse parecer, não soou arrogante

— Eu queria ser veterinário quando criança, mas minha mãe ficou doente e meus sonhos mudaram. Queria ajudá-la de alguma forma.

Rebecca conhecia a história, mas era mais tocante ouvir pelos lábios dele. Sentia a profundidade do seu sentimento, via o amor impregnado em sua voz.

— Mas não vamos falar sobre isso — afastou-se dela e ficou de pé.

Rebecca sentiu o frio pelo vazio que o corpo dele deixou. Alisou os próprios braços e o observou procurar algo no bolso da calça. Ele tirou uma pulseira com um berloque.

— Passei em frente à loja e lembrei de você — ajoelhado diante dela, Michael colocou a pulseira no pulso de Rebecca. Ele balançou o pequeno pingente na joia prateada — Você e o vestidinho branco.

Rebecca tocou a peça delicada. Uma garotinha em um vestido branco. O bracelete a fazia lembrar de outra joia. Essa, ela jurou jamais perder como havia acontecido com o único objeto que a ligava aos pais.

Beijou-o porque a emoção correndo pelo seu corpo era tão forte como o nó se formando em sua garganta. Nó que se desfez quando ele correspondeu ao beijo apaixonado.

Deitaram no chão, Michael sobre ela. Os lábios e mãos dele por todos os lados dela. Errou novamente; estava pronta, sempre estaria pronta para ele.

Mas enquanto ela estava tão certa sobre se entregar neste momento a Michael, ele se sentia inseguro pela primeira vez entre os dois. Recordou a conversa que tivera com a mãe. Estava proibido de brincar com os sentimentos dela. Nunca desejara isso, nem mesmo no início quando seus desejos eram mais afoitos.

— Não aqui — sussurrou, colando a testa na dela — Não dessa forma. Quero que a sua primeira vez... a nossa primeira vez, seja especial.

— Está sendo especial — Rebecca notava, através do seu rosto retorcido, o quanto era difícil para ele se afastar. Era difícil para ela vê-lo se afastar — Estou pronta.

— Não, não está — os lábios roçaram os dela — Já foi tirado tanta coisa de você. Quero que isso seja especial. Será especial, eu prometo. Agora vamos, não sou tão galante assim.

Ele era, embora não quisesse admitir. Rebecca o amava ainda mais por isso.

Não voltaram pela janela, usaram a porta e a escada dessa vez. Michael a deixou com um beijo apaixonado e que literalmente a fez flutuar de volta à cama. Rebecca teve uma das noites mais calmas de sua vida.

Acordou cedo no outro dia. Era segunda-feira, Michael voltaria para o campus na faculdade e seria uma longa e arrastada semana sem ele. Queria aproveitar cada segundo que pudesse desfrutar ao lado dele. Saiu da cama, tomou banho, colocou o vestido branco e amarrou os cabelos com um elástico de cabelo.

Mal teve tempo de abrir a porta, quando mãos ansiosas agarraram seus ombros. O gemido assustado foi substituído pelo de prazer, quando os lábios dele se apoderaram dos dela. Era como se quisessem se fundir um ao outro.

— Precisava disso antes de ir embora — sussurrou Michael, colando a testa no topo de sua cabeça.

— Eu precisava disso antes de você ir — confessou Rebecca, tentando normalizar a respiração. Sim, seriam longos e solitários dias sem ele.

Ficaram por alguns minutos aos beijos, se tocando, memorizando um ao outro, como se não fossem cinco dias de separação, mas cinco anos, cinquenta talvez.

Desceram separados para o café. Rebecca na frente, com um sorriso bobo que pouco conseguia esconder. Michael logo depois, tentando esconder muito mais.

Dessa vez, Rebecca não se opôs quando ele ofereceu para levá-las à escola. Mas foi categórica ao impedir que a trouxesse para casa, não precisava atrasá-lo ainda mais. Não quando certamente ficariam longos minutos perdidos um no outro em seu carro.

— Como assim, ele não sabe onde ela está?

A voz aflita de Olivia a fez empertigar na porta. Não tinha intenção de ser curiosa. Estava tão perdida em seus pensamentos que nem percebeu que chegara ali.

— Laura é a esposa dele!

— Laura *era* a esposa dele. Por favor, não fique exaltada, não faz bem a você — Max passou a mão nos cabelos dela, como quem tenta acalmar uma criança aflita — Mas eu disse que era importante, e ele vai continuar tentando.

— Tem que encontrá-la, Max. Prometa para mim. Não posso ir sem uni-las de novo...

— Olivia, acha mesmo que é possível? Reb...

— Rebecca! Bom dia.

Olivia a avistou antes que ele pudesse concluir. Havia um ar de desespero em seu rosto e algo mais que a jovem não conseguiu desvendar.

— Obrigada, querido. Sei que continuará tentando — disse ela ao marido, a mão que estivera em seus cabelos agora nos lábios dela para um beijo — Pode ir agora, eu estou bem. Conversamos depois?

— Está bem.

Max depositou um beijo suave na testa da esposa e caminhou até sua pasta. Instruiu Rebecca ao passar por ela:

— Não deixe que ela se agite demais.

Quando ele saiu, ela se aproximou da cama.

— Desculpe, não estava bisbilhotando — tentou justificar a presença repentina e o pouco que ouvira da conversa entre eles.

— Não se preocupe, não é nada que já não saiba — Olivia alisou a manta e tirou fiapos imaginários do tecido — Laura, Nicholas e seus problemas.

Escondia alguma coisa ou não queria compartilhar com Rebecca. Ela esperaria até que estivesse pronta. Tinha seus próprios segredos também.

Tocou a mão dela para garantir que estava bem.

— Que linda pulseira — Olivia puxou a mão dela.

“*Michael me deu*”, queria dizer a ela. Que estavam apaixonados. Que nunca tivera a intenção de desonrar a confiança depositada nela. Mas não poderia, e sentia que estava sendo desleal.

— Foi um presente — disse no lugar. Não podia mentir sobre isso também. Tinha a confissão querendo saltar da garganta.

— É realmente muito bonita — repetiu Olivia com um olhar que parecia longe, mais longe do que ela conseguia imaginar — Conseguiu falar com sua amiga? Encontrou a pulseira?

Rebecca atentou para o pedido de Max e tentou acalmar a ansiedade na voz de Olivia da melhor forma possível.

— Não encontrei, mas pedi que Brianna procurasse. Ela ficará atenta.

Rebecca não viu o desapontamento no rosto dela como esperava, pelo contrário, viu um olhar ainda mais determinado de quando conversaram pela última vez.

— Não está decepcionada?

Ela sorri e volta a deitar na cama.

— Laura vai voltar — murmurou ao fechar os olhos. Parecia exausta, mas feliz — Isso é mais importante do que a pulseira. Ela vai voltar e seremos amigas de novo. Aí eu posso partir.

A fagulha que aquelas palavras causaram no peito de Rebecca foi bem mais forte do que ela poderia imaginar. Não gostou do que ouviu e não gostou de saber que o retorno de Laura significaria a partida de Olivia.

Sabia que, de certa forma, sua nova amiga estava aceitando um destino que não era dela, não podia ser. Não queria que Laura voltasse se significasse perdê-la.

Queira dizer a Olivia que dizia besteiras. Queria dizer tantas coisas, mas foi impedida, pois logo após as palavras que deixaram a jovem agoniada, ela caiu num sono tranquilo.

Capítulo 13

O sol batia no rosto de Rebecca e o vento acariciava seus cabelos fazendo alguns fios acariciarem seu rosto. Já havia desistido de afastá-los e apenas apreciava a coceguinha gostosa que eles faziam em sua pele. De olhos fechados, ouvia as braçadas que Carol fazia na piscina, algumas gotas de água alcançavam seus pés vez ou outra.

— Sabe... — a voz suave de Olivia fez com que Rebecca abrisse os olhos e a encarasse — Eu sempre gostei da primavera, por um motivo bem especial. Foi na primavera que Max se declarou a mim...

Enquanto ela falava de um jeito doce e empolgado, a jovem podia notar que aquela não era apenas uma história de amor. Havia um brilho especial nos olhos de Olivia, aquele que se tem no primeiro amor.

— Desculpe, senhora — a governanta surgiu naquele momento, acompanhada de duas garotas — Stacy e a senhorita Hannah insistiram em vê-la.

Ao lado da senhora Dickson estava a ruiva intragável com porte de rainha e uma baixinha muito parecida com ela. Não foi difícil para Rebecca concluir que eram irmãs. Mas, ao contrário de Stacy, essa parecia simpática, pelo menos exibia um sorriso simpático nos lábios.

— Tudo bem, senhora Dickson — disse Olivia, ajeitando-se melhor na espreguiçadeira onde estava tendo um excelente momento antes da ruiva chegar e deixar o clima mais desconfortável, encarando Rebecca com seu habitual olhar de desprezo — Que bom revê-la, Hannah, faz tempo que não tenho notícias suas.

— Estive no campo com meus avós — sussurrou a garota, encarando o chão.

— Espero que eles estejam melhores — disse Olivia, voltando sua atenção agora para Stacy — Também não tem vindo muito aqui, Stacy. Não é porque você e Michael não estão namorando que precisa se afastar.

Stacy caminhou até Olivia, dividindo parte da espreguiçadeira com ela.

— Preferi dar um tempo para Michael pensar — Stacy segurou a mão frágil de Olivia e estampou um sorriso carinhoso, mas que Rebecca duvidava ser genuíno.

Sentindo ciúmes ou não dessa víbora, ela via claramente que a ruiva queria apenas agradar a ex-sogra com palavras gentis.

— Nós sempre brigamos e voltamos, você sabe.

Discretamente, Rebecca sentiu o olhar de Olivia sobre ela.

O som engasgado que saiu da garganta de Hannah fizeram todos olharem para ela. Claro, Stacy lançou-lhe um olhar mortal capaz de fazer um serial killer sair correndo de medo. Ficou óbvio para Rebecca que as duas não pareciam ter um relacionamento amigável, melhor dizendo, Stacy não tinha um tratamento cordial com a irmã. Isso a fazia se perguntar se a garota amava alguém além dela mesma e Michael.

— Desculpe — Hannah disse timidamente, voltando a olhar para o chão.

Com seu sorriso ensaiado no rosto, Stacy encarou Olivia.

— Hannah fará aniversário de dezoito anos em duas semanas e daremos uma festa na piscina — ela abriu a bolsa em seu colo e tirou um pequeno convite amarelo de dentro dela — Michael está convidado. Eu chamaria Carol também, mas só terão adultos, e ela se sentiria desconfortável.

— Quem disse que eu quero? — perguntou a menina, saindo da água — Vou tomar banho e terminar meus deveres, mamãe.

Saiu correndo e desapareceu nos fundos da casa.

— Ah, Olivia, magoa-me que ela se sinta assim — Stacy levou a mão ao peito em um gesto admiravelmente teatral — Sabe que Carol é como uma irmã para mim.

— Ah, claro — respondeu ela, voltando a atenção para a convidada — Não ligue para ela. Ainda está chateada pela outra festa.

Enquanto ouvia a conversa, Rebecca observava as visitas. O aniversário poderia ser da irmã, mas sem dúvida alguma a festa era de Stacy. Olhando para Hannah com mais atenção, já que Olivia e Stacy estavam enveredadas nessa conversa estranha, Rebecca percebeu que a garota era apenas uma marionete nas mãos da outra. Duvidava que realmente quisesse essa festa ou estivesse animada com isso. Afinal, os ombros caídos e os olhos constantemente focados no chão diziam que Hannah preferiria estar em outro lugar.

— Como eu disse, não quero pressionar o Michael — o nome fez Rebecca voltar a encarar Stacy — Mas Hannah gosta tanto dele, não é, querida?

Através das bochechas vermelhas, Rebecca notou que estava diante de outra garota encantada pelo charme do seu namorado. Diferente de Stacy, não tinha vontade de esfregar na cara dela que ele já pertencia a alguém, revelando o segredo que eles mantinham.

— E esse convite pode se estender a mais uma pessoa? — perguntou Olivia, aguçando a curiosidade de Rebecca, mais ainda da sua rival.

— Bem, a festa é da Hannah, sabe como ela é tímida — iniciou Stacy, olhando firmemente para a irmã em busca de apoio.

Talvez pela surpresa ou porque não estivera preparada para aquilo, os lábios dela permaneceram cerrados.

— E só teremos amigos — acrescentou a ruiva rapidamente.

— Mas Rebecca não é uma estranha. Você já a conhece, Stacy. Ah, desculpe meus modos, Hannah. Essa é Rebecca, atualmente faz companhia a Caroline devido à minha doença. Ela leva uma vida muito reclusa aqui, adoraria que se conhecessem melhor, tenho certeza que serão boas amigas. O convite pode se estender a ela?

— Claro que sim — respondeu Hannah.

Não restou nada a Stacy, a não ser tirar outro convite da bolsa e entregar a Rebecca.

— O traje é informal — disse ela rangendo os dentes, como se dissesse que amava uma comida que na verdade odiava — Leve biquíni também.

Levantando-se num salto súbito, Stacy caminhou até a irmã, cravando sua mão no braço dela. Embora Hannah bravamente tentasse esconder a dor, Rebecca sabia muito bem o quanto aquelas unhas eram afiadas e feriam.

— Temos que ir agora — disse Stacy — Temos outros amigos para visitar hoje.

— Até logo, queridas. Voltem quando quiser e mande um abraço aos seus pais.

As duas saíram cochichando, na verdade parecia uma discussão que brevemente viraria uma tempestade, concluiu Rebecca. Sua antagonista não ficara feliz com aquilo.

— Não acho que eu deva ir — disse ela balançando o convite — Stacy não gosta de mim e claramente não ficou contente com a minha presença na festa.

— Acho que deve, como irá. O que eu disse é verdade. Tem uma vida muito reclusa, o tempo todo comigo e com Carol. Precisa se distrair um pouco. Além disso, é uma ótima oportunidade para a namorada de Michael conhecer seus amigos.

— Stacy? — perguntou Rebecca com a voz esganiçada — Pensei que já se conheciam.

Não fazia sentido, afinal Olivia afirmara há pouco que os dois já não tinham nada.

— Estou morrendo, Rebecca — Olivia voltou a se inclinar contra a espreguiçadeira — E não ficando cega. Sei muito bem o que acontece entre Michael e você.

Surpresa, Rebecca abriu e fechou a boca diversas vezes. O que a fez sair do transe foi se dar conta das palavras dela.

— Ah, não diga isso — disse chorosa — Não está morrendo. Não fale isso, por favor.

Olivia curvou os ombros e olhou para as flores em seu jardim.

— Em dias como hoje, que eu me sinto feliz e muito bem, penso que não...

— Então concentre-se nisso — ordenou a jovem, agarrando firmemente as mãos dela.

Ali sim, havia carinho e amor. Olivia era para Rebecca a mãe que talvez nunca fosse conhecer. Em pouco tempo havia se tornado uma pessoa muito importante em sua vida.

— Eu penso em tudo o que vou perder — ela suspirou, não exalando tristeza ou dor, parecia algo como saudade de algo que não vai conhecer — A primeira apresentação da Carol. Meus filhos na igreja, netos.

— Olivia...

Rebecca sentou no chão ao seu lado e apoiou a cabeça em suas pernas, ficando ali, recebendo afagos em seus cabelos. Não queria que Olivia visse seus olhos cobertos de lágrimas.

— Posso pedir uma coisa estúpida?

Secando os olhos, Rebecca inclinou a cabeça para olhar para ela.

— O quê?

O sorriso era doce e constrangido ao mesmo tempo.

— Se um dia tiverem uma filha — ela voltou a afagar os cabelos de Rebecca — Você e o Michael... dariam o nome de Olivia?

A importância desse pedido fez o coração de Rebecca se encher de amor e ao mesmo tempo uma cravada implacável acertou o seu peito.

— Não posso pedir isso a Carol — continuou ela — Não quero deixá-la triste, mas seria tão especial para mim. De alguma forma me sentiria perto de vocês.

Um soluço escapou dos lábios de Rebecca. Já não segurava as lágrimas, porque sentimentos devem ser revelados. Balançou a cabeça sussurrando que sim. Era o máximo que conseguia fazer.

— Ora, não fique triste. Vou te contar uma história engraçada e romântica.

Rebecca voltou a apoiar a cabeça em seu colo enquanto ouvia. Não queria que Olivia continuasse a falar em sua doença e em morte. Então, uma linda e engraçada história de amor seria bem-vinda.

— Acho que já te disse, Laura e eu sempre fomos grandes amigas. As melhores, na verdade, talvez únicas — enquanto ela falava, Rebecca podia sentir a doçura em suas palavras — Max e Nicholas sempre foram os populares da escola, sempre tiveram todas as garotas do colégio, menos, claro, as duas tímidas que éramos.

Pensando em Michael, conseguia imaginar como o pai deveria ter sido encantador em sua juventude. Ainda era um homem charmoso e bonito.

— No último ano de colégio, Laura e eu já havíamos desistido desse amor platônico e fazíamos planos para o futuro. Íamos viajar juntas e depois nos matricularíamos na faculdade. O balé para mim estava descartado, eu era péssima, que Carol não me ouça.

O som de sua risada fez com que Rebecca também risse.

— Mas algo surpreendente aconteceu. Um dia voltava da escola sozinha, Laura não tinha ido, estava doente aquela semana, estava indo para casa dela levar as tarefas. Um cachorro fugiu do

quintal e passou correndo por mim. Com o susto, derrubei todos os livros. Nicholas veio me socorrer.

Nicholas?, pensou Rebecca, surpresa. Ao seu ver, o cavaleiro galante seria Max e o sorriso encantador.

— Eu sei — Olivia fez um afago mais firme em Rebecca — Eu teria voado até as estrelas se fosse o Max. Bom, eu disse que estava indo até a casa da Laura, e ele me fez companhia. Ele era um cara legal, quis me tornar amiga dele e assim ter uma chance de empurrar minha amiga para os braços dele na primeira oportunidade.

— Pelo o que eu sei, hoje você conseguiu — disse Rebecca.

Todos eles se casaram e eram felizes. Bom, na medida do possível, já que Laura e Nicholas acabaram de se separar e Olivia...

Rebecca não queria voltar à questão da doença, então voltou a se concentrar na história.

— Nicholas teve a mesma ideia. Eu não sabia, na época, mas Max tinha uma queda por mim. Nunca foi além porque minha timidez sempre me fazia fugir dele, e ele via como desprezo da minha parte. Bom, devo dizer que o mesmo se aplicava a Nicholas e a Laura. Quando estamos apaixonados somos tão tolos, não é?

— Acho que sim. Então você uniu Laura e Nicholas e se aproximou de Max?

Olivia sorriu outra vez.

— Não foi bem assim. Conhece *Sonhos de uma Noite de Verão*, de Shakespeare?

Maneando a cabeça, Rebecca disse que sim. Amava Shakespeare. E no momento se considerava a própria Julieta.

— Hermia amava Lisandro, que acaba nos encantos de Helena...

— Quase a nossa história, mas com final feliz. Max ficou muito irritado ao ver Nicholas comigo e se aproximou da Laura para causar ciúmes em nós dois. E Laura ficou chateada comigo por ter me aproximado do rapaz que ela amava. Eu me senti traída por minha amiga ignorar meus sentimentos, quando tudo o que eu queria era ajudá-la.

— Meu Deus!

Inconscientemente Rebecca levou a mão aos lábios, tentando visualizar a cena.

— Meus pais tinham uma casa no campo, que hoje é minha. Todas as primaveras tem um campeonato de equitação, e no fim da temporada há uma premiação da Amazona mais bonita. Eu fui obrigada a ir porque era tradição, e Laura foi com sua nova amiga. Achei que era para me irritar, na verdade. Eu amava muito o Max, mas sentia falta da minha amiga.

Olivia agora enrolava mechas dos cabelos de Rebecca entre os dedos enquanto falava.

— No dia da premiação, eu ganhei e Max foi o rei ao meu lado. Quando dançamos, foi o melhor momento da minha vida. Ele tinha um cheiro tão bom. Nunca mais deixei que ele trocasse o perfume. Guardaria aquele cheiro para sempre. Foi então que eu entendi que não podia condenar Laura por ter se apaixonado por ele.

Rebecca estava tendo aquele momento em que você deseja saber o fim da história, mas ao mesmo tempo receia o fim.

— Antes de a música acabar, já estava fugindo dele de novo. No jardim, recebi um bilhete dizendo que era para eu ir até o celeiro. Acreditei que fosse Nicholas. Diria a ele que não poderia continuar. Nem era um namoro de verdade. Só nos beijávamos se Max e Laura estivessem por perto, mesmo assim era estranho. Nem de mãos dadas andávamos...

A pequena pausa fez Rebecca concluir que Olivia organizava suas lembranças.

— Chegando lá, era Max que me esperava. Disse que me amava, que sempre me amou, que

sempre tentou se aproximar, mas era desencorajado pela minha indiferença, mas quando me viu com Nicholas, seu melhor amigo, aquilo o deixou louco. E já que tinha perdido o amigo, não ia me perder também. Então eu me dei conta da grande confusão que nos metemos. Eu amava o Max, mas estava com Nicholas que amava a Laura, que o amava também. Tanto tempo desperdiçado porque éramos jovens, orgulhosos e tolos.

Dessa vez foi Rebecca a rir. De fato, foi uma comédia romântica engraçada.

— Não me julgue, mas... — Olivia parecia tímida — Eu me entreguei a ele naquele dia. Talvez tenha sido precipitado, mas sentia que já havia perdido tempo demais.

— Não vou e nem posso julgá-la — Rebecca entrelaçou seus dedos nos dela — O amou por tanto tempo, fez o que o seu coração disse para fazer.

— E não me arrependo. Mas, voltando à história. Estávamos abraçados entre nossas roupas, no celeiro, pensando em como dizer a Nicholas e Laura que estávamos juntos. Eu sabia que Nicholas não me amava, mas não sabia dos sentimentos de Laura, se eles haviam mudado com a convivência com Max.

Atenta à narrativa e de acordo com os fatos futuros, Rebecca desejou que os sentimentos de Laura em relação a Nicholas não tivessem mudado.

— Estávamos em um beijo bem apaixonado, quando ouvimos risos e sussurros. Nicholas e Laura surgiram em trajes, digamos, não muito apropriados. Ficaram surpresos em nos ver. E, como dizem, uma imagem vale mais do que mil palavras. Passamos o melhor fim de semana das nossas vidas. Nos formamos, viajamos juntos e nos casamos logo depois. Quando Laura ficou grávida, alguns meses depois de mim, juramos que nossos filhos ficariam juntos um dia.

— É uma história linda — concluiu Rebecca.

— Seria se eu não tivesse insistido naquele maldito jantar — Olivia soluçou — A filha dela não teria sido sequestrada. Laura nunca me culpou, mas eu sabia que era culpa minha. Não devia ter insistido tanto...

Sentando-se ao lado dela, Rebecca a abraçou. Entendia o sofrimento de Laura ao perder a filha, mas não era justo que deixasse Olivia acreditar que tivera algo com isso.

— Não foi sua culpa — abraçou-a fortemente — Eu sei que Laura sabe disso também.

— Por isso é tão importante encontrá-la, preciso dizer que remediei. Que consertei tudo. Michael e você...

Rebecca se parecia com Laura, talvez vê-la com seu filho fizesse Olivia sentir que o sonho de sua juventude fosse possível.

Laura passou a vida em busca da filha. Rebecca passou a dela desejando a mãe. A vida era cheia de enigmas, gostaria ela de que suas vidas estivessem cruzadas. Ser a garota por quem Laura sofreu e assim tirar todo o peso do coração de Olivia. Mas a vida não era tão previsível quanto as páginas de um livro. Não poderia fazer nada por nenhuma delas, talvez nem por si mesma.

Capítulo 14

— Então ela disse que sabia que vocês estavam namorando? — perguntou Brianna, quase berrando ao telefone — E o que você respondeu?

Antes de matar a curiosidade da amiga, Rebecca olhou a meia lua através da janela, no escritório do Sr. Hunter. Fazia um suspense que certamente mataria Brianna a qualquer momento.

— Ela não disse que sabia que estávamos namorando. Olivia disse que não era cega, ela notou que tinha algo acontecendo...

— Mas você disse claramente. — interrompeu Brianna com seu jeito impaciente: — Estou namorando o seu filho. Disse, não disse?

— Na verdade, não.

— Rebecca! — gritou, fazendo com que a outra afastasse o aparelho do ouvido — Bom, ela disse que você precisa conhecer os amigos dele na festa. Então, para bom entendedor...

Brianna suspirou, girando uma caneta entre os dedos.

— É, mas nossa conversa seguiu para outro rumo, depois ela ficou meio triste e nostálgica, não quis incomodá-la mais. E tenho que falar com Michael sobre esse assunto, de qualquer forma.

— Ainda não entendi por que estão escondendo isso.

— Por que é mais divertido? — perguntou nervosa.

— Não confia nele, não é? Eu sei, está completamente apaixonada, mas tem medo de sair ferida. Ainda acha que está brincando com você? É isso?

Seria tolo dizer que sim, mas seria mentira dizer que não. Poderia bater mil vezes na mesma tecla dizendo que tinha muito mais a perder do que ele.

— Só quero ir com calma, Brianna — suspirou, sentindo o coração ficar menor — Há tanta coisa em jogo.

Perder todas as pessoas que já aprendera a amar seria tão doloroso quanto perder Michael. Refletia sobre isso todas as noites, e era aí que as inseguranças voltavam.

— Certo, façam como quiser. Bom, já sabe o que vai usar no dia? Podemos ir naquele shopping no domingo para você comprar alguma coisa.

— Stacy disse traje informal. Festa na piscina, lembra?

Rebecca ouviu um suspiro, mais parecia com um bufar aborrecido. Ela poderia ver claramente Brianna revirando os olhos.

— Então veste um saco de batatas e chinelo velho, *Cinderela às Avessas*. Claro que aquela megera vai adorar. Está mais do que evidente que ela quer usar o evento pra ter o namoradinho de volta. Acorda, Becca! Você já foi mais inteligente.

Analisando o que Brianna falou e o comportamento estranho de Hannah sobre a própria festa de aniversário, ela tinha que dar crédito ao que sua amiga dissera. Stacy não é do tipo que desiste facilmente, muito menos que aceita a derrota para alguém como ela.

— Quando você ficou tão madura? — não conseguiu impedir que um sorriso carinhoso se formasse em seu rosto.

— Alguma coisa eu tenho que aprender com os livros que leio. A primeira parte, identificar uma boa bruxa e seus planos maquiavélicos. A segunda, como se livrar delas.

As duas riem desenfreadamente.

— Brianna, eu nunca vou superar suas maluquices. A gente se vê no domingo.

Rebecca se despediu antes que ela enveredasse em outro assunto. Max tinha dado permissão para que ligasse sempre que quisesse ou precisasse, mas não iria abusar passando horas com sua amiga ao telefone.

Assim que desligou, pegou seu livro e foi para o jardim, à espera de Michael. Conversaram algumas vezes quando ele ligava para saber da mãe.

Sabia as aulas que ele tinha durante a semana, conhecia as que mais gostava e quais odiava.

Contou sobre os seus dias na casa e planos para o futuro. Era boa com números e em executar tarefas. Isso a fez lembrar do que ele falara em uma de suas conversas.

— *—E quando nos casarmos, você poderá administrar as empresas da família. Meu pai ficará muito feliz. Você será o filho que ele não teve.*”

Rebecca cobriu a boca para que sua risada não repercutisse pela sala silenciosa.

— *Foi o pedido de casamento mais estranho que já ouvi* — dissera a ele.

— *—Eu sou um homem romântico.*”

Apesar do tom irônico, ele realmente era. Quem mais jogaria pedras em sua janela madrugada a fora?

Após encerrarem a conversa, Rebecca seguiu meditando sobre o que Michael insinuara. No fundo a ideia caía bem. Não a parte de se casarem, ainda imaturos e jovens. Estavam aprendendo a se conhecer. Mas a ideia de trabalhar para o pai dele não soava tão mal, como inicialmente pensara. Poderia estudar à noite. Conseguir um crédito estudantil ou tentar uma bolsa em alguma faculdade, quem sabe.

Max já a conhecia, talvez não fosse difícil conseguir um estágio, caso tentasse.

Havia vários cursos preparatórios em que poderia se qualificar.

Estava feliz, apaixonada, e Michael tinha planos promissores a realizar. Era muito mais do que um dia desejara ou sonhou ao atravessar os portões do orfanato com a pequena mala em suas mãos.

— Ele a beijou e foram felizes para sempre ou está se lembrando dos nossos beijos? Qual o motivo que faz esses olhos brilharem?

Enquanto as palavras eram sussurradas ao pé do ouvido, Rebecca sentiu os braços rodeando a cintura e as longas pernas enroscando nas dela. Um abraço de polvo, era isso o que ele lhe dava.

— A segunda opção — conseguiu sussurrar. Um forte arrepio cobriu-lhe a pele quando Michael deslizou a ponta do nariz em seu ombro, a suave mordida na curva de seu pescoço fez com ela gemesse seu nome — Michael.

O que tinha a dizer foi interrompido pelo beijo apaixonado que recebeu. Saudade misturada a desejo formava uma explosão de sentimentos dentro dela.

— Eu perguntaria se sentiu saudade — ele se afastou um pouco em busca de ar ou de controle, ela não sabia dizer — Mas esse beijo já me diz tudo que quero saber.

O sorriso arrogante, que estranhamente amava, combinava perfeitamente com suas palavras convencidas.

— Fui pega desprevenida — não daria o braço a torcer, embora cada dia que passaram distante, fizera seu coração encolher — Estava distraída em uma tórrida cena de amor.

Tirando o livro de suas mãos, o sorriso presunçoso de Michael se alargou.

— *A Megera Domada* — disse ele folheando as páginas antes de voltar a saltar sobre ela — Ler de ponta cabeça deve ser uma ótima técnica. Vou pensar sobre isso nas aulas de bioética.

Ela poderia responder à provocação, se aquela não fosse uma briga vencida. Se os lábios deslizando por seu rosto, chegando ao pescoço em um rastro delicado de beijos, não a fizesse perder

a voz.

Enquanto os lábios a devoravam, Michael explorava seu corpo exigindo mais.

Timidamente Rebecca introduziu a mão para dentro de sua camisa. Sentiu os músculos criando forma em sua mão. Ouviu o grunhido saltando de sua garganta e sua exortação quando ele pressionou o corpo no seu.

Rebecca entendia exatamente o que Olivia quisera dizer sobre a primeira vez que se entregou. Talvez não estivesse tão certa ou pronta como ela, mas desejava entregar-se ao que Michael despertava nela, como precisava de ar para sobreviver.

— Ai, caramba!

Levou apenas alguns segundos para emergirem da profundidade em que flutuavam. E uma eternidade para tentar se recompor. Vergonha misturada a surpresa tingiam Rebecca até a raiz dos cabelos.

— O que faz aqui, Caroline?

Rebecca não conseguia constatar se a expressão no rosto dele estaria tão zangada quanto a entonação na voz. Escondia o rosto em seu peito e não conseguia sequer imaginar como Carol encarava a situação.

— A senhora Dickson disse que já tinha chegado — explicou ela — Estava te procurando. Sempre que você some, está aqui.

Esse era o lugar preferido de Michael na casa, passara a ser o de Rebecca também. Era óbvio que Caroline o procuraria ali.

— Vá para o seu quarto, daqui a pouco eu subo.

— Vocês estão namorando?

A pergunta direta fez Rebecca se encolher.

— Suba, Caroline!

— Só queria dizer que tudo bem, prefiro Becca mil vezes do que a Stacy. — disse Carol antes de ir, como seu irmão pediu.

Sentiu-o tremer, sentiu seu próprio corpo tremer, entregue à adrenalina e ao abalo de terem sido pegos.

— Obrigada por me proteger — disse ela, escorregando de debaixo dele.

— Não era só o seu rosto bonito e deliciosamente encabulado que queria poupar — certificou Michael.

E quando ele ficou em pé diante dela, compreendeu o que ele tentou evitar. Se Carol não os tivesse flagrado em uma situação visivelmente comprometedora, Rebecca poderia alisar o vestido, arrumar os cabelos e fingir que nada aconteceu. Já fizeram isso antes quando se beijavam pela casa, às escondidas. Mas Michael não seria capaz de esconder o que seu corpo visivelmente denunciava.

— Acho que devemos falar com ela.

— Eu falo — disse ele, esfregando as mãos no rosto, depois emitiu um suspiro profundo — É melhor você subir também, Rebecca. Eu preciso de um tempo.

Não detectou frieza em suas palavras, e não viu isso como uma rejeição. Sabia que Michael precisava desse tempo sozinho. Sua cabeça também girava em muitas direções confusas.

O banho ajudou a manter as emoções um pouco mais controladas. Essa noite usou o vestido branco que ele gostava. *Amar alguém é querer deixá-lo feliz até mesmo por causa de uma peça de roupa?*, se perguntava ao olhar-se no espelho.

Jantaram somente ela e Carol. Max chegaria mais tarde, e Michael ficara no quarto com a mãe. Teria sugerido que todos fizessem companhia a eles, mas Carol havia avisado que estavam tendo algum tipo de conversa.

Rebecca tinha uma vaga ideia do que estariam falando. Lamentou não ter preparado Michael antes.

Ao contrário do que imaginou ao se unir à irmã dele à mesa, Carol não a encheu de perguntas como esperava. Parecia que, para ela, estarem juntos era tão natural como o suco de laranja em seu copo.

Após o jantar, elas subiram para o quarto dela. Meia hora depois, Carol a dispensou alegando estar cansada e que leria na cama.

O sorriso travesso dizia mais do que precisava.

Caroline queria dar espaço e tempo para que Michael e Rebecca namorassem em paz.

Sem dúvida alguma ela aprovava o relacionamento dos dois.

— Rebecca!

Sentiu as mãos de Michael sobre seus ombros antes mesmo de alcançar o primeiro lance de escada. Pretendia voltar ao gazebo e reencontrá-lo lá.

Algumas pessoas tinham músicas, trechos de livros, poemas que os ligavam a eles. Michael e ela ficariam marcados por escadas ridículas.

— A gente sempre se esbarra aqui — disse sorrindo ao se virar para ele.

O sorriso morreu quando se deparou com o olhar sério.

— Por que não me disse que minha mãe já sabia sobre nós dois? Que já tinha contado a ela?

— Eu não contei. Olivia tirou as próprias conclusões. E eu ia te falar, se Carol não tivesse surgido do nada e nos...

Atropelava-se na explicação. Não queria que ele acreditasse que estivera manipulando as coisas.

— Está bravo porque sua mãe descobriu?

Ele se afastou, apoiando-se em uma das pilastras. Não parecia irritado, mas algo acontecia com ele.

— Não estou bravo — batia o convite no corrimão — É que ela me disse algumas coisas.

— O que ela disse?

Um olhar firme e pungente foi sua resposta. Esteve prestes a descobrir, mas a expressão perturbada sugeria que ele tinha mudado de ideia.

— Não importa.

Michael tocou-lhe o rosto e sorriu. Puxou-a para seus braços e uniu suas bocas para um beijo.

Sentia que caminhava, talvez flutuasse como realmente sentia.

— Garota, eu não sei o que eu faço com você.

Abrindo os olhos, Rebecca notou que estavam diante de sua porta. Michael inclinou a cabeça até sua testa colar na sua. Sabia o que iria acontecer, ansiava por isso, sentia-se pronta.

— Tranque a porta quando eu sair.

Se os dedos deles não estivessem fazendo uma tortuosa carícia em seus lábios inchados, teria captado rapidamente o que ele disse. Foi apenas quando ele se afastou para abrir a porta e a empurrar para dentro que Rebecca compreendeu.

— O quê? — a compreensão tomou conta dela e sussurrou: — Vai entrar pela janela?

— Lembra do que aconteceu lá embaixo? — Michael balançou a cabeça, afugentando os demônios que habitavam ali — Eu não ia parar, Rebecca. E não me dava conta do quanto seria importante para você até minha mãe me fazer enxergar isso. Então, até que esteja pronta, deixe essa porta trancada.

Aquilo era realmente confuso, pensava Rebecca, encarando a porta fechada.

Sentir-se pronta não era a mesma coisa de estar pronta?

Caiu na cama refletindo sobre isso. Queria Michael, e era mais que evidente que ele também a queria. Não estava apenas curiosa e empolgada pelas coisas que ele a fazia sentir. Assim como Olivia dissera, não existia o momento certo para isso; acontecia quando tinha que acontecer. O mais importante é que sempre imaginou se entregar ao homem que conseguisse arrebatá-la seu coração. Esse homem era Michael.

Embora tivesse crescido sobre as fortes crenças das freiras, acreditava que os sentimentos envolvidos eram mais importantes que algumas regras impostas por elas.

“*O que farei com você, Michael?*”, sorriu, repetindo o que ele dissera anteriormente.

Mas a pergunta que deveria fazer é: o que ela faria?

Duas semanas depois, Rebecca apertava a alça feita de miçangas com tanta força que as bolinhas faziam marcas em sua mão. Stacy tinha uma casa tão ou mais imponente como as do Hunter. Quanto mais se aproximava da entrada, mais seu coração se contraía em seu peito. A fila de carros esportivos indicava que a maior parte de seus amigos já estava ali.

Alisou o vestido amarelo quando Michel soltou sua mão para tocar a campainha. Olhou seu reflexo no vidro na lateral da porta.

Comprara um vestido sem mangas, as alças amarravam no pescoço, deixavam as costas nuas e a saia dançava levemente nos joelhos quando caminhava. Optara por sandálias com pedras brancas, que combinava perfeitamente com a bolsa de praia.

— Michael, quanto tempo eu não te vejo por aqui.

Embora a governanta os recebesse com simpatia, Rebecca pouco prestou atenção no que ela dizia ao serem conduzidos para os fundos da mansão. Estava mais preocupada — intimidada seria a palavra correta — com toda a elegância passando diante dos seus olhos.

Tudo ali exalava riqueza, mas parecia tão frio como as paredes de um castelo. Era bem diferente da casa de Michael.

— Está nervosa?

Michael parou no caminho, ficando de frente a ela.

— Um pouco.

— São pessoas legais — ele sorriu — E você está linda.

Ele vinha repetindo isso desde que a vira saindo do quarto em busca dele. O olhar de admiração e a chama queimando em seus olhos confirmaram que acertara ao escolher o vestido. Podia não ter posses como as pessoas que conheceria, mas não o faria passar vergonha usando um saco de batatas e sapatilhas velhas. Brianna e Caroline tinham sido suas fadas madrinhas, auxiliando para essa festa.

— Tudo bem, eu estou sendo tola — aceitou a mão que ele estendia a ela e foram juntos rumo ao desconhecido — Vamos nos divertir.

— É para isso que servem as festas.

Não foi tão terrível como Rebecca acreditou que seria. Os homens, quando não provocavam Michael lançando galanteios inofensivos sobre ela, conversavam sobre faculdade e o rumo que estavam dando às suas vidas. Havia algumas garotas fúteis como Stacy, mas não chegavam a ser tão desagradáveis como ela.

Hannah parecia estar mais comunicativa e animada, já que a irmã estava curiosamente ausente da festa.

— Michael?

Falando na bruxa..., pensou Rebecca ao ouvi-la chamar por ele.

— Olha quem está aqui!

Ao lado de uma Stacy, mais provocativa e felina que o normal, havia um homem alto e bonito. Ele exibia um sorriso debochado e olhar irônico em direção a Michael.

Rebecca se retesou quando Michael cravou os dedos em sua cintura. Teria gemido de dor se não quisesse evitar chamar mais atenção em torno deles.

Obviamente existia algo entre os dois.

— Roger? — o olhar raivoso que Michael emitia e a mandíbula rija dizia que o convidado não era bem quisto para ele — O que você faz aqui?

Capítulo 15

Tensão.

Essa era palavra que melhor definia o momento. Embora as pessoas em torno deles ignorassem o clima tenso, Michael, Stacy, Roger e ela sentiam a eletricidade correndo. Rebecca podia imaginar a bolha magnética separando-os dos demais.

— Saudades de mim, primo? — a pergunta foi acompanhada de um sorriso lúbrico. A cabeça estava meio inclinada para o lado, e ele encarava Rebecca com apreciação. Roger estava provocando.

— Eu quero falar com você — Michael disse a ele, rangendo os dentes — Lá dentro.

Empurrando Rebecca para trás de si, bloqueou a visão que ela tinha dos outros dois.

— Eu já volto — beijou-a rapidamente na testa e saiu.

— Michael, não seja mal-educado! — disse Stacy num tom mais alto que o necessário, atraindo para si um pouco mais de atenção — Apresente a babá ao seu primo Roger.

Olhando-a com frieza para que ficasse quieta, Michael indicou a casa, pedindo que Roger o seguisse. Algo que ele não fez sem antes lançar a Rebecca uma piscadela atrevida e um sorriso cheio de intenções. O gesto não passou despercebido a Michael, e só parecia tê-lo irritado ainda mais.

Havia mais do que uma animosidade perceptível entre eles.

E ela se perguntava por que Stacy, tendo o intuito de se reaproximar do ex, tinha convidado justamente o seu desafeto.

— Não vai entrar na piscina? — perguntou Stacy ao deslizar sua saída de banho pelo corpo, que caiu aos seus pés — É uma festa na piscina, divirta-se! Ah, nunca deve ter ido a uma festa assim. Está se sentindo deslocada? Esse não é seu lugar, não é mesmo? Pode ir para a cozinha com os outros empregados, se quiser.

A voz era mansa e carregada de doçura, mas dos olhos saíam faíscas e puro veneno. Stacy acreditava que a barreira social entre ela e Rebecca faria com que a jovem fugisse assustada. Não poderia estar mais enganada.

— Por que é tão irritante, Stacy? Não entrei na piscina porque não sei nadar. E todos os amigos do Michael estão sendo agradáveis, diferente de você.

Rebecca gostaria de poder ignorá-la. Stacy era como chamas na lareira: parecia inofensiva, mas se você chegasse muito perto, com toda certeza iria se queimar.

— Deixa-a em paz, Stacy! — disse Hannah. Embora enfrentasse a irmã, sua voz saiu trêmula quando a enfrentou — E por que você o convidou? Como pôde fazer isso comigo?

Enquanto trocavam farpas, as duas ignoraram a garota petrificada ao lado delas. Rebecca podia entender a animosidade de Stacy contra ela, mas que ignorasse o quanto a irmã havia ficado abalada com a presença de Roger chegava a ser cruel.

— Porque é nosso amigo. Primo do Michael, se não lembra. Pensei que ia gostar de revê-lo, Hannah. Afinal, não foi o primeiro amor da sua vida?

— Não podia ter feito isso — murmurou Hannah, chorosa — Não podia!

Rebecca sentia vontade de esbofetear a ruiva insensível. Era uma festa de aniversário, a festa de Hannah. Ela deveria estar se divertindo e distribuindo sorrisos entre os amigos, não sair chorando sem direção e magoada.

— Garota idiota — Stacy torceu os cabelos e encarou Rebecca por um longo minuto — Isso é o que acontece com garotas inocentes. Sempre se dão mal. Principalmente as empregadas com sonho de grandeza. Não pense que eu desisti dele, nossa guerra só está começando.

Aviso ou ameaça, Rebecca sabia que a garota não estava blefando.

— Você vai guerrear sozinha, Stacy — disse, fazendo questão de aumentar ainda mais a distância entre elas.

Rebecca podia ter o rosto inocente, até mesmo se deixar guiar pelo coração dócil que tinha, mas não era a tola que Stacy julgava, sabia se defender se fosse preciso.

Soltando uma risada irônica, ela foi em direção à piscina.

— Eu sempre consigo o que quero, Rebecca — disse por cima do ombro — Sempre. Lembre-se disso.

Enquanto Stacy caía na água, exigindo as atenções masculinas, Rebecca decidiu refugiar-se no bar. Os gritos animados vindos da piscina que a acompanharam, logo foram substituídos pela música alta.

Parou em frente à mesa, colocou alguns petiscos no prato e ficou indecisa entre as dezenas de opções de bebidas coloridas na mesa.

— Stacy sabe ser difícil quando quer — era Hannah ao seu lado. Parecia mais calma, mas as marcas das lágrimas ainda eram visíveis em seu rosto.

— Acho que ela é difícil o tempo todo, mas você deve saber — Rebecca serviu dois copos com uma bebida amarela e entregou um a ela — Eu não ligo muito para a Stacy. Você também não deveria ligar, Hannah. Porque deixa que ela te trate assim?

Hannah encarou o chão, ponderando sobre a pergunta. Enfrentar a irmã nunca foi uma opção para ela. Stacy sempre foi mais esperta e ardilosa que ela. Não era de sua natureza sustentar conflitos.

— Toma cuidado com ela — murmurou, aceitando o copo, deslizando-o entre as mãos — Stacy sempre consegue o que quer.

— Foi o que ela disse.

Hannah tinha um olhar angustiado e pressionou firmemente o antebraço de Rebecca.

— Stacy não liga para quem atropela no caminho, ela consegue o que quer, Rebecca. Eu gostei de você... — uma risada fraca escapou dos seus lábios — É bem mais corajosa do que eu, mas não a subestime. Eu fiz isso e não gostei do que aconteceu. Tome cuidado.

Se a própria irmã dizia que Rebecca deveria agir com cautela, deveria manter os seus olhos o mais abertos possíveis.

Ela queria investigar um pouco mais quais foram os tipos de maldade que deixou Hannah tão submissa, mas Michael surgiu atrás dela, impedindo que sua curiosidade pudesse ser sanada.

— Vamos embora?

Apesar de ser uma pergunta, tinha um quê de imposição.

A festa estava no auge, correndo animadamente. Agora com as pessoas cantando e dançando em volta da piscina com seus copos nas mãos, mas Rebecca sentia-se aliviada de que pudessem ir embora.

Preferia ir para qualquer lugar com Michael, onde tivessem tranquilidade e pudessem aproveitar em paz a companhia um do outro.

Ela sentia que a conversa dentro da casa não tinha sido melhor do que a dela com a Stacy. Também não havia acabado de forma pacífica, e se seu sexto sentido não fosse aguçado o suficiente, o corte no canto dos lábios de Michael era.

— Vá me visitar qualquer dia desses, Hannah — mal teve tempo de se despedir e colocar o copo

intocado de volta à mesa ao ser arrastada para a saída — Ou liga se preferir, podemos marcar alguma coisa.

— Eu vou — murmurou Hannah, embora a sua resposta não soasse firme.

Os dois rapidamente chegaram ao carro. Michael praticamente a havia jogado no banco e batido a porta com força. Rebecca já o vira contrariado, irritado e ciumento, mas ele parecia fora de si, encolerizado.

— Você está bem? — após colocar o cinto e se ajeitar melhor, Rebecca tomou coragem e tocou-lhe a mão trêmula no volante — O que aconteceu? Vocês brigaram?

Abrindo os olhos, Michael a encarou duramente antes de parecer reconhecê-la e tomar seu rosto entre suas mãos.

— Não quero que deixe o Roger se aproximar de você.

— Michael...

O olhar tinha intensidade e também determinação. Contrariar Michael era assinar a sentença de morte daquela relação, e por mais que ainda estivesse intrigada com o desentendimento familiar, queria que ele se acalmasse um pouco.

— Ok, tudo bem — murmurou ela.

Pressionou as mãos dele com mais força.

— Roger não é uma pessoa legal — ele suspirou, apoiando a cabeça no banco, fechando os olhos

— Não anda com pessoas legais. Eu só não quero você perto dele.

Os olhos que antes estiveram carregados de raiva e contrariedade agora a olhavam com doçura e calor.

— Que tal a gente dar o fora daqui, já que estraguei a sua festa?

Rebecca sorriu.

— Pensei que estivéssemos fazendo isso. Não estragou a festa, Stacy fez isso.

Ele desviou o olhar e deu partida no carro. O que quer que tenha desencadeado a guerra entre os primos, ela sabia que Stacy estava envolvida.

— Como anda seu senso de aventura?

Michael parou no sinal e deu a Rebecca um sorriso de canto de boca. Não havia conhecido uma pessoa com tanto charme ao sorrir como ele. Havia um ar de menino e homem que fazia seu coração disparar.

— Eu confesso que nunca fui muito aventureira.

O sorriso transformou-se um bico, seguido de uma mordida de lábios. Se Michael propusesse roubarem um banco, esse seria o momento que ela diria sim. Diria sim se a proposta fosse fugirem pelo mundo. Diria sim a uma viagem sem volta à lua, porque quando ele a olhava assim, não havia nada que Rebecca pudesse negar.

— Então prepare-se para fazer algo perigoso e ilegal.

Já era ilegal o suficiente que ele ignorasse o limite de velocidade ao arrancar com o carro dali. Deveria tê-lo repreendido por ser tão inconsequente, mas, pela primeira vez em sua vida, Rebecca deixou-se levar. Queria ser uma adolescente que fazia coisas tolas. Queria a empolgação e a adrenalina que Michael arrancava dela.

A placa incrustada na parede dizia “Phyton Hight School.” Era um prédio de dois andares, as paredes eram de tijolos vermelhos e grandes janelas entre elas.

Eles haviam deixado o carro duas ruas dali e circularam o muro que protegia o colégio.

— É aqui que nossa aventura começa — disse Michael quando chegaram ao limite que dividia o muro com outra propriedade.

— Está falando sério? Lá dentro?

Ele inclinou o corpo e juntou as mãos para que ela usasse como apoio e assim pudesse escalar de forma segura.

— Pensei que dirigir feito louco fosse a parte ilegal, e não invadir propriedades privadas.

— Eu dirigi no limite. E não vamos invadir. — Michael rebateu — Digamos que eu esteja matando a saudade. Vivi grandes momentos aqui. Vamos lá, seja corajosa. Não vamos roubar ou matar ninguém.

— Ai meu Deus! — Rebecca apoiou as mãos em seus ombros e usou as dele como escada — Parece um filme que vi com Brianna uma vez. Devo alertá-lo que não acabava bem. Provavelmente eu irei quebrar o pescoço do outro lado. Eu posso ver a cena, você fugindo pelo mundo e chorando meu fim.

— Não seja medrosa — Rebecca sentiu a batida em sua bunda e segurou com mais firmeza no muro — Se eu me lembro bem, tem um duto de energia que serve de escada, chegará perfeitamente bem.

Ela o ajudou a subir. Usaram o duto que ele tinha informado para chegar ao outro lado. Andaram às escuras, rindo, tropeçando e apoiando-se um no outro.

Rebecca nunca tinha entrado em um colégio antes. Ele se parecia com os que via na TV. Passaram pela gigante pista de atletismo em volta do campo de futebol. Imaginou como seria se tivesse estudado ali. Se fosse ela em uma das arquibancadas torcendo por ele enquanto jogava.

— Agora vem a parte ilegal — disse ele ao pararem em frente ao portão de ferro que levava para dentro do colégio.

— Pensei que já estivéssemos na parte ilegal. — sussurrou.

Da carteira em seu bolso, havia surgido uma chave presa a um cordão. Balançou o metal prata diante dos olhos dela, o brilho da lua refletindo na peça, ricocheteando no rosto de Rebecca.

— Tem a chave da escola?

— Todos os jogadores do time tem — explicou Michael — Roubamos do zelador. Eu disse que tive grandes momentos aqui.

Ela não tinha estudado nesse colégio, não teve encontros clandestinos e nem fizera travessuras que a levaria à sala de detenção, mas essa noite, com ele ao seu lado, sentia parte de um Michael que gostaria de ter conhecido.

— Vamos?

Entrelaçando sua mão na dele, seguiu encantada para a loucura ou aventura que ele havia planejado para essa noite.

— Eu me sinto em um episódio de Teen Wolf — ela sussurrou, rindo, enquanto caminhavam pelos corredores escuros.

— Está vendo muita TV com a Carol. Infelizmente não tem lobisomens.

Pararam em frente a uma porta dupla. A primeira coisa que Rebecca viu foi a enorme piscina banhada pelas luzes vindas das janelas; no demais, todo o resto estava num breu.

— Nossa festa na piscina — disse ele, conduzindo-a para mais perto. — Fique aqui, eu já volto.

Em pânico, Rebecca o encarou com seus olhos saltando das órbitas.

— O quê? — viu-o se afastar sorrindo — Michael? Michael, volta aqui!

Ele já tinha sumido nas sombras. Ela estava entre nervosa e apavorada. Não que acreditasse que ele partiria deixando-a à própria sorte. Mas ficar sozinha em um ambiente às escuras e silencioso era aperitivo suficiente para qualquer mente mais fértil. Claro que não surgiria nenhum ser sobrenatural, mas Michael havia falado que outras pessoas também possuíam uma chave. E se mais alguém teve a

mesmo ideia estúpida que eles tiveram?

Ela não queria permitir que sua mente fosse dominada por coisas tão fantasiosas. Andou em torno da piscina, explorando o que podia do lugar.

— Foi o melhor que eu consegui achar — seguiu a voz de Michael e o encontrou apoiado contra a porta.

Em suas mãos, latas de refrigerantes e salgadinhos. Não conseguiu identificar as outras embalagens, mas considerou que seriam chocolates.

Ele deu a volta na piscina, alcançando-a do outro lado. Colocou a comida no chão e tirou a camisa e a bermuda em seguida.

— Vamos nadar?

Sem esperar a resposta, ajudou-a a se livrar do vestido. Como uma pluma, ele caiu formando uma nuvem aos seus pés.

Rebecca cruzou os braços sobre o peito, mesmo estando de biquíni, sentia-se exposta demais.

— Eu não sei... não sei nadar — gaguejou abraçada ao próprio corpo — Vou acabar me afogando ou matando nós dois.

Ele afastou os cabelos caindo em seus ombros, passou delicadamente a mão no pescoço dela, fazendo-lhe a pele arrepiar. Com delicadeza lhe ergueu o queixo e a obrigou a encará-lo.

— Eu seguro você — sorriu de um jeito tão doce que Rebecca não via escolhas, senão confiar — E te ensino, se quiser.

Ela observou a piscina gigante diante dos seus olhos. Não era como a da casa dele ou da festa onde estavam. Era uma piscina usada para formar atletas, assustadora, e Rebecca ridiculamente sentia que poderia facilmente os devorar.

— Você me segura mesmo?

— Sempre.

A convicção na voz era o bastante para deixá-la mais calma, mas foi o beijo que afugentou todos os receios e os fantasmas que a afligiam.

— Pronta?

Antes que pudesse afirmar, agarrada a ele, seus corpos mergulharam na água gelada. Como prometera, Michael a manteve o tempo todo segura na superfície. Ele a ensinou a boiar e até mesmo tentou que arriscasse algumas técnicas de natação.

— Eu sou um caso perdido — disse ela ao deitarem na borda — Até um bebezinho consegue mais do que eu.

Sentando e abrindo uma lata de refrigerante, Michael deu um longo gole antes de entregar a bebida a ela. Ela também se ergueu, ficando sentada com os pés dentro da água.

— Não é um caso perdido — o barulho da barra de cereal sendo aberta ecoou pelo local — Só tem medo, isso trava você.

Dando de ombros, aceitou o salgadinho de tacos que ele lhe dava. Não era apenas um medo bobo de água, sentia-se encurralada. Talvez fosse os pesadelos que algumas vezes tinha em relação a água. Sentia que estava afundando, e às vezes acordava assustada.

— Sempre vem aqui?

Não queria apenas ignorar o assunto, queria saber mais de Michael e suas aventuras na escola. Conhecera um pouco dele pela mãe dele e irmã, mas queria ver o Michael por seus olhos.

— Com outras garotas? — perguntou divertido.

Ela bateu os pés na água. Não sentia ciúmes, negava a si mesma, estava apenas curiosa.

— Ah, não... Quer dizer...

— Não. Não costumava trazer outras garotas aqui — vendo seu rosto incrédulo, ele sorriu, fazendo um juramento engraçado com os dedos — Sério! Não venho aqui desde a formatura. Antes disso era um refúgio do time. Vínhamos beber e comemorar alguns jogos.

— Piscina e bebida? — Rebecca arqueou as sobrancelhas — Ninguém nunca saiu ferido?

— Algumas vezes, sim. Nada muito grave, sempre dávamos um jeito, éramos jovens.

— Então, nenhuma garota?

Era ridículo que sentisse despeito por outras garotas ou que ficasse radiante com a resposta negativa, mas saber que era a única a dividir isso com Michael tornava esse dia ainda mais especial do que já estava sendo.

— Sei que alguns dos rapazes traziam as namoradas, mas não eu — disse ele voltando a deitar, levando Rebecca com ele — Às vezes, só queria pensar um pouco. Gostava da calma que é isso aqui à noite.

Rebecca podia entender. Havia uma paz e tranquilidade ao observar a água tremular enquanto chapinhava com os pés dentro dela.

— Conte mais como era o Michael da escola — pediu, se aninhado mais junto a ele.

Ele soltou um riso divertido, ficou calado um instante como se tentasse lembrar de algo, e começou:

— Uma vez, eu botei na cabeça que o fato do treinador ser tão rabugento era a falta de uma namorada. Então a senhora Taylor, da secretaria, era a candidata perfeita.

— Michael, o casamenteiro? — não conseguia deixar de rir.

— O Michael precisava de uma folga — havia uma fingida zanga em suas palavras — Precisava conhecer o treinador naquela época...

Com a cabeça apoiada no peito dele, ouvia a voz sedutora acompanhada das batidas cadenciadas do seu coração. Para Rebecca, era o melhor som do mundo.

Cada batida dizia o mesmo que o seu coração sussurrava: eles se amavam. Nada no mundo mudaria isso.

Capítulo 16

Rebecca pousou o livro em seu colo e fechou os olhos. Deixou que os raios de sol do final de tarde se infiltrassem por sua pele, enchendo seu corpo de vida. Gostaria que Olivia tivesse feito companhia a ela aqui fora, aproveitando da paz e tranquilidade desse dia, mas ela estava cada dia mais fatigada e abatida devido à sua doença.

E enquanto ela dormia em seu quarto, Rebecca tentava gastar o seu tempo com a leitura. Foi a sombra caindo sobre ela, bloqueando o contato com o calor, que a fez emergir da sonolência que começou a abater sobre ela.

Sorriu ao lembrar seu encontro nada amigável com Michael na piscina, quando fugia do que sentia por ele. Mas a alegria desvaneceu quando abriu os olhos.

— *Razão e sensibilidade?* — Roger curvou sobre ela, pegando o romance em seu colo — Vejo que gosta de clássicos.

Encarou o jovem sorridente e de traços bonitos. As advertências de Michael em relação a ele vieram-lhe à cabeça. Levantou e estendeu a mão, pedindo silenciosamente o livro de volta.

— Rebecca, não é? — ele entregou o livro, mas não o soltou — Eu sou o Roger, lembra de mim?

— É o primo do Michael — puxou o livro e foi em direção à casa — Perdão, mas tenho que pegar Carol no balé.

Para Rebecca era a desculpa perfeita para se livrar dele sem parecer mal-educada ou grossa.

— É exatamente por isso que estou aqui — Roger deu passos longos em sua direção e parou de frente a Rebecca, impedindo que continuasse — Faz tempo que não vejo aquela pirralha.

Esse não era um termo que Caroline gostaria de ouvir de si mesma, mas diferente dos sentimentos que Roger poderia nutrir por Michael, parecia não se aplicar a prima, havia carinho em sua voz em relação a ela.

— Irei com você para buscá-la.

— Ah, não é necessário — disse dando a volta em torno dele — Bill sempre me leva.

Roger prontamente se colocou ao lado dela. Desistir não era algo que ele cogitaria pensar.

— Bill teve que fazer um trabalho extra — explicou — Eu disse à minha tia que faria o favor de acompanhá-las com todo prazer. E a não ser que queira ir até lá explicar sua recusa à minha doce tia adoentada, sugiro que aceite minha oferta generosa.

Rebecca parou antes que sua mão alcançasse a maçaneta da porta. Estacou com o que ele acabara de dizer. Sabia que deveria evitar Roger como Michael pedira, mas fazer isso implicava ter que informar a Olivia o motivo de evitar seu sobrinho. E, na realidade, não teria muito o que dizer.

Desconhecia as razões que levara Michael a fazer tal pedido. Teria que contar a Olivia sobre a festa, a briga entre os dois, e a última coisa que queria era deixar a amiga ainda mais aborrecida.

Estava em uma encruzilhada. Irritar Michael ou a amiga doente?

— Já que o senhor está tão disposto, pode ir buscar Caroline sozinho — alegrou-se com a rapidez que tivera aquela ideia — Acho que ela irá amar a surpresa.

Abriu a porta, deixando-o para trás. Tinha certo que o assunto estava resolvido. Ninguém ficaria chateado com ela.

— O problema é que eu não sei onde é a escola de balé — disse às suas costas — Terá que me guiar. Só vou pegar as chaves do carro e já volto.

Viu Roger correr para o andar de cima. Ele tinha conseguido prendê-la em sua teia e não conseguia pensar em mais nada para escapar.

Quinze minutos depois, ele ressurgiu. O casaco de couro e os óculos escuros davam ainda mais charme a ele. Era um jovem bonito. Tinha os cabelos castanhos e a pele um pouco mais bronzeada do que a última vez que o viu.

— Eu anotei o endereço — disse quando ele voltou, erguendo o papel destacado de um caderninho que ficava ao lado do telefone.

Passando por ela, Roger ignorou a mão estendida a ele.

— Não conheço muito bem essa parte da cidade.

— Mas você nem olhou — disse ela, zangada — Como pode saber?

— Tia Olivia me disse por alto. Acabei de passar no quarto dela para dizer que estávamos indo — ele exibiu um sorriso doce — Disse que não se preocupasse com a gente, pois ia levar a baixinha para tomar um sorvete. Tinha que ver a cara de felicidade que ela ficou. Agradeceu e disse que vocês passam muito tempo presas aqui e que faria bem saírem um pouco.

Roger juntou as mãos como se orasse.

— Agora você pode ir lá e explicar sua recusa — ele suspirou, soltando os braços ao lado do corpo — Conhecendo minha tia como conheço, ficará muito triste.

Rebecca queria ter algo em suas mãos para arremessar na cabeça dele. Isso explicaria a impossibilidade de Roger não a acompanhar. Vencida, caminhou com ele até o carro.

Seguiu calada durante todo o caminho. Alimentando ainda mais sua fúria, em momento algum Roger pediu instruções a ela. A história de que desconhecia o caminho estava mais do que provada que era uma mentira. E o clima no carro só não ficou ainda mais desconfortável para ela por causa da música alta e barulhenta que ele ouvia.

— Não disse que não sabia o endereço? — perguntou a ele quando parou o carro no estacionamento da escola de balé.

Ele tirou os óculos e olhou para ela, como um menino que é pego mexendo na geladeira antes do jantar.

— Eu disse que não sabia o caminho — sorriu — Qual é? Eu tinha que tentar convencê-la.

— Não! Você mentiu — Rebecca abriu a porta do carro e saiu — Não gosto de mentirosos.

Seguiu bufando para a entrada. Roger a alcançou, segurando seus ombros.

— Desculpe, Rebecca. Olha, eu sei que Michael deve ter falado muitas coisas sobre mim, mas esse é só o ponto de vista dele. Está irritado e só vê o que ele quer. Se me deixar explicar...

Havia uma súplica em suas palavras finais que a fez relutar. Mas Rebecca amava Michael. Entendia que se alguém precisa explicar algo sobre a relação complicada dos dois, esse deveria ser o homem que amava.

— Roger, acho melhor que o...

Foi impedida de continuar por uma Caroline correndo em direção ao primo. Ela ainda usava a saia de tutu, mas a parte de cima era coberta pela jaqueta do colégio. Carregava as sapatilhas pelo laço e a bolsa caindo pelos ombros.

— Oi, pirralha, senti sua falta.

Roger girava nos braços uma Caroline feliz e barulhenta.

— Não me chama de pirralha! — bateu em seu ombro quando desceu — Sou uma garota crescida. E se sentisse saudade, ligava. O que está fazendo aqui?

Rapidamente ela encarou Rebecca com um olhar assustado.

— Becca, minha mãe...

Ela sentiu o coração apertar ao ver o desespero abatendo a menina. Era triste pensar que quando o assunto fosse em relação à mãe dela, as notícias esperadas fossem ruins.

— Não aconteceu nada, Carol — Roger voltou a abraçá-la, tranquilizando-a — Queria vê-la, então pedi para levar você e Rebecca para tomar um sorvete. O que acha?

O sorriso logo tomou o rosto dela.

— Claro que sim! — agarrada ao braço dele, os dois foram em direção ao estacionamento — Vamos adorar.

Rebecca continuou ouvindo-os enquanto caminhava atrás deles. Não podia recusar o pedido, não vendo como Carol estava animada, principalmente depois do susto que levou. Só pedia a Deus que isso não complicasse as coisas com Michael.

Quando chegaram ao carro, Rebecca dirigiu-se para o banco de trás e permitiu que a menina seguisse na frente. Os dois conversavam animados, brigando e brincando sobre as músicas.

Na sorveteria tentou ficar o mais distante possível, embora Roger e Caroline sempre procurassem colocá-la na conversa, contando todas as suas travessuras. Riu de uma ou outra, embora não quisesse. Se a dupla Michael e Caroline era travessa, Roger e Caroline era terrível.

— Quanto tempo você ficará aqui, Roger? — Carol perguntou assim que entraram na casa.

Essa era uma pergunta que Rebecca estava interessada em saber. Esperava que fosse embora ainda esse dia.

— Alguns dias — ele deu de ombros.

— Vai ficar aqui, não é?

— Papai colocou nosso apartamento na cidade em reforma — disse ele enquanto iam para o quarto de Olivia — Sua mãe disse que posso ficar no quarto de hóspedes. Claro, se o tio Max não se opor a isso.

Rebecca sentia que aquilo não era bom. Era como olhar pela janela em um dia nublado e ver que uma terrível tempestade se aproximava.

— O meu pai te adora — respondeu ela antes de entrarem no quarto.

Pelo sorriso de Olivia, ela também adorava. Parecia ter apenas uma pessoa que o detestava: Michael.

Por que ele odiava tanto o primo ao ponto de exigir que ficasse longe dele?

Só teria a resposta no sábado, quando Michael voltasse.

Rebecca acordou atrasada. Foram dormir tarde depois de saírem dos aposentos de Olivia, após o jantar. Jogaram gamão e viram um filme de terror na TV. Quisera colocar uma barreira e distanciamento em torno de Roger, mas era difícil quando ele era brincalhão e gentil o tempo todo.

Max realmente tinha ficado feliz em vê-lo. Ele era filho do irmão mais velho dele por parte de pai.

— Carol, desculpe — ela irrompeu no quarto, encontrando-o vazio.

Passou pelo de Olivia, mas ela estava dormindo. Visto que era um dia de quimio mais tarde, deixou-a dormir.

— Desculpem meu atraso.

Roger levantou e puxou a cadeira para ela. Rebecca agradeceu com um sorriso gentil. Era o primeiro que dirigia a ele espontaneamente.

Até que Michael explicasse o porquê da sua cisma com Roger, não poderia tratá-lo mal. Afinal, todos os demais da casa gostavam dele. E primos, como irmãos e amigos, brigavam.

Poderia ouvir o que ele tinha a dizer e talvez até ajudá-los a fazer as pazes. Não duvidava que o motivo de terem se desentendido fosse Stacy. Aquela era uma cobra peçonhenta, sentira o clima tenso na festa, e fora Stacy que levou Roger até lá.

— Becca, o Roger vai levar a gente — Carol soltou a bomba assim que ela sentou — Então pode tomar seu café em paz, não chegaremos atrasadas, ele não dirige como uma tartaruga anciã como o Bill.

— Espero que você também não corra — advertiu ela.

Bill realmente dirigia com excessivo zelo e cuidado, mas não colocaria a vida de Carol em risco de forma desajuizada.

— Tudo dentro da lei — ele sorriu, levantando a mão em sua defesa — Prometo.

Algo dentro dela dizia que estava se metendo em uma grande enrascada. Mas não via motivo para recusar. Não dessa vez.

Rebecca participou um pouco mais da conversa dentro do carro, que girou o tempo todo nas músicas e no gosto duvidoso que Roger tinha para bandas, na concepção de Carol do que eram bandas excelentes.

— Será que podemos conversar?

Rebecca desviou o olhar de Carol e da amiga dela, que no momento cruzavam o portão do colégio. Nunca vira a menina com mais ninguém e desconfiava que era sua única amiga. Carol não era muito de se abrir, às vezes contava uma coisa aqui ou outra ali. Sabia que a vida dela não era fácil. E que talvez lhe escondesse mais coisas por temer que contasse aos seus pais. O que certamente Rebecca faria se desconfiasse se algum dos seus colegas a maltratava.

Era estranha a vida. Passara anos imaginando como seria ter pai, mãe, irmãos, uma casa bonita e escola como Carol tinha. Mas a garota parecia mais solitária e infeliz do que Rebecca se sentira em todos os anos no orfanato.

— Podemos tomar um café?

— Acabamos de tomar café da manhã, Roger.

Assim que o funcionário da escola fechou o portão, ela foi para o banco da frente. Apesar de Carol gostar da companhia dela, não queria que os outros a vissem chegar com uma babá. E com Bill, ela permanecia onde estava até voltarem para casa, mas Roger não era seu motorista.

— É só uma forma de falar — disse ele, ligando o carro — Podemos tomar um suco, chá, o que você preferir.

Estava dividida, cada parte dela pendendo para um lado. Não teria o que fazer na casa, de qualquer forma. Max levaria Olivia para o tratamento.

— Está bem.

Foram a um café não muito longe da mansão. Pediu apenas água e ficou olhando o menu.

— Olha, eu sei que Michael pode ter falado algumas coisas — iniciou Roger, mexendo com o origami de papel que havia feito.

— Em primeiro lugar, Michael não me disse nada — Rebecca interrompeu, indo em defesa do namorado — Só pediu que eu ficasse longe de você.

Ele pareceu surpreso. Voltou a mexer com o pássaro em sua mão antes de continuar.

— Eu fico surpreso que não tenha falado, mas entendo a proibição.

— Entende? Então, por que insiste em me cercar?

Ele sorri.

— Em primeiro lugar — Roger a imitou — Não estou cercando você, eu gosto de outra, sem ofensas. E em segundo, o que o levou a fazer isso foi ciúmes e medo.

Rebecca sentia-se confusa. Acreditara que a insistência dele em ficar perto dela fosse exclusivamente para provocar Michael, mas Roger dissera estar apaixonado por outra.

— O que você quer dizer?

Seu semblante pareceu triste, e ele desviou o olhar.

— Você conheceu a Hannah? Claro que sim, já que estava na festa dela.

— Na verdade, eu não conheço a Hannah muito bem.

— Ela é a mulher que eu amo — disse ele.

Em vez de fazer algum sentido, como ele queria fazer com que soasse, para Rebecca só deixava tudo mais confuso.

— Stacy é apaixonada pelo Michael, mas isso você já deve ter notado. Aliás, todos sabem sobre isso. O problema é que ela também é fútil e irritada. Ele logo começou a cansar dela, e Hannah chamou a atenção dele. Deve ter notado como ela é doce e inocente. Eu nunca me aproximei muito porque, bom, Stacy dizia que eu não era bom para a irmãzinha dela, só que ela não sabia que, ao me afastar, aproximava mais o namorado da irmã.

Rebecca não sabia se queria continuar ouvindo. Tinha dado uma oportunidade a Roger de mostrar que era alguém legal, mas não queria ouvir nada que manchasse a imagem que ela tinha de Michael.

— Roger, acho melhor o Michael voltar e me contar ele mesmo — quis levantar, mas ele a impediu.

O gesto não foi agressivo, mas foi forte o suficiente para obrigá-la a sentar novamente.

— Espera! Não vou dizer nada que a irrite em relação ao Michael — ele insiste — Ouvir minha versão não impede que ouça a dele também, Rebecca.

Visto que ele tinha razão, permitiu que ele continuasse.

— Quando Stacy viu o que estava acontecendo, deu permissão para que eu me aproximasse de Hannah, mas acho que era tarde demais, ela já estava encantada com Michael. Eu tinha viajado por um tempo. Quando voltei fui direto para a casa da Hannah. Stacy disse que ela estava no quarto me esperando e que eu subisse...

Roger engoliu em seco antes de prosseguir. Aquele era um assunto que ainda o machucava.

— Encontrei Michael com ela na cama. Os dois juraram que nada tinha acontecido. Eu saí com muita raiva. Passei dias bebendo, e quando me recuperei, só queria me vingar do meu primo e conquistar Hannah de volta. Porém, ela viajou para ficar com os avós, mas sabia que estava fugindo de mim, sabia que tinha me magoado e foi errado o que fez com a irmã. Fiquei com mais raiva do Michael e da Stacy por terem tirado a oportunidade de ficar com a única mulher que eu amei. Então, um dia em uma festa, eles tinham brigado e ela bebeu muito. Aproveitei da situação para ficar com Stacy. Michael viu e ficou muito zangado, brigamos bastante.

Algumas partes do que ele disse fazia sentido. Tinha percebido como Hannah ficou ao lado do Michael. Também explicava o motivo de ele não querer Roger por perto, mas por que ele não ficara com Hannah e voltara a namorar a megera? Por que Roger não tentara esclarecer as coisas?

— Eu estava muito magoado até dois dias antes da festa — seguiu Roger com as explicações — Stacy me procurou e disse que na verdade foi um plano dela para desmascarar a irmã. Tinha dado um jantar, os três beberam demais, Michael acabou passando a noite ali. Ela o perdoou, e a mãe delas exigiu que a filha fosse passar uma temporada no campo.

Enquanto ouvia, Rebecca percebeu o quanto Stacy era manipuladora e perigosa. Havia prendido todos em sua rede de maldades por orgulho ferido e despeito.

— Ela me disse que se eu amasse e quisesse Hannah de volta, era melhor agir logo.

— Então ficou muito feliz e voltou saltitando com ela.

Rebecca não conseguia entender aquela parte, eles pareciam bem felizes juntos.

— Você não entende? — Roger esfregou o rosto, frustrado — Stacy é tão má como esperta. Se eu quero vencê-la, tenho que jogar o jogo dela.

O que Rebecca entendia era que alguém deveria parar aquela garota. Não era possível que usasse as pessoas como peões do seu jogo macabro.

— Já amou alguém com toda força do seu coração? — ele segurou a mão dela — Amou ao ponto de que, mesmo a pessoa ter te machucado, você esqueceria tudo para estar ao lado dela mais uma vez?

Rebecca compadecia da angústia impregnada em sua voz, principalmente quando seu coração também transbordava por esse sentimento maravilhoso e ao mesmo tempo assustador, chamado amor.

Sorriu e apertou os dedos dele no seu.

— Sim, eu sei — disse simplesmente — É tão lindo como assustador.

— É, sim. Por isso eu vou ter Hannah de volta, por isso eu voltei.

Amores impossíveis sempre fora seu tipo de romance. Gostara de Hannah à primeira vista e torcia pelos dois. Conversaria com Michael, os primos poderiam fazer as pazes e ele poderia ajudar Roger.

— Ainda tem raiva do Michael?

Ele se empertigou na cadeira e pensou por um momento.

— Acho que agora não. Sentimentos como esse me desviariam do meu propósito: conquistar Hannah. Nada mais tem importância. Além disso, foi tudo um engano.

— Então, por que vocês brigaram aquele dia?

— Stacy. Assim como encheu minha cabeça de mentiras, fez com ele. Michael estava muito zangado. A verdade é que Hannah gostava de mim, tinha Michael apenas como um confidente. Ele não entende o que aconteceu naquele dia. Mas acredita que eu só quis brincar com as duas irmãs.

— Tem que dizer a verdade a ele, Roger.

— Não é tão fácil assim, Rebecca. Acho que quando ele ver que Hannah é feliz ao meu lado, irá ouvir e entender.

— Talvez eu possa...

— É melhor que não se envolva nessa história — disse ele — Eu notei como ele está gamado em você. Também me proibiu de me aproximar. Está cheio de ciúmes. Vai mudar quando Hannah e eu estivermos juntos.

— Talvez você tenha razão. Nós dois já temos problemas demais.

— Estão namorando escondido, não é? Carol já teria denunciado se fosse algo declarado, e vejo nos seus olhos como está apaixonada sempre que falo dele.

Rebecca sentiu as bochechas queimarem.

— É complicado dizer.

— Não tem que explicar nada. Entendo a situação. Você trabalha na casa, meus tios ficariam contrariados.

— Olivia não.

— Minha tia está morrendo...

— Roger!

— Não quis ser cruel, por favor — ele tenta se justificar — Quis dizer que Max confia em você, se sentiria traído. E se tudo acabar de repente, fica complicado para você.

Roger tinha resumido em poucas palavras o drama daquela relação.

— Tudo ficará bem. Olivia vai vencer essa batalha. Hannah e eu ficaremos juntos e você e Michael serão felizes.

Ela desejava fervorosamente que a profecia dele se cumprisse.

— Poso te pedir uma coisa? — perguntou ele.

— Sim.

— Não conte ao Michael sobre essa nossa conversa, principalmente que estivemos aqui.

— Mas...

— Ele só iria interpretar tudo errado, Rebecca. Diria que ao invés de Hannah, estou atrás de você. Sabemos que isso não é verdade — ele fez uma pausa — Iria atrás de Hannah e aconselharia a não deixar me aproximar. Até que eu fale com ela, que prove o meu amor, guarda esse segredo?

Rebecca meditou sobre o que ele disse. Michael realmente poderia tirar conclusões precipitadas, levado pelo ciúme. Além de brigarem, poderia minar as últimas chances que Roger tinha.

— Está bem, mas aja rápido — disse ela, mal consigo mesma — Da mesma forma que não gosto de mentirosos, não gosto de mentir, e já tenho feito muito com nosso namoro secreto. Não foi o que as freiras no orfanato ensinaram a mim.

— Cresceu em um orfanato?

— Sim.

Ela contou resumidamente onde passara a infância até se tornar adulta e como fora parar na casa dos Hunter e o que levou a ter um romance Romeu e Julieta com Michael.

— Eu vou guardar seu segredo como guardará o meu — disse Roger quando retornaram.

Beijou a mão dela de forma galante antes de se despedirem.

Capítulo 17

Como esperado, Michael retornou e não gostou nada da presença do primo, mesmo com Roger passando boa parte do tempo fora da casa.

Eles saíram para jantar e passaram boa parte da madrugada em seu lugar preferido na propriedade, abraçados em um banco no gazebo.

— Michael? — Rebecca alisava as linhas da mão dele quando iniciou o assunto — Por que não gosta do Roger? O que aconteceu entre vocês?

Sentiu o corpo dele ficar tenso.

— Nada que você deva se importar, Rebecca. Só fica longe dele, Roger não é confiável.

Ela se soltou do seu abraço e virou para encará-lo.

— Mas por quê? O que ele te fez ou você a ele? — deu o seu melhor sorriso carinhoso e tocou seu rosto — Nada do que disser irá mudar o que eu penso sobre você, nada vai mudar meus sentimentos.

Rebecca viu seu semblante anuviar.

— Por que está dizendo isso? Falou com ele?

— Claro que não!

Voltou a deitar em seu peito, para que ele não visse a mentira estampada em seus olhos.

— Só queria que confiasse em mim.

Sentiu as mãos acarinhar seus cabelos e o beijo no topo de sua cabeça.

— Confio em você, eu não confio nele. E não quero mexer no passado. Outras pessoas podem sair machucadas.

“Ele falava sobre Hannah ou seus pais?”, Rebecca se perguntava.

Como ele não ia dizer, e não queria arruinar a paz entre eles, decidiu se calar. Se insistisse no assunto, teria que contar que saíra com Roger, que ouvira a versão dele. Isso certamente deixaria Michael muito zangado. E fizera uma promessa, daria o tempo que Roger pedira a ela.

Voltaram a se beijar, trocar carícias e navegar pelo caminho que os apaixonados conheciam, esquecendo-se do mundo ao seu redor.

No domingo, Michael fez uma surpresa para ela e Brianna. Ele levou as duas à praia.

Enquanto a garota parecia um peixe, o tempo todo enfiada no mar, Michael e Rebecca namoravam debaixo de uma palmeira.

— Olha como ela está feliz, Michael.

Rebecca via seu amor por ele se multiplicar. Nunca vira Brianna tão feliz e realizada em sua vida. Amou o mar, e dizia que iria comprar um barco e moraria nele. Não, seria marinheira ou qualquer outra profissão que a permitisse ficar por perto.

— Trarei vocês todos os domingos se, como recompensa, ver esse brilho nos seus olhos, Rebecca.

— Amo você! — ela pulou sobre ele, oferecendo os lábios — Cada dia mais e mais.

Andaram pela praia. Olhavam de longe vez ou outra como Brianna estava. Tinha feito amizade com alguns garotos e jogava bola.

— Eu andei pensando — disse ele, parando de frente a ela — Sobre nós dois.

A maré ia e voltava sobre os pés deles, dava uma sensação gostosa em Rebecca.

— Todos os anos vamos para o campo, onde meus pais têm uma casa. Foi lá que decidiram ficar juntos. Tem uma festa na região, competição de polo para angariar fundos para o hospital da cidade, um baile de época e um concurso da dama mais elegante.

— Sério? — Rebecca não conseguiu segurar o riso — Concurso da dama mais elegante?

— Não ria — mas ele ria junto com ela — É uma tradição antiga. O time do meu pai sempre vencia, as damas da minha família ganharam vários troféus. Eu estava sendo preparado para substituir meu pai, mas mamãe...

Ele não precisou dizer. A doença de Olivia havia interrompido tudo. A vida deles mudou.

— O que eu quero dizer é que talvez pudéssemos ir, minha mãe sempre gostou do evento, poderia fazer bem a ela.

— Acredito que uns dias no campo fará muito bem, sim.

Voltaram a caminhar em direção à Brianna.

— Onde eu queria chegar, é que em um clima mais ameno, divertido, poderíamos dizer aos meus pais sobre nós dois.

Ele sorriu, meio tímido. Rebecca adorava essa parte dele; a parte do garoto inseguro e doce.

— Você tem certeza? — perguntou ela — Não gosto de esconder o que sentimos, mas posso esperar um pouco mais. Não é como se estivéssemos fugindo.

— Rebecca — ele segurou seu rosto com firmeza — Preciso ir além. Gosto de todos os momentos que passamos juntos, mas eu preciso de mais. Claro que se não estiver pronta vou esperar. Mas, se sentir segurança, sei que sente o mesmo que eu.

Compreendia aonde Michael queria chegar. Às vezes, quando estavam juntos, os beijos, os toques, a euforia levava-os para um outro lugar. Era sempre Michael que os trazia de volta. Ele a respeitava, mas Rebecca sentia-se pronta. Era como se tivesse nascido para ele.

— Eu quero o que você quer.

— Eu quero você, Rebecca.

Era o suficiente para ela.

Michel avisou que aquela seria uma semana intensa de trabalhos e provas. Talvez nem fosse para casa naquele fim de semana. Apesar de ficar triste, ela entendia que o curso dele era exigente e cansativo. Poderiam falar sempre que desse pelo telefone. Ele até dera um celular a ela. Apesar de considerar uma extravagância, Michael insistiu que teriam mais privacidade e se lamentava não ter pensado nisso antes.

— Podemos trocar mensagens — disse ele ao dar um beijo em seus lábios, após a última tentativa em se despedir.

Como o motorista do táxi já parecia incomodado com a demora do casal, finalmente fechou a porta, deixando-a partir.

— Eu te amo — Rebecca sussurrou através do vidro.

“Eu te amo mais”, ele sussurrou de volta.

Ela encontrou Roger saindo de casa quando chegou. Como todas as segundas-feiras, era Michael a levá-las até a escola de Carol.

— Oi, Roger — cumprimentou. Desde que conversaram no café, não se falaram direito, principalmente porque no fim de semana ficava com Michael e os dois se evitavam.

— Eu te vi entrando no quarto do Michael essa manhã. Conseguiu falar com ele?

Roger estacou com a informação que ela lhe dera.

— Me viu sair também?

Ele parecia preocupado.

— Não. Quis dar espaço a vocês — explicou — Fui ver a Caroline.

Roger suavizou o semblante e sorriu para ela.

— Não consegui falar com ele. Não estava mais no quarto. Sendo franco, fiquei muito desapontado.

Talvez fosse daí o desconforto dele momentos atrás, pensou Rebecca. Que ela o flagrasse em um momento frágil.

— Tentei conversar com ele, mas não quis me escutar. Michael insistiu que devo ficar afastada de você.

— Eu entendo — disse ele, cabisbaixo — Estou indo agora falar com Hannah, e espero conseguir resolver tudo isso logo.

— E como andam as coisas com ela? Passou o final de semana fora, e achei que tinham se acertado.

Roger esfregou o rosto. Havia desespero passando por ele.

— Passei o final de semana correndo atrás dela, na verdade. É uma garota difícil, e você sabe, tem a Stacy sempre dificultando o caminho.

Rebecca desejava que a garota não voltasse a cruzar o caminho dela. Diria algumas verdades à ruiva nojenta.

— Eu não vou te atrasar. Espero que tenha sorte dessa vez.

No entanto, Roger voltou desanimado. Disse que Hannah tinha ido passar uns dias no campo, e Rebecca não acharia estranho se Stacy tivesse algo com sua decisão.

Seu novo amigo passou o resto do dia trancado no quarto, nem mesmo Carol conseguiu tirá-lo de lá.

Manteve a menina ocupada para que ele tivesse seu momento em paz.

No dia seguinte, uma jovem chamada Pietra surgiu na casa. A Sra. Dickson avisou que era a nova enfermeira contratada por Max.

Rebecca lamentou que agora teria mais horas para permanecer desocupada, mas a mulher parecia simpática. Com certeza precisava do emprego.

No terceiro dia, após voltar da escola de Carol, bateu na porta de Roger. Ele atendeu desalinhado e com os olhos sonolentos.

— Eu não quis acordar você — ela se desculpou, retrocedendo alguns passos — Só queria saber se estava tudo bem.

Ele cruzou os braços e se apoiou contra porta.

— Eu não estava dormindo.

— Por que não desce para o café, acompanho você.

Rebecca não queria ver mais ninguém naquela casa abatido. Ela mesma procuraria Hannah se fosse preciso.

— Está bem, vou só tomar um banho e já desço.

Ela não quis incomodar a governanta e nem ninguém da cozinha, então refez a mesa do café da manhã com tudo o que lembrava que era servido.

De banho tomado e barba feita, Roger já parecia outra pessoa. Durante o café pouco falaram, deixou que ele comesse com tranquilidade.

O telefone vibrou em cima da mesa. Roger olhou a mensagem e logo voltou a concentrar-se na comida.

— Quer dar uma volta lá fora? — perguntou ele alguns minutos depois.

Roger quis ir em direção ao gazebo, mas aquele lugar era dela e de Michael, então insistiu para que fossem em um dos bancos do jardim, onde estivera muitas vezes com Olivia.

— Ela foi embora sem ao menos me dar a chance de conversarmos. Acho que pode ser tarde demais e só estou perdendo meu tempo aqui.

Sentia pena por ele.

— Seria legal se os avós de Hannah morassem perto da casa de campo que os Hunter têm.

Roger encarou-a firmemente. Parecia tentar decifrar o que ela queria dizer.

— Mas é — informou ele — Passamos vários verões por lá. E tem a festa regional.

Rebecca dobrou uma perna e sentou sobre ela. Estava animada com a ideia que surgia em sua cabeça.

— Michael me contou. Por que você não vai? Acho que toda a família irá esse ano. É uma ótima forma de se aproximar de Hannah.

— Eu não sei, acho que Michael não vai gostar...

— Todos estarão descontraídos e em clima de férias — disse Rebecca, usando as mesmas justificativas que Michael usara para convencê-la — Você reconquista a Hannah e ainda faz a pazes com seu primo.

Vendo que Roger ainda parecia vacilante, segurou a mão dele.

— Olha, pode apenas aparecer por lá. Michael não terá coragem de mandá-lo embora. Não fez isso aqui.

— Acho que você tem razão, Rebecca.

Levado pelo impulso, ele a abraçou, sussurrando em seu ouvido:

— Obrigada, tem sido uma ótima amiga.

Roger não poderia ter escolhido pior momento para demonstrar sua gratidão e amizade.

— Solta ela, Roger!

O momento descontraído entre os dois amigos foi eclipsado por um Michael transtornado e furioso.

— Primo, não é... — Roger levantou, pronto a dar a ele todas as explicações.

Ele não teve tempo de continuar. O soco que recebeu fez com que voltasse ao banco.

— Michael! — Rebecca o encarou, indignada e assustada com a medida de sua violência — O que está fazendo?

— Eu disse para ficar longe dele — sua fúria agora era dirigida a ela — Qual a parte de ficar longe você não entendeu?

Ela tentou se aproximar, tentou tocá-lo para que se acalmasse. Aquele não parecia o Michael que conhecia. Quando tocou seu braço, ele a afastou.

— É isso o que fazem quando estou fora?

— Cara, você está sendo ridículo — protestou Roger.

Se Rebecca não tivesse agarrado o namorado, claramente iniciariam uma briga. Não uma discussão como estavam tendo; Michael parecia querer matá-lo.

— Vai embora, Roger — suplicou Rebecca, não conseguiria segurá-lo por mais tempo — Por favor, vai embora.

— Sai daqui, seu babaca!

— Se precisar de ajuda, grita, Becca.

O apelido carinhoso que Roger nunca usara antes só fez com que Michael ficasse mais irritado.

Levou alguns minutos para que o casal absorvesse que estava sozinho. Michael ainda estava furioso, e Rebecca não se sentia diferente.

— O que aconteceu? — foi ela a iniciar a conversa — O que está fazendo aqui?

Em nenhum momento em que se falaram pelo telefone ou trocaram mensagens, Michael avisara que estaria voltando.

— Esqueci um trabalho importante da faculdade. Voltei apenas para buscar e te fazer uma surpresa

— ele riu, sarcástico — O surpreendido foi eu. Chego em casa como um marido traído.

— Michael, não é assim — caminhou até ele, e para sua alegria e surpresa, dessa vez não a rejeitou — Estávamos apenas conversando.

— Não havia nada aqui? Nada que pudesse me chatear? Nada a esconder?

— Não! — foi enfática ao afirmar — Somos apenas amigos, tendo conversa de amigos. Roger quer se aproximar de Hannah...

— Droga, Rebecca. Ordenei para ficar longe dele!

Ela amava Michael, mas ele precisava entender que se tinha amigas desprezíveis como Stacy, ela também podia ter amizades com quem ele não gostava. E não era qualquer pessoa, era o primo dele.

— Você ordenou?

Não era um jogo de quem mandava mais. Pensamentos como aquele não faziam bem à relação.

Por que tudo entre os dois tinha que ir aos extremos?, ela se perguntava.

— Não acha que já é hora de resolver as coisas? Deveria escutá-lo, foi tudo um engano.

— Contou um monte de mentiras para você, não foi? — Michael parecia um leão andando ao redor dela — O que ele disse?

— Você e Hannah...

Viu quando ele empalideceu. Não queria que ele ficasse mal com aquilo.

— Foi só um engano, já sei disso — disse, voltando a se aproximar — Uma das muitas armações da Stacy.

— Stacy foi apenas mais uma das vítimas dele.

Rebecca não conseguia entender como defendia com tanta energia a ex-namorada fingida e não conseguia dar cinco minutos para que seu primo pudesse se defender de uma culpa que não era dele.

— Escuta, Rebecca — ele a segurou pelos braços — Roger não presta. Ele anda com gente barra pesada, não pensa em ninguém além dele mesmo, sempre foi assim. Vai se machucar se fizer a escolha errada.

— Eu não sabia...

— Você não sabe de muita coisa — disse ele, frustrado — Se eu aturo Roger é pelos meus pais e Carol, não quero jogar mais lixo em cima deles. Agora, se você não quer ouvir, não é problema meu.

Ela detectou o olhar magoado nos olhos dele. Para Michael, ela estava fazendo uma troca, mas nunca estivera tão longe da verdade. Ninguém era tão importante em sua vida, não amava tanto alguém como o amava.

— Michael...

— Eu tenho que voltar — ele agachou, pegando a pasta no chão. Somente naquele momento Rebecca se dera conta dela — Só vim buscar o trabalho.

— Mas, Michael, temos que conversar.

Não podia deixar que ele partisse assim, com tantas incertezas passando por sua cabeça.

— Quando eu voltar, conversamos.

Rebecca o viu indo embora. E, pela primeira vez, vislumbrou como era ter o coração despedaçado. Daria tempo para que Michael entendesse que fora apenas um engano bobo.

E enquanto o esperava voltar, faria o que tinha prometido antes: manteria Roger à distância.

Capítulo 18

Rebecca e Brianna não saíram naquele domingo. Ela preferiu ficar no antigo quarto com a amiga. Michael não viera esse final de semana, nem respondera suas mensagens que enviara ou os recados deixados na caixa postal.

— Eu não compreendo como escolheu um rapaz que mal conhecia ao invés de um que já provou que te ama.

Rebecca fazia essa mesma pergunta a si mesma. Na verdade, ainda nem conseguia entender o que acontecera.

— Não troquei um pelo outro, Brianna — sentou na cama, bufando — Quis ajudar aos dois, mas fui eu que me dei mal. Michael está furioso.

— Ele disse para ficar longe do primo doido.

— Michael exigiu — retrucou Rebecca — Sem dar qualquer explicação plausível. Eu já te disse como as coisas aconteceram.

— Mas no fim acabou fazendo o que Michael pediu. Então, por que não fez isso antes?

Rebecca encarou Brianna e sua lógica absurdamente ridícula. Claro que fugir de Roger teria evitado muitos problemas, mas foi vendo-se direcionada por outro caminho.

— Fiquei com pena dele e da Hannah — voltou a apoiar a cabeça no colo de Brianna — Se conhecesse e soubesse como a Stacy é odiosa, entenderia.

Brianna fez sinal da cruz e pediu a todos os santos que conhecia que mantivessem todas as Stacys do mundo longe dela.

— Olha, minha filha, Madre Teresa só teve uma, eu já te falei, e essa já está no céu.

Se a intenção fosse que risse, Brianna podia ficar satisfeita. Era o primeiro sorriso que Rebecca emitia naquele fim de semana triste.

— E se Michael não quiser mais falar comigo?

— Isso é impossível, moram na mesma casa.

Tecnicamente não.

— E se não quiser me perdoar?

— Mais impossível ainda — disse ela com sua voz de sabedoria — Homens são competitivos, não vai querer perder para o bonitão.

Rebecca enrugou a testa para olhar para ela.

— Como sabe que é bonitão?

— É um Hunter, não é?

Brianna era a única pessoa que conseguia apontar suas besteiras, criticar suas burradas, fazê-la rir e ser a melhor amiga que precisava.

— Eu te amo, Bri — murmurou, secando uma lágrima furtiva — Não sei o que faria sem você.

Naquele momento, enquanto alisava o cabelo dela, Rebecca sentia o mais próximo do que seria o carinho de uma mãe. Uma sempre foi isso para a outra. Sempre preenchiam essa parte que lhes faltava.

— Nunca vou deixá-la sozinha, Rebecca. Não importa os Roger, Michael ou qualquer outro que aparecer.

Era essa segurança que a mantinha em pé. Sempre teriam uma a outra.

— Será que a mãe se importaria se eu dormisse aqui?

— Acho que não — disse Brianna — Mas, se ela invocar, você entra pela janela.

— Janela, não.

Janela lembrava Michael; lembrar de Michael fazia seu coração doer.

Fora uma semana péssima. Se empenhou para que Carol e Olivia não desconfiassem de sua melancolia e tristeza, mas Rebecca sabia que no fundo tinham notado alguma coisa.

Diferente de quando o conheceu, Roger entendeu a distância que havia colocado entre eles e a deixou em paz. Todas as tardes, Roger jogava cartas com Olivia, então passou a evitar ir até lá essas horas também. Com a enfermeira na casa, não restava muito a Rebecca, a não ser ir à biblioteca ou trancar-se no quarto e ler.

Assim foi por toda a semana.

Passava as folhas de um livro sem muito interesse, quando Roger surgiu na porta.

— Posso falar um minuto com você?

Fechou o livro com força e ficou em pé. Estava irritada com ele, com Michael e com ela mesma.

Sentia uma enorme saudade daquele idiota e cabeça-dura.

— Acho melhor não. Michael e eu não resolvemos nossos problemas, não quero dar mais motivo para que se zangue comigo.

— Não quero ser o motivo para que se desentendam — disse ele com um olhar sentido — Vim só me despedir. Notei que ele não veio esse final de semana e concluí que foi por mim.

Rebecca não podia negar. Michael mesmo dissera que o tolerava. Parecia que agora não estava disposto a nem isso.

— Ele me disse que você anda com uma turma barra pesada. Por isso não quer que sejamos amigos.

Roger colocou a bolsa de viagem que carregava no chão. Caminhou até ela, mas hesitou no meio do caminho.

— Lembra que eu te contei que quando tudo aconteceu fiquei meio maluco?

Rebecca meneou a cabeça.

— Acabei conhecendo uma galera de comportamento duvidoso. Mas eu estava irritado. Imagine se o Michael e aquela sua amiga...

— Brianna.

— Exatamente. Se você pegasse os dois na circunstância que os encontrei.

Rebecca caminhou até a poltrona que estivera. Sentia-se desnorteada ao tentar imaginar a cena.

— É diferente, Brianna nunca faria isso comigo.

— Hipoteticamente se isso acontecesse — insistiu ele — Como se sentiria?

— Morreria em vida.

Roger andou até uma das prateleiras, pegando um ou outro livro.

— Foi assim que me senti — disse ele — Meus pais eram muito ausentes, sempre viajando a trabalho, cresci cercado de empregados e uma fila de babás. Meus tios sempre me davam o carinho que eu precisava. Michael acabava vendo isso como uma competição. Acabei encarando assim quando o vi com a Hannah. Fiz coisas que não me orgulho, admito, mas aquele não era eu.

Roger sempre tinha uma explicação para tudo que Michael tinha contra ele. Ou era completamente inocente como dizia ou o primo tinha uma implicância alimentada por desentendimentos e um relacionamento complicado na infância.

A única certeza que Rebecca tinha, era que não podia pender para os dois lados, enquanto toda essa história entre eles não se resolvesse.

Michael, estando certo ou não, equivocando ou teimoso, ela o amava com todas as forças. Sentia-se vazia sem ele.

— E quanto a você e Hannah?

— Decidi fazer o que me falou. Então vou voltar para casa e ir para o campo quando chegar a hora. Espero que nesse tempo você e Michael se entendam. Gosto de você, Rebecca, não queria carregar mais essa culpa.

Despediram-se apenas com um aperto de mãos. Ela não queria arriscar ser pega novamente por algo que não fez.

Como Roger dissera, o maior motivo de Michael permanecer ausente deveria ter sido ele, já que no sábado à tarde, daquela mesma semana, ele surgiu.

Estavam todos no quarto com Olivia quando ele chegou.

— Querido, que bom que chegou — Olivia estendeu a mão para que ele se juntasse a ela e Carol na cama — Sabe quem ligou essa manhã?

— Quem?

Se ele ainda estava bravo, disfarçou bem no sorriso que deu à mãe.

— A mãe da Stacy. Lembrou-me sobre a festa regional e perguntou se iríamos esse ano.

— E o que disse a ela? — a pergunta era para a mãe, mas era Rebecca que ele encarava.

— Estava tentando convencer o seu pai de que um final de semana no campo iria me fazer bem. Você, como um futuro médico, poderia ajudar sua velha e cansada mãezinha.

— Olivia...

Max pretendia iniciar um novo discurso do porquê a proposta era ruim, quando Olivia, com um olhar suplicante, o impediu.

— Quero ver a casa pela últ... — interrompeu ao lembrar de Carol ao seu lado — Quero ver a casa outra vez.

Não foi preciso que ele desse uma resposta, a forma que olhou para ela disse a todos que sua resposta seria positiva.

— Mas vamos consultar o médico e ver o que fala — decretou ele — Também não haverá nenhuma extravagância.

Olivia teria saltado da cama e pulado até ele se conseguisse, mas o grito animado que emitiu foi o suficiente. Desde que chegara àquela casa, Rebecca nunca a vira tão animada.

— Quando se apaixonar, Rebecca, escolha um marido como o meu — gracejou ela, recebendo um beijo — Vai adorar a casa. É tão linda, tivemos momentos muito felizes ali.

Fisicamente Michael parecia com o pai, e ela já estava apaixonada por ele, a dúvida era se teriam o mesmo final feliz.

Rebecca se recordava da história que Olivia contou sobre ele. Max, Olivia, Nicholas e Laura, foi naquela casa que concretizaram seu amor.

— Irá se divertir — continuou ela, alheia ao rumo dos pensamentos da garota — Quem sabe não volta apaixonada e tira o olhar triste dos últimos dias.

Rebecca a encarou, desconcertada. Algo lhe dizia que Olivia estava provocando Michael com aquelas palavras. Dizendo a ele o que poderia estar perdendo por ser tão obstinado em manter distância.

— Se não se importam, vou para o meu quarto — Rebecca se desculpou — Estou com uma leve

dor de cabeça.

A verdade era que não conseguia continuar vendo o carinho que Olivia e Max se tratavam e ter sobre ela a indiferença de Michael, quando a única coisa que queria era estar em seus braços.

Mal alcançou sua porta, ouviu seu nome no corredor.

Apoiou as costas contra a parede e aguardou enquanto Michael se aproximava.

— Era verdade o que minha mãe disse no quarto?

Rebecca mordeu o canto dos lábios e encarou o chão.

— Ela disse muitas coisas.

Os dedos seguraram seu queixo e Michael a obrigou a encará-lo como já fizera tantas vezes. Como sempre fazia quando fugia dele.

— Sobre ter ficado triste — olhou-a firmemente em seus olhos, e Rebecca sabia que não conseguiria mentir — Era por minha causa?

Não gostava de parecer frágil a ele, mas também não queria negar mais suas emoções nem impedir as lágrimas descendo em seu rosto. Ele tinha que saber que a fizera sofrer.

— Rebecca.

Foi a única palavra que disse antes de beijá-la. Quando seus lábios se uniram, aquela dor gigantesca oprimindo seu peito desapareceu.

Parecia o mesmo casal Michael e Rebecca que caminharam na praia fazendo planos. Pareciam os mesmos que se esqueceram do mundo sob a sombra de uma palmeira.

Seus corações e mentes podiam fazer ou dizer besteiras, mas seus corpos tinham uma linguagem diferente.

— Senti sua falta, Rebecca.

Interromperam o beijo, mas continuaram abraçados.

— Por que não ligou ou respondeu minhas mensagens?

— Saí daqui muito apressado, esqueci o telefone no quarto, depois estava muito nervoso para voltar e buscá-lo.

Aquilo explica parte de sua ausência.

— E por que não ligou para o telefone da casa?

Michael suspirou, ficando ao lado dela na parede.

— Nos primeiros dias não queria falar com você. Nos outros dias era sempre Roger que atendia, e não queria falar com ele.

Quando Michael ligava para a residência, a ligação era passada para o quarto da mãe. Roger passara quase todas as tardes lá com Olivia.

— Então? É verdade o que a minha mãe disse?

— Sabe que sim.

Ele sorriu. O mesmo sorriso que sempre a encantou: convencido e seguro de si mesmo.

— Se a deixa feliz — ele virou de lado, apoiando a cabeça contra a parede — Meus dias foram péssimos também. Vou ter que me dedicar mais em algumas matérias, já que meu professor disse que seu nome rabiscado na folha não me daria nota.

Rebecca prendeu os cabelos dele em sua mão com suavidade. Michael conseguia transformar um momento de reconciliação em um momento doce.

— Desculpe — disse a ele — Acho que fui uma grande imbecil.

Pegando a mão livre dela, ele levou aos seus lábios, beijando a palma repetidas vezes.

— Vamos passar uma borracha em tudo? Esquecer o que aconteceu. Semana que vem vamos para o campo e iremos recuperar todo o tempo perdido.

— E esse final de semana? Não vai ficar?

— Claro que vou — disse ele, começando a se afastar — Mas tenho que ser bem cuidadoso com a senhorita. Não tenho tido pensamentos muito decorosos. Não acho que consigo ficar muito longe.

— Manter as mãos longe, você quer dizer.

Confirmando exatamente o que acabara de dizer, Michael a puxou para um beijo.

— Mais ou menos isso.

— Mas temos que conversar...

— Depois, agora só quero beijar você.

Foi o que ele fez. Teriam tempo para quantas discussões sobre relacionamento que desejassem. Por hora, ela só queria beijá-lo.

Capítulo 19

A semana teria sido tranquila, se a única pessoa que Rebecca não gostaria de ver no mundo não tivesse aparecido.

Stacy apenas invadira o quarto de Olivia como se fosse o dela, ignorando tudo e todos.

— Olivia, fiquei tão feliz em saber que vão para o campo esse ano — disse ela ao sentar ao lado da cama — Mas tem certeza que consegue ir? Sei lá, me parece tão mal, minha querida.

Por muito menos Rebecca teria avançado no pescoço dela. Aquela garota tinha a sensibilidade de um rinoceronte.

— O médico disse que tudo bem — afirmou Rebecca — Para mim, você está ótima.

Stacy enfrentou a rival com a mesma animosidade de sempre. Seus olhos chispando raiva e repulsa.

— Ah, você está aí? Traga-me um suco de laranja com adoçante.

Olivia encarou Rebecca como quem pedisse desculpas pela arrogância de sua convidada.

— Stacy, Rebecca não é...

— Tudo bem, Olivia — sorriu de forma inocente — Não me incomoda.

Preferia mil vezes trazer o maldito refresco do que dar voz aos instintos ao sair rolando no chão com Stacy. Ela duvidava que sobrasse um fio do cabelo ruivo.

— Deseja alguma coisa, Rebecca?

A senhora Dickson estava ocupada, montando uma lista de compra, e a cozinheira revezava entre uma panela e outra no fogão. Não queria atrapalhá-las, ainda mais quando uma ideia maquiavélica veio à cabeça.

— Desci para fazer um suco de laranja.

— Tem uma jarra na geladeira — disse a governanta, sem erguer os olhos da folha em cima da mesa.

Serviu dois copos, pegou um deles e foi até onde Marisa estava.

— Querida, isso é o sal — disse a mulher ao ver o que ela fazia — O açúcar está na outra prateleira.

— Eu sei.

Após colocar os dois copos na bandeja, Rebecca seguiu rumo ao quarto, não sem antes deixar a cozinheira e a governanta confusas.

— Trouxe um copo de suco para você também, Olivia.

Estrategicamente ela entregou o copo intocado à amiga. Esperou que ela bebesse e lhe desse um sorriso grato.

— Aqui, Stacy.

Contrariando as expectativas de Rebecca, a jovem manteve o copo entre as mãos.

— Não vai beber, Stacy? — perguntou Rebecca — Fiz exatamente como Olivia gosta.

— Está maravilhoso, por sinal — disse Olivia — Está quente, não é?

Como se estivesse em um filme bizarro e em câmera lenta, Rebecca observou cada movimento de Stacy. Desde o momento que levou o copo à boca até o momento que tossiu, cuspiendo boa parte do

refresco em cima dela. Viu o rosto da jovem mudar de cor e ficar tão vermelho como os cabelos dela.

— Querida, acho que bebeu rápido demais — com uma fingida preocupação, Rebecca foi ao socorro dela, tirando o copo de sua mão — Está bem gelado.

Mesmo coberta de raiva, Stacy era uma jogadora. Não arriscaria acusá-la na frente de Olivia, quando já fora tão venenosa.

— Eu tenho que ir agora — disse ela, alisando a saia — Mamãe me espera para almoçar. Obrigada pelo convite, Olivia. Espero que goste dos chocolates.

A atitude submissa não enganou Rebecca. Havia mexido com um belo ninho de cobra.

— O que você fez, Rebecca?

Arrependida pela infantilidade e sabendo que não poderia mentir mais uma vez para ela, decidiu dizer a verdade.

— Coloquei sal no copo dela.

Ao invés da represália que sabia merecer, Olivia soltou uma risada que logo se transformou em uma gargalhada contagiante.

— Conheço aquela menina desde criança — Olivia a alertou — Não acho que deva provocá-la. Embora Stacy seja insuportável às vezes, não seria bom tê-la como inimiga. Tome cuidado.

— Eu terei.

Rebecca colocou a última peça na mala. Estava empolgada pelos dois dias que teria no campo ao lado de Michael e sua família. Também estava nervosa com a reação de cada um com a declaração que pretendiam fazer.

— Está pronta?

O beijo estalado que ganhou na nuca só não a fez saltar porque estavam próximos demais.

— Michael, por que sempre aparece como um gatuno, me assustando?

— Por que eu sou um gato — disse ele se jogando na cama e se espreguiçando como um.

Encarou os olhos brandos, desejando ser imune a eles. Foi um erro.

— Eu disse ladrão — retrucou ao cair em seu colo — Não o felino.

— E como um ladrão, vou te roubar uma coisa. — disse ao imobilizá-la.

— O quê?

— Roubar os seus lábios.

Alguns minutos e muitos beijos depois, eles saíram do quarto. O clima festivo que dividiam diferia dos ânimos abatidos de Olivia e Max no quarto.

— Mamãe?

Michael correu até ela, no mesmo momento que Olivia se curvava em cima de um balde ao lado da cama.

— Mamãe, o que você tem?

Max, que segurava os cabelos da esposa, respondeu:

— Acordou assim. Desculpe, filho, mas não podemos ir nessa circunstância.

Olivia gemeu e voltou para a cama. O olhar triste que exibia dizia que a queixa não era devido ao seu mal-estar.

— Não é nada, deve ter sido algo que comi e não caiu bem — disse ela — Não se preocupem, logo estarei melhor.

Todos se olharam, rejeitando a justificativa. Com ela, todos os cuidados eram redobrados. Uma gripe não era apenas uma gripe, um mal-estar não era apenas um mal-estar.

— Nós não iremos, Olivia — apesar do tom carinhoso, Max estava irredutível.

— Ninguém vai — disse Michael.

Nenhum deles estava chateado em cancelar o programa. Todos estavam preocupados com ela.

— Eu vou ligar para a médica — disse Rebecca.

Max avisou que já havia cuidado disso, mas pediu que ela trouxesse um chá. Eles tinham dado folga à maioria dos empregados da casa, principalmente aos que trabalhavam na cozinha.

Enquanto observava a temperatura da água aumentar, Rebecca pensava na fragilidade da vida. Olivia estivera radiante no jantar, com a perspectiva da viagem do dia seguinte; hoje estava enferma e abatida. Odiava que esse fim de semana divertido também fosse arrancado dela.

Chegou ao quarto no momento que uma discussão acalorada entre ela e Michael finalizava.

— Obrigada, querida — Olivia sustentou a xícara com as mãos trêmulas — Agora se apressem, Michael, ou perderão parte do dia.

— Eu não quero ir, mamãe — Carol chorou no colo dela.

— Ninguém vai, Caroline — Michael tentou consolá-la.

— Irão, sim! — Olivia apressou-se em dizer — Max e eu iremos assim que eu ficar melhor. Nos encontramos lá. E não aceito discussões.

Poderiam ficar naquela discussão por dias sem fim. Olivia podia estar doente e debilitada, mas ainda comandava a família. Sob a aparência frágil e voz suave, existia uma mulher firme e determinada.

Ficou decidido que Michael e Rebecca seguiriam na frente. Caroline, tão teimosa como a mãe, iria com seus pais assim que Olivia estivesse melhor para seguir viagem.

Michael passou cerca de dez minutos encarando a casa através das janelas do carro. Fazer a vontade de sua mãe a deixava feliz. A ele ficava uma inquietação difícil de explicar.

— Se quiser, ficamos — disse Rebecca, tocando sua mão sobre o volante.

— Sabe o que a minha mãe me disse ontem à noite?

Ele encarou a casa mais uma vez antes de exibir um sorriso pálido.

— Viva — a emoção impregnada naquela simples palavra mexia com Rebecca tanto quanto ele.

Embora doesse e o sentimento de negação pulsasse fortemente dentro deles, sabiam que, de alguma forma, ela estava os preparando para algo que nunca estariam prontos, algo que não conseguiam entender e aceitar.

— Viva como se não houvesse amanhã e seja feliz — continuou ele, no mesmo tom emocionado — Não importa onde ou como eu esteja, perto ou longe. Quero que seja feliz.

Era isso o que eles buscavam.

Capítulo 20

Chegaram à pitoresca e charmosa cidade de Greenville por volta do meio-dia. Rebecca estava encantada com a decoração e o clima festivo que parecia contagiar todos os habitantes. Não havia uma pessoa sem um sorriso no rosto e um cumprimento amigável.

Com uma floricultura, o único supermercado que conseguia ver pelas proximidades, algumas lojas de roupa, um pequeno salão de beleza e uma doceria, era uma vila bem pequena. Greenville exalava paz e tranquilidade.

Pararam em um dos três restaurantes para almoçarem, e em seguida, Michael a levou para conhecer um dos poucos pontos turísticos da região, como a fonte dos namorados. De acordo com a história que lhe contou, um jovem herdeiro de terras e uma escrava haviam morrido ali ao tentarem fugir para ficarem juntos. O monumento tinha sido erguido em homenagem ao casal apaixonado.

Rebecca havia ficado mais tocada com a narrativa triste do que gostaria de admitir. Perguntava-se por que todas as belas histórias de amor tinham finais ruins.

— Vou te levar a um lugar que irá animar você — disse Michael, atento à melancolia que ela tentava esconder.

Cruzaram a esquina e viraram a rua. A placa dizendo *Fechado* não foi empecilho para que Michael avançasse. Assim que ele abriu a porta, o sino acima deles tocou.

Por todos os lados se via araras de roupas, cabides e manequins enfeitados. Não era uma loja comum. A maioria eram trajes de época e fantasias. Sentia que tinha voltado no tempo.

— Estamos fechados.

A senhora sentada do outro lado do balcão não ergueu a cabeça. Ela tinha os cabelos totalmente brancos e os óculos de aro negro pendiam na ponta do seu nariz. Estava concentrada, manipulando a linha e a agulha com delicadeza e destreza.

— Pensei que abriria uma exceção para um velho conhecido — Michael usou todo o seu charme naquela declaração.

Era possível detectar o divertimento e a alegria em sua voz.

— Ah, menino!

Rodeando o balcão e com passos mais ágeis do que sua idade parecia permitir, a simpática senhora caminhou até ele.

— Olá, vovó Rosie.

Os dois se abraçaram, e Michael rodopiou com ela no ar. A senhora aparentava ter rejuvenescido alguns anos com a presença dele. Rebecca não pôde deter o sorriso contagioso escapando dos seus lábios.

— Rosie, quero te apresentar Rebecca — colocando a senhora de volta ao chão, ele voltou para o lado dela — Minha namorada.

Rosie encarou Rebecca por um longo tempo. Estava sendo avaliada, ela sabia. Não conseguia explicar por que, mas nunca desejou tanto passar pela aprovação de alguém.

— É uma jovem muito bonita — disse a senhora, tocando a bochecha da jovem — Formam um casal bonito, embora eu acreditasse que a tonta da minha neta fosse agarrar você.

Michael moveu-se, desconfortável.

— Stacy e eu não estamos mais juntos.

— Quem falou daquela garota tola? — a simpática senhora só faltou revirar os olhos — Falo sobre a Hannah.

Rebecca não sabia se estava mais surpresa por Rosie ser avó das duas ou por ser mais uma pessoa a afirmar que Hannah nutria algum sentimento por Michael.

— Querida, não ligue para uma velha tola como eu. Vi esses jovens crescerem — disse ela, indicando ao redor da loja — Deve ter notado que sou meio romântica.

— Sim, sua loja é muito bonita.

— Obrigada. Então, tem algo para usar essa noite?

Devido aos trabalhos extras que Michael tivera que entregar, a viagem deles teve que ser reduzida para aquele fim semana. Teriam a final do jogo de hóquei à tarde, baile de gala à noite e, no dia seguinte, explorariam os arredores.

— Por isso estamos aqui — respondeu Michael.

— Ele disse que poderia me ajudar — acrescentou Rebecca. — Todos os seus vestidos são lindos.

— Qualquer um deles ficará maravilhoso em você — disse Rosie ao pegar algumas peças e acessórios — Azul combina com seu tom de pele. E se vivêssemos na era colonial, faria muito sucesso com alguns viscondes e marqueses.

Rosie era o oposto de suas netas. O que uma tinha de tímida e retraída, ela tinha de empolgada e falante. Enquanto Stacy era venenosa e cheia de si, a avó era simples e carinhosa. Excluindo Hannah, dificilmente conseguiria acreditar que tivessem algum tipo de parentesco.

Ela sorriu para Rebecca com um olhar conspiratório.

— Então, senhor Hunter, acho melhor que você dê algumas voltas por aí, aproveite e me traga chá gelado e alguma coisa para comer — Rosie o empurrou em direção à porta — Essa jovem e eu temos muito a fazer.

— Por que eu tenho que ir?

— Porque eu estou mandando — disse ela, trancando-o do lado de fora.

Rindo, as duas rapidamente mergulharam em uma divertida viagem no tempo.

Quando o sino de alerta voltou a tocar, Michael atravessou a porta com um copo e uma embalagem descartável nas mãos.

— Aqui está — ele entregou a Rosie — Seu chá verde e torta de maçã.

Rosie colocou a comida no balcão e entregou duas caixas redondas a ele, a maior com o vestido e a menor contendo os sapatos.

— Ainda não entendi por que eu tinha que ir embora — apesar de estar menos emburrado do que quando fora dispensando, ele ainda tentava entender a lógica da senhora em tê-lo dispensado enquanto Rebecca experimentava as roupas — Pensei que só as noivas não pudessem ser vistas vestidas.

— E acabar com todo o encanto? — Rosie piscou para Rebecca.

Era, sem dúvida como dissera, incrivelmente romântica.

A casa era menor do que a mansão onde viviam, mas, ainda assim, muito maior do que Rebecca imaginara. Na ampla sala havia uma grande lareira e as paredes eram rodeadas de quadros antigos.

O ambiente era mais escuro do que ela estava acostumada, mas encantador e intimista ao mesmo tempo. No inverno, com a lareira acesa, deveria ser ainda mais romântico.

— Todos os quartos ficam lá em cima — disse Michael ao entrar com a última mala — Vem, eu vou te mostrar.

Subiram a escada abraçados.

— O quarto dos meus pais — disse ele ao passarem na primeira porta — Da Carol.

Pararam em frente a uma porta marrom.

— Esse é o nosso.

Era um quarto de casal. A cama era grande o suficiente para caber quatro pessoas. O recinto não era tão escuro como na sala por causa das cortinas claras entreabertas.

Ela observou cada detalhe do quarto, dos móveis em mogno à coleção de bibelôs de cavalos em miniatura nas prateleiras e a grande TV em um painel em frente a cama. Esse era o quarto de Michael, e logo seria o dela também.

Sabia que não sairia dali como entrara. Entregaria-se a ele, sentia-se preparada, mas não deixava de ficar nervosa.

— Por que não toma um banho e descansa? — ele tocou seu ombro, fazendo-a saltar para frente — Descansa um pouco, vou subir com as malas.

Michael lhe dava espaço. Ele não queria apressar as coisas. Isso a acalmou.

Amava-o ainda mais por respeitar o espaço dela. Queria que as coisas acontecessem naturalmente. Teriam o baile, dançariam a noite toda e dariam aos corpos deles o que ansiavam há tanto tempo: a oportunidade de serem um.

Rebecca acordou com os próprios fios de cabelos acariciando seu rosto. Enrugou o nariz, reagindo às cócegas que ele fazia. Os olhos azuis de Michael, que tanto amava, foram a primeira coisa em seu campo de visão. Era ele segurando a mecha que deslizava em seu rosto.

— Eu poderia ficar aqui a tarde toda olhando-a dormir, mas se quer ver a final do jogo, precisa levantar.

Saltando da cama, ela não se deu conta de que a toalha úmida era a única peça que vestia.

— Ai, meu Deus! — sentiu as bochechas queimarem enquanto se atrapalhava em cobrir-se — Para de rir, Michael! Saia daqui e vá se arrumar.

— Bem, eu acho que esse é o meu quarto.

Droga!, blasfemou ela mentalmente.

Pegou as primeiras peças de roupa na mala aberta aos pés da cama — calça jeans escura e uma blusa branca. Seguiu para o banheiro, fugindo do olhar apreciativo, como do sorriso atrevido.

Rebecca voltou para o quarto somente quando conseguiu prender os cabelos emaranhados em uma trança apertada e completamente vestida.

Michael já estava pronto em sua calça jeans e camiseta polo vermelha.

Calçaram as bostas e saíram do quarto, não como dois jovens adultos rumo a um evento importante; eram como duas crianças indo ao circo.

— Está gostando?

Michael enlaçou-a pela cintura e entregou um saco de pipoca doce a Rebecca. Eles voltaram a andar por entre as barracas de comida e artesanato, a caminho do campo onde ocorreria a última partida de polo.

— É tudo muito bonito — disse Rebecca exibindo um enorme sorriso no rosto — No orfanato, às vezes, tinha quermesses para angariar fundos, mas nada que se compare a isso.

— Prometo te trazer todos os anos — disse ele apertando-a mais forte junto a ele.

Seguiram conversando animadamente, até encontrarem um grupo focado em uma discussão calorosa. Os três homens estavam uniformizados, dois deles gesticulavam com o taco em suas mãos. Rebecca deduziu que deveriam ser uma das equipes disputando a final dos jogos essa tarde.

— Qual o problema, Noah?

O senhor de meia-idade virou ao reconhecer a voz de Michael. Ele parecia a única pessoa calma em meio ao grupo coberto de tensão.

— Que bom ver você por aqui, Michael! — disse Noah ao abraçá-lo — Onde estão seus pais?

Noah olhou o entorno e voltou a focar em Michael quando não encontrou quem procurava.

— Não puderam vir esse ano — sem maiores explicações, ele indicou o grupo agitado em frente a eles — O que está acontecendo aqui?

— O Jeff torceu o pé essa manhã — respondeu o senhor imbuído de pesar — Estamos entre entregar o jogo ou colocar o velho Isaac no lugar.

O velho Isaac era o pior jogador de polo que Michael ouvira falar. Nenhum deles era profissional, mas o velho Isaac não apenas os levaria à derrota iminente, fariam sua participação vergonhosa. Era lenda a vez que seu cavalo saiu em disparada com ele de calça rasgada e de ponta cabeça.

— Se seu pai estivesse aqui, não teríamos esse problema — murmurou Noah chutando uma pedra imaginária.

O velho tinha aquela expressão mal disfarçada de que iria aprontar alguma coisa.

— Não mesmo, Noah — Michael murmurou, andando para trás — Não jogo desde a adolescência e nunca fui bom como meu pai.

— Garoto, isso está no sangue — insistiu Noah com olhar suplicante — E não precisa fazer nada. Apenas completar o time. Faça isso para um velho cansado prestes a se aposentar.

— Eu não sei...

Michael encarou Rebecca, mas ela também suplicava com o olhar para que socorresse o senhor angustiado.

— Ei, pessoal! — soltando um assovio, Noah juntou-se aos companheiros para contar as boas novas — Michael vai integrar a equipe.

Em alguns minutos, Rebecca era conduzida à arquibancada, enquanto Michael seguia para o vestiário para trocar de roupa.

— Gosta de polo? — a senhora ao lado de Rebecca puxou assunto, enquanto uma garotinha no campo se preparava para cantar o hino antes da partida.

— É a primeira vez que assisto um jogo — respondeu animada — É como futebol, só que com cavalos?

A senhora riu, mas gentilmente começou a explicar a ela.

— O objetivo é conseguir marcar o maior número de gols em relação ao seu adversário, acertando a bola com um taco. Cada equipe tem quatro jogadores, dois na defesa, um no meio campo e outro no ataque. A cada gol o time muda de campo e de baliza...

As explicações foram cortadas pela menininha de tranças no campo, executando uma linda versão do hino nacional.

Logo após a abertura, Michael e sua equipe entraram em campo. Amelia, esposa de um deles, voltou a ensinar Rebecca conforme a partida avançava.

Nos minutos seguintes, ela gritava e torcia com o público sempre que era permitido. Ao contrário do que disse, Michael desempenhou-se muito bem, marcou um gol dos 5 que os levaram à vitória.

Após receber a medalha, Michael atravessou o campo correndo até onde Rebecca estava e saltou

a cerca com destreza.

— Para você — passou a corrente pela cabeça dela antes de tomar os seus lábios para um beijo intenso e apaixonado.

Obviamente parte da arquibancada vibrou.

Capítulo 21

— Eu me sinto como num livro de Jane Austin — disse ela ao descer o último lance de escada.

— E de qual livro seria? — tocando seu braço galantemente como em uma das adaptações cinematográficas do seu livro preferido, Michael a conduziu em direção à saída — Melhor dizendo, que personagem seria?

Acomodou-se no carro e deixou que ele gentilmente ajustasse seu cinto.

— Se formos levar em conta a beleza, gostaria de ser Jane, mas seria demasiadamente arrogante de minha parte acreditar que eu seja tão bela assim.

Colocando uma mecha teimosa caindo no rosto dela atrás da orelha, Michael a olhou com um jeito apaixonado carregado de carinho.

— Devo concordar em parte — ele se empertigou em seu lugar e puxou a mão enluvada para um beijo gentil — É infinitamente mais bela e seria uma comparação injusta.

Rebecca sabia que ele estava exagerando. Considerava-se uma garota comum, mas se eram os olhos apaixonados falando por ele, acreditava. Pois os seus sentimentos por ele não a deixavam enxergar nenhum outro também. Ninguém jamais seria tão perfeito para ela como Michael.

— Prefiro ser inteligente e perspicaz como Elizabeth, soa-me muito mais interessante.

— Então eu seria o Sr. Darcy, certamente? — a pergunta veio com um erguer de sobrancelha engraçado que a vez rir.

— Oh, não — controlava o riso enquanto procurava articular as palavras de forma congruente — Não é tão enigmático assim. Embora seja incrivelmente charmoso também. Mas vou atribuí-lo ao Sr. Bingley, têm quase o mesmo tom de cabelo e os olhos claros.

— Poderia ser pior — ele se queixou — Poderia ser William Collins.

— Definitivamente, pastor é a última coisa que seria, Michael.

Nesse clima descontraído, eles seguiram em direção ao salão onde seria realizado a festa.

O baile estava sendo realizado no centro de convenções da cidade. A decoração minuciosamente bem trabalhada, fazia com que Rebecca se sentisse transportada para outro mundo.

Dividiram a mesa com Noah, a esposa e o filho Jeff.

— Está na hora da quadrilha — a esposa de Noah saltou da cadeira, batendo palmas.

Uma foca não seria tão animada quanto ela, pensou Rebecca.

Todos ficaram de pé, com exceção de Rebecca e Jeff, que tinha o pé enfaixado em cima de uma das cadeiras.

— Senhorita.

Michael curvou sobre Rebecca, entendendo a mão.

— Michael, não! — articulou, afundando-se mais na caldeira almofadada — Não sei dançar isso.

Ele sorriu e olhou as pessoas tomarem seus lugares na pista improvisada.

— Provavelmente ninguém aqui sabe. Apenas me siga, sorria e porte-se como uma dama do século dezoito.

Uma dama do século dezoito provavelmente não estaria suando tanto quanto ela naquele momento, Rebecca quis rebater. E nem estaria tão nervosa com uma simples dança.

Seja porque a noite estava sendo perfeita ou porque sempre que ele lhe sorria daquela forma, carinho misturado a um olhar cheio de desafio, ela se viu sendo conduzida para onde o grupo já havia

iniciado a dança.

A música agitada e passos complicados demais para ela, foi afortunadamente substituída por uma valsa romântica. Giravam pelo salão, e Rebecca sentia que deslizava em nuvens de algodão doce.

Sorria tanto que não seria surpresa para ela ter o maxilar dormente quando a noite encerrasse.

— Droga! — o rilhar irritado de Michael fez com que erguesse a cabeça do seu peito e olhasse em direção para onde os olhos deles soltavam faísca — O que ele está fazendo aqui?

Parado na porta, exibindo um sorriso confiante, estava Roger. Ao seu lado, ninguém menos do que a insuportável Stacy, em um vestido vermelho de época, onde parecia mais uma cortesã sem classe.

— Volte para a mesa — Michael usou o compasso da dança para tirá-la da pista — Preciso resolver algo.

Rebecca sabia que Roger estava presente por causa de Hannah, embora não tenham encontrado a garota em nenhum momento da festa. Stacy estava presente por causa de Michael. Rebecca não queria que ele fosse de encontro a ela. Estavam tendo uma noite agradável e divertida. Não queria que a ruiva destruísse tudo com suas intrigas e palavras venenosas.

— Deixe-os, Michael — implorou, esperando que o tom suplicante em sua voz o convencesse.

— Roger não tem autorização para estar aqui. Não sei o que ele procura, mas vai achar o que não quer — dando um suave beijo em sua testa, ele se afastou — Volte para mesa.

Frustrada e irritada com o rumo que as coisas seguiam, Rebecca acatou o que ele pediu. Se Michael queria acertar suas contas com Roger, que fizesse isso de uma vez por todas. Só desejava que a bruxa da ex-namorada dele mantivesse distância deles dois.

Jeff era um rapaz agradável, apesar de tímido. Ele conseguiu manter Rebecca com a cabeça ocupada nos primeiros minutos que Michael se afastou.

Infelizmente suas tentativas em agradá-la foi gradativamente perdendo o efeito quando os minutos se prolongaram.

— Com licença, senhorita.

O garçom havia se aproximado discretamente de Rebecca e colocado um bilhete em cima da mesa.

Jeff tinha ido ao toalete e os pais dele dançavam mais à frente.

“Encontre-me lá fora.”

Rebecca sentiu o sorriso alargar. Lembrou da história que Olivia tinha contado a ela. Não levou muito tempo para concluir que Michael seguia os passos do pai.

Puxando o tecido do vestido para que pudesse caminhar melhor, Rebecca caminhou apressadamente pelo caminho de pedras que levava até o pequeno lago. A luz da lua e os postes espaçados clareavam a trilha o suficiente para que não tropeçasse ou causasse um acidente mais grave.

A lua platinada refletindo na água, mesmo bela, não foi suficiente para monopolizar sua atenção. Apesar de a penumbra ser mais forte desse lado da propriedade, era possível notar que Michael não estava lá.

Quando passaram de carro mais cedo, ele havia sugerido que caminhassem ali em algum momento da festa. Presumir que esse tivesse sido o lugar ideal para encontrá-lo foi automático para ela.

— Aqui está você.

O som das folhas secas sendo esmagadas e a voz de Stacy fizeram Rebecca virar.

— O que você quer, Stacy? Michael não está aqui.

Indiferente, a ruiva continuou a caminhar em direção a ela.

— Não estou procurando por ele — disse sorrindo — Sei onde ele está. Ou onde esteve até alguns momentos atrás.

Apesar de aborrecida com a insinuação de que Michael estaria com Stacy todo esse tempo, ela decidiu que não cairia na pilha dela. Ele fora atrás de Roger, e esse estava com Stacy, era claro que estariam juntos.

— Não quer saber os detalhes? — perguntou Stacy, cravando as unhas no braço de Rebecca quando esta tentou passar por ela ao retornar para a festa — Falamos tanto de você.

— Nada do que você diz é verdade. Por que eu me importaria com todo o veneno que você tem a destilar?

— Talvez por que eu seja a única a dizer a verdade para você? Mas se não quer ouvir, o problema é seu. Eu vou deixar que o Michael consiga o que ele quer, que ele se divirta um pouco. Eu sempre soube lidar com ele. Quando ele se der conta de que não passa de uma empregadinha virgem e sem graça, ele volta para mim como sempre fez. Então eu vou ter o imenso prazer de te colocar no seu devido lugar.

Rebecca não pensou duas vezes, na realidade, nem mesmo sabia se raciocinava direito. Sua mão voou em direção ao rosto de Stacy com a mesma velocidade de um abrir e fechar de olhos.

— Sua vadia! — furiosa, Stacy avançou sobre Rebecca com a mesma força de um rinoceronte raivoso.

Stacy podia ser mais ágil e provavelmente tinha mais experiência em brigas do que a jovem que atacava, mas Rebecca sabia se defender. Mordeu seu braço para que ela soltasse seus cabelos e cravou as unhas no rosto contorcido.

A ruiva gemeu e a empurrou. A rocha atrás de Rebecca a fez se desequilibrar e cair na poça de lama à margem do lago.

— Vai me pagar por isso, Rebecca! — Stacy gritou furiosa, limpando as gotas de sangue nos arranhões em seu rosto — Eu juro que você vai me pagar. Por enquanto é suficiente observá-la aí: na lama, que é o seu lugar.

O flash que vinha do celular nas mãos de Stacy e a surpresa de se ver em uma situação tão humilhante cegaram Rebecca. Sabia que tinha muito a dizer à criatura malvada e pretensiosa. Todo o seu discurso parecia congelado em sua garganta, assim como a água fria infiltrando no vestido, enrijecendo seus ossos.

— É só um lembrete do que posso fazer — disse Stacy, com um sorriso vitorioso — E isso é pelo suco.

Rebecca levantou. Tirou as luvas sujas de lama e avaliou o estrago no vestido. Grossas lágrimas deslizavam pelo rosto dela enquanto ajustava o vestido da melhor forma possível. Duvidava que tivesse conserto. Isso a fez soluçar. Chorava não pela tentativa de Stacy em feri-la, mas porque ficara engasgada com tudo o que deveria ter dito a ela e pela roupa que um dia fora bonita, mas que agora encontrava-se perdida.

Não sabia que explicações daria a Rosie, que tão carinhosamente a ajudou a escolher a roupa dessa noite. Era uma das suas peças preferidas, tinha revelado assim que Rebecca olhou-se no espelho, na sua visita à loja.

Como Rebecca diria à simpática senhora que não apenas destruiu o vestido que tinha alugado, como saíra no tapa com uma de suas netas?

— Rebecca?

Reconheceu Michael mais pelo tom de sua voz do que pela silhueta vindo de encontro a ela. Seus olhos embaçados mal enxergavam o caminho de pedras.

O som vindo atrás dele revelava que não estavam longe de onde acontecia a festa.

— Rebecca? — Michael a tomou em seus braços — O que aconteceu com você?

Segurando firme a jovem desolada em seus braços, ele a consolava com a mesma delicadeza de uma mãe ninando o seu bebê. Sua voz carinhosa e a mão subindo e descendo vagarosamente pelas costas dela, tinham o efeito calmante desejado.

— O que aconteceu a você? — Michael ergueu-lhe o queixo com a ponta dos dedos quando a viu mais tranquila.

Com a mão, afastou o emaranhado de cabelos do rosto dela e a encarou.

— Quero sair daqui — sussurrou Rebecca. Apesar de mais calma, suas palavras saíram vacilantes — Me tira daqui, Michael.

Não queria voltar, não naquelas circunstâncias, seria motivo de curiosidade e deboche.

— Tudo bem, vamos para casa.

Era irrefutável que ele queria respostas. Mas sua preocupação maior era que ela ficasse bem. Que se tremesse em seus braços, não fosse de frio ou assustada como estava naquele momento.

Michael queria protegê-la e fazer com que se sentisse protegida e segura. Ele a amava, ela sentia isso em cada toque e forma carinhosa que a conduzia para longe dali.

Stacy não havia arruinado tanto o baile como ela pretendia. A bruxa apenas tinha antecipado o que passara a última hora desejando.

Estar com Michael. No mundo deles. Em um lugar onde somente eles existissem. Onde ninguém ou nada seria mais importante do que estarem nos braços do outro.

Capítulo 22

Michael deu a volta no carro com pressa, e antes mesmo que os pés delicados tocassem o solo, pegou-a em seu colo.

Raiva e um incontrolável instinto de proteção o dominavam. Ele queria agredir com a mesma ferocidade quem tentara feri-la daquela maneira.

— Posso ir andando.

— Eu sei que pode, mas eu quero cuidar de você.

Michael usou a porta como apoio para uma de suas pernas, colocou Rebecca sobre ela e procurou a chave no bolso do terno que vestira nela.

Mesmo sob a suave penumbra que cobria parte do seu rosto, ele conseguia ter um vislumbre do sorriso divertido e encantado.

Ela estava se divertindo com a hilariante tentativa que ele tinha em ser galante. Toda a cena ridícula valia a pena se a fizesse se sentir melhor.

Ele mesmo deixaria para trás a lembrança de mais um desentendimento que tivera com Roger.

No momento que o viu entrando com Stacy, tinha perdido a cabeça e o foco de tudo. Há três anos Roger fora proibido de estar ali, de participar de qualquer atividade na vila, devido ao seu comportamento inapropriado.

Michael sentira um grande prazer de arrastá-lo de lá. Por ter mostrado com seus punhos o quanto a presença dele era desagradável. Teria feito muito pior se Stacy e um grupo de convidados não tivessem separado os dois, levando-os para uma outra sala para se acalmarem.

Ele queria ter deixado mais do que um lábio inchado em Roger. Queria ter desfigurado aquele sorriso cínico carregado de deboche que o irritava tanto.

— Michael? — a voz preocupada de Rebecca o trouxe de volta ao presente — Está tudo bem?

O rosto preocupado e a porta aberta disseram que havia ficado bastante tempo longe da realidade.

— Tudo bem — respondeu.

Tocou a testa na dela por um instante e foi rumo à escada. Estacou outra vez diante da porta. Não porque estivesse sendo assombrado por pensamentos turbulentos. Dessa vez, ao cruzar aquela, o mundo dos dois mudaria.

Deslizou-a pelo seu corpo, mesmo querendo mantê-la em seus braços como estava. Sentia que era o correto sempre tê-la ali, junto a ele. Qualquer tipo de distância, mesmo que mínima, parecia insuportável.

— Rebecca...

Suas palavras foram abafadas pelos lábios suaves tocando os deles. Ela queria que naquele beijo pudesse afastar toda a dúvida e receio que por um instante vira brilhar nos olhos azuis.

Sabia o que aconteceria quando cruzassem a porta. Estivera assustada, mas esperava ansiosamente o momento que pudesse deixar que apenas seus sentimentos os conduzissem.

— Eu sei o que eu quero — disse rapidamente ao se afastar um pouco — E eu quero você, se também me quiser.

Os olhos dele pareciam duas chamas acesas, e naquele momento ardiam por ela.

— Não existe nada no mundo que eu deseje tanto.

Seus lábios voltaram a se unir. O beijo, apesar de fugaz, estava carregado de fome e

arrebatamento.

Michael a guiou para dentro do que seria seu paraíso. Tocando, beijando seu rosto, dizendo o quanto a desejava.

Não foram em direção à cama como ela esperava. No breve momento em que ele a soltou e que abriu os olhos, Rebecca se viu dentro do banheiro mal iluminado.

— Vou cuidar de você primeiro — sussurrou ele ao acender a luz.

Rebecca vislumbrou parte de seu corpo refletido no espelho. Os cabelos estavam emaranhados e boa parte do penteado tinha sido desfeito. Lama e marcas de grama manchavam boa parte de cima do vestido, sem contar a barra da saia e sapatos, definitivamente perdidos. Não era dessa forma que esperara que a noite perfeita que iniciaram terminasse. Não era aquela sombra pálida dela mesma que gostaria que Michael olhasse.

Mas mesmo se sentindo a parente pobre da Cinderela, nunca o vira olhar com tanto ardor para ela.

— Eu vou cuidar de você — repetiu ele em uma voz terna — Eu sempre irei cuidar.

Havia tanta ternura naquelas palavras, na forma gentil que ele começara a despi-la, alimentando ainda mais a certeza de quão certo era o que faziam.

Não pôde evitar a timidez quando se viu apenas de calcinha diante dele, mas mesmo isso desapareceu diante da admiração explícita nos olhos dele.

Rebecca se sentia exatamente como Michael a via.

Bonita.

Também queria despi-lo como ele fizera com ela, mas simplesmente estava hipnotizada, vendo suas roupas peça a peça caírem no chão, em cima das dela.

Já o tinha visto sem camiseta ao malhar, apenas de sunga na piscina e algumas vezes suas mãos afoitas sentiram sua ereção quando se tocavam, mas nada se comparava à visão do seu corpo nu e toda exuberância que ele exalava.

Ainda presa a esse magnetismo que a atraía para ele, Rebecca permitiu que Michael a livrasse da última peça em seu corpo.

Os olhos dele acariciaram-na esfomeado. Os olhos dela compartilhavam da mesma intensidade.

Quando Michael a puxou para os seus braços, Rebecca sentiu como se seus corpos comessem a se fundir. Sua pele era seda; a dele aço puro. Duas texturas, a mesma temperatura.

Embriagando-a com seus beijos, ele a conduziu para dentro do box. O som do chuveiro e da água caindo sobre seus corpos eram como uma melodia ecoado pelo pequeno cubículo.

Havia necessidade, euforia, anseio, mas não havia pressa. Desejavam se descobrir.

Michael a banhou, fez com que a água levasse embora não apenas a lama no corpo dela, mas toda a tristeza que por alguns minutos a afetara.

Quando o desejo se tornou mais forte e os beijos e carícias que trocaram embaixo d'água ficaram quase insuportáveis de controlar, Michael a tomou em seus braços, carregou-a para o quarto e a deitou na cama. Não importava que seus corpos estivessem molhados, umedecessem o lençol.

Enquanto Michael invadia sua boca, Rebecca devorava os seus lábios. Enquanto ele explorava cada parte do corpo dela que suas mãos eram capazes, ela vibrava em cada toque.

Rebecca sentia Michael em todos os lugares: boca, queixo, pescoço, nos seios sensíveis que imploravam por mais e em sua inexperiente intimidade.

Emitiu um breve protesto quando ele se afastou para se proteger, e outro deleitado quando o corpo dele voltou a cobrir o seu.

Houve um mero vestígio de dor quando ele uniu os seus corpos pela primeira vez, mas foi o imenso prazer que a fez voar. Com Michael sussurrando seu nome no pescoço dela, ele voava tão

alto quanto ela.

Naquele momento, com suas mãos e pernas entrelaçadas, gozando da plenitude que só o amor poderia proporcionar, Rebecca sabia que entregara a ele muito mais que sua virgindade; tinha entregado completa e irrevogavelmente seu coração e alma.

Rebecca despertou com um sorriso que mal conseguia sustentar em seu rosto. Sentia-se realizada e completa. Não queria abrir os olhos e abandonar aquela felicidade letárgica, mas ao mesmo tempo ansiava encontrar os olhos calorosos de Michael sobre ela. Queria constatar mais uma vez o brilho do desejo que vira durante a madrugada.

Paixão e desejo.

Automaticamente, deixou que as mãos dela o procurassem na cama.

— Michael? — completamente acordada, deparou, decepcionada, com a cama vazia.

A coberta estava emaranhada e o lençol onde ele estivera ainda possuía parte do desenho do seu corpo, embora agora frio.

Puxou o lençol e enrolou pelo corpo. Rebecca chocou-se com a marca no pescoço quando encarou o espelho no banheiro. Lembrou o exato momento que Michael a marcara e que nem de perto sentira a dor que a cor levemente arroxeadada poderia indicar. Estava em uma outra esfera quando isso aconteceu.

Escovou os dentes e cabelos com pressa. Pegou a camisa do Michael no chão, e quando sentiu o perfume dele, as lembranças vieram como uma avalanche em sua cabeça. Incentivada por essas doces memórias, vestiu-a, fechando apenas os últimos botões. A parte de cima entreaberta deixava um decote sensual. Era exatamente assim que ela se sentia: sexy e atraente.

Gostava de caminhar sentindo o cheiro dele, como se estivesse abraçando-a.

Chegou à cozinha, onde imaginava que Michael estaria, e parou por um instante no batente da porta.

De costas para ela, vestindo apenas a calça de seda do pijama, ele manuseava uma panela no fogão. Na mesa já havia uma bandeja quase pronta para o café da manhã.

— Bom dia — disse ela assim que ele se virou.

Primeiro Michael emitiu um olhar surpreso e decepcionado. Obviamente ele queria surpreendê-la na cama. Isso fez com que o coração de Rebecca derretesse no peito como a manteiga que ele usara para fritar os ovos.

— Bom dia — respondeu, agora com o mesmo sorriso que ela amava — Não sou o melhor cozinheiro do mundo, mas queria fazer uma surpresa.

Incapaz de resistir ao gesto doce, Rebecca avançou em sua direção, jogando-se em seus braços. Por sorte ele já tinha depositado a frigideira no mármore.

— Tudo o que me importa é você.

Tomaram, ou tentaram tomar, o café que Michael tinha preparado, na cozinha mesmo. Com ele alimentando-a com frutas vindo direto de sua boca. Rebecca nunca imaginou que se alimentar pudesse ser tão sensual. Tudo com Michael tinha um olhar diferente.

Eles voltaram para a cama, se amaram e passaram parte da manhã pensando sobre suas vidas e fazendo planos.

Rebecca informou a ele que procuraria um curso profissionalizante assim que eles retornassem. Um dia deixaria a casa dele, precisava estar preparada.

Michael queria de alguma forma ficar o tempo todo com ela, mas passava grande parte do seu tempo no Campus. Mesmo que optasse por ficar em flat, não seria justo com ela. Os finais de semana eram os únicos momentos que tinha para se dedicar a ela. O curso era puxado, e seus professores não aliviavam.

— Vai ser legal — Rebecca apoiou as duas mãos sobre o peito dele e o queixo sobre elas — Posso estudar à noite. Manter a minha mente ocupada enquanto você não volta.

Era razoável para ele. Sentia orgulho dele, por sua garra e força de vontade. Medicina era um curso difícil, mas ele sempre tivera o apoio dos pais e a melhor educação que o dinheiro poderia proporcionar.

— Certo. Perdemos boa parte da manhã — ele a puxou até ficarem com os rostos colados — Não que eu reclame, passaria toda a minha vida com você em meus braços, mas quero que conheça a propriedade. Levanta essa bunda gostosa e cobre esse corpo com alguma coisa.

Ele insistiu que ela usasse jeans e tênis confortáveis. Chegaram ao estábulo no lado norte da propriedade, e Rebecca entendeu o porquê.

Havia seis baias e cinco cavalos bem cuidados.

— Pensei que nunca iria aparecer por aqui.

Os dois viraram em direção à voz. Um senhor de macacão verde estava parado na entrada do estábulo com um balde de lata em sua mão. Ele também usava botas e um chapéu de palha caindo na testa.

— Como vai, Gary? — Michael caminhou até ele e recebeu um forte abraço.

— Cada vez mais velho — respondeu o senhor num gracejo — Cada vez mais velho.

— Está esbanjando saúde, está cada vez mais forte — Michael bateu levemente em seu ombro, como que para comprovar a verdade em suas palavras — Deixe-me apresentar Rebecca, minha namorada.

Rebecca se aproximou com a mão estendida e pôde observar Gary mais de perto. Ele tinha aquele bronzeado peculiar de quem trabalha ao ar livre. As rugas expressivas nos cantos dos olhos e lábios não queriam denunciar a idade, mas pareciam evidenciar as marcas de quem sempre sorria. E pelo jeito que encarava Rebecca, ela estava convicta de que fazia isso mais do que qualquer pessoa.

— Parece que está começando a ficar inteligente, rapaz — murmurou ele, estendendo a mão para Rebecca — Essa é bonita de doer os olhos.

Michael abraçou Rebecca e apertou o peito como um galo.

— Nós poderíamos usar um dos seus amigos ali?

— Os cavalos são seus — disse ele coçando a nuca — Eu apenas cuido deles.

Qualquer um poderia notar que não era assim como ele falava. Ao se aproximar de uma das baias, Rebecca observou como os cavalos eram bem cuidados. Gary amava aqueles animais, e era visível na forma carinhosa que falava com eles.

Para Rebecca, ele selou a única égua que tinha. De acordo com ele, era mansa e fácil de cavalgar. Michael ficara com o cavalo negro que ganhara do pai na adolescência.

Ela prestou atenção em todas as dicas e na breve aula que o senhor gentilmente dera a ela. Gary, com seu jeito doce e espontâneo, conquistara Rebecca.

Enquanto trotavam em silêncio, ela admirava o campo aberto. No lado leste, montanhas se erguiam diante os seus olhos.

Rebecca absorvia toda a calma que o lugar representava. Entendia por que Olivia falava com tanto amor sobre o lugar. Era um pequeno paraíso na Terra.

Chegaram a um caminho de cascalhos, cercado de violetas e outras flores campestres.

Deixaram os cavalos presos em uma árvore na entrada da mata e seguiram andando dali. Chegaram a um grande troco de árvore que servia como banco e sentaram ali.

Michael colocou Rebecca entre suas pernas e a abraçou. O frio que começava a despontar no fim de tarde apenas deixava o clima ainda mais romântico.

— Quero te mostrar uma coisa — disse ele girando-os para o outro lado do tronco.

Entalhado sobre a madeira antiga, havia dois corações.

— Olivia e Maxwell... — sussurrou ela, tocando o entalhe.

— Nicholas e Laura — concluiu ele, tocando a segundo coração.

Ele dobrou os joelhos, subiu a barra da calça e tirou um canivete de cabo vermelho de dentro de sua meia.

Quando ele havia colocado ali?, se perguntava Rebecca.

Lembrou que antes de saírem ele retornou à casa para fazer uma ligação rápida para a mansão.

— Como sua mãe está?

— Papai disse que foi uma intoxicação alimentar. Carol parece ter comigo a mesma coisa, pois teve os mesmos sintomas. Ele não quis arriscar em trazê-las, embora tivessem insistido.

— As duas devem ter ficado chateadas.

Principalmente Olivia. Rebecca sabia o quanto ela ficara animada pela possibilidade de voltar ao lugar que dera a ela tantas alegrias. Os nomes cravados no tronco provavam isso.

Fora ali que Olivia vira seu amor por Max se tornar real. Também era assim com ela.

— Meu pai sabe como lidar com ela — disse ele alisando seu rosto com as costas das mãos — Não a trouxe aqui para ficar triste. É um lugar importante para os meus pais. Quero que seja um lugar importante para nós dois também.

Com essas palavras que tocaram profundamente a alma dela, Michael a beijou e em seguida iniciou a marca deles na árvore. Ao lado dos nomes dos casais apaixonados foi surgindo os deles.

— Também quero te dar outra coisa — quando finalizou ele tirou a caixinha preta do bolso da calça e abriu diante dos olhos dela — Uma promessa entre nós dois.

— Mas Michael... — seus olhos marejaram ao observar o par delicado de alianças... — Seus pais e a fac...

— É só uma promessa Rebecca — sussurrou ele, passando a joia em seu dedo — Uma promessa de que eu te amo.

Diante do que considerava um lugar sagrado jurou amá-lo sempre, não importava o que acontecesse.

Max e Olivia enfrentaram e sobreviviam a todas as amarguras e provações da vida. Nicholas e Laura tiveram as suas também.

Rebecca não sabia o que o destino reservava a Michael e ela. Entregava-se apenas ao amor que a cada dia crescia mais em seus corações.

Ela desejava que fosse forte e profundo como os nomes que ele marcara no tronco.

Que os filhos deles, netos e gerações a seguir, pudessem constatar o quanto fora bonito, assim como eles mesmos faziam.

Capítulo 23

Assim que eles entraram na mansão, encontraram Max esperando-os na sala. Sua expressão neutra não dizia muito, mas o corpo falava mais do que ele pretendia revelar.

Rebecca sentiu seu coração afundar dentro do peito. Estar ciente das condições de saúde de Olivia não era o mesmo que estar preparada para o que viesse acontecer, principalmente se as notícias fossem ruins.

— Eu queria falar com vocês dois, antes de verem a Olivia — Max iniciou, e cada palavra saindo por sua boca parecia carregada de dor e tristeza.

— O que aconteceu? — Michael perguntou, levantando da cadeira na qual havia sentado — Pai, você disse ao telefone que ela estava bem.

Max olhou para a mesa. Ele estava fugindo.

— Ela não está reagindo, filho.

Se fosse realmente possível sentir o sofrimento de alguém através de suas palavras, Rebecca presenciava isso naquele momento. Ela sentiu quando o grande nó começou a se formar em sua garganta, impedindo-a de respirar.

— Você disse que foi só uma intoxicação alimentar — Michael confrontou.

Havia mágoa, havia desespero, havia dor em seu olhar.

— Isso é algo que não entendi — Rebecca contestou — A Sra. Dickson sempre foi muito cuidadosa em relação à alimentação dela.

— Acho que foi o chocolate que ela comeu, visto que Caroline também teve os mesmos sintomas.

Rebecca sabia que algo tinha de errado. Não podia levantar acusações naquele momento, mas tinha toda certeza que tinha o dedo de Stacy. Da mesma maneira que essa certeza se enraizava nela, não conseguia acreditar que a garota fosse tão má assim, ao ponto de tentar prejudicar Olivia para atingir Rebecca. Seria muita crueldade até mesmo para ela.

— Bem antes disso. Sua mãe não vem reagindo à medicação, meu filho. Isso já faz algum tempo.

— Desde quando? — perguntou Michael.

Max olhou para Rebecca como se ela fosse a resposta. De certa forma, era. Um dos principais motivos de tê-la contratado era o fato de que Caroline iria precisar de uma amiga quando tudo viesse acontecer.

— Por que você não me disse nada?!

Rebecca queria deixar que as emoções explodindo dentro dela fossem liberadas. Que toda a tristeza que compartilhava com eles fosse extravasada, mas ela sabia que não podia. Embora conhecesse Olivia há pouco tempo, nutria um grande carinho por ela. Mas Michael e Max sofriam imensamente, mais do que ela. Um estava perdendo a esposa que tanto amava, o outro, sua mãe. Precisava ser forte nesse momento para qualquer coisa que viesse acontecer.

— Eu poderia simplesmente alegar que sua mãe me proibiu — Max estava exasperado — Não queria que você e Caroline lidassem com isso. Ela está aceitando isso mais do que eu. Mas, na verdade, eu estava em negação. Não posso e não quero aceitar que...

Michael desabou na cadeira, apoiou a cabeça na mesa e permitiu que seus sentimentos fossem revelados.

Ele sofria.

— Você não tem esperança? — perguntou Michael, em meio ao tormento que rasgava seu peito.

Max tocou as costas do filho. Seu rosto era lavado pela mesma devastação esmagando seu peito.

— Esperança é tudo o que eu tenho, filho — murmurou ele, a voz dilacerada — Mas, como pai, preciso deixar vocês preparados para tudo. Também quero pedir para não dizer que tivemos essa conversa. Por isso queria falar com vocês dois. Exatamente nada pode chegar a ela. Não sei exatamente o que vocês têm...

— Pai, nós...

Max ergueu a mão para que Michael se calasse.

— Não quero ter que lidar com isso agora, Michael. Sinto muito, mas não posso.

Max voltou a encarar a jovem abalada à sua frente.

— Rebecca, minha filha irá precisar muito de você. Caroline não é ingênua, percebeu muitas coisas nesse final de semana. Só vamos tentar deixar as coisas acontecerem com a normalidade de antes. Tudo o que Olivia precisa agora é de paz e tranquilidade.

— Tudo bem — disse Michael.

Max deixou a sala como se ele mesmo estivesse condenado à morte. Rebecca via um homem com o dobro de sua idade atravessando a porta. Um homem solitário e triste.

— Não quero que ela vá — Michael abraçou Rebecca — Não quero.

Com o coração despedaçado e lágrimas queimando em seu rosto, Rebecca o consolou. Prometeu que sempre estaria ao lado dele. Sempre seguraria suas mãos e o ajudaria a continuar andando.

Depois que ficaram mais calmos e a dura realidade era mais fácil de encarar, foram para o quarto de Olivia.

Contrariando seu estado precário e perceptível, ela parecia feliz em vê-los.

* * *

Mesmo contrariado com a ideia, Michael voltou para a faculdade.

Rebecca continuou a fazer companhia a amiga. Contou sobre o seu fim de semana mágico no campo. E que apesar de não terem ficado para saber o resultado da coroação, sua noite fora incrível.

Excluiu seu encontro desagradável com Stacy e contou que esteve no seu recanto preferido.

Conseguiram convencer a enfermeira a deixar que Olivia passasse um pouco da tarde no jardim.

Rebecca resolveu adiar os planos que tinha de estudar por enquanto. Queria passar todo seu tempo livre com Olivia. E embora ela insistisse que deveria gastar mais o seu tempo livre fazendo algo que gostasse, a jovem preferia permanecer ao lado dela.

Aquele era o último lugar que Rebecca gostaria de ter ido, mas ela tinha contas a acertar. Michael e o restante de sua família poderiam estar alheios em como Stacy poderia ser maléfica, mas não permitiria que a garota despeitada colocasse em risco qualquer pessoa que ela amava.

Enquanto a governanta com cara de poucos amigos a conduzia até a sala de estar, Rebecca ordenava a seu coração que tivesse calma.

Ela sentia tanta raiva que duvidava que conseguiria ficar impassível diante das ironias de Stacy.

— O que faz aqui?

A garota encarava-a com uma ferocidade que assustaria qualquer um. Por sorte, Rebecca era imune às suas tentativas de ser alguém desprezível.

— Você deu os bombons envenenados a Olivia, não foi?

Erguendo da poltrona na qual estivera esperando, Rebecca a enfrentou.

Pela primeira vez, Stacy parecia assustada. O medo cobria seu rosto.

— Não sei do que você está falando — ela deu dois passos em direção à Rebecca — Acho bom que não tenha inventado essas mentiras por aí. Tinha aqueles chocolates guardados faz tempo, talvez estivessem vencidos.

Embora já não pudesse contestar a justificativa de Stacy, a embalagem com os bombons tinha sido jogada fora. Rebecca não acreditava em uma única palavra que a jovem dizia.

— Stacy, é tudo sobre você, Michael e eu — disse Rebecca — Não envolva inocentes nisso. Uma mulher doente e já debilitada. Acha que o Michael, se souber que tentou envenenar a mãe dele...

— Não pode provar nada!

Stacy veio para o ataque, mas Rebecca estava preparada dessa vez. As unhas cravaram na pele dos braços dela, fazendo-a contorcer e gemer.

— Aceite que Michael não ama você — disse jogando-a contra o sofá — E não chegue mais perto de quem eu amo.

Com a ferocidade de quem está possuído, Stacy avançou sobre ela. Raivosa e enlouquecida, jogava toda sua raiva em forma de tapas e gritos. Rebecca se defendia, e mais uma vez mordeu-lhe o braço para que a outra soltasse seus cabelos.

Em um movimento de sorte, Stacy conseguiu derrubá-la, subindo em seu corpo. Rebecca vislumbrou a estatueta nas mãos dela antes de cobrir o rosto com as mãos.

Aguardou pelo golpe que certamente a faria perder a consciência, quando inesperadamente o peso em seu corpo foi lançado para longe.

— Pare com isso, Stacy!

Rebecca abriu os olhos e deparou-se com Roger parado aos seus pés. Ele parecia furioso, encarando a ruiva jogada no sofá.

— Ficou maluca?

Rebecca começou a se ajeitar, mas ele veio ao encontro dela, ajudando-a a se erguer.

— Talvez eu esteja — respondeu ela, erguendo o queixo em uma atitude orgulhosa — Se eu a matasse ninguém iria saber. Ninguém procuraria por ela. Não tem ninguém para vir reclamar. É uma órfã desgraçada!

— Não acho que Michael seja ninguém — Roger puxou uma Rebecca trêmula para os seus braços — Nem os meus tios.

— Pensariam que foi embora, como deveria ter feito há muito tempo. Esse não é seu lugar. Não pertence a nós, é uma fraude.

— A única mentirosa aqui é você! — Rebecca rebateu.

Iniciariam uma nova discussão acalorada, se Roger não arrastasse Rebecca dali.

Ela sabia que talvez tivesse ido longe demais, mas tinha certeza que devia deixar claro a Stacy que não ficaria quieta como uma idiota. Se ela queria briga, estava disposta a enfrentá-la.

— Eu vou te levar para casa — Roger a tirou da casa e a enfiou em seu carro sem esperar resposta.

Rebecca não viu quando ele lhe colocou o cinto e saiu em disparada.

Sua mente divagava em tudo o que tinha acontecido nos últimos minutos. Não duvidava que Stacy teria feito algo a ela se Roger não tivesse surgido. Essa certeza a fez estremecer.

— Não deve brincar com alguém como Stacy — Roger virou para ela quando pararam na sinalização — Stacy não parece perigosa, ela é.

— Eu não estava brincando — murmurou Rebecca — Estava dando um aviso. Aquela garota é

completamente maluca. Ela tentou envenenar Olivia.

Roger soltou um assovio e parou no meio-fio.

— Tem certeza disso?

— Ela deu bombons a Olivia que fizeram ela e Carol passarem mal.

— Tem certeza que foram os bombons?

Rebecca se encolheu no banco. Não tinha provas, apenas uma grande intuição que afirmava que sim. Hoje Stacy comprovou mais uma vez que seria capaz de qualquer coisa.

— Bem, eu não posso provar, mas...

— Contou para mais alguém?

Ela balançou a cabeça em negativa.

— Acho melhor não dizer, não mexer mais no vespeiro — disse ele, tocando a mão dela no banco

— Deixa a Stacy quieta por um tempo. Minha tia está bem?

— Sobre a intoxicação, sim.

Rebecca puxou a mão, estava agradecida que Roger a tivesse salvado daquela maluca, mas Michael não ficaria feliz com isso.

— Não acha que eu deva falar sobre Stacy para Michael ou Max?

Roger notou seu distanciamento, mas preferiu ignorar. Voltou a colocar o carro em movimento.

— Se você disse que não tem provas, é melhor não enfurecer a Stacy. Seria sua palavra contra a dela, de qualquer forma. Mais um problema que meu tio teria que resolver. Algo me diz que ele está querendo evitar isso.

Rebecca recordou da conversa que tiveram assim que retornaram da casa de campo. Max queria que Olivia tivesse o clima mais harmonioso possível. Talvez Roger tivesse razão. Sem provas, só levantaria discórdia. Não queria que aquela família fosse ainda mais afetada. Ela ficaria de olho bem aberto em relação a Stacy a partir desse dia.

— Acho que você tem razão — disse, focando seus olhos na estrada — Obrigada por ter me ajudado lá.

Minutos depois voltou a encará-lo, com a curiosidade martelando em sua cabeça.

— O que você foi fazer na casa de Stacy? Pensei que não gostasse muito dela.

— Fui procurar a Hannah.

Fazia sentido.

— Como andam as coisas com ela?

— Não andam — ele curvou os ombros — Hannah me evita o tempo todo. Fui no baile atrás dela, como me aconselhou. Seu namorado não gostou muito de me ver. Acabei arruinando minha chance outra vez.

Rebecca ainda não sabia o que exatamente tinha acontecido entre eles no baile. Mas ela não vira Hannah por lá.

— O que houve naquele dia?

Estavam a poucas ruas da casa dos Hunter. Rebecca esperava que ele pudesse explicar antes que eles chegassem.

— Michael ainda está puto comigo. Nós discutimos, a Hannah chegou bem nesse momento. Stacy estava lá e obviamente não perdeu a oportunidade de envenenar a irmã contra mim. Hannah fugiu e eu fui atrás dela.

— Stacy foi com vocês?

— Ficou com Michael — Roger a encarou, contrariado — Ela forçou a barra?

Embora Rebecca não fizesse a mínima ideia do que Michael e a cobra ficaram fazendo em todo

tempo que ficaram sozinhos, não acreditava que ele tivesse dado qualquer chance a ela. Confiava nele, confiava no amor que eles sentiam.

— Tentou, acho. Nós tivemos um pequeno desentendimento.

Roger riu ao atravessarem o portão.

— Stacy odeia você porque, apesar de ter todos os motivos de ter medo dela, você não tem.

Ele parou o carro, mas não desceram de imediato.

— Mas não a subestime.

— Vou ficar alerta.

Ela estava indo em direção à casa quando o viu segui-la com uma mochila.

— Vai ficar?

— Só por alguns dias. O apartamento do meu pai está quase pronto.

Ele parecia ofendido quando passou por ela.

— Sei das ordens do seu namorado. Não vou incomodar você.

Rebecca se sentiu culpada. Não queria deixar Michael aborrecido, mas também não queria que Roger ficasse chateado com ela. Até o momento vinha se provando um bom amigo, principalmente hoje.

Eles entraram, e cada um seguiu seu caminho. Rebecca esperava que as coisas se resolvessem logo e que a paz pudesse reinar naquela casa.

Claro que Michael não reagiu bem à presença do primo quando retornou para casa naquele fim de semana. A pedido de Rebecca, ele ignorou a presença de Roger na casa.

Roger também tinha feito o prometido de ficar longe dela. O fim de semana, apesar de carregar certa tensão, seguiu tranquilo. O mesmo não aconteceria no decorrer daquela semana.

Rebecca tentava concentrar-se na leitura, quando uma batida na porta de seu quarto a fez sobressaltar.

— Será que a gente poderia conversar?

Ele não esperou a resposta dela. Antes que Rebecca pudesse emitir qualquer som, Roger apertava o corpo no dela, prendendo-a em um abraço apertado.

Receio e surpresa dominavam Rebecca.

— Desculpe — ele sussurrou no ombro dela — Não sabia a quem mais procurar.

Após se recuperar do choque e da aproximação inesperada, ela o afastou. Levou a mão ao pescoço ao ver o rosto inchado e ferido que ele exibia.

— Roger! — puxou-o para dentro do quarto e o sentou em sua cama — O que aconteceu com você? Michael...

Ele espalmou as mãos no ar.

— Não foi o Michael. Eu me meti numa briga com o namorado da Hannah. Ou pretendente, sei lá.

Roger escondeu o rosto ferido entre as mãos em um gesto derrotado. Rebecca notou que os dedos estavam igualmente inchados e feridos. Sentou ao lado dele, incerta do que dizer e fazer.

— Estava em uma boate em que às vezes ela vai com as amigas. Queria criar uma oportunidade para que me ouvisse, já que na casa dela parece impossível. Não com Stacy sempre atrapalhando tudo, ainda mais depois de eu ter defendido você.

Rebecca aceitava o rancor que Stacy sentia por ela, mas não conseguia compreender por que era tão má com a irmã e Roger.

— Quando eu vi a Hannah chegando com outro, fiquei maluco. Bom, só que o cara não estava

sozinho. Já deve ter percebido como acabou. Acho, agora sim, que arruinei todas as minhas chances.

— Há algo que eu possa fazer para ajudar? — ela sentia-se em dívida com o casal.

— Acho que não — ele segurou a mão dela e levou aos seus lábios — Me ouvir já foi o bastante.

Desculpe incomodar a essa hora.

Gemendo, ele seguiu em direção à porta.

— Espera, Roger! — ela correu até ele — Precisa cuidar disso.

Chegando à cozinha, Rebecca cuidou dos seus ferimentos. Separou alguns sacos de ervilha congelada e instruiu para que mantivesse pressionado sobre o inchaço das mãos e olhos.

— Obrigada, Rebecca.

Ele a abraçou. Dessa vez ela retribuiu o abraço agradecido. Ela estava mais leve agora, sem o peso da culpa pesando tanto em seus ombros.

— Ah, desculpe!

Ouviu a voz atrás de si, mas assim que virou, a porta da cozinha que dava acesso ao quintal estava fechada.

— Era o Billy — explicou Roger — Me viu chegar. Disse que tinha algo para os meus ferimentos. Vou lá falar com ele para não pensar outras coisas.

E eles já tinham problemas o suficiente, pensou Rebecca, ao voltar para o quarto.

Apesar da noite estranha, dormiu em seguida.

Capítulo 24

Rebecca não viu Roger no outro dia e nem nos seguintes.

Michael veio para casa no fim de semana, mas avisou que passaria a maior parte do tempo no escritório do pai, fazendo pesquisa.

“Preciso recuperar algumas notas, por que não aproveita esse tempo para ficar com Brianna?”, fora o que ele sugerira quando se prontificou para ajudá-lo.

Ele dissera que gastaria o dobro do tempo para terminar com ela ao seu lado, já que dificilmente conseguiria se concentrar e manter as mãos longe dela. Compensaria levando-a ao cinema à noite ou a qualquer lugar que ela gostaria.

— É bom saber que sou a segunda opção de alguém — disse Brianna ao saírem da livraria.

— Não seja boba — Rebecca a abraçou e seguiram andando assim — Todos os meus domingos são seus.

Brianna estacou e virou de frente para ela. Havia melancolia e incerteza em seu olhar.

— Esse é o problema — a voz saiu tremida — Não é a minha mãe. Não tem obrigações comigo, Rebecca. Acho que você e o Michael estão bem firmes. Sua vida tem que seguir adiante. Eu ficarei maior em breve e tenho que pensar no rumo que darei à minha vida.

Rebecca tentou que sua compaixão esvaísse por seus olhos. Brianna era a pessoa mais doce que ela já vira, mas também era orgulhosa. E ela notava nela a mesma insegurança que tivera quando deixara o orfanato. Não existe nada mais aterrorizante do que ter o mundo diante dos seus olhos e você não saber qual direção deveria tomar.

Só que Brianna não estava sozinha em sua jornada. Rebecca jamais a deixaria sozinha. Podia não ser a mãe de Brianna, nem mesmo parentes, mas desde que vira aquela garotinha assustada entrando no quarto que dividiria com ela, jurou protegê-la.

— Vem comigo.

Ela arrastou Brianna até um banco da praça que tinha perto dali.

— Eu sei que o plano era eu juntar o máximo de dinheiro que conseguisse, enquanto estivesse na casa dos Hunter, e também conseguir um lugar para nós duas morarmos.

Rebecca pegou a sacola das mãos de Brianna e colocou do outro lado do banco.

— As coisas mudaram um pouco. Eu não esperava que eu fosse me apaixonar pelo Michael — segurou as mãos dela com delicadeza — Mas isso não muda nada. Nunca vou deixar você sozinha e desamparada. Por enquanto nós nem falamos com os pais de Michael sobre nossa relação. Embora eles já saibam, não falamos claramente o que queremos, e na verdade nem sabemos o que queremos ainda. Estamos deixando o barco rolar. Mas quando você tiver que sair do orfanato, não ficará desamparada. Não vou deixar. Para onde eu for, irá comigo, Brianna.

— Não quero ser um peso para você — disse ela, após emitir um suspiro sentido.

Rebecca a abraçou, liberando as lágrimas que já não procurava controlar.

— Você é minha família, Brianna. Nada mudará isso.

Ela avistou o carrinho de sorvete parado do outro lado da praça. Sabia o que afastaria aquele olhar lúgubre. Doce sempre fazia os olhos dela brilharem.

Eles estavam em seu abrigo preferido. Apesar de estarem na primavera, a noite estava um pouco fria, por isso tinham a manta cobrindo seus corpos despidos.

— O que você está pensando? — perguntou Michael, alisando as costas dela.

Não era a brisa tocando sua pele que a fez estremecer. Era o toque suave das mãos dele. Michael sempre teria esse efeito sobre ela.

— Estava pensando em Brianna. Ela está preocupada com o destino dela pós orfanato, e confesso que eu também.

— O que preocupa você?

Rebecca sorriu. Embora fosse tão óbvio a ela, Michael estava tão longe de como a vida era difícil longe de toda a proteção que ele conhecia.

— O plano era eu encontrar um lugar para a gente morar. Ainda não vi isso.

Michael a ajeitou melhor em seus braços para que pudessem encarar um ao outro.

— Ainda não entendo. Por quê?

— Porque ela cumprirá a maioridade, terá que sair do orfanato. Eu não vou deixá-la sozinha por aí.

— Ela pode ficar aqui. Há vários quartos.

— Michael, moro aqui porque sou a empregada.

Por mais que todos a tratassem diferente, a realidade era essa.

— É mais do que isso, Rebecca. E tenho certeza que meus pais não se importariam.

Provavelmente ele tivesse razão, concluiu ela. Mas não era um assunto que poderia ser decidido assim.

Quanto mais Olivia parecia abatida, mais Max parecia cansado. Não queria perturbá-lo com mais essa preocupação. Ela encontraria uma solução para elas.

— Ainda temos tempo. Pensarei em algo até lá.

E enquanto Michael apagava todas rugas de preocupação da testa dela com seus beijos, quando suas carícias e a forma com que a amava afastavam todas as incertezas, ele tinha encontrado o que acreditava ser a solução perfeita para o dilema que Rebecca enfrentava.

Ele precisaria apenas de um pouco de tempo para colocar em prática o que imaginou.

Capítulo 25

Rebecca acabara de sair do banho quando a batida insistente na porta chamou sua atenção. Vestia apenas uma minúscula toalha em volta do corpo nu. Estava se preparando para dormir após ter rolado na cama em busca de sono, esperava que um banho quente a ajudasse.

Outra vez a batida, e ela estacou no quarto, preocupada. A não ser que tivesse acontecido alguma coisa, apenas uma pessoa estaria ali, àquela hora da noite.

Michael enviara uma mensagem antes do jantar, avisando que chegaria no sábado de manhã, mas ele poderia ter sentido saudade e ter mudado de ideia.

Empolgada com a possibilidade, apressou-se para abrir a porta.

Foi com espanto e um brado de surpresa que se deparou com o homem sorrindo-lhe.

— Roger? O que está fazendo aqui?

Há dias que não tinha notícias dele. As marcas causadas pela briga quase já não eram mais visíveis.

— Desculpe chegar assim, a essa hora — ele parecia encabulado — Eu só queria falar com você um minuto.

Rebecca pressionou a toalha um pouco mais forte. Não se sentia confortável estando seminua e ele apenas de robe no quarto dela.

— Eu vou colocar minhas roupas e te encontro na sala.

Ele espalmou a mão sobre a porta, impedindo-a de fechar.

— Não vou demorar muito tempo — os olhos suplicantes fizeram Rebecca vacilar — Por favor, Rebecca.

Roger nunca tinha avançado o sinal contra ela. Jamais tinha tentado algo além de serem amigos. Não via problema em ouvir o que ele queria dizer.

— Tudo bem. Se for rápido.

Rebecca fechou a porta e caminhou até a cama. Roger seguiu para a poltrona em frente a penteadeira. Ele tirou o envelope do bolso de seu robe, batendo contra a palma da mão, o barulho do atrito do papel contra sua pele unia-se à respiração pesada que ela emitia. Eram os únicos sons audíveis naqueles breves minutos constrangedores.

— Eu escrevi uma carta a Hannah. Sabe, uma última tentativa de que ela me ouça — disse ele, finalmente, quase em um sussurrar — Não quero que pense que sou um maluco obcecado por ela. Sei que Hannah gostou de você, Rebecca. Então, se puder fazer isso por mim... — ele levantou e estendeu o envelope a ela. — Se puder entregar isso a Hannah, serei eternamente agradecido.

Ela encarou o envelope branco lacrado. Não queria mergulhar em toda aquela confusão mais do que já tinha ido. Por outro lado, não conseguia se ver imune perante aquela história de amor. E se fosse ela? E se fosse ela que precisasse de ajuda para recuperar o amor de Michael? Não conseguia ao menos imaginar ficar longe dele.

— Tudo bem — respondeu ela, sabendo que havia tomado a decisão correta — Vou entregar para a Hannah.

Roger emitiu um suspiro profundo e deu um soco no ar ao ouvir sua resposta.

— Obrigado! — agradecia repetidas vezes ao caminhar de costas até a porta — Muito obrigado!

Rebecca o seguiu, sorrindo. Era um maluco, mas o entendia, o amor causava essa reação às

pessoas.

— Obrigada outra vez — murmurou ele no vão da porta.

E antes que Rebecca pudesse se esquivar do gesto empolgado, viu-se presa em um abraço apertado e mais demorado do que gostaria. Tentou se desvencilhar, empurrando-o com as mãos, mas outras mais ágeis o arremessaram para fora do quarto. Ela teria verificado se Roger estava bem, se os olhos chispando fogo de Michael não a tivessem congelado no lugar.

— É isso que fazem às minhas costas?

Rebecca recuou diante da cólera em seu olhar. Michael não estava apenas aborrecido por ter flagrado os dois em uma situação aparentemente comprometedora, ele parecia completamente fora de si.

— Michael, não é nada...

A ira que transfigurava o rosto dele rapidamente deu lugar a uma expressão desolada quando analisou o corpo dela com os olhos.

Apressadamente e de forma desajeitada, ela tentou arrumar a toalha caída em seu corpo.

— Eu quis acreditar com todas as forças que Stacy estivesse mentindo — a amargura era visível em cada palavra que ele emitia — Que não era a cínica e dissimulada que me falou. Mas não passa de uma vagabunda interesseira!

Suas acusações batiam na face dela com a velocidade de uma chibatada. Mas a parte racional que dizia para controlar as emoções pedia que mantivesse a calma. Michael estava sendo injusto com ela, mas também estava cego e envenenado pelas intrigas de Stacy. Aquela víbora sabia exatamente como destilar seu veneno quando queria.

— Michael, me escuta!

Rebecca caminhou até ele, mas foi impedida de tocá-lo quando a afastou com um gesto brusco. Sentiu os ombros baterem contra a porta, e a força do impacto, por alguns segundos, roubou-lhe a respiração.

— Não toca nela, Michael — Roger surgiu do chão, fazendo uma barreira de proteção entre Rebecca e o namorado furioso — Quer brigar comigo, a gente briga, mas não vou deixar que toque nela.

— Seu desgraçado!

Furioso, descontrolado e cego pela fúria, Michael não hesitou em desferir no primo toda a sua raiva. Acertou-lhe dois socos no rosto, mas Roger revidou e Michael recebeu uma joelhada que o fez recuar. No entanto, o ódio que ele sentia falava mais alto, governava suas ações e racionalidade diante da grande estupidez que pudessem protagonizar.

— Parem com isso, por favor! — Rebecca implorava, buscando alguma forma de separar os dois.

— Deixe-o brigar, Rebecca — provocou Roger — É isso o que os garotinhos fazem.

O grito assustado de Rebecca chegou no mesmo momento que Michael comprimia Roger contra a parede oposta. Seu antebraço pressionou-lhe a garganta até que o riso debochado foi substituído por um rosto vermelho e olhar esbugalhado.

— Michael, você vai matá-lo — chorava ela — Solte-o, por favor.

O desespero e o medo do que ele poderia fazer roubavam-lhe as forças, mal conseguia puxar os seus ombros, tentando evitar que uma tragédia acontecesse diante de seus olhos.

Ela sabia que gritava e pedia ajuda, sua garganta dolorida e os lábios movimentando comprovavam o fato, o que ela não sabia era se o som era potente o suficiente para que alguém na casa atendesse suas súplicas. Estava tão emergida na cena desgraçada que a cercava que não percebeu a aproximação de Max.

— O que vocês estão fazendo?

Rebecca sentiu vontade de sentar no chão e chorar como uma garotinha quando Max surgiu e foi capaz de fazer o que não conseguira: separar os dois, empurrando um para cada lado.

— Michael, o que está acontecendo aqui?

Roger ajeitou parte do robe rasgado e foi o primeiro a se manifestar:

— Michael perdeu a cabeça como sempre, meu tio — ele emitiu um gemido ao movimentar o ombro machucado — Sabe como ele é. Está com ciúmes de mim e Rebecca.

Max olhou para a garota assustada, e somente naquele momento deu-se conta do traje que usava.

— Michael? — Max inquiriu.

— Por que você não diz que estava saindo do quarto dela, Roger? — Michael cuspiu a acusação com revolta e desgosto — Que estavam abraçados quando cheguei! Pare de dizer meias verdades. Seja honrado uma vez na sua vida.

— Não foi assim, Michael — Rebecca tentou se reaproximar, mas os olhos dele advertiam para que se mantivesse distante — Me escuta...

Rebecca desejou mil vezes se deparar com a raiva que o fizera tremer, do que encarar o olhar desolado e decepcionado que Michael emitia.

Ela via em suas feições desfiguradas que deixava-se dominar pelo ciúme causado pelo engano sem sentido. Provara de incontáveis formas diferentes o amor que sentia.

Quis o seguir quando ele saiu apressadamente pelo corredor. Max a impediu.

— Deixe-o esfriar a cabeça — disse ele, conduzindo-a para o seu quarto — Vamos todos para os nossos aposentos dormir.

Rebecca quis protestar, precisava que Michael ouvisse a voz da razão. Ele a conhecia, não poderia permitir que Stacy os separassem com suas mentiras.

— Amanhã vocês conversam, por favor — Max disse brandamente — Preciso voltar e dizer a Olivia que está tudo bem.

Foi ouvir o nome dela e observar Caroline na porta com um olhar assustado, que fez Rebecca concordar. Viu quando Max foi acalmar a menina, levando-a de volta para a cama.

— Rebecca, desculpa, eu não quis... — Roger foi em direção a ela, as mãos delicadamente espalmadas como quem lida com um animalzinho acuado.

— Me deixa sozinha!

Rebecca bateu a porta, deslizando sobre ela, até que seu corpo tocasse o chão. Ela nunca sentira tanta dor e desespero na vida. Seu peito doía como se alguém cruelmente esmagasse o seu coração entre as mãos.

Ela sentia que a dor rasgando seu peito era como raízes de uma árvore se espalhando pelo seu corpo. Era uma dor visceral.

— Michael! — repetia seu nome no escuro, enrolada em si mesma, esperando que seu pedido angustiado fosse capaz de trazê-lo de volta — Michael...

Teve frio. Teve medo. Um incontável medo de que aquele sentimento de abandono nunca fosse embora, de que não fosse capaz de suportar a tristeza que ameaçava enregelar não apenas seus ossos, mas também sua alma.

Ela podia continuar ali, sendo tragada pelo sofrimento que a castigava, ou podia se erguer e começar a lutar.

Capítulo 26

Rebecca acordou com o barulho do despertador indo contra o chão e o resmungo de Michael ao esbarrar na cama. Pela cortina entreaberta, observou que o dia lá fora já estava clareando.

Comprimiu o corpo contra a cama no exato momento que ele desabou ao seu lado.

Flashes das últimas horas vieram à sua cabeça. Ela tinha ido até o quarto dele esperar seu retorno. Tinha tentado se manter alerta, mas a angústia e a ansiedade para que Michael voltasse esgotaram o resquício de energia que lhe sobrou e acabara caindo no sono.

— Michael?

Pousou a mão trêmula em suas costas. Ele se empertigou como se o toque dela o queimasse.

Ele saltou sobre ela, cobrindo seu corpo com o dele. Havia um vislumbre de raiva com desespero.

A dor continuava ali, pulsando. Mas quando seus olhos se conectaram, também viu o amor em seu olhar. Ele podia estar magoado, cego pelos ciúmes e raiva, porém, naquele momento, enquanto a mantinha em seus braços, Michael não podia negar: ele a amava.

— Michael...

Ele encostou a testa na dela. Rebecca sentiu a respiração cálida sobre seu rosto e o cheiro forte de bebida. Doía-lhe que ele tivesse recorrido a isso para amenizar suas próprias feridas, queria ter sido ela a dar o consolo que ele buscava.

— Não fala nada.

As mãos impacientes correram afoitas pelo corpo dela, sob o delicado tecido da camisola. Impaciente, ele se livrou da barreira que o impedia de explorar a pele macia e febril.

— Sem mentiras — murmurou ele na curva entre o ombro e o pescoço, inalando o perfume dela — Apenas nós dois, e me ajude a esquecer.

Precisavam conversar, precisavam esclarecer as coisas, e talvez em algum momento rir de como haviam sido tolos. Mas, naquele momento, eram governados pelos seus corpos e o desejo que os faziam arder.

Michael a conhecia mais do que ela mesma. Ele sabia onde tocar e como tocar para que estivesse pronta para ele.

Quando as bocas se tocaram, e mesmo com o gosto da bebida atenuante, sentia a doçura dos seus beijos.

— Michael... — tornou a sussurrar enquanto tornavam-se um só — Amo você.

Rebecca declarava seu amor com sua voz, com seu corpo, com o coração que batia aceleradamente.

— Rebecca! — rosnou ele, indo com ela de encontro ao prazer que os consumia.

Rebecca despertou com um sobressalto. O relógio marcava nove e meia. Pulou da cama e procurou a camisola em alguma parte do chão.

Michael resmungou algo incompreensível e alisou o lençol onde ela estivera, porém logo tornou a mergulhar no sono profundo enquanto ela tentava reorganizar sua mente.

Roger. A briga. Michael fugindo. Os dois se amando.

— Max!

Precisava falar com ele, obviamente esperava alguma explicação sobre o que houvera naquela noite estranha e conturbada. Vestiu a camisola com pressa. Olhou mais uma vez para Michael. Tinham que conversar, na realidade, os dois deveriam encarar o descontentamento que certamente o pai dele sentia.

Porém, não tinham tempo. Rezava para que Max não tivesse mandado que alguém a procurasse em seu quarto e descobrisse que não tinha passado a noite ali.

Mesmo sendo sábado, ele geralmente levantava cedo. Deveria estar no escritório, ansiosamente esperando por ela.

— Ah, Michael — ela afastou os fios de cabelos caindo em sua testa e depositou um beijo carinhoso.

Os cílios vibraram diante do seu toque, mas ele continuou a dormir. Pelo visto, Rebecca teria que enfrentar a fúria do senhor Hunter sozinha.

Voltou rapidamente para o seu quarto. Tomou banho e tentou ficar o mais apresentável possível. Desceu as escadas como se estivesse indo para um julgamento, e de certa forma estava.

Entrou na cozinha vazia e silenciosa. O café ainda estava na mesa, contudo ignorou a mesa farta. Nem mesmo um grão de mostarda passaria por sua garganta, de tão nervosa que estava. Seguiu para o escritório, sentindo literalmente que o coração saltaria pela sua boca e pularia pelo chão como um peixe fora d'água.

Bateu na porta e aguardou. Não conseguia evitar que os pés batessem no chão, demonstrando toda a aflição que sentia.

— Entre — ouviu a voz calma de Max. Não sabia se era um sinal bom ou ruim.

Assim que ela entrou, deparou-se com ele em frente à janela. A mesma janela com uma linda visão para o jardim.

— Bom dia, senhor — disse timidamente, dando dois passos para dentro do escritório.

Max não se moveu ou desviou o olhar da paisagem ao se pronunciar:

— Sente-se, Rebecca.

Fez o que ele disse, agradecendo internamente por isso. Sentia que suas pernas iam se desintegrar.

— Senhor Hunter, eu quero me desculpar e tentar explicar o que aconteceu ontem. Sabe, não foi nada do que está pensando — ela começou a dizer, disparando as palavras, na realidade — Eu não sei bem o que está pensando, mas o Roger...

— Espere um momento — ele ordenou, virando para encará-la — Michael não veio com você?

Rebecca encolheu na cadeira e respondeu com um leve balançar de cabeça. Agora, com ele a avaliando firmemente, fugia-lhe todas as palavras.

— Bom, talvez seja melhor assim.

Ele sentou, apoiando os braços sobre a mesa. Ela não conseguia ler em seu rosto o que passava em sua mente, que tipo de conclusões tirava sobre ela.

Não conseguia impedir que pensamentos negativos sobre seu futuro a perturbassem. Sabia, desde o início, que mergulhar naquela relação com Michael colocaria muitas coisas em jogo.

— Olivia está morrendo.

— Como? — perguntou ela, sentindo mais impacto nisso do que se ele comunicasse que estava despedida.

Max desviou o olhar para algum ponto entre a parede ao lado dela e a estante de livros.

— Não fui totalmente honesto aquele dia. Olivia não apenas não reage ao tratamento, o câncer

está se espalhando.

— Mas não podemos tentar outras coisas? — perguntou, as lágrimas começando a distorcer a visão que tinha dele — Deve ter algum jeito...

— Não há muito o que fazer, Rebecca — sussurrou Max, a voz entrecortada — Talvez interná-la e forçar uma dosagem que dê a Olivia um pouco mais de tempo. Ela não quer isso. Não quer se ver definhando na cama de um hospital.

Max desabou na cadeira, seu tronco caindo pesadamente sobre a mesa.

— Estou perdendo a minha mulher — soluçou, deixando que suas emoções finalmente fossem liberadas.

Ela poderia estar errada, mas acreditava que era a primeira vez que Max permitia que alguém presenciasse a grandiosidade de seu sofrimento.

Rebecca queria se manter firme, dar o apoio que ele buscava nela, mas ver um homem confiante e forte como Max literalmente desabar diante dela, deixava-a totalmente emocionada e impotente. Só conseguia enxergar um menino assustado, sofrendo.

Ela se aproximou, tocando-lhe o ombro. Max acertou sua cintura como um náufrago encontrando o bote salva-vidas. A dor da perda iminente quebrava as barreiras entre patrão e empregada; eram apenas duas pessoas açoitadas pelo sofrimento.

Seu corpo sacudia devido aos soluços e choro que partia o coração de Rebecca em milhares de partículas.

Como ser imune a tal sofrimento e dor exalados por ele? Sentia que espinhos eram fincados em cada parte dilacerada do seu coração, unindo-se às dele.

Entendia o desespero dominando Max. As horas que passara em seu quarto no escuro, esperando o regresso de Michael, mal podia se comparar à dor de Max com a certeza de perder para a morte a mulher que ama. Ainda assim, sua dor pela possibilidade de perder o amor da sua vida fora insuportável.

— Eu vou perdê-la e não sei o que fazer — murmurou desolado — Sinto que parte de mim está indo também. Não vou suportar tudo isso. Era para ficarmos juntos. Morreremos juntos.

Era bonita a ideia de se amar alguém, construir um futuro ao lado dela, e quando chegasse o momento partirem juntos. Ambos sabiam que a dura realidade da vida não era assim.

— Não pense no que vai perder — Rebecca ajoelhou, ficando na altura dos seus olhos — Pense em tudo o que já teve e o que ainda irá ficar. Michael, Caroline, eles também precisam de você.

— Eu os amo muito — disse ele, tocando o peito — Mas não diminui a dor. Tenho medo de não suportar.

Rebecca o abraçou. Não havia palavras ou promessas que garantissem que tudo ficaria bem. Não ficaria. Mas ela acreditava que o amor que todos sentiam faria com que a dor e o peso da saudade fizesse a perda de Olivia ser mais fácil de suportar.

— Vocês têm um ao outro — murmurou ela, alisando os cabelos dele — O amor que sentem será toda a força que precisarão. E Olivia irá desejar que fiquem bem. A melhor forma de honrar a mulher, mãe, amiga e pessoa maravilhosa que ela é, será continuar lutando, vivendo e buscando a felicidade. E, acima de tudo, guardando-a em seu peito.

Max apenas ouvia, absorvendo as palavras dela. E desejava que pudesse ser assim, que o amor que sentia por seus filhos o ajudasse a continuar vivendo.

— Desculpe por isso — ele a afastou delicadamente um longo tempo depois — Acho que precisava falar com alguém.

Ele a ajudou a se erguer. Rebecca emitiu um pequeno gemido ao sentir os joelhos arderem. Max a

conduziu até a cadeira e a ajudou a se sentar.

— Tudo bem, senhor Hunter — ela sorriu — Falar sempre ajuda, tem guardado coisas demais.

Ele apenas meneou a cabeça.

— Rebecca, sobre ontem...

— Estávamos só conversando — tentou explicar-se — Michael surgiu e entendeu tudo errado.

— Não se preocupe, Roger já explicou.

— Já? — perguntou, secando o rosto úmido.

— Essa manhã, antes de ir embora — explicou ele, voltando para sua cadeira — Conheço meu filho, já tive a idade dele e sei o que é estar apaixonado e ciumento. Roger e eles nunca se deram muito bem, de qualquer forma.

Ela soubera disso através de Roger. Pelo visto, uma amizade entre eles seria algo completamente impossível.

— Rebecca, Olivia tem um carinho muito especial por você. Ela acredita que... — ele faz uma pausa, como se estivesse prestes a dizer algo que não devia; recuou — Ela carrega uma grande culpa do passado. Culpa que eu nunca entendi.

Imediatamente Rebecca lembrou de Laura e sua filha perdida. Onde aquela mulher estaria e por que deixava que sua amiga partisse assim, com uma culpa que não era dela?

— Vocês dois são jovens, estão aprendendo a viver — continuou Max, alheio aos pensamentos fermentando na cabeça de Rebecca — Mas esse é um momento delicado para Olivia. Eu quero que os seus dias...

Ele vacila, engole as palavras e busca forças dentro dele mesmo.

— Quero que seus últimos dias sejam calmos e felizes. Pode fazer isso por mim? Que nada disso tudo entre você e Michael chegue até ela?

— Claro que sim.

Max soltou um suspiro aliviado. O gesto fez com que Rebecca se sentisse uma pessoa horrível e egoísta. Estava ali para diminuir a carga em seus ombros e não levar a ele mais problemas.

— Tenha paciência com o Michael — pediu ele — Ele parece forte, mas não é. De alguma forma, ele sabe o que está acontecendo. Às vezes esqueço que meu filho é apenas um menino crescido.

Ela faria o que ele pediu; seria paciente e manteria a calma. Guardaria todas as suas energias para quando eles precisassem dela. E quando Michael se sentisse sozinho e perdido com a partida da mãe, estaria ao lado dele, amparando-o. O amor que sentiam o ajudaria a manter-se em pé.

Acreditava nisso.

Após a difícil conversa com Max, ela decidiu passar no quarto de Olivia. Caroline estava na cama, penteando os cabelos da mãe. As duas riam de algo que a menina tinha dito a ela.

— Olá, Rebecca — Olivia sorriu para ela, esticando a mão — Junte-se a nós.

Antes de ela seguir até onde as duas estavam, olhou para Caroline, apreensiva. Ela tinha presenciado boa parte da briga no corredor. Não tinha ideia do que a menina pudesse estar pensando dela naquele momento.

Carol ergueu os olhos da fita que colocara nos cabelos de sua mãe e deu a Rebecca o mesmo sorriso acolhedor de Olivia. Talvez Max já tivesse explicado tudo a ela. Talvez Caroline fosse mais madura e generosa do que demonstrava, perdendo-a, não importava a ela qual seria a razão.

Estava feliz em dividir esse momento com as duas.

— Sabia que minha filha está apaixonada, Rebecca? — Olivia perguntou, piscando um olho — Meu bebê já é uma mocinha crescida.

— Mamãe! — protestou Carol, bufando do jeito típico adolescente — Já disse que ele é só meu amigo.

— Ele é bonito?

Rebecca juntou-se a Olivia na provocação.

Mesmo sob a aparência frágil e o abatimento visível em seu corpo, Olivia exibia o sorriso mais feliz que já vira em alguém. Se as pessoas realmente tivessem uma aura pairando pelo corpo, a dela era tão brilhante como a luz em seus olhos.

Foi nesse momento que Rebecca se deu conta do quanto realmente sentiria falta dela. No pouco tempo que estiveram juntas, Olivia representou a mãe que ela sempre desejou conhecer.

— Eu te amo — sussurrou no ouvido dela ao abraçá-la por impulso.

— Amo você também.

Rebecca, a muito custo, segurou as lágrimas que desceram queimando por sua garganta. Por dentro, seu coração encolhia-se em um pranto mudo.

— Já tomaram café? — afastou-se com a mesma velocidade que atirou-se sobre ela.

— Sim, Max já cuidou disso.

— Eu ainda não — essa era a desculpa perfeita para que Rebecca pudesse se recompor — Vólto em um instante.

Foram emoções demais em um dia. Primeiro com Max, depois com Olivia, e ainda tinha uma difícil conversa com Michael.

Antes de meditar se ele já havia despertado, deparou-se com sua figura esguia próximo a escada. Ele carregava uma mochila nas costas.

— Michael?

Ela estava confusa e nervosa. A mochila poderia não significar nada, como poderia dizer tudo.

— Vai sair?

A pergunta soou tão tola como lhe parecera. Era exatamente assim que se sentia: uma tola com receio de se aproximar. Seu coração já emitia batidas vacilantes e falhas.

— Vou voltar para o campus — disse finalmente, olhando para ela.

— Mas, e a sua mãe?

“*E eu*”, quisera dizer.

— Eu vou manter contato. Depois eu ligo para ela.

Ela encontrou forças para ficar perante a ele, apenas milímetros e a frieza dele os separando.

— Olivia precisa de você aqui, Michael — disse ela tocando seu braço — Nós dois precisamos conversar. Nada do que você viu ou o que acha que viu é verdade.

Michael emitiu um sorriso cético e debochado.

— Tudo o que eu pedi era que você ficasse longe dele. Mas eu virava as costas e lá estava você, toda interessada. Qual era a jogada, ver qual dos dois idiotas conquistava primeiro? Foi tão ruim na cama comigo que precisava testar se seria melhor com ele? É uma cínica e mentirosa.

Ela retrocedeu, ferida por suas palavras.

“*Seja paciente com ele*”, ouviu a voz de Max ecoando em sua cabeça.

Rebecca queria manter a calma, ignorar o quanto a atitude injusta a magoava. Michael ao menos devia a ela o benéfico da dúvida. Começava a se questionar se realmente ele a amava, ou se agarrava aquele engano ridículo como desculpa perfeita para um erro que tinha cometido.

— Nunca menti para você, e se me ouvir... O Roger pode confirmar o que aconteceu.

— Ah, claro que pode — ele riu — Assim como pode explicar o que faziam no seu quarto, nus. Pode me explicar por que desapareceu da festa e surgiu daquele jeito? Pode explicar suas saídas românticas ao café, pode explicar tudo isso?

— Foi a Stacy, não é? Foi ela que encheu a sua cabeça?

— Stacy me abriu os olhos! — ele avançou sobre ela, agarrando-lhe o braço — Me fez ver o que recusei admitir, mas tive a dura certeza ontem à noite.

— Está tão cego de ciúmes e de raiva que não enxerga a verdade. Não quer me ouvir!

Empurrando-a, ele voltou a caminhar. Parecia o mesmo Michael encolerizado da noite anterior. Raiva e ciúmes faziam-no agir sem pensar.

— Tem razão, eu não quero. Nada sobre vocês dois me interessa mais! — Jogando um olhar de desprezo sobre ela, desceu os últimos lances de escada.

Michael afirmara que ela era uma mentirosa e infiel, mas era ele traindo esse amor.

Era ele quem ia embora sem se importar com quem deixava para trás.

Abraçando a si mesma, ela retornou para o seu quarto. Caminhando como uma cega em uma floresta cercada de espinhos.

Enrolou em si mesma ao deitar na cama. Tudo à sua volta era um borrão através do rio de lágrimas descendo por seus olhos.

Consolara Max, mas não haveria ninguém que pudesse segurar sua mão e dizer que ficaria tudo bem.

Nada ficaria bem. Sem Michael, sua vida seria assim, tudo distorcido.

Foram a preocupação de Olivia com ela e a insistência de Carol que ajudou Rebecca a sair da cama. Sofria, mas não podia jogar em cima de sua amiga mais aquela carga.

Conversou e sorriu naquele fim de semana. Até mesmo com Brianna usara a máscara de que estava bem. Quando por dentro seu coração estava dilacerado.

Foi assim durante a semana e o fim de semana seguinte que Michael não apareceu. Enviou dezenas de mensagens, esperando que ele lesse alguma delas.

Às vezes tinha raiva de Michael, do Roger e principalmente da Stacy. Todos a alertaram que a garota era ardilosa e perigosa. Acreditou ser corajosa, mas ignorou que aquele era o jogo de Stacy. Ela sabia melhor do que Rebecca a mexer todas as peças. Fora ingênua subestimando sua oponente.

Agora não sabia como contra-atacar.

Às vezes apenas concluía que deveria deixar tudo se acalmar. O tempo diria a Michael como estava sendo tolo e cabeça-dura. Quando o orgulho ferido e a raiva tivessem diminuído, ele voltaria para ela.

Só que o ciúme era como uma mordida de cobra. Por mais que se extraísse o veneno, a cicatriz continuaria lá, lembrando como dói.

E foi em um domingo, após voltar de sua visita a Brianna, que ela foi picada. Ver Michael saindo de casa ao lado da ex-namorada causou a primeira rachadura no coração de Rebecca.

Foi com aquele pequeno pedaço pulsante em seu coração sangrando que teve a segunda surpresa do seu dia ao atender o telefone.

— É da residência dos Hunter? — a voz feminina e rouca despertou alguma coisa dentro dela.

— É, sim. Com quem gostaria de falar?

Houve um suspiro do outro lado e uma pequena pausa.

— Eu quero falar com Olivia — agora o tom parecia mais firme e claro — Diga a ela que é a Laura Summer.

Capítulo 27

Rebecca foi chamada ao quarto de Olivia após horas de ligação e uma conversa entre as duas amigas que parecera interminável. Tinham muito a dizer uma a outra.

Era impossível não notar a emoção e o grande sorriso estampado no rosto da enferma.

— Laura está voltando para casa — sorria e chorava ao mesmo tempo — Vou poder vê-la mais uma vez. Talvez a última.

Foi a primeira boa notícia que Rebecca ouvira em quase três semanas. Longos dias que passara afastada de Michael, que sofria com a indiferença dele. Mas estava contente por aquele pequeno milagre acontecer.

Estavam correndo contra o relógio, e mesmo Olivia tentando esconder, ela sofria com a possibilidade de não ter ao seu lado todas as pessoas que amava antes de partir, e isso incluía Laura e Nicholas.

Seria ainda mais perfeito se a filha perdida do casal voltasse para casa. Nunca quis dizer nada a Olivia, mas após tantos anos, provavelmente a criança estaria morta.

— Que bom que ela está voltando — disse Rebecca abraçada a ela — Era o que você mais desejava, não era?

— Uma delas — entrelaçou seus dedos com os de Rebecca — Quero que Max seja feliz, que Caroline não sofra tanto quando eu já não estiver mais aqui. Quero que você e Michael fiquem bem.

Esse último também era um desejo que Rebecca acalentava, mas a cada dia que passavam longe, sua fé ia diminuindo mais.

— Que Laura e Nicholas refaçam sua família — fez uma pausa e, após um sorriso triste, ela completou: — Gostaria de poder ver a pequena Olivia chegar.

Olivia a encarou com seus olhos azuis tristonhos. E enquanto Rebecca tentava controlar aquela força esmagadora passando como um rolo compressor em seu coração, ela se perguntava por que a vida tirava dela as pessoas mais importantes.

— Ei, sabe o que acho? — Rebecca dobrou os joelhos e sentou de frente a ela — Tudo isso é uma grande besteira. Não seus sonhos e desejos, claro. Mas digo esse negócio todo de vida e morte. Você está aqui agora. E quem sabe do futuro? O que importa é que para mim você sempre estará aqui dentro.

Beijou a mão dela e a levou ao seu peito.

— No meu coração e de todos que amam você. E chega de tristeza, vamos mudar o assunto dessa conversa. Agora me diz: quando a Laura vem?

— Daqui a uma semana. Ela precisa encontrar uma pessoa — ela pareceu ficar pensativa — Não quis dizer nada por telefone.

— Dizer o quê?

— Bobagens da minha cabeça — Olivia acariciou o rosto dela como fazia com sua filha — Falando em mudar de assunto... Tem notícias sobre sua pulseira? A que tinha quando chegou ao orfanato.

Rebecca coçou a cabeça. Tinha esquecido completamente do assunto. Desde que fora trabalhar ali, não pensara muito no passado ou nos seus pais. Aprendera a direcionar seus sentimentos para outras pessoas. Embora a realidade dissesse que era apenas a empregada e que não deveria entregar seu coração àquela família, fizera exatamente o oposto.

— Sabe que nunca mais pensei nela?

— Me disse que perguntaria à sua amiga. Brianna, não é?

— É, sim. Deve ter se perdido ou foi jogada fora. Brianna já teria me dado se tivesse encontrado.

— Vocês são muito amigas. Isso me lembra que ainda não fui apresentada a ela.

Rebecca sempre falara de uma para a outra com grande carinho. Ela adoraria que as duas tivessem a oportunidade de se conhecerem.

— Eu acho que ela adoraria te conhecer.

Havia em Olivia um olhar misterioso e enviesado.

— Por que não a traz aqui amanhã? Podemos almoçar juntas.

— Teria que falar com a mãe. E com o seu marido também.

Olivia praticamente revirou os olhos. Doente ou não, todos sabiam quem realmente mandava naquela casa.

— Passe-me o telefone, por favor.

Dez minutos depois, Brianna não apenas tinha autorização para sair do orfanato, como poderia passar o dia com elas.

Rebecca agradecia por aquela distração, talvez assim não pensasse tanto em Michael e no seu coração partido pelo distanciamento que ele impôs.

Brianna teve a mesma reação que Rebecca quando ficaram de frente à imponente mansão branca de amplas janelas. Durante o caminho do orfanato até ali, passaram por residências magníficas, mas a casa dos Hunter tinha algo de especial. Era uma réplica da casa de bonecas que elas sempre desejaram ter.

— Você mora mesmo aqui? — indagou Brianna ao ser empurrada para dentro.

— É mesmo muito bonita, mas, com o tempo, a gente vai se acostumando.

— Acho que eu nunca iria me acostumar.

Ainda rindo do deslumbramento dela, as duas entraram na casa.

— Vem, Olivia nos espera lá em cima.

“Teriam uma tarde divertida e agradável”, pensou Rebecca.

Correram até a escada. Mal alcançaram os primeiros degraus, quando Rebecca apoiou-se no corrimão, fechando seus olhos. Levou a mão à cabeça e tentou afastar o mal-estar que a afligia. Ela sentia que tudo à sua volta girava como um dança agitada.

— Rebecca!

Ela deparou com o olhar assustado de Brianna quando voltou a abrir os seus olhos.

— O que você tem? Quer que eu procure ajuda?

— Não — sussurrou ao sentar-se na escada — Fiquei um pouco tonta. Acho que subimos rápido demais. Já estou ficando melhor.

— Tem certeza?

— Estou bem, Brianna! — insistiu ela, segurando a mão da amiga — Não diga nada a ninguém, não quero preocupar a Olivia.

Brianna sentou ao lado dela. Sabia que alguma coisa estava acontecendo.

— Você e o Michael brigaram? Não tem se alimentado, dormido e todas essas coisas de um coração partido?

Rebecca desviou o olhar, não conseguiria continuar fingindo por mais tempo.

— Por que acha isso?

— Porque você não disse nada — disse ela, puxando-lhe o rosto.

— Então como chegou a essa conclusão?

— Exatamente por isso, Becca — Brianna soltou o queixo dela e começou a pontuar com os dedos — Não fala do Michael. Nada. Quando eu pergunto, desvia a conversa. Está sempre triste e tentando parecer que não. Isso quando não está viajando no tempo. O que foi? Não confia mais em mim?

— Não é isso. Nós realmente brigamos. Mas eu sei que isso vai passar. Foi uma coisa tão estúpida, e eu não quis te preocupar.

— Quando foi isso?

— Tem umas três semanas.

Brianna estalou a língua e ficou de pé. Estava mais surpresa com o tempo da briga dos dois do que pelo fato de terem brigado.

— Não foi só uma briga boba — pressionou ela — Uma briga boba dura dois dias, no máximo. Três semanas é uma crise catastrófica.

Rebecca riu. Somente Brianna conseguia converter um momento tão delicado em algo humorado. Era por isso, entre outras tantas coisas, que a amava. Ela sempre a fazia se sentir melhor.

— Max disse para eu ter paciência, há tensão demais em torno de todo mundo. Estou dando um tempo para o Michael pensar. Ele não veio no primeiro fim semana após nossa briga, e nos outros apareceu quando eu não estava. Parece que quer me evitar.

— Parece não; Michael está literalmente fugindo de você. O que aconteceu?

Rebecca levantou e limpou a mancha imaginária no seu vestido enquanto pensava no que responder.

— Prefiro explicar depois — ela encarou o olhar determinado de Brianna — Juro que vou contar tudo. Agora vamos ver a Olivia e ter o dia maravilhoso que planejamos.

Obviamente que Brianna não estava contente com a tentativa dela de escapar. Mas Rebecca não queria mexer naquela ferida agora. Sabia que quando contasse tudo a amiga, a realidade que vinha fugindo seria tão dura como as paredes que as protegiam.

As duas se deram bem, como Rebecca imaginara. Almoçaram no quarto de Olivia e tiveram juntas uma tarde agradável. Ela não ficou preocupada quando teve que se ausentar para pegar Carol no balé e deixar Brianna na casa, mas achou as duas misteriosas quando retornou e as flagrou em uma conversa sussurrada.

Teve que ignorar a curiosidade sobre o que falavam, quando Caroline enveredou em uma conversa entusiasmada.

Elas riram, jogaram cartas e até mesmo cantaram algumas músicas, mesmo sob o olhar atento e às vezes reprovador da enfermeira. Rebecca sabia que não deveriam cansar Olivia demais, mas ela parecia tão radiante e feliz. Seria algo quase que criminoso tirar isso dela.

O resto do dia passou depressa. Foi com pesar que observaram a noite cair através da janela. Brianna teria que voltar para o orfanato.

— Por que você não dorme aqui, Brianna? — indagou Caroline — Pode ficar em algum quarto de hóspedes, não pode, mamãe?

— Claro que pode.

Olivia estava feliz que sua filha conquistara uma nova amizade. Não a deixaria triste e solitária como temera antes de Rebecca surgir em sua vida. Talvez tudo na vida tivesse uma explicação, por mais que não se entenda na hora.

— Ah, eu não sei — disse Brianna — Teria que falar com a Madre. Na realidade, eu já deveria ter retornado.

Olivia reproduziu o mesmo sorriso travesso do dia anterior.

— Me dê o telefone, Rebecca.

Obviamente que a rígida religiosa sucumbiu ao pedido gracioso de uma velha amiga.

Naquele dia, Olivia pediu que fosse levada à mesa para o jantar. A noite foi tão maravilhosa como todo o dia. Mas Rebecca não conseguiu evitar o nó embolado em sua garganta sempre que via, vago, o lugar que deveria ter sido de Michael.

Por Max encantado, sempre atento à esposa, por Caroline em uma conversa animada, e, principalmente por Olivia, que naquele momento em nada lembrava a mulher debilitada em seu quarto, ela fingiu que seu coração não sangrava.

Sorriu e compartilhou cada momento com todos que amava, fazendo uma oração silenciosa para que em breve nenhuma daquelas cadeiras ficasse vazia.

— Agora eu sei de onde Michael herdou tanta beleza — sussurrou Brianna enquanto seguiam o casal.

— Brianna! — Rebecca riu e a advertiu com o olhar duro — Comporte-se.

— Eu só disse que ele era bonito — fez seu melhor olhar inocente — E sério também.

Seguiram rindo baixinho. Ficaram com Caroline até que ela pegasse no sono. Brianna dispensou o quarto de hóspedes, preferindo ficar com Rebecca.

Ela contou a amiga sobre Roger, a confusão em torno dele e a mágoa de Michael em relação a ela.

— Nesse fim de semana tem que deixar tudo claro, Becca — disse Brianna, enrolando uma mecha do cabelo dela em seus dedos — Não entendo por que demorou tanto, mas acho que foi bom dar um tempo para que ele se acalmasse. Deve esclarecer bem as coisas, e, se for preciso, obrigá-lo a te ouvir.

— Mas você não acha que se ele quisesse teria respondido minhas mensagens, minhas ligações ou todas as minhas tentativas? — Rebecca piscou os olhos, segurando as lágrimas.

— Fez isso nos primeiros dias, não foi?

Ela balançou a cabeça.

— Claramente ele não ia querer ouvir — considerou Brianna — Já pensou que agora ele pode pensar a mesma coisa? Que se você quisesse mesmo esclarecer as coisas teria tentado isso.

— Mas Max disse que era melhor...

— Michael não viu a conversa que teve com o pai dele. Ele acredita naquilo que quer acreditar. E se a bruxa ruiva tem algo a ver com isso, como nós pensamos, então se prepara, deve ter feito uma bela lavagem cerebral naquele idiota.

Rebecca gemeu, enfiando o rosto no travesseiro. Brianna mais uma vez estava certa. Enquanto passou todos os dias sofrendo calada, possivelmente Stacy continuava a marcar território.

Deixaria de ser uma tola chorona. Encararia Michael e o faria enxergar a verdade. Eles se amavam, isso era tão certo como o ar que respirava.

Foi pensando sobre isso que caiu no sono. Provavelmente seria a primeira noite tranquila que ela teria em semanas.

Teria sido, se no meio da noite não acordasse assustada com o barulho da porta batendo.

— Brianna? — perguntou Rebecca, procurando-a na escuridão do quarto — É você?

Ela ouviu os passos abafados pelo tapete. Brianna rapidamente afundou para dentro das cobertas, juntando-se a Rebecca. Ela podia ouvir sua respiração acelerada, e quando a abraçou, pôde notar as batidas aceleradas do seu coração.

— Você está bem? — perguntou Rebecca, sobressaltada.

— Estou ótima. É que... É que essa casa é tão grande. Eu me perdi e hã... — Brianna tentava ser clara em meio à sua gagueira, mas era muito difícil quando tinha uma britadeira em seu peito — Eu me perdi, depois me assustei com um vaso. Vamos dormir, tá bom?

Rebecca não precisava ter a claridade no rosto dela para saber que mentia ou omitia algo dela. Mas conhecia Brianna muito bem, não era pressionando que conseguiria arrancar alguma coisa dela. Falaria pela manhã.

— Tudo bem.

O dia seguinte, durante o café da manhã, foi tão tenso como esquisito. Max parecia rabugento e apressado à mesa. Caroline sonolenta e preguiçosa, como todos os dias antes de ir para a escola. Já Brianna permaneceu calada e dispersa, até que Rebecca a deixou no orfanato.

Nem mesmo teve tempo de perguntar o que tinha acontecido a ela. Assim que o carro parou no portão, Brianna se despediu dela com um beijo no rosto, saindo em disparada em seguida.

Não que ela fosse deixar o assunto morrer, mas tinha milhões de coisas passando em sua cabeça. Além disso, poderiam conversar no próximo domingo. Talvez até Michael estivesse com ela. Ele adorava provocar Brianna.

Mas como já parecia ter virado uma regra na vida de Rebecca, a tragédia sempre parecia vir primeiro.

Foi na quinta-feira daquela semana que a nuvem negra pairou sobre eles.

Rebecca estava na sala, folheando uma revista, quando a enfermeira de Olivia surgiu assustada. Não foi preciso que ela dissesse uma palavra, via o desespero nos olhos dela.

Com um gemido angustiado, ela correu para cima. Chegando ao quarto, deparou-se com Olivia imóvel na cama.

Capítulo 28

Tudo aconteceu numa fração de segundos espantosa. A ambulância chegou levando uma Olivia inconsciente para o hospital. Max surgiu desolado uma hora depois. Perguntas eram feitas e repetidas.

— Ela disse que não se sentia bem — murmurou a enfermeira com voz chorosa — Pediu água, me afastei um segundo para pegar um copo, e quando voltei já estava convulsionando e logo em seguida ficou desacordada.

Ela narrou para Max, para a enfermeira do hospital quando veio coletar informações e para a própria Rebecca no caminho para o hospital.

Todos ali sabiam que era o começo do fim, embora ninguém estivesse preparado para o que aquela perda significava.

— Você está bem?

Rebecca ergueu o rosto apoiado em seu braço. Não fazia ideia de quanto tempo ficou sentada ali, mas as pernas dormentes alertavam que há muito tempo.

— Roger?

Não esperava vê-lo ali. Depois da forma misteriosa como sumira, acreditou que nunca mais o

veria novamente, mas estivera errada como em tudo em sua vida, afinal, Roger era um membro da família Hunter.

— Então resolveu aparecer?

Ela se afastou o máximo que conseguiu quando ele ocupou a cadeira ao seu lado. Estava mais do que magoada por ele ter ido embora, deixando toda a confusão nas mãos dela. Estava furiosa com ele.

Claro que Michael resistiria ouvir as explicações que ele poderia dar, mas ao menos Roger poderia tentar.

— Pelo visto, as coisas não vão nada bem.

Ele estava encarando Max, andando de um lugar ao outro da sala. Ele estava ao telefone, falando com o filho.

— Não, não estão.

Rebecca cruzou os braços e direcionou o corpo para o lado contrário dele. Fosse intencional ou não, desde que Roger cruzara seu caminho, sua vida ruía como uma avalanche ganhando força.

— Está brava comigo?

— Por que eu deveria, Roger? — perguntou por cima dos ombros — Por ter me colocado em uma grande confusão e depois ter fugido?

Ela ouviu o suspiro pesado e o ranger da cadeira quando ele se levantou.

— Eu não fugi, apenas quis evitar ainda mais confusão — disse exasperado — Se Michael ama mesmo você como diz, tem que acreditar em sua palavra. Além disso, tinha a carta, acho que era prova suficiente que não fazíamos nada, certo? Mostrou a carta a ele?

“*A carta!*” Tinha esquecido completamente. Jogara em uma das gavetas da cômoda, e ali ficara.

— Eu não consegui — respondeu ela — Também não entreguei a Hannah.

Roger não demonstrou desapontamento ou contrariedade. Parecia conformado com o rumo que tudo seguiu.

— Se não tem que ser, não será.

As palavras dele a fizeram pensar em si mesma. Desejara e sonhara demais?

Começava a pensar sobre isso, quando o telefone tocou. Reconheceu o número do orfanato e se ergueu, preocupada. Não poderia lidar com mais uma notícia ruim.

— Rebecca?

Ouviu a voz de Brianna e soltou o ar, aliviada. Se a própria Brianna tinha entrado em contato, queria dizer que pelo menos fisicamente ela estaria bem.

— Oi, Brianna.

— Eu preciso falar rápido, porque a Madre só me deu alguns minutos. Você poder vir até aqui?

— Aconteceu alguma coisa?

— Não, mas nós temos que te entregar uma coisa, você pode vir?

— Olivia está no hospital, Brianna — soluçou em meio à declaração — Não quero sair daqui agora.

A pausa do outro lado da linha significava que Brianna estava absorvendo a informação. Ela não tivera o mesmo contato que Rebecca, mas Olivia era uma dessas pessoas que nos fazia gostar delas à primeira vista.

— Ela está muito mal?

— Não sei dizer, mas acho que sim.

— Então acho que é ainda mais importante você vir. Lembra da sua pulseira? A que ela insistia tanto em ver?

Aquilo foi algo que sempre a deixou curiosa: a insistência de Olivia em olhar a joia antiga. A única explicação que dava a si mesma é que tinha sido algo roubado por sua mãe. Na verdade, ela não tinha a mínima vontade de reencontrar a pulseira. Uma coisa era ser órfã e não saber a origem dos seus pais, outra era saber que não passaram de delinquentes inescrupulosos.

— Sim, eu me lembro.

— Ela está aqui. Precisa vir pegar e mostrar a ela.

— Brianna, realmente não acho que isso seja importante. Agora precisamos nos concentrar para que Olivia fique bem e volte para casa.

— Rebecca, eu prometi a ela que iria encontrar e que ela não morreria sem que essa joia aparecesse. Então, se ela está mal...

Ela odiava o peso que aquelas palavras continham. Se era algo tão importante para Olivia, não podia negar.

— Está bem. Eu estou indo até aí.

Desligou e rapidamente procurou Max com o olhar. Ele já tinha desligado, prostrado em uma cadeira próximo à janela. O olhar estava tão perdido como ele mesmo.

— Senhor Hunter — tocou seu ombro para atrair sua atenção — Preciso ir até o orfanato. Eu encontrei a pulseira que Olivia queira ver. Acho que isso a deixaria feliz.

Max encarava Rebecca completamente alheio ao que estava falando. Estava a quilômetros dali.

— Pode ir para casa, Rebecca.

— Volto antes da Caroline chegar.

A menção do nome da filha o fez estremecer. Seria outro problema que Max teria que lidar: a reação de seus filhos em relação ao novo estado clínico da mãe.

Saiu apressada, mas parou desorientada no meio da calçada. Não se preocupara com sua bolsa e carteira quando entrou na ambulância. Ligar para casa dos Hunter e pedir que Bill viesse para levá-la apenas gastaria mais tempo.

Podia pegar um táxi e pedir que a Madre Superiora emprestasse o dinheiro a ela.

Estava decidida a procurar o ponto por ali, quando a mão em seu cotovelo a fez parar.

— Eu levo você.

Embora a oferta de Roger pudesse parecer tentadora, Rebecca estava incerta sobre ela. Roger e confusão eram sinônimos em sua vida. Todas as boas intenções dele acabavam mal de alguma forma.

— Acho que vou pegar um táxi.

— Por favor, Rebecca — insistiu ele, obstinado — Até encontrar um, já perdeu muito tempo. Pelo o que meu tio disse, logo Olivia irá acordar e você quer estar por perto, não é?

Ela queria estar perto quando Olivia despertasse e pudesse receber visita. E queria ter a bendita joia para entregar a ela, fazendo-a um pouco mais feliz.

— Michael não está nem aqui. Vai chegar só mais tarde, pelo o que ouvi. Eu a levo e trago de volta sem que ele ao menos saiba. Deixa eu fazer isso. Estou te devendo essa.

— Está bem — disse ela, indo em direção de onde Roger indicava.

Aquela era uma situação em que não estava ali para considerar as reações ciumentas de Michael. Olivia era a pessoa que mais importava.

Seguiram o caminho em silêncio. Roger colocou uma música para tocar, e Rebecca preferiu se concentrar na paisagem através da janela.

Não conhecia muito bem esse lado da cidade, mas claramente percebia que não estavam nos

arredores do orfanato.

Ela interrompeu a música e encarou Roger com o olhar contrariado.

— Não é por aqui!

Ele a encarou tranquilamente quando pararam na faixa de pedestres.

— Preciso passar no apartamento e pegar algo que o tio Max pediu. É o telefone de um médico conhecido do meu pai. Parece que ele vem desenvolvendo um novo método de tratamento.

Roger voltou a colocar o carro em movimento após os pedestres cruzarem a rua.

— No começo ele foi bem cético, mas dentro dessas circunstâncias...

— Eu pensei que o objetivo era eu poupar tempo, Roger.

Rebecca não conseguia mascarar sua insatisfação diante da mudança de planos sem a consulta dela.

— Não podia negar isso a ele, Rebecca — ele bufou — Olha, nunca fiz nada para me tratar dessa forma. Eu só estou querendo ajudar. Pelo visto, não é só com Hannah que dá tudo errado.

Rebecca se encolheu no carro diante do desabafo magoado. Roger atraía confusão para ela, mas sendo honesta consigo mesma, não fora culpa dele tudo o que aconteceu. Isso era culpa do Michael, de suas inseguranças e ciúmes cego.

— Tudo bem, então vamos logo.

O restante do caminho foi feito em completo silêncio e, de certa forma, constrangimento para ela. Por sorte, pouco mais de quinze minutos, chegaram a um prédio de poucos andares.

— Espero você aqui.

— É melhor subir comigo — disse ele ao abrir a porta — Não é uma região muito segura. Houve alguns assaltos na última semana. Não seria seguro ficar aqui sozinha.

Olhando em volta, não era o que Rebecca acreditava. Parecia um bairro seguro e pacato. Mas como a sorte não era algo que a estivesse acompanhando nos últimos tempos, decidiu que não era hora de arriscar.

— Só vai pegar o cartão e vamos embora?

— Juro! — ele ergueu as mãos, dando ênfase ao que falava — Pego o cartão, te levo ao orfanato e voltamos para o hospital.

“Não é como se ele fosse um assassino psicopata”, pensou ela.

Roger não seria maluco de tentar alguma coisa. Mas tinha um incômodo dentro dela que não conseguia explicar. Talvez fosse sua preocupação com Olivia, a ansiedade de rever Michael em breve, ou ter novamente a pulseira que a angustiava. Poderia ser um misto de tudo isso.

— Ah, o elevador está quebrado — disse Roger ao entrarem no prédio — Teremos que ir de escada. Mas meu apartamento fica no quarto andar.

Rebecca o seguiu em direção à escada. Alguns minutos depois, estavam em frente ao apartamento dele. Quis sugerir esperá-lo no corredor, mas sentiu-se uma estúpida por isso.

O apartamento era exatamente como imaginara. Uma verdadeira bagunça masculina. Provavelmente a reforma que Roger tinha dito que estivera acontecendo ali foi finalizada. Nada lembrava que havia obras ou que tivera ali.

— Quer beber alguma coisa? — ele seguiu para o bar — Essas escadas me mataram.

Estava ofegante, ela tinha que admitir, mas só queria ir embora logo dali.

— Não. Você pode pegar o cartão e irmos?

Roger retornou com dois copos em sua mão. Entregou um a Rebecca e tomou o dele em praticamente um único gole.

— Toma sua bebida. Vou pegar o cartão no quarto.

Rebecca colocou o copo em cima da mesa e sentou na poltrona mais próxima. Aguardou intermináveis minutos sem que Roger desse algum sinal.

— Já encontrou? — gritou, esperando que ele a ouvisse de onde quer que estivesse — Roger?

Ouviu os passos atrás dela e se ergueu do sofá.

— Então? Encontrou?

Ele sorriu e acenou positivamente. Seus olhos caíram sobre o copo intocado na mesinha de centro.

— Não bebeu?

— Eu não estava com tanta sede assim — murmurou ela, indo em direção à porta — Podemos ir?

Roger bateu sobre o bolso da calça e fez uma careta.

— Esqueci a chave do carro na cama, espera aí, volto já.

Rebecca parou no vão da porta, esperando-o impaciente.

Sentia-se nervosa e apreensiva. Um sexto sentido ou qualquer denominação que pudesse dar àquele sentimento a deixava inquieta.

“*Olivia teria piorado?*”, se perguntava. Ou seria apenas um pressentimento do que em breve enfrentariam?

— Eu quis fazer da forma mais fácil — ouviu a voz de Roger ao pé do ouvido — Você não me deu outra escolha, Rebecca.

Os braços dele envolveram-lhe o corpo. Antes que ela pudesse revidar ao ataque surpresa, um pano úmido foi pressionado entre sua boca e nariz.

Rebecca segurou a mão dele que lhe pressionava o rosto. Pânico e medo faziam seu coração disparar dentro do peito enquanto se debatia.

“*Michael!*”, berrou o nome dele entre o pano e a mão que impediam sua voz de ganhar força.

E era o nome dele que ela gritava até ser vencida e perder a consciência.

Capítulo 28

Michael ignorou mais uma das dezenas mensagens que Stacy enviara, antes de entrar no carro. Desligou o celular para não ser mais incomodado e deu a partida.

Ele já estava farto com a ladainha e as intrigas que sua ex-namorada despejava em cima dele.

Inicialmente, levado pela raiva e o ciúme, vira as tentativas de Stacy para lhe abrir os olhos como um combustível que mantinha acesa sua decisão de partir.

A visita de Roger ao campus no dia seguinte, após tê-los flagrado com Rebecca, apenas deixara-o ainda mais convencido que tinha bancado o idiota apaixonado.

“Ela já decidiu por mim, Michael”, a confissão arrogante ainda fervilhava dentro dele. *“Aceite a derrota e nos deixe em paz”.*

Não houve dúvidas de que ele perdeu a cabeça e atacou Roger, ignorando os gritos dos estudantes em volta, na lanchonete lotada. No fim, Michael acabara na sala do diretor acadêmico, recebendo o pior sermão de sua vida, enquanto Roger ia embora com um sorriso vitorioso.

Não ajudou mergulhar nos estudos, na vã tentativa de esquecer como fora traído e feito de bobo pelos dois.

E embora a realidade tivesse sido duramente esfregada em seu rosto, não conseguia aceitar que Rebecca fosse a dissimulada caça-fortuna que Stacy e Roger faziam questão de desenhar para ele.

Nas primeiras semanas, vivera em estado de negação. Evitara sua casa e o pesadelo de reencontrá-la, tornando seus temores reais. Fugira dia a dia, ignorando as ligações e mensagens que Rebecca o enviava. Não suportaria lidar cara a cara com suas mentiras, mas, acima de tudo, não suportaria se ela fosse honesta e confirmasse a verdade que lutava a aceitar.

O primeiro fim de semana em casa foi carregado de uma tensão quase explosiva. Atrelado ao ciúmes corrosivo ao imaginar se Rebecca estaria com Roger, havia a necessidade de assegurar à sua mãe doente que ele estava bem.

“Quando você irá entender que ela estava jogando com vocês dois?”, recordou das palavras de Stacy, quando se preparava para ir embora.

Agracia que ela estivesse tentando dar o apoio que achava que ele precisava, mas dificilmente conseguia pensar racionalmente com Stacy constantemente jogando tanta merda em cima dele.

“Sabia que Rebecca escolheu o Roger porque os pais dele moram na Europa? Deve achar que são mais ricos e importantes do que você. Quando a idiota souber a verdade, irá se arrepender”. Logo acrescentou: *“Não a conhecia de verdade, Michael. Deixou-se enganar por uma aproveitadora. Eu sempre te disse quem aquela garota era, se tivesse...”*

Nada lhe parecia certo. Bloqueou as lembranças, batendo no volante. A Rebecca que conhecera pouco se importava com os números em sua conta bancária ou status quo.

E quanto mais os dias corriam, mais absurdos via em tudo aquilo.

Certo, ela havia mentido, escondido sua amizade e todos os encontros com Roger. Mas ele também conhecia o grande patife que o primo podia ser.

“E se na verdade Rebecca fosse mais uma vítima da mente ardilosa que ele possuía?”, a questão ganhava mais força a cada vez que a repetia para si. *“Cercando-a com suas palavras doces?”*

Roger tinha boa aparência e sabia ser sedutor quando precisava. A maior prova disso era como levava sua família na lábia. O garotinho abandonado e ignorado pelos pais. Ele sempre tivera duas faces, como uma moeda. Sempre conseguira passar pelo rebelde incompreendido, enganando a todos.

“Deveria tê-lo desmascarado quando atraiu Hannah para sua armadilha suja”, deduziu Michael.

Mas o fato acontecera na mesma época em que sua mãe ficara doente. Além disso, Hannah o fizera prometer que jamais contaria a alguém. Vergonha e humilhação a fizeram permanecer calada, arrastando Michael para aquele segredo.

“A culpa também foi minha”, anuiu. Se ele tivesse sido honesto com Rebecca, teria a afastado do primo. Deslumbrada ou não por todas as mentiras e promessas mentirosas que certamente fizera, Rebecca merecia conhecer o verdadeiro Roger. Talvez sua escolha tivesse sido outra.

Quem sabe o amor sincero que nutria por ela tivesse sido o suficiente.

Mas ele ainda poderia lutar. Poderia fazer com que ela visse como estivera enganada. Rebecca sentia algo por ele. Michael estava certo sobre isso. Fora o primeiro homem de sua vida, isso tinha que significar alguma coisa.

Quando Michael chegou ao hospital, tanto sua mente como coração pareciam mais leves. Resolveria seu desentendimento com Rebecca logo que fosse possível, mas no momento precisava concentrar-se em sua mãe.

Bateu no quarto indicado pela atendente na recepção e abriu a porta após ouvir a voz do pai dizendo que entrasse.

Segurou a grade da cama ao observar como Olivia tinha debilitado ainda mais, depois da última vez que a vira. Inundou-se de arrependimento e culpa por ter se mantido distante quando ela mais precisava.

Deveria saber que sua mãe ocultaria como realmente estava, sempre que conversavam ao telefone. Fora um covarde, e agora pagava por isso.

— Oi, querido — Olivia estendeu a mão com o fio de soro para que Michael se aproximasse mais dela — Que bom que está aqui.

Ele teria ajoelhado em seus pés pedindo desculpas por ter sido um filho tão ausente, se naquele momento Caroline não tivesse surgido aos prantos.

O foco agora era acalmar a menina. Olivia conhecia seus filhos melhor do que eles mesmos. Era ela a doente, mas também era ela a dizer as palavras que conseguia confortar o coração de todos.

— O que aconteceu, pai? — Perguntou Michael ao darem uma escapada do quarto.

— Foi uma reação à medicação — Max apoiou-se contra a parede ao lado da porta — Aumentamos a dose, só que apenas a deixou mais debilitada. O tratamento não está funcionando, Michael.

— Ela está morrendo? — perguntou em um tom dolorido.

Max o puxou para seus braços, e silenciosamente choraram juntos. Poderiam tentar consolar um ao outro, mas o imenso vazio que começava a se instalar em seus peitos jamais voltaria a estar preenchido.

— Olivia quer ir para a casa de campo — informou Max, quando se afastaram — Quer passar seus últimos momentos lá.

— E quando vai levá-la?

Michael limpou o rosto. Queria poder, com a mesma facilidade, arrancar a dor que lhe ia na alma.

— Estamos esperando a autorização do médico. Acho que ainda hoje. Será que poderia tirar alguns dias de licença na faculdade?

— Já deixei avisado.

— Certo. Eu verei na escola da Caroline também. Enquanto isso, peço que cuidem dela. Que isso seja o menos traumático possível. Sei que você e Rebecca andam distantes, mas sua mãe agora é mais importante, Michael.

— Tudo bem, pai — disse ele, olhando em volta — E por falar em Rebecca, onde ela está?

Ele esperava vê-la fora do quarto. Acreditou que tivesse dado a eles um momento em família.

— Saiu com o Roger — Max esfregou a cabeça, procurava reorganizar seus pensamentos — Desculpe, não prestei muita atenção ao que disseram.

Apesar da raiva querendo cegá-lo, Michael conseguiu manter a expressão tranquila.

— Acho que devem ter ido para casa, vou ligar para saber.

— Tudo bem — Max deu dois tapinhas no ombro dele, antes de se conduzir até a porta — Obrigado, filho.

Embora Max demonstrasse força e coragem, Michael sabia que, por dentro, ele estava destruído. Enquanto corria o risco de perder sua mãe que amava muito, ele perderia a mulher da sua vida.

Não era justo!

— Ela pode sair dessa, pai — Michael enviou para ele um pouco mais de esperança.

— Pode sim, Michael.

Milagres aconteciam. Tudo dependeria da fé que conseguiriam ter.

Assim que Max entrou, Michael ligou para o celular de Rebecca. Suas quatro tentativas deram na caixa postal. Arrependeu-se de ter apagado todas as mensagens dela sem ler.

“Estou no hospital. Onde você está?”, enviou a mensagem e aguardou resposta. *“Não quero brigar, Rebecca, por favor, responda”*.

Viu quando uma enfermeira entrou no quarto, depois seu pai e Caroline saíram.

— Vou levar sua irmã para casa — disse ele, abraçado a jovem — Olivia está dormindo agora, mas pode ficar aqui até eu voltar?

Ele disse que sim, abraçou a irmã abatida e disse palavras carinhosas para ela. Todos tentavam de alguma forma permanecer em pé, mas Caroline era apenas uma criança, a qual a mãe seria arrancada dela.

Voltou para o quarto, velando o sono da mãe. Se não fosse o fio que ligava o soro, as marcas profundas abaixo dos olhos e a pele consideravelmente mais pálida que o normal, não diria que ela enfrentava aquela doença impiedosa. A mãe de Michael estava tão bonita como sempre a vira. Era assim que ele se recordaria dela: com serenidade.

Algun tempo depois, o médico entrou no quarto. Michael informou o motivo da ausência do pai e que ele poderia atualizar o estado de Olivia para ele. Pediu que fosse honesto sobre as condições de saúde de sua mãe.

Visto que o quadro clínico de Olivia não teve nenhuma alteração, o doutor daria alta para que tivesse seus momentos finais onde ela desejava.

Foi com o coração despedaçado que ouviu que não haveria mais o que fazer, as células cancerígenas já havia afetado todos os órgãos importantes e vitais para sua sobrevivência.

Ele chorou ao ponto de sentir o peito queimar e a cabeça explodir como uma bomba-relógio. Chorou como se a própria alma estivesse sendo arrancada do corpo. Chorou como quem chora ao perder alguém a quem ama. Chorou como se suas lágrimas jamais fossem acabar.

Chorou... Aos pés da cama da mãe adormecida, chorou.

Michael sentiu mãos delicadas tocando seu ombro e abriu os olhos de súbito. Dormira encolhido na cadeira próximo à cama. Endireitou o corpo, e todos os seus ossos doloridos protestaram.

— Como ela está, Michael? — ele olhou em direção à voz sussurrada.

— Tia Laura?

Ele esfregou os olhos com força. Não tinha ideia se ela estava mesmo diante dele ou era fruto de sua imaginação. Talvez ainda estivesse sonhando.

— Eu mesma, querido. Como ela está?

Michael sentiu toda aquela esmagadora força de sentimentos se apoderar dele outra vez. Desde antes de Olivia ficar doente que as duas mantinham-se afastadas. Sabia também o quanto sua mãe sofrera com a ausência dela.

— Laura, é você?

O chamado fraco de Olivia impediu que Michael desse a resposta que a outra estava esperando. Parou ao lado da mãe e segurou sua mão trêmula.

— É sim, mamãe — disse com a voz doce — Tia Laura está aqui.

Olivia encarava a amiga com os olhos rasos de água, lágrimas que mal conseguia conter e que a qualquer momento transbordaria revelando sua emoção.

Ver Laura ali fazia seu peito pulsar mais leve, como nunca estivera em um longo tempo. Acreditou que partiria sem ter a chance de dizer adeus e quanto a amava. Ela estava feliz em rever sua amiga.

— Perdoa-me, querida — Laura deixou fluir toda dor que ia em seu coração — Eu não sabia, Olivia. Não sabia que estava tão doente assim.

Olivia prendeu a mão dela nas suas, acarinhando de leve. Um sorriso sereno brilhava em seu rosto delicado.

— Não permiti que você soubesse, querida — sussurrou ela — Você já tinha um fardo demais para carregar.

— Por que, Olivia? Eu teria voltado. Eu teria ficado. Eu...

— Michael? — Olivia desviou o olhar da mulher em prantos e o encarou — Pode nos deixar sozinha por um instante?

Ele compreendia que as duas tinham muito o que conversar, mas não tinha certeza se toda a emoção faria bem ao estado já tão delicado de sua mãe.

Vendo que a determinação em seus olhos sempre seria maior que qualquer receio que Michael pudesse ter, resolveu dar esse pequeno momento de privacidade a elas.

Ao sair do quarto, checkou as mensagens no celular mais uma vez.

Nenhuma resposta. Provavelmente Rebecca estivesse irritada com ele. Teria que ir para casa, a fim de terem uma conversa o mais honesta possível.

Laura e Olivia ainda estavam presas em sua conversa quando Max retornou. Ao contrário de Michael, não receou invadir o quarto.

Restou a Michael desabar na cadeira mais próxima, ao meditar o que fazer.

Escondendo o rosto entre as mãos, lembrou de seu fim de semana no campo com Rebecca. Vivera ali um dos melhores dias de sua vida. Os mais especiais.

Compreendia por que a mãe queria voltar para lá. Havia uma paz e sensação de felicidade que não poderia explicar. Parecia que o mundo não seria capaz de os atingir.

— Michael? — era Stacy parada no vão do corredor — Ela já morreu?

Ele dirigiu a ela um olhar frio. Às vezes não sabia se Stacy era direta demais ou apenas fria.

— *Já, Stacy?*

Constrangida, ela se aproximou.

— Desculpe. É que estive mais cedo aqui, seu pai...

— Não importa! — impediu que ela seguisse com um gesto de mão — Só evite falar essas coisas perto da Caroline.

— Claro, querido. Como ela está?

— Lidando — ele levantou e foi em direção à saída — Desculpe, mas tenho que passar em casa, tomar um banho, resolver algumas coisas e voltar.

— Está bem. Eu vim para dizer que estou à disposição para qualquer coisa. Principalmente nesses próximos dias, que Carol vai precisar de uma amiga, já que aquela outra...

— Stacy, eu pediria que não falasse mais da Rebecca. Deixe que eu resolva as coisas com ela.

— Não posso acreditar que continua cego por ela, Michael! Depois de tudo o que ela fez?

— E o que ela fez? Nem mesmo eu sei. Stacy, ela só está confusa — era a justificativa que ele dava a si mesmo e desejava ardentemente acreditar nela — Que garantias eu dei a ela além de finais de semana divertidos? Não duvido que o Roger a tenha cercado de todas as maneiras. Vou ouvi-la e fazer com que me ouça.

— Ela traiu você! Não apenas você, mas a toda sua família. Onde ela está agora? Está com o Roger se divertindo e fazendo planos para sair do país ainda essa semana.

Michael sentiu o peso de suas palavras, mas continuou andando. Fizera essa pergunta a si mesmo durante as últimas horas. Recusava-se a acreditar que estivera mais preocupada em gastar o seu tempo com Roger, do que dedicar míseros minutos do seu precioso tempo com Olivia. A mulher que a recebera de braços abertos, a qual tratara com o mesmo carinho dedicado aos seus filhos.

— Não acredita em mim, não é? — Stacy agarrou-lhe o braço e arrastou Michael em direção ao corredor — Vou provar que estou certa. Enquanto você procura todas as justificativas para se convencer de que aquela garota é um anjo, ela está se divertindo com o seu novo amor.

— Stacy, para! Como sabe de tantas coisas? — indagou a ela. Queria... Não; Michael precisava acreditar que Stacy mentia.

Seu pai dissera que Rebecca deixara o hospital acompanhada de Roger, mas não conseguia cogitar que todo o mais fosse verdade.

— Eu os vi saindo de uma agência de viagens no shopping hoje à tarde — disse ela — E o restante estava bem na sua cara, você que não quis ver. Além disso, o Roger nunca fez questão de esconder.

Michael estava cansado daquilo tudo. Cansado desse triângulo amoroso sem sentido.

— Michael, por tudo o que já vivemos! — ela suplicava com choro na voz — Pelo amor que eu tenho a você e respeito a seus pais. Confia em mim. Se depois de olhar com os seus próprios olhos, achar que ainda vale a pena lutar por ela, juro que me afasto e nunca mais me meto em sua vida.

— O que exatamente você quer, Stacy?

Enquanto Stacy estava determinada a cravar sobre o peito dele os últimos centímetros da espada da traição, Michael se empenhava em se convencer de que tudo não passava de um equívoco doloroso.

— Só que você encare a verdade.

Michael deixou que Stacy o conduzisse pelo caminho ao qual, tinha certeza, o destruiria.

Pararam em frente a um prédio. O ambiente lhe era familiar. A última vez que estivera ali rendeu a Michael amargas lembranças.

Foi Stacy a falar no interfone e aguardar que o portão fosse destravado.

— Não vai entrar? — perguntou ela ao deparar-se com a indecisão no seu olhar — Michael!

Para ele, era como saltar de uma montanha sem ter verificado o paraquedas. Mas se tinha ido até ali, queria terminar o que começara. Além disso, teria uma nova chance de acertar suas contas com Roger. Sempre que se encontravam acabavam aos socos, nunca tiveram de fato uma conversa madura.

Pegaram o elevador, e em poucos minutos estavam em frente à porta.

— Você disse que estava sozinha, Stacy!

Roger atendeu à porta. Vestia apenas calça de um pijama listrado e segurava um copo de uísque pela metade.

— Onde está a Rebecca? — Stacy o empurrou, entrando na sala.

Roger fez uma reverência debochada para Michael e deu espaço para que ele entrasse também.

Embora esse fosse o último lugar que Michael gostaria de estar, seguiu para o interior do apartamento.

— Não quero ser deselegante, mas vocês atrapalharam um lance acontecendo aqui — Roger riu e caminhando até o bar — Mas, para virem, deve ser por algo muito importante. Sua mãe já morreu, Mike?

Michael odiava o apelido pronunciado por ele tanto quanto odiava o primo. De alguma forma inexplicável, Roger sempre conseguia fazer com que ele perdesse a calma.

— Independente do desprezo que eu tenho por você, minha mãe te ama, Roger. Um pouco mais de respeito e consideração por ela.

Talvez houvesse algum vestígio de humanidade dentro dele. As palavras agressivas de Michael, por um segundo, o fizeram vacilar.

— Rebecca está no seu quarto? — perguntou Stacy, estava visivelmente muito mais ansiosa do que Michael demonstrava.

— Onde mais ela estaria? — indagou ele, seguindo em direção ao aposento — E já que só vieram com o intuito de me importunar, peço que vão embora, ia para cama, tenho coisas mais interessantes a fazer. Não se esqueçam de bater a porta ao se retirarem.

Michael olhou em volta. Garrafas vazias de champanhe no chão, peças de roupas formando uma trilha. O ambiente cheirava a bebida barata e, definitivamente, o odor impregnado ali não era de um simples cigarro.

Não foi ciúme que fez Michael o seguir. Era a preocupação de que Rebecca pudesse estar em perigo e de que o mesmo que acontecera a Hannah voltasse a se repetir. Roger não tinha escrúpulos.

— Que merda você está fazendo aqui? — vociferou Roger ao vê-lo entrar em seus aposentos.

Incrédulo e estarrecido, Michael chocou-se com a cena sendo desenrolada perante ele.

— Rebecca... — o som saiu carregado de dor e desilusão.

Ela estava abraçada a Roger e sorria. Sua mente recusava-se a acreditar no que seus olhos mostravam a ele. Nua, cabelos estendidos, as marcas no corpo de quem acabara de se entregar ao sexo.

— Michael? — o sorriso ampliou mais.

Ele sentia o peito sendo rasgado e, de lá, brutalmente era arrancado o seu coração.

Desvencilhando-se dele, ela tentou engatinhar pela cama. O sorriso odiosamente carimbado em seu rosto, castigando-o cada vez mais.

Rebecca não estava desacordada e indefesa. Não estava presa à cama, inerte a tudo o que acontecia à sua volta, como ocorrera com Hannah.

Ela ria, falava e agia, pouco se importando com o sofrimento que infringia nele. Era falsa e

dissimulada como Stacy lhe dissera.

— Michael, eu... — murmurou Rebecca.

Porém, suas palavras foram abafadas quando Roger a puxou de volta, cobrindo seus lábios com os dele com um beijo apaixonado, enquanto sua mão apoderava-se de um seio nu.

— Solta ela! — o corpo de Michael tremia de fúria e ciúme.

Rebecca era dele. Mesmo que sendo obrigado a aceitar que fora um brinquete nas mãos dela, seu corpo e suas emoções ainda o controlavam.

Michael conseguia ver Roger e suas mãos nojentas tomando posse dela.

Avançou sobre ele. Sempre fora melhor na briga. Não media a força dos golpes no rosto ou qualquer parte dele que seus punhos cerrados tocassem. Precisava liberar sua ira. Libertar a fera incontrolável e ferida que agia por ele.

Michael batia, o outro tentava se proteger e revidar, sem grande sucesso. Roger não lidava apenas com um homem machucado pela traição. Encarava alguém cuja decepção e padecimento o levaria às últimas consequências.

— Chega, Michael! — berrou Stacy.

O punho de Michael parou a centímetros de acertar o rosto dela, quando colocou-se entre eles.

— Vamos embora — disse ela, tirando-o de cima do jovem ferido e gemendo na cama.

Desnorteadado, ele olhou em volta. Procurou por Rebecca, comprovou que ela já não estava ali. Provavelmente fugiu assustada ou saiu em busca de ajuda, concluiu amargurado.

Sequer tivera a coragem de o encarar pela última vez. A raiva agora dava lugar a um sentimento negro crescendo em seu peito.

Não havia dúvidas; era ele a morrer nesse dia. A parte mais bonita do seu coração, Rebecca tinha levado com ela.

— Michael, espera! — Stacy seguiu atrás dele até chegarem à rua — Aonde você vai? Ela não merece isso.

Rebecca não merecia, mas ele estava destruído.

— Não importa — cambaleou na direção contrária a Stacy — Conseguiu o que você queria, provou que estava certa. Ela nunca me amou de verdade.

Um carro desviou dele. Outro passou rente ao seu corpo. O motorista gritava irritado. Stacy berrava, chamando por ele. Não importava para onde fosse. Desejava encontrar um lugar onde a dor que sentia não fosse tão grande. Sabia que isso seria impossível. Teria que sobreviver convivendo com ela.

Capítulo 29

Seus olhos levaram mais tempo para abrir do que sua consciência para ficar alerta. Os lábios selados, com alguma peça de roupa, obrigava que respirasse pelo nariz, enquanto o pânico começava a se instalar sobre ela. A cabeça latejava, e a luz ofuscante no banheiro claro machucava seus olhos.

“*Onde eu estou?*”, a mente perguntava o que os lábios de Rebecca eram incapazes de dizer. Olhou em torno. Estava nua, encolhida em um canto de uma banheira gelada. O lugar totalmente desconhecido para ela.

Tentou levantar, mas sentia-se tonta. Além disso, seus braços e pernas estavam atados por uma fita apertada.

Não sabia se o zunido em sua cabeça era devido à dor que a fazia querer desmaiar ou eram as batidas aceleradas de seu coração.

Ela obrigou-se a ficar calma. Buscou em sua mente algo que pudesse ajudá-la a entender o que estava acontecendo.

Lembrou de Olivia, a ambulância, a tensão no hospital.

“*Brianna tinha ligado, ou foi fruto da minha imaginação?*”, se perguntava.

— Sim, você fez certo em trancá-la no banheiro.

Embora o homem estivesse de costas para a porta entreaberta, Rebecca o reconheceu.

Roger.

— Cala a boca! — disse ele, contrariado — Eu permiti que batesse em mim para que ganhasse tempo com ela.

Por medo ou uma reação automática, ela fechou os olhos quando ele girou, ficando em seu campo de visão.

Fragmentos vinham à cabeça dela. Mas não conseguia apurar o que era realidade ou devaneios nos flashes emaranhados em sua mente.

— Um dia eu dou o troco que ele merece — continuou ele, sua voz cada vez mais próxima — Dei a ela uma parada nova. Deixa a pessoa desorientada. É como *boa noite Cinderela*, mas não deixa a pessoa desacordada. Sim, foi bem convincente. Eu queria ter uma câmera para gravar a reação dele.

Rebecca queria avançar sobre ele e exigir saber o porquê fazia isso com ela. Que Roger explicasse exatamente o que tinha acontecido. Não era tola, era óbvio que ele falava sobre ela.

“*Com quem ele conversa?*”, pensou, alarmada.

— Não! O combinado era em espécie, sabe muito bem que o cara está no meu pé.

Rebecca ouviu os passos se afastando e a voz de Roger começar a ficar longe. Mesmo com medo, tinha que conseguir o máximo de informações possíveis e encontrar alguma forma de sair dali.

— Eu não fiz nada com ela, já fui longe o suficiente por você. Olha, ela não merecia... Claro que eu não estou apaixonado, não diga idiotices... Não, você não cuidou de tudo. Tem uma amiga atrás dela... Eu acho que consegui despistar.

“*Brianna!*”, o alerta disparou na cabeça de Rebecca como luzes de natal.

Não era um fragmento distorcido de sua cabeça. Brianna tinha ligado, ela falara da pulseira. Roger prometera levá-la até o orfanato. Isso nunca acontecera.

Sua última lembrança clara era entrar no apartamento de Roger. Por que ele a mantinha presa ali? E se não tinha feito nada com ela, por que estava nua e amarrada em seu banheiro?

Rebecca retorceu o corpo em busca de tentar captar algo mais do que ele dizia ao telefone.

— E agora? O que eu faço com ela?

Lágrimas queriam explodir dos seus olhos, mas Rebecca ordenava a si mesma que, se queria sair viva dali, precisava manter a calma.

Sentia-se burra por ter ignorado todos os avisos de Michael sobre Roger. Caíra como idiota em todas as suas mentiras. Nunca fora seu amigo. Nunca se importara com ela, como fingiu.

Por culpa dele, brigara com Michael. Arriscava-se a nunca mais vê-lo outra vez.

— Que merda! Não foi isso que combinamos — a porta explodiu, batendo na parede, fazendo Rebecca saltar — Você irá cair sozinha.

Ela encarou os olhos contrariados e surpresos olhando para ela. Sua tentativa de fingir continuar desacordada havia falhado.

— Roger, por favor! — disse ela através da mordaça em sua boca. — Por favor!

Mesmo que as palavras não soassem compreensíveis, seus olhos suplicavam para que ele não a machucasse.

As lágrimas desciam abundantes pelos olhos dela, quando ele virou para mexer no armário ao seu lado.

O cheiro forte de alguma coisa logo tomou conta do lugar.

— Sinto muito — disse ele ao se aproximar com um pano emudecido — Não era para acabar dessa forma.

Sentiu-se sufocar quando a náusea provocada pelo pavor entalou em sua garganta. Rebecca tentou lutar, tentou escapar, mas a escuridão que a invadiu foi mais forte que ela.

Os sussurros, as vozes desconhecidas, o cheiro de asséptico infiltrando por seu nariz, teve a força para puxá-la de volta à consciência.

Ia e voltava da penumbra que mergulhara. Chamava por Michael, alguém tocava seus cabelos e tornava a dormir.

— Acho que ela está acordando — uma voz feminina disse ao lado dela.

— Eu vou chamar o doutor — uma segunda voz, também de mulher, só que um pouco mais grave, a fez abrir os olhos.

Rebecca piscou algumas vezes. Focou o vestido branco e o crachá pendurado no bolso.

Elza Honório — assistente de enfermagem.

— Olá, como se sente?

Ergueu o olhar até se deparar com um rosto simpático e jovial. A mulher tinha um rosto redondo, olhos e cabelos claros, escondidos sob a touca branca que usava. Ela também tinha covinhas ao sorrir, talvez fosse isso que lhe dava o ar acolhedor.

— Onde eu estou?

Tentou levar a mão à garganta ressequida, mas o cateter ligado à sua mão a impediu.

— Está no hospital St. Patrick. Chegou há três dias. Qual o seu nome?

— Rebecca — disse, franzindo a testa — Você disse três dias?

— Que está no hospital, sim — disse ela, ajudando-a a se acomodar melhor — Não sabemos quanto tempo esteve na praça ao relento. Essa é uma região montanhosa. Chegou aqui desacordada e hipotérmica.

Honório afofou o travesseiro e se colocou atrás dela. Rebecca tentava absorver todas as informações que recebia, mas era como estar presa debaixo d'água.

— Eu tenho que sair daqui! — tentou se livrar da agulha em sua mão — Tenho que ir para casa.

Estava perdida e assustada.

— Senhorita, não faça isso.

Um homem magro de jaleco branco aproximou-se de sua cama. Suas mãos firmes impediram que Rebecca tirasse o soro.

— Peço que mantenha a calma — disse ele.

— Eu tenho que ir embora — insistiu Rebecca, às vias de um novo surto de lágrimas — Devem estar preocupados comigo. Nunca sumi por tanto tempo. Michael...

Estava em um rio de lágrimas impossíveis de controlar. Queria fechar os olhos e acordar em seu quarto na mansão Hunter. Queria estar com Michael, Olivia, Carol, Brianna e todos que a amavam.

Queria não se sentir sozinha e nem carregar aquela dor desesperada que lhe roubava o ar.

— Por favor.

Não importava Roger e tudo o que fizera a ela. Rebecca só queria voltar para a segurança do único lar que conhecera fora do orfanato.

— Senhorita, se acalme — disse o doutor, pousando a mão sobre a dela — Isso não faz bem a você.

— O nome dela é Rebecca, doutor — informou Elza.

— Rebecca, os exames mostraram uma quantidade significativa de uma substância química no seu sangue — iniciou o médico com a voz branda — Também mostraram outra coisa...

Rebecca escutava, mas só conseguia pensar em sua casa e no desejo de sair dali.

— Provavelmente não sabe, mas está gestante.

Suas palavras foram como um tapa no rosto que o médico não se atrevera a dar. Todo desespero de Rebecca se converteu em incredulidade e espanto.

— O que... o que disse? — balbuciou ela em transe.

— É quase um milagre que esse bebê esteja vivo e bem. Senhorita, se quer levar essa gravidez adiante, tem que parar com as drogas e ser mais cuidadosa daqui para frente.

Em todo discurso que ele dedicava a ela, Rebecca só conseguia assimilar drogas e bebê. Como uma coisa tão ruim poderia estar atrelada a algo precioso?

— O senhor tem certeza? — levou a mão livre ao ventre plano.

Ela não conseguia acreditar que estivesse grávida. Um filho dela e de Michael, e que estivera prestes a perder.

O neto que Olivia sonhara. Seria uma menina como ela tanto desejara?

Foi tomada por uma nova onda de emoção. Chorava, mas dessa vez de alegria.

— Tem certeza, doutor?

Em meio a toda desgraça que parecia ter se tornado a sua vida, Rebecca via-se diante de algo tão milagroso. Agora, mais do que nunca, precisava voltar. Tinha que pedir perdão a Michael. Dizer que agora o entendia. Seriam feliz com o bebê crescendo em seu ventre e esse momento amargo ficaria para trás.

— Absoluta certeza, está indo para a quarta semana. É o momento mais delicado para a gestante. Os riscos de um aborto são maiores, e devido ao seu histórico...

— Não uso drogas, doutor. Eu fui sequestrada. Preciso falar com minha família, por favor.

Desde que fora acolhida naquela casa, Rebecca sentira-se como membro da família Hunter. Agora seria de fato. Carregava o primeiro neto deles.

— Rebecca, insisto que permaneça calma — repetiu ele — O que diz é muito grave. Teremos que registrar a denúncia.

Ela sabia que mexia em um vespeiro. Que no momento em que consolidasse a denúncia, não seria

apenas Roger a arcar com as consequências; toda a família dele sofreria.

“*Pobre Olivia, ficaria desolada*”. Rebecca não queria causar mais dor a ela, mas não podia permitir que Roger fizesse com outras o que lhe fizera. Desconfiava que algo tão grave tinha acontecido a Hannah, por isso aquela reação na festa. Alguém tinha que pará-lo.

— Quando eu poderei sair daqui?

— Estou à espera do resultado dos últimos exames. Se tudo estiver bem, dentro de um ou dois dias.

— Escute, doutor. Estão me procurando, preciso avisar que estou bem.

— Se lembrar o telefone de casa, a senhorita Honório poderá entrar em contato com seus familiares. Por enquanto ficará quieta e tranquila nessa cama. Pense no seu bebê.

— Está bem.

Tornou a deitar enquanto passava as informações que a enfermeira precisava. Insistiu para que ela procurasse o Michael. Ele saberia o que fazer. Ele saberia como vir encontrá-la sem alardear os pais.

Aguardava ansiosamente que a enfermeira retornasse, quando vieram anotar sua denúncia. Sua memória ainda estava turva. Sabia que Roger a tinha levado ao seu apartamento. Lembrava de sua conversa ao telefone e do banheiro frio.

— Então, não foi contra a sua vontade?

O homem tinha um olhar cético diante de sua declaração confusa. Ela percebia que se confundia na ordem dos fatos e que se perdia. Mas nada disso anulava o fato de que Roger a drogara e mantivera refém.

— Sr...?

— Turner.

— Sr. Turner, eu fui atraída até lá. Fui dopada e abandonada em uma praça qualquer.

— Não houve violência sexual, verifiquei com o médico — retorquiu ele, anotando algo em sua caderneta — Por que acredita que ele tentou dopá-la?

Apesar do alívio em saber que pelo menos com relação àquilo Roger não mentira, e não houvera contato sexual entre eles, o ódio que sentia por ele continuava.

— Eu não sei dizer.

“*Por que o homem agia como se a culpa fosse dela?*”, se perguntava. Roger era o mentiroso sem caráter naquela história.

— Senhorita, vamos averiguar. Precisaremos do depoimento do acusado. Preencha esse formulário e deixe todos os dados de contato.

Rebecca teve vontade de jogar a prancheta em cima dele quando foi em direção à porta. Tinha receio que, assim como o agente Turner, outras pessoas a vissem como mentirosa.

Afundou na cama e jogou a papelada na cadeira que estivera ocupada por Turner.

Rebecca queria entregar-se ao desespero que lhe ia na alma. Precisava ser forte, algo dizia a ela que era apenas o início do que iria enfrentar.

Ela esperou pacientemente. Estava bem próxima a levantar da cama para ir atrás da enfermeira, quando ela apontou na porta.

— Michael está vindo? — ignorou a picada da agulha e sentou com pressa — Michael está vindo me buscar?

A demora de Elza em responder e a forma que desviou o olhar fez o coração de Rebecca se apertar.

— É que...

Elza cruzou as mãos em frente ao corpo, e parecia pensar no que responder a ela.

— O que aconteceu?

— Liguei na casa e pedi para falar com Michael Hunter, disse que era urgente como me pediu. Me deram um número de celular — disse ela — Bem, primeiro ele falou que não a conhecia e desligou o telefone. Retornei para afirmar que não era um engano. Ele me disse que era uma ex-funcionária e que foi demitida.

Por um momento, Rebecca sentia que olhava através dela. Via Michael ali, dizendo aquelas palavras que vinham como flechas atingindo seu coração.

— Explicou a ele que estava aqui?

Era isso. Michael acreditara que ela tinha ido embora, por isso estava magoado. Quando soubesse a verdade, mudaria de ideia.

— Não me deixou, Rebecca. Uma mulhe pegou o telefone, ordenou que não os incomodasse mais. Acho que alguém faleceu, ela pediu que não insistisse mais, desculpe.

A dor era tão visceral que sentia sob a pele, como uma queimadura sensível ao toque. Não havia parte dela que não fosse consumida pela dor.

— Olivia! — O brado continha uma angústia incontrolável.

Perdera Olivia. Perdia Michael.

Capítulo 30

Com lágrimas nos olhos, Rebecca vendeu a aliança que Michael dera a ela. Sem documentos e dinheiro, era sua única opção. Comprou um bilhete e pegou o primeiro ônibus que a levaria de volta a Uptown.

Rebecca não se importou com as orientações e advertências de seu médico. Não deu ouvidos aos conselhos da enfermeira enquanto vestia as roupas a qual fora encontrada.

Não ficaria naquele hospital, aflita e de coração quebrado, mais um único dia. Sentia-se bem. Garantiria a segurança de seu bebê, mas voltaria para casa. Obrigaria Michael a ouvi-la. Ele tinha que saber que já não era mais apenas os dois, não importava o que ele estivesse imaginando. Existia uma criança em jogo, o filho deles, era por ele que lutaria.

Foram vítimas das artimanhas de Roger e sem dúvida alguma de Stacy. Tinha a memória nublada, mas não adiantava continuar a negar a si mesma. Michael estivera no apartamento e caíra na armadilha tanto quanto ela.

Tudo agora fazia sentido. Era tão óbvio. Stacy e Roger sempre juntos, confabulando, com o objetivo de destruir o que ela e Michael tinham. Fora cega em não ter percebido antes que fosse tarde.

Acordou com o motorista batendo em seu ombro, dizendo que era o último ponto. Pelo visto, a sorte não estava mesmo com ela. Teria que pegar um ônibus circular e voltar mais três quarteirões.

Rebecca sentiu uma imensa vontade de chorar quando viu-se em frente à imensa casa branca.

O portão de saída dos carros estava destravado, então não estava com tanta má sorte como imaginara.

— Rebecca?

Marisa saía da cozinha quando ela entrou na casa silenciosa. Estacada na porta da frente, parecia uma assombração. Rebecca teria rido se pudesse.

— Marisa.

Era o rosto mais familiar que via há tanto tempo. Foram alguns dias, mas sentia como se fossem anos. Correu até a mulher e foi recebida em seu abraço.

— Já soube o que aconteceu? — disse ela, passando a mão por seus cabelos, feito uma mãe acalentando sua criança — Não posso acreditar que Olivia tenha partido.

A confirmação dos lábios dela tornava tudo mais real e intenso. Sua dor era real.

— Onde eles estão? — perguntou em meio ao soluços afligidos — Onde está todo mundo?

— Estão todos em Grenville — soluçou ela — Olivia... Olivia quis passar seus últimos momentos ali. Faleceu no celeiro, nos braços do senhor Hunter.

Rebecca caiu aos pés dela, dilacerada. Seu coração recebia tantas pancadas que não sabia quantas mais seria capaz de suportar.

— Não me despedi dela! — chorava abraçada aos joelhos — Não me despedi dela...

De todas as crueldades que Stacy e Roger poderiam ter feito, essa era a que mais lhe doía. Ainda poderia esclarecer as coisas com Michael, poderiam buscar a felicidade de alguma forma. Mas nunca mais teria Olivia com ela. Não poderia dizer o quanto a amava. O quanto fora importante em

sua vida. Não poderia contar sobre o bebê que carregava.

— Preciso ir... — não conseguia controlar a histeria impregnada em sua voz — Tenho que ir vê-la.

Rezava que ainda tivesse tempo de se despedir. Que pudesse olhar o rosto de Olivia pela última vez.

Levantou apaticamente e seguiu em direção ao quarto. Agradecia que havia esquecido a bolsa no quarto quando acompanhou Olivia na ambulância, mas se desesperou ao ver o guarda-roupa e todas as gavetas vazias.

— Marisa? — encontrou a mulher colocando o bule de chá em cima da mesa — Minhas coisas, onde estão?

— O senhor Hunter pediu que jogasse fora — ela desviou o olhar para o chão.

— Max?

“*Por que ele faria isso?*”, pensou.

— Michael. Mas a senhora Dickson pediu que colocasse na garagem.

Rebecca sentou, suas forças fugiram, e uma pontada aguda doeu dentro dela.

— Preciso da minha bolsa — balbuciou secando os olhos.

— Tome um pouco — Marisa empurrou uma xícara a ela — Está precisando.

Ela não queria nada mais do que sumir dali, mas desde que deixara o hospital, não tinha comido nada. Precisava lembrar que agora não estava sozinha.

Da cozinha mesmo, ligou para Brianna para assegurar que estava bem.

— Não posso explicar agora. Quando... quando eu voltar, digo exatamente o que aconteceu — arfou, sentindo o coração oprimido.

— Mas você está bem?

Rebecca chorou em resposta. Um choro atormentado e carregado de comiseração.

— Rebecca?

— Eu preciso ir.

Assim tinha sido seus dias, sempre partindo para algum lugar. Nunca chegando de fato.

Após desligar, reuniu as poucas coisas que precisava. Tomou o táxi que havia pedido que Marisa chamasse para ela. Não tinha o endereço da casa de campo, mas bastava que o motorista chegasse à vila, e pegaria informação sobre onde seria o enterro.

Irritou-se consigo mesma por não ter sondado todos os detalhes com Marisa. Não sabia onde o corpo estava sendo velado ou que horas seria o enterro.

“*Rosie*”, lembrou da simpática senhora. Ela tinha indicado onde morava, na tarde que passaram juntas, ficava a duas ruas depois da loja, uma casa amarela, se recordava.

Chegou na cidade no fim da tarde. Estava cansada e emocionalmente aniquilada. Como previu, a pequena loja estava fechada.

Não foi muito difícil encontrar a casa de Rosie. Ela se destacava entre as outras da rua.

— Ela foi para o cemitério Central — sua vizinha chegava com as compras e cordialmente explicou a Rebecca — Eu precisei dar uma saída, mas Rosie pediu que eu avisasse se alguém aparecesse aqui.

— A senhora disse cemitério? — perguntou alarmada — Fica longe daqui?

— Uns dez minutos andando — a senhora colocou a sacola no chão e foi até Rebecca — Se seguir direto, chegará na praça. Sabe a que tem a fonte?

Rebecca afirmou com a cabeça.

— Vire o posto de gasolina e duas ruas à esquerda, chegará lá.

— Obrigada, senhora.

Rebecca andava o mais rápido que conseguia. A pressão em seu peito nada tinha a ver com a dor que se instalara em seu coração. Essa cravara tão fundo dentro dela, que parecia uma parte de si. O medo em seu coração era que chegasse tarde demais.

“*Por favor, Deus! Permita que eu a veja*”, sussurrava a cada passo que dava. Pouco ligava que as pessoas a considerassem maluca por chorar e falar sozinha na rua.

Precisava que sua prece fosse escutada.

O primeiro que viu foi Max. Ele estava sendo carregado por um homem até seu carro parado no meio-fio. Outras pessoas saíam do cemitério com expressão de tristeza. Viu a senhora Dickson desolada, com seu lenço no rosto. Rosie surgiu e desapareceu em algum momento. Mas foi quando viu Michael que seu mundo caiu aos seus pés.

Havia mais que tristeza em seu semblante. Ele parecia uma cópia vazia dele mesmo.

Não levou muito tempo para que ele a notasse parada na rua.

Surpresa e algo parecido com alegria surgiu em seu rosto. A expressão logo mudou para dura, quando Stacy lhe sussurrou algo.

“*Não!*”, gritou internamente, voltando a caminhar. “*Aquela maldita não sairia vitoriosa.*”

Rebecca entendia que Michael sofria e estivesse desorientado. Faria com que ele encontrasse a razão. Traria-o de volta para os braços dela.

Ele precisava. Ela precisava. O filho deles merecia isso.

— Sinto muito, meu amor — permitiu que os sentimentos falassem por ela enquanto o abraçava — Eu sinto muito.

Estava acabado. Não conseguira dar o último adeus a Olivia, e isso a magoava tanto quanto se tivesse despejado sobre o caixão o último punhado de Terra.

— Vá embora!

Michael desconectou seus corpos e afastou-se com um olhar carregado de frieza. Nem mesmo quando pegara Roger saindo do seu quarto ele havia dado a ela um olhar semelhante.

Mesmo querendo lutar contra, Rebecca começou a chorar.

— Michael, eu vou te contar tudo — caminhou até ele — Nada é verdade...

— Claro que não é — Stacy grudou nos braços dele como a cobra peçonhenta que era — O traía com o primo na própria casa. Foi pega fazendo sexo com ele...

— Cala a boca, Stacy — Rebecca tremia com a ânsia de rasgar o rosto dela com as unhas — É mais do que claro que foi uma armação de vocês. Michael, quando eu explicar...

— O que foi? O Roger te abandonou, não foi? — disse Stacy — Eu disse ontem que isso aconteceria. Que logo ela daria as caras, bancando a vítima. Eu não disse nada, não inventei nada. Você viu com os próprios olhos. Ela mentiu, continua mentindo e...

— Cala a boca, Stacy!

Ela estacou ao notar a fúria contida em sua voz.

Rebecca soltou o ar, aliviada. Sabia que o amor deles era mais forte que tudo. Tocou a barriga em um gesto automático. Tudo ficaria bem.

Michael se aproximou, segurando forte em seus braços, forte demais, ela se deu conta.

— Ficaré longe de mim, da minha casa... — o aperto cada vez mais forte a fez contorcer — E da minha família.

Michael queira machucá-la, via em seus olhos, e era isso que mais lhe doía.

— Michael, meu amor...

— Ela chamou por você, e onde você estava?

— Roger me enganou, Michael. Você estava certo, ele não vale nada.

— Tarde demais para ter visto isso! — urrou ele, sacudindo seu corpo — Não me engana mais com seu choro e sorriso falso. Eu te procurei no dia seguinte. Estava disposto a escutar e perdoar, mas estava ocupada demais fazendo planos para a sua viagem.

— Não!

Cada mentira parecia meticulosamente planejada, mas o que eles viveram juntos era muito mais verdadeiro. Michael tinha que acreditar nela.

— Eu estava dopada. O que você viu ou achou que viu...

Ele a interrompeu com um sorriso irônico.

— Dopada como estava quando ele saiu do seu quarto aquela noite? Como esteve todas as vezes que se encontram às escondidas? Quando trocaram cartas de amor? Sim, eu vi a maldita carta nas suas coisas!

Rebecca sentia sua cabeça girar. Tudo o que ele dizia, tudo o que a acusava, se encaixava perfeitamente.

— Esteve dopada todos esses dias? Esteve dopada quando eu tive que mentir para minha mãe no leito de morte?

— Michael, pelo amor de Deus, me escuta! Você não pode desprezar o que nós temos assim, sem explicações! Eu estou grávida!

Não era como gostaria de contar a ele. Mas se esse bebê era sua última oportunidade de fazê-lo parar e ouvi-la, não iria titubear.

— Está explicado por que Roger foi embora e ela voltou — Stacy se pronunciou — Vão jogar a responsabilidade do filho dele para você. Garota, você não tem vergonha na cara?

Com um grito vindo direto de sua alma ferida, Rebecca tentou se desvencilhar de Michael e ir em direção a ela. Teria desfigurado o rosto odioso com sorriso prepotente, se Michael não a mantivesse ainda presa em suas mãos.

— Não é meu filho, Rebecca — murmurou ele, desolado — Sempre nos prevenimos, sempre protegi você.

“Não naquela noite em que nossas vidas começou a se transformar em um inferno.”

— É seu filho — soluçou desesperada — Nosso filho!

— Chega! — ele bradou com raiva, empurrando-a para longe de si.

Os pedregulhos cortando suas mãos não doeram tanto do que se ver caída e humilhada aos pés dele.

— Michael! — uma mulher ajoelhou ao lado de Rebecca e a ajudou a se erguer — O que deu em você?

Ele recuou. Não desejara colocar tanta força ao empurrá-la para longe dele. Precisava sair dali, ou faria algo que poderia se arrepender.

— Caroline! — Michael se dirigiu à garota chorosa e assustada atrás da senhora amparando Rebecca — Vamos embora!

Somente naquele momento Rebecca a viu. Tentou balbuciar algo, mas o olhar rancoroso que recebeu dela a fez se calar. Se havia uma parte do coração dela batendo, acabara de morrer ao vê-la seguir com Stacy.

Michael foi o próximo a lhe virar as costas. Via tudo como se estivesse presa em um sonho obscuro. Seu pior pesadelo desenrolava diante dos seus olhos.

— Você está bem?

Encarou a única pessoa que realmente parecia preocupada com ela. Uma estranha, mas que

enxergava como sua alma estava ferida.

— Eu vou ficar.

— Laura?

“Laura! A Laura de Olivia.”

Rebecca fechou os olhos, agradecendo por ela ter voltado. Talvez tivesse tido mais sorte que ela e visto a amiga ainda com vida. Não havia nada que Olivia desejasse tanto.

Michael baixou o vidro do carro. Ele tinha os seus olhos protegidos por óculos escuros. Seu rosto era uma máscara fria.

— Você vem, tia Laura? — era a voz trêmula de Caroline vindo do interior do veículo.

Ela seguiu em direção a eles. Parou ao tocar a maçaneta da porta. Olhou novamente para Rebecca. Parecia confusa.

Stacy a puxou para dentro. Em seguida, o carro partiu.

Foram embora. Rebecca permaneceu em pé na rua.

Sozinha.

Ajoelhou em frente ao túmulo. Na lápide dizia nascimento e morte. Também o quanto era amada e faria falta a cada um deles.

— Olivia, me ajude!

Rebecca tocou o mármore frio. Era a única coisa que teria dela. Aquele mármore frio e sem vida para tocar.

Quantas vezes seu coração seria apunhalado? Quantas vezes sua alma seria serrada em um pranto silencioso? Quando a dor imensurável governaria seu coração?

Abraçou o próprio corpo, abraçou o filho em seu ventre, abraçou a lápide. Desejava que o frio fosse da noite caindo. Mas era o seu espírito perdendo o calor.

Quando deixou o cemitério, a noite já caía. Não sabia como, mas chegou a uma pequena pousada perto dali. Porque estava exausta, porque sua mente ficara compadecida de seu sofrimento, dormiu na mesma hora que jogou-se na cama, com roupas, sapatos e a bolsa caída ao lado do corpo.

Capítulo 31

Acordou, tomou banho, vestiu a mesma roupa, pois suas coisas ainda estavam na garagem da casa dos Hunter. Não saíra de lá com nada além de sua bolsa e dinheiro.

Rebecca pediu o café na recepção e obrigou-se a comer.

Olhava pela janela que dava para a praça, enquanto comia. Havia crianças brincando ali. Senhores lendo em alguns bancos e mulheres caminhando com seus carrinhos de bebê. Logo seria ela, pensou ao tocar o ventre. Deveria se sentir feliz, mas não estava.

Alguns carros trafegavam na rua, as poucas lojas começavam a abrir. Mesmo para uma cidade tão pequena, havia vida. Diferente dela.

Nunca se sentira tão solitária em toda sua vida. Nem mesmo quando deixara o orfanato com destino incerto.

No entanto, ela não poderia continuar na inércia que mergulhara. Precisava agir. Chorar e se esconder em algum canto não ajudaria em nada. Precisava manter a calma e pensar em uma forma de consertar as coisas.

Pagou a diária do quarto e saiu. O sol da manhã tocou seu rosto assim que chegou à calçada. Sua pele era a única parte de si a receber calor; os resto, permanecia frio.

Andou por quase uma hora até avistar a casa ao longe. Via parte dela coberta pelo celeiro. Continuou andando pela trilha.

Rebecca não tinha ideia por que resolvera ir até lá. Mas ao deparar com ele inclinado contra o tronco da árvore, soube que fora seu coração que a levara.

Aproximou-se com passos delicados. Assim como a um animal assustado, temia que ele fugisse dela.

— Michael!

Levou a mão à garganta quando se deparou com o que ele fazia. Com o canivete, ele apagava o nome deles que um dia cravara na madeira.

Seu olhar ao encará-la era esgazeado. Olhou para o chão e deparou-se com as garrafas vazias.

— Michael... — gemeu, sentindo seu coração mais uma vez afundar por ele — Não faça isso.

— Quero apagar você da minha vida — ele voltou a riscar a madeira com força e determinação — Como apago desse tronco de árvore.

“Por que ele maltratava a si mesmo? Por que ele a maltratava quando era mais fácil seguir o coração?”

— Odeio você! — urrou ele quando ela se aproximou e observou a ausência da aliança que lhe dera — O que fez com o anel?

— Eu vendi... — precisava explicar que fora obrigada a isso, não teve saída.

Michael emitiu uma risada consternada ao dar-lhe as costas:

— Claro que vendeu. — no tinha significado nada para ela, por que acreditou que uma simples joia importaria alguma coisa?, lamentou ele. — Odeio você, Rebecca, da mesma forma que amei. Desprezo essa criança também!

Horrorizada, ela se recuou. Pela primeira vez sentiu medo.

— Não fala isso! Ele é...

— Filho dele! — olhou-a carregado de ódio — Por isso eu odeio mais e mais. Não chega perto

de mim. Não se aproxime de nenhum de nós.

Rebecca podia aceitar que Michael a reduzisse a um nada. Mas não podia aceitar que olhasse para seu filho com tanto desprezo.

De todas as formas, tentara abrir os seus olhos.

— Acho que sou a única a lutar! — também sentia raiva — Dizia que me amava, que sempre estaríamos juntos. Tantas promessas...

— A garota que eu achava que amava não era uma vagabunda! Não pulava de cama em cama como uma prostituta!

O tapa ecoou pela floresta. Os pássaros nos galhos das árvores alçaram voo, emitindo seu chilrear.

— Recusa-se a me ouvir. A acreditar naquela garota tola que o amava tanto! — exasperada, pela última vez tentava fazer com que visse a verdade — O jovem que eu amei acreditaria naquela garota!

Michael curvou, pegando a garrafa de uma pedra.

— Aquela garota nunca existiu.

Seu peito arfava. Seus olhos ardiam. A garota que o amara de todo coração teria corrido até alcançá-lo. Teria caído de joelhos, agarrado-se às suas pernas, implorando um pouco de amor.

Em uma coisa, Michael estava certo: essa garota não mais existia. Rebecca a enterrava ali, com todo amor que um dia sentira.

Com lágrimas nos olhos, deu-lhe as costas e se afastou de cabeça erguida, desejando que sua dor sumisse da mesma forma fácil com que ele apagou suas iniciais da árvore e a excluiu de forma definitiva de sua vida.

Rebecca não chorou como acreditara ao rever Brianna. Também não chorou quando narrou todas as atrocidades que acontecera a ela. Não chorou enquanto a amiga passava lentamente as mãos pelos cabelos dela quando a aninhou em seu colo, no antigo quarto do orfanato. Mas Rebecca chorou quando confessou estar esperando um bebê e o quanto se sentia perdida.

— Eu posso tentar falar com o Michael quando formos pegar suas coisas— disse Brianna.

— Ele não quer ouvir — abriu e fechou o relicário com a fofa antiga de um bebê. Era o pingente com o qual foi encontrada e a Madre mandara restaurar. — Está cego de raiva e ciúmes. Ele disse que odeia o bebê. Odeia o próprio filho.

Tornou a chorar. Sempre que se recordava disso, os pedaços de seu coração que tentava colar despedaçavam aos seus pés.

— Então, o que fará agora?

Passara o caminho todo de volta se perguntando isso. O que faria da sua vida? Não tinha mais um trabalho, uma casa para voltar e nem uma família a quem pedir apoio. Até Caroline estava magoada com ela. Com certeza Stacy não perdera tempo em envenená-la também.

— Tenho algum dinheiro que Max me deu. Não gastei praticamente nada.

Sentou na cama e segurou as mãos de Brianna.

— Acho que dá até o bebê nascer. Depois eu arrumo outro emprego. Mas eu vou precisar de ajuda. Queria saber se iria embora comigo.

— Por que não conta tudo à Madre? Talvez ela possa ajudar, falar com o Michael. Sei lá, ficar aqui até seu filho nascer!

— Não quero que ela saiba! Nem que fale com ele. Tentei de todas as formas convencê-lo. Não me amava como acreditei. Nunca confiou ou acreditou em mim.

Acariciou o ventre antes de voltar a olhar para ela.

— Vou entender se não quiser ir com a gente.

— O plano era nós duas, não era? — Brianna sorria — Agora seremos nós três.

Embora a Madre Superiora suspeitasse que havia algo errado com ela, atribui os olhos inchados e a expressão de tristeza à morte repentina de Olivia. Permitiu que ela passasse a noite com elas e no dia seguinte deu a permissão para que Brianna partisse pouco tempo antes de completar a maioridade.

— Estava mesmo preocupada com seu futuro, Brianna. — Disse a Madre. — Vocês duas sempre foram uma família para a outra. Não deixem de mandar notícias.

Despediram-se com um carinhoso abraço e promessas de as visitarem em breve.

Rebecca sentia o peito oprimido quando parou em frente à mansão Hunter. Por mais que tivesse preparado o coração para aquele momento, a dor de saber que seria a última vez que estaria naquela casa era quase insuportável de carregar.

— Deseja algo, senhoritas? — Edwin, um dos vigias, aproximou-se delas no portão fechado.

— Viemos pegar as coisas da Rebecca e falar com o Michael — Brianna disse por ela.

— Espere um momento — disse ao se afastar para falar no rádio.

Brianna apertou as mãos de Rebecca e sorriu com confiança. Era importante que uma delas ainda tivessem esperança e fé.

Esperança que ruiu ao observarem Stacy surgir ao lado de Bill e mais uma funcionária da casa. Eles traziam duas caixas e algumas sacolas. Toda a vida de Rebecca carregada ali.

— Michael não quer falar com você — disse Stacy. O olhar superior, a postura altiva, o sorriso vitorioso no rosto não feria Rebecca tanto quanto o desprezo do homem que ela amava — Faça um favor para si mesma e para todos nós: vá embora e não volte.

— Que o Michael fale isso na nossa cara! — insistiu Brianna agarrada ao portão — E não que mande uma puta como você.

Stacy a olhou como se somente naquele momento a enxergasse e a olhou com desdém. Tirou o telefone do seu casaco caro e elegante.

— Michael? Deseja falar com Rebecca e sua amiga?

Rebecca apertou ainda mais forte a mão de Brianna. Seus dedos e corpo tremiam. Uma palavra... Que podia salvá-la ou destruí-la.

— Não!

Seguido da resposta dura e seca, viera o sinal de que não apenas a ligação tinha sido encerrada. Todos os sonhos tolos que um dia ela fizera sobre eles tinham acabado ali.

— Coloquem as tralhas dela na rua — ordenou Stacy.

— Stacy! — Rebecca a chamou quando fez menção em se virar para voltar a casa — Eu nunca vou esquecer isso! É uma promessa.

Ela sabia que, naquele momento, pouco ou nada do que ela falasse faria diferença para a outra. Mas a vida dava voltas. Um dia Stacy iria pagar por ter sido tão má e ardilosa.

Bill mal a olhou ao executar a ordem. Sentia pena e vergonha por ser obrigado a isso.

Guardaram o que era possível nas sacolas e mochilas que tinham trazido. O que não era tão importante, ou não poderiam carregar, despejaram em uma lixeira próxima, o essencial eram sapatos e roupas.

— Para onde nós iremos agora? — perguntou Brianna quando chegaram à rodoviária e seguiram para o guichê onde vendiam as passagens de ônibus.

Não tinham conversado muito no caminho até ali. Brianna respeitou seu momento de tristeza e a

necessidade em ficar calada.

— A primeira parada será na cidade onde fiquei internada — murmurou ela — É o lugar mais familiar que eu conheço e mais longe também.

Passaram os primeiros dias em um motel, até conseguir um pequeno chalé que precisava de reforma. Era o que podiam pagar. Ficaram em uma vila ao redor da área montanhosa e que ficava uma hora do centro da cidade.

Brianna era sempre a mais animada. Nada a deixava triste ou melancólica. Mesmo a residência mais próxima estando a quilômetros delas.

— E se a gente pintasse as paredes?

— Não acho que o cheiro de tinta faça bem ao bebê — murmurou Rebecca, sem desviar o olhar da janela.

Como todos os dias, ou todo o dia, ela sentava ali e olhava a paisagem. Não que realmente visse ou admirasse alguma coisa.

Era um refúgio para entregar-se à apatia que vivia.

— Você tem razão — Brianna voltou à sua leitura — Foi uma ideia boba.

Rebecca notava os esforços de Brianna para alegrá-la. E que também a arrastava para o seu mar de tristeza. Precisava tentar mais, precisava ser mais convincente ao fingir.

— Poderíamos fazer um jardim — sugeriu sem olhar para ela — Encher o chalé de flores. Talvez fique mais bonito.

Logo Brianna estava envolvida em tudo o que poderiam fazer. Rebecca voltou a olhar a paisagem, alheia à empolgação da amiga.

Seriam longos meses. A mesma paisagem. Seus sentimentos que iam mudando.

Como a passagem da primavera para o verão, assim era a mudança de sentimentos que seu coração sofria. Mas ao invés de ficar quente como a estação sugeria, ele cada dia ficava mais frio.

Capítulo 32

6 meses depois

Rebecca estava nos fundos do chalé, arrancando as ervas daninhas que insistiam em crescer em volta da pequena horta, que há meses tentavam cultivar. Definitivamente, as duas não serviam para esse tipo de trabalho. Tentaram fazer um jardim em frente a casa, mas o solo era árido demais. No terreno ao lado, a terra era fofa e úmida. Após muitas tentativas, decidiram por algo menos delicado que as flores.

Foi naquela semana que, pela primeira vez, alguma coisa surgiu nos montinhos quadriculados que elas escavaram.

Quisera desistir, mas Brianna era mais otimista que ela. Além disso, os momentos que passava ali eram os únicos que abandonava sua cadeira à janela.

Não adiantava usar como exemplo suas idas ao médico. Nunca fazia mais do que sentar no consultório com uma revista e esperar. Também não saía para comprar o enxoval do bebê. “Haveria tempo”, era o que ela sempre dizia a Brianna. Com esse discurso, haviam passado seis meses. E as únicas peças que tinha, havia ganhado de Brianna.

“Como seria uma boa mãe, se nem menos era uma boa gestante?”, se perguntava.

Ela arrancava a última raiz, quando ouviu vozes vinda de dentro. Levantou escorando na parede. Embora seu ventre não fosse tão abaulado como a maioria das mulheres que vira no consultório médico, essa fase da gestação começava a lhe incomodar.

Sentiu o bebê mexer e culpou-se por tal pensamento.

“Não foi o que a mamãe quis dizer”, sorriu.

Ainda não sabia o sexo. Nas duas vezes que fizera o exame, sua garotinha ou garotinho estivera de pernas cruzadas.

Limpou a areia das mãos e começou a circular o chalé. Escutou novamente a voz de Brianna.

“Por que sussurrava?”, se perguntou.

Um carro preto estava parado na entrada.

— Becca, alguém deseja vê-la. — disse Brianna surgindo na porta.

Cerrou os olhos, respirou lenta e profundamente.

— Michael!

Queria impedir que seu coração ficasse tão eufórico, mas não conseguiu. No fundo, sempre tivera esperança que ele se arrependeria e viesse buscá-las.

— Espere, Rebecca! — Brianna tentou impedi-la ao passar por ela.

Tarde demais. A decepção já havia se abatido sobre ela quando deu de cara com um senhor grisalho, sentado em seu sofá gasto.

— Boa tarde, senhorita — ele se ergueu, estendendo a mão a ela — Meu nome é Alan Brosnan, detetive particular.

— Detive?

Freou o grito empolgado em seu peito, dizendo que Michael não viera, mas colocara alguém para encontrá-la.

— Fui contratado pela sua mãe.

— Minha mãe? — decepção e choque fizeram seu coração pulsar mais rápido.

Agradecia que Brianna estivesse ao lado dela, amparando-a.

— A senhora Summer a procurou por um longo tempo.

— Como sabe que essa senhora é minha mãe?

— Senhorita, ela quer explicar isso pessoalmente, poderia vir até aqui...

— Não! — interrompeu Rebecca — Irei até ela. Talvez em algum restaurante na cidade.

Não queria estranhos em sua casa. Aquele era o seu refúgio. Não podia manchá-lo com lembranças cheias de esperanças frustradas. Tivera sua dose de decepções por hoje, por toda a vida. Além disso, a mulher que dizia ser sua mãe poderia não ser.

Estava cansada de pessoas entrando e saindo de sua vida.

— Se não for ruim para você — disse ele após observar seu ventre. Escreveu algo em um cartão e estendeu a ela — A senhora Summer está em um hotel na cidade. Poderia ser amanhã cedo?

— Está bem — pegou o cartão sem ao menos olhar o endereço — Amanhã estarei lá.

Alguns minutos depois, tinha um encontro marcado com a mulher que, segundo o detetive, passara anos procurando por ela.

Mas a pergunta que nunca calou em seu peito era: *“Por que a mãe havia abandonado-a naquele orfanato?”*

Às dez em ponto, Brianna e Rebecca chegaram ao hall de entrada do hotel mais elegante que havia na cidade.

— Está nervosa? — Brianna perguntou, admirando o enorme lustre pendendo no teto.

— Não.

— Mas é a sua mãe — sussurrou Brianna ao entrarem no elevador.

— Não é a minha mãe. Talvez seja alguém que me colocou no mundo.

Ela tinha blindado o coração assim que saíra de casa.

— Mas ela pode ajudar você — insistiu Brianna — Sabe que precisamos.

Como qualquer tolo que nunca havia enfrentado o mundo sozinha, Rebecca fora otimista demais. Não tinha contado com os gastos extras no chalé. O dono tinha feito um preço razoável, mas qualquer melhoria teria que vir por conta delas. Também havia os gastos com alimentação, vitaminas com a gravidez e as consultas médicas. Seu dinheiro tinha ido mais rápido do que o curso de um rio.

Max lhe dava um salário generoso, mas ficara pouco tempo na casa. Por esse motivo, com ela grávida e com pouca probabilidade de conseguir um trabalho, coube a Brianna a tarefa. Ela tinha conseguido uma vaga em um café na cidade. Ia três vezes na semana. Embora ajudasse, não seria muito.

Pensava em qual resposta dar a sua amiga, quando o elevador abriu e deram de cara com o senhor Brosnan no corredor esperando por elas.

— Obrigado por ter vindo, sua mãe... — diante do olhar duro que Rebecca deu a ele, preferiu se calar.

Brosnan abriu a porta. A suíte era tão bonita como o restante do hotel. Havia móveis antigos, mas elegantes. Acomodaram-se no sofá que ele indicou.

Rebecca olhava fixamente para a porta que deveria ser do quarto. A qualquer momento conheceria a pessoa que, por anos, desejou reencontrar. Absurdamente, não tinha mais tanta importância como

quando era uma criança cheia de sonhos.

Quando a porta se abriu com ímpeto, claramente por uma pessoa ansiosa, sua indiferença foi substituída por uma grande comoção.

— Oh, meu Deus!

A surpresa da mulher e o seu próprio espanto a fizeram levantar.

Aquilo só poderia ser uma brincadeira.

— Laura?

— Minha filha! — chorando, ela fez menção de ir ao encontro dela, mas um homem ao seu lado a impediu.

— Tenha calma, Laura — ele pediu — Lembre do que conversamos.

A mulher ria e chorava olhando para ele.

— Não importa o que conversamos, Nicholas — ela se desfez do agarre em seu braço — Olha para ela.

Laura tirou uma fotografia amassada do bolso do casaco e caminhou até Rebecca, entregando-lhe a foto.

— É igualzinha a mim quando jovem — murmurou ela — Veja como somos idênticas, Nicholas.

Rebecca encarou a jovem sorridente na imagem. Tinham o mesmo tom de cabelo escuro e os olhos. Havia grande semelhança nos traços do rosto também.

— Não quer dizer nada — devolveu a foto rapidamente — Existem milhares de pessoas parecidas no mundo.

Rebecca não compreendia. A história que Olivia contara era totalmente diferente do que conhecia da sua vida. A filha dos Summers tinha sido sequestrada com meses de vida. Ela fora abandonada no orfanato à própria sorte.

— Mas nada engana o coração de uma mãe — insistiu Laura, o olhar fixo no ventre dela — Aquele dia, quando eu a vi, algo me tocou aqui dentro.

Não podia negar que houvera uma conexão entre elas. No dia, atribuíra ao fato de que Laura tinha sido gentil.

— Laura, não é a primeira vez que se engana — Nicholas virou em direção à Rebecca — Desculpe, senhorita, passamos por esse mesmo processo inúmeras vezes. Nossa filha foi sequestrada ainda bebê, e Laura passou todos esses anos cada dia empenhada em tê-la de volta. Cada vez que a tentativa é frustrada ou enganosa, o mundo dela desaba.

— O senhor, não? — inquiriu Rebecca — O senhor não quis encontrar sua filha?

Recordou-se que Olivia havia contado que o motivo dos dois terem se separado era o fato de Nicholas ter abandonado esse sonho.

— Eu procurei por longos anos, Rebecca — a voz já não era controlada ou fria. Lembrar daquela criança sempre mexeria com ele — Ter encarado a possibilidade de que nossa filha talvez estivesse morta, não diminuiu minha dor. Ainda amo aquele bebê.

— Filha... — Laura acariciou os cabelos dela — Mesmo descrente, mesmo pensando o pior, Nicholas nunca me virou as costas em nenhum momento. Ele apenas não suportava uma decepção atrás da outra. Eu quis acreditar em cada garota que aparecia. E sofri cada vez que fracassava. Não foi o seu pai que me abandonou. Eu fui embora. Fiquei amarga e não suportava que ele entregasse os pontos. Que perdesse a esperança.

Rebecca voltou a se sentar. Cobriu o rosto com as mãos enquanto toda sua vida passava como um filme em sua cabeça. Estivera tão perto deles, tão perto de Olivia. Sua vida teria sido tão diferente se tivesse crescido com eles.

“Teria se apaixonado por Michael?” Admitiu que sim. A diferença é que não teriam as sombras de Roger e Stacy para os separar. E para qualquer desentendimento que viessem a ter, os pais estariam ao seu lado.

— Conheço parte da história — disse ela, enfrentando-os — Mas o que de fato aconteceu? O que aconteceu à sua filha?

Laura juntou-se a ela no pequeno sofá. Era visível que ainda lhe doía recordar o passado.

— Quando você nasceu, era a minha vida — olhou de relance para Nicholas, mas continuou a falar — Não que seu pai sentisse ciúmes ou competisse com você, mas às vezes eu exagerava. Era tão linda, todos diziam que era linda. Minha Branca de Neve, eu sempre dizia.

Ouvindo o relato dela, Rebecca compreendeu sua fascinação pelas fábulas. Laura deveria ter contado muitas histórias a ela.

— Michael já era maior, e Olivia insistia para que voltássemos à nossa vida social. Ela planejou o jantar e nossa primeira noite divertida como um casal. Eu receei muito em deixá-la com uma babá nova, mas a agência era de confiança...

— Já sei sobre isso. A babá sequestrou sua filha — interrompeu Rebecca — Desejo saber o que aconteceu depois.

— Ela não era a babá. Era criminosa! Enganou a irmã, que de fato havíamos contratado. Nos vigiaram por dias e planejaram tudo — havia tanta raiva impregnada em sua voz, tanta mágoa, que de certa maneira Rebecca se compadecia — Eu passei toda a noite apreensiva. Olivia dizia que era natural, era minha primeira noite longe de você, mas meu coração dizia outra coisa...

— Chegamos em casa e você tinha desaparecido, e o segurança estava morto na piscina — foi Nicholas a continuar o relato.

Não passou despercebido a Rebecca que ele citou a criança como sendo ela. Talvez ele não fosse tão frio em relação a ela. Talvez estivesse protegendo o próprio coração. Isso ela poderia entender.

— Foram dias seguindo as orientações da polícia. Mas parecia que nem mesmo os sequestradores conseguiam se entender. Um deles morreu em uma briga. Ele tentou enganar a polícia, levando uma boneca no lugar do resgate. A mulher fugiu antes que chegássemos ao cativo. Ela era esperta. Cada vez que chegávamos perto, fugia outra vez. Mudava a aparência, identidade. Arranjou um novo parceiro de crime.

— Ela abandonou você no orfanato alguns meses depois. Ninguém cogitou que estaria tão perto de nós — Laura narrou a única parte da vida que Rebecca conhecera — É como matar alguém e colocar a arma do crime entre suas roupas, ninguém pensou no óbvio.

— Depois de alguns meses de procura, o agente da polícia, responsável pelo caso, nos alertou que as chances de sobrevivência da vítima começam a diminuir após 48 horas. Estávamos com meses de procura. Contratamos um detetive...

— Mudamos e mudamos todas as vezes que algum deles tentava me desencorajar. Há alguns meses, o Sr. Brosnan teve uma pista de Jessica, a mulher que a sequestrou, em uma zona barra pesada no México. Infelizmente, houve uma briga entre gangues, cheguei tarde demais — Laura olhou para Nicholas com ar emocionado — Fiquei presa naquele inferno, não sabia se sairia com vida de lá. Estive tão perto, mas também tinha tanto a perder.

Laura segurou as mãos de Rebecca, e ela notou como pareciam frias.

— No meu coração, eu nunca perderia a esperança de um dia voltar a te ver. Mas eu também prometi que se saísse com vida de lá, daria valor às pessoas que me amavam. Isso incluía a Olivia.

— Ela nunca deixou de se sentir culpada — disse Rebecca — Sofria muito com seu afastamento.

— Entendi isso quando me vi de frente com a morte. E quando voltei... — ela soluçou — Era

tarde demais. Nunca soube que estivesse tão doente.

Rebecca puxou as mãos. Quanto mais eles falavam, mais ela ficava confusa.

— E como chegaram a mim?

— Olivia sabia — ela sorriu — Sexto sentindo, fé, não sei. Desconfiou desde que a viu. Mas foi a pulseira que deu a você quando bebê que deu a certeza a ela.

— Mas ela nunca a viu! — afirmou Rebecca — Nunca cheguei a mostrar a joia.

Nicholas e Laura se entreolharam rapidamente.

— Está com ela? — perguntou Laura — Trouxe com você?

Rebecca tirou a pulseira da bolsa que carregava. A madre tinha encontrado a joia caída no quarto que Rebecca dividira com outras crianças. Sabia o quanto o objeto significava para ela, por isso tinha mandado restaurar, em agradecimento por sua dedicação e amor pelas crianças.

Laura prendeu a pulseira em seu peito, como se dela viesse força para continuar vivendo.

— Lembro quando coloquei a pulseira em você — seu rosto estava banhado de emoção — Foi naquele mesmo dia. O último dia que a tive em meus braços.

Rebecca chorava, levada pela emoção de Laura e por suas próprias emoções. Nicholas secava os olhos discretamente, mas era visível em seu rosto o turbilhão de emoções passando por ele. Brianna soluçava perto da porta, e Brosnan exibia um sorriso satisfeito.

— Sabia quem eu era no cemitério?

— Eu fui ver Olivia no hospital. Ela me disse que encontrou minha filha. Que era linda e doce. Que tinha crescido no orfanato, mas agora estava com ela. Falou da pulseira, que era a prova que precisava, mas ela sentia em seu coração que era você. Tentou entrar em contato comigo para que eu voltasse.

Ela fez uma pausa para reorganizar seus pensamentos.

— A verdade é que, pela primeira vez, não queria acreditar. Já havia machucado muitas pessoas com minha obstinação. Eu não... eu também não sabia se era alucinação ou esperança dela. Vi claramente como eu a havia magoado. Olivia era minha prioridade naquele momento. Bem, contei a ela sobre minha viagem ao México e o que me levou a voltar. Eu prometi que falaria com Nicholas e tudo ficaria bem.

Ela encarou o ex-marido com olhar emocionado.

— Fui para conversar com o seu pai. Eu tinha prometido tentar seguir a vida. Perdi você, mas tantas outras pessoas que me amavam também. Quando voltamos para esclarecer as coisas, Olivia já tinha saído do hospital e ido para a casa de campo. Quando chegamos lá, ela já tinha partido. Não pude torturar Max com os meus problemas, não naquele momento, entende? Já fui egoísta demais. Max, Carol e Michael precisavam da gente.

A menção do pai do seu filho fez Rebecca recuar.

— Não sabia quem era você aquele dia. Senti uma enorme conexão, mas não sabia quem você era, a não ser o fato de Michael a ter tratado muito mal. Stacy me disse que você era uma empregada da casa que tinha enganado a mãe dele. Olivia não me disse que trabalhava na casa. Não liguei os fatos...

Rebecca sentiu as veias queimarem ao perceber que mais uma vez Stacy fizera algo para prejudicá-la. Um dia, jurava para si mesma, um dia acertaria contas com ela. Seria tão implacável quanto ela.

— Tentei falar com Max, mas está em um estado lamentável. Disse que Michael me ajudaria. Ele apenas disse que você tinha ido embora e que não sabia mais nada e também não tocara no assunto. Lembrei que Olivia falou do orfanato, mas você também já tinha ido embora de lá. Pedi que o Sr.

Brosnan a procurasse. Mas simplesmente desapareceu. Bom, até a última semana, quando sua amiga entrou em contato com as freiras.

Rebecca encarou Brianna. Culpa e coragem brilhavam no rosto dela. Por várias vezes ela tinha sugerido que Rebecca procurasse as freiras e pedisse ajuda.

— Sabia que eles estavam me procurando? — perguntou a ela.

— Não. Liguei para a Madre e passei nosso endereço. Ela disse que mandaria ajuda.

— Eu pedi que nos alertasse sobre qualquer contato ou informação que pudesse — foi Brosnan a falar — Estive aqui há duas semanas para ter certeza.

Rebecca via-se como num lago onde a água trêmula começava a ficar calma. Tudo parecia se encaixar. Mas não podia evitar ficar receosa.

— Embora pareça que as coisas se encaixem, não temos certeza de nada. Posso ou não ser sua filha.

— Por isso eu solicitei um exame médico — disse Nicholas — Não podemos viver na incerteza...

— Nicholas! — Laura caminhou exaltada até ele — Que prova mais você quer? Olha para ela, olhe para você. Veja a pulseira, é a mesma.

— Senhora, ele tem razão. Também quero ter certeza sobre isso — Rebecca virou para aquele que poderia ser o seu pai — Quando faremos o exame?

— Amanhã cedo, se não houver problema. Um carro irá buscar vocês.

— Não. Fiquem aqui — Laura literalmente implorava — Pedimos um quarto na recepção.

Rebecca pegou a bolsa e ficou de pé.

— Prefiro ir para minha casa. Se o exame der negativo, não quero ter mudado minha vida mais uma vez — ela pousou a mão no ventre redondo — Agora, se me dão licença, estou muito cansada. Preciso refletir sobre isso tudo.

— Tudo bem — Laura concordou, decepcionada — Precisam de alguma coisa? Já comeram? Podemos almoçar juntas e...

— Farei isso em casa. Até amanhã.

— Até logo, minha filha — sussurrou Laura, abraçada a Nicholas.

Claro que Rebecca desejava se jogar nos seus braços e dizer o quanto sentira falta dela. O quanto sonhou em revê-la. Mas aquele era o sonho de outra menina. Essa Rebecca andava de acordo com a realidade. A realidade dela só viria com o resultado daquele exame.

Enquanto Nicholas e Brosnan saíram para pegar o resultado do exame no laboratório, Rebecca e Brianna aguardavam por eles na suíte do hotel.

Laura acabara de receber o carrinho com chá e biscoitos. Apesar de todas as tentativas em manter uma conversa, Rebecca ignorava ou respondia de forma monossilábica.

— Quantos meses você está? — perguntou Laura, unindo-se a elas à mesa.

Rebecca se questionava quanto tempo ela levaria para fazer a pergunta. Laura queria dar espaço a ela, mas sem dúvida a curiosidade falava mais alto. Mas ela, sendo sua mãe ou não, tinha uma ligação com Michael, e Rebecca desejava ficar dele o mais distante possível.

— Estou indo para o oitavo mês — respondeu, enchendo uma xícara de chá.

Desejava que Nicholas não demorasse tanto a voltar.

— E é do Michael? — Laura remexeu na cadeira ao lado dela.

— O que isso importa? — disse rude.

— Se ele é o pai, tem que saber — dessa vez ela não se deixou abalar pelo olhar duro que recebia — Ele tem responsabilidades.

— Então eu vou dizer uma coisa — bateu com a porcelana na mesa, gotas arderam em sua pele — Ele sabe e não quer nenhuma responsabilidade.

— Bom, não fica tão nervosa, filha — ela tocou a mão de Rebecca — Não fará bem ao bebê... Eu posso tocar sua barriga?

— Não! Não pode! E não sou sua filha ainda.

Caminhou até a janela, onde fingiu olhar a cidade.

Assim que Rebecca se deparou com o olhar indignado da amiga, que a havia seguido, soube que tinha sido dura demais.

— Não vou suportar achar que são meus pais e descobrir que não são — confessou com lágrimas nos olhos — Eles também não merecem isso.

— Vai ficar tudo bem — ela a abraçou — Tudo dará certo. Só lembre que queremos o seu bem. Não precisa lutar contra o nosso amor.

Rebecca era mais velha, em breve seria mãe, em muitos aspectos tinha mais experiência que Brianna, mas era ela a se sentir uma criança indefesa.

Nenhum dos três tinham efetiva coragem para abrir o lacre, que possivelmente mudariam suas vidas. Ficou ao encargo de Brosnan verificar a resposta contida na folha branca.

— Bem, o exame conclui que existe 99,9% de chances de que Nicholas e Laura Summer sejam os pais de Rebecca Thomas.

Brianna gritou e pulou no seu lugar. Nicholas e Laura, chorando, abraçaram Rebecca ao mesmo tempo. E ela sentiu um grande peso sair do seu coração com a notícia.

— Milha filha, sonhei tanto com isso — Laura a beijava e abraçava tantas vezes e de tantas formas, que às vezes lhe dava falta de ar.

Nicholas, no entanto, foi mais abalado pela notícia. Pedia perdão incessantemente.

— Me perdoe, filha — murmurava abraçado às duas — Nunca deveria ter desistido de procurar você. Meus braços não teriam enfrentado tantos anos de solidão.

“*Era errado dizer que os amava?*”, seu coração emocionado questionava. Não os conhecia muito bem ainda, mas o amor e carinho que emanavam dessas duas pessoas feridas inundava o peito dela também.

Nenhum deles teve culpa. Foram vítimas de pessoas cruéis e sem coração. Rebecca não fora abandonada à própria sorte como sempre acreditara. Assim como ela, Nicholas e Laura choraram sua perda. Eles também tiveram o lar destruído.

— Não importa, papai — disse a ele, o rosto banhado de lágrimas — Somos uma família outra vez.

Notou Brianna parada próximo à porta. Estava feliz por sua amiga, mas tinha medo também.

— Vem, Brianna! — esticou a mão em direção a ela — É parte dessa família também, minha irmã.

Todos eles tinham muito que conversar ainda, havia muitas perguntas sem respostas, mas, naquele momento, tudo o que os quatro queriam era desfrutar daquela imensa felicidade que sentiam.

Após anos de separação, os pais encontravam a filha. A filha encontrava os pais. Rebecca tinha novamente seu porto seguro.

Mesmo com os pais de Rebecca insistindo muito, preferiu passar aquela última noite no chalé. Precisava arrumar suas coisas, também absorver tudo o que tinha acontecido a ela.

Rebecca não sabia dizer quando os seus sentimentos começaram a mudar. Se foram os longos e solitários dias no chalé, esperando que Michael voltasse alegando acreditar em sua inocência e que aceitava o bebê que teriam em breve. Se foi com a decepção que sentiu ao se deparar com o detive Brosnan e descobrir que eram os pais procurando por ela. Mas todo amor que um dia aflorara em seu peito, o sentimento mais bonito e sincero que tivera por ele, agora se transformava em raiva e ódio.

Odiava Roger por ter brincado com sua ingenuidade e amizade que oferecera a ele. Odiava Stacy por sua crueldade e tudo o que fizera a ela. E, acima de tudo, odiava Michael porque, na verdade, nunca a amara como muitas vezes jurara.

Mas se a vida fosse no mínimo justa, um dia, não importa quanto tempo levasse, cada um deles sentiria na pele a dor de cada lágrima que causaram a ela.

E quando esse dia chegasse, não pouparia ninguém.

— Como você acha que seu irmão irá receber você? — perguntou Brianna, interrompendo seus pensamentos amargos.

— Ryan não é meu irmão. — respondeu ao fecharem a última mala.

Enquanto arrumavam suas poucas coisas, garantiu a Brianna que sempre estaria com ela.

Seus pais haviam falado vagamente sobre ele durante o jantar. Aparentemente, Laura havia mudado o tratamento em relação a ele. Era bem diferente o carinho expresso em sua voz do tratamento frio que tinha, que um dia Caroline dissera a ela.

— Seus pais o adotaram, isso faz dele seu irmão.

— Não quero pensar nisso agora, papai disse que ele está estudando em Londres. Quando chegar o momento, o verei.

Não estava com implicância contra o rapaz, mas também não tinha ideia de qual seria a reação dele ao vê-la. Se Ryan quisesse ser seu amigo, estaria aberta para esse relacionamento, mas ninguém mais a afastaria dos pais.

Capítulo 33

Nicholas e Laura Summer entraram na vida de Rebecca como um foguete. Em menos de quarenta e oito horas, tinham entregado as chaves do pequeno chalé ao proprietário e estavam seguindo de volta a Uptown.

A casa dos seus pais era tão imponente e elegante quanto a dos Hunter. Rebecca e Brianna receberam o melhor quarto de hóspedes que havia.

— Vocês podem reformar — disse Laura ao entrar no quarto da filha — Mudem o que quiser, quando quiserem. Ah, filha, vamos pegar o quarto ao lado para fazer o do bebê e colocar uma porta de interligação bem ali...

Enquanto Laura falava empolgada tudo o que pretendia fazer, Rebecca analisava como sua vida mudara de novo em tão pouco tempo. Há alguns dias revirava em sua cama, pensando como faria para mantê-las com um teto seguro sob suas cabeças. Agora, estava outra vez em uma casa gigantesca, em uma perspectiva completamente nova.

— E amanhã vamos às compras, fazer o enxoval do bebê. Você também precisa de roupas novas e adequadas — continuou ela, empolgada — Você também, Brianna. Teremos um dia muito divertido.

Mesmo após o exame ter dado positivo, Rebecca ficou temerosa do que pudesse acontecer. Mas quando eles a abraçaram como sua filha, haviam-na conquistado completamente.

— Puxa vida! — Brianna caiu na cama assim que Laura saiu — Olha essa casa. Você é dona de tudo isso.

Cuidado com o que se deseja. Rebecca sempre sonhou com um lar. Era o pedido constante nos aniversários e comemorações natalinas. Recebera muito mais do que pedira. Deveria se sentir grata, mas trocaria todo o luxo e riqueza por aquele chalé caindo aos pedaços se Michael estivesse com ela, construindo um lar para o seu bebê.

— Nem tudo que reluz é ouro — disse ela, deitando ao lado de Brianna — Obrigada por ter vindo. Não conseguiria sem você.

Ela sorriu, entrelaçando seus dedos aos de Rebecca.

— Juntas, não importa o que aconteça? — murmurou Brianna.

Ela repetiu a promessa em sua cabeça.

Rebecca folheava uma revista, enquanto esperava sua vez para ser atendida por um dos melhores cabeleireiros da cidade. Devido à gestação, não haveria muito o que fazer além de um bom corte, mas sua mãe insistia nisso. Era como se Laura quisesse, em poucos dias, recuperar quase dezenove anos de afastamento.

— Eu tenho hora marcada com Jamie. Quero um novo corte de cabelo...

Rebecca afundou na cadeira quando imediatamente reconheceu a voz.

— Também quero fazer algumas luzes — continuou ela, falando com a atendente — Hoje é o meu jantar de noivado, até saiu uma nota no jornal local, você viu?

— Eu vi, parabéns — disse a atendente, sorridente — Estão juntos há um longo tempo, não é?

— Já teríamos ficado noivos antes, mas minha sogra ficou doente, depois veio a falecer — dizia

Stacy com fingido pesar — Esperei que Michael se recuperasse do choque, mas agora estamos prontos e não vejo a hora de nos casarmos.

— Fico muito feliz, Srta. Henderson, e pelo senhor Hunter também. O Jamie está finalizando com duas clientes, tem aquela senhora ali... — com o coração palpitando, Rebecca praticamente entrou dentro da revista, na tentativa de se manter invisível.

— Farei as unhas enquanto espero — disse Stacy, sendo conduzida para o interior do salão.

Rebecca aproveitou o momento para sair dali. Andou desorientada pelos corredores do shopping. Sentou no primeiro banco que viu, e só percebia que chorava quando uma senhora, preocupada, perguntou se estava bem.

“Como ele pôde ficar noivo dela?”, perguntava-se insistentemente.

Não havia sido um suposto caso de Stacy com Roger que tinha separado os dois? *“Por que Michael conseguia ignorar isso de Stacy, e descartá-la sem ao menos ouvi-la?”*

Sentiu raiva dele; sentiu pela primeira vez que os sentimentos bons, que um dia tivera, poderiam se tornar ruins.

Levou algum tempo para que Rebecca notasse que o telefone em sua bolsa tocava. Ganhara dos pais, junto com as centenas de roupas, bolsas e sapatos que deram de presente para ela e Brianna.

— Rebecca, onde você está? — era sua mãe.

Respirou fundo antes de responder. Parecia que as palavras estavam estagnadas em sua garganta.

— Em frente àquela loja de sapatos que fomos aquela dia.

Como foram em várias lojas, precisou dizer o nome.

— Meu amor, você está bem? — perguntou Laura — Está sentindo alguma coisa?

— Estou bem — mentiu — Quero ir embora, mamãe.

— Mas, amor, o Jaime está aqui esperando para o corte de cabelo, você simplesmente sumiu...

“Que importância tinha um corte de cabelo estúpido?”, Rebecca se perguntava. Era seu coração naquele momento sendo cortado em mil pedaços. *“Estou esperando um filho de Michael, mas é com outra que ele irá se casar.”*

Preferia mil vezes vê-lo morto!

Morto da mesma forma que a lembrança do seu desprezo matava, a cada dia, algo dentro dela; algo bom, que era substituído por algo que ainda não sabia nominar.

Lembrou-se de Olivia, e culpa e desespero tomaram conta dela.

— Eu vou pegar um táxi.

— Não pode sair por aí sozinha — repreendeu Laura, voltando a manter a voz suave — Não nesse estágio da gravidez. Estamos indo até você.

Assim que teve Brianna e a mãe em seu campo de visão, Rebecca correu até elas. Jogo-se nos braços de Laura. Desconfiava que provavelmente causava um belo espetáculo para as pessoas que cruzavam com ela. Rebecca não se importava. Pela primeira vez, precisava do colo e conforto que os braços de uma mãe podiam dar. E, pela primeira vez, ela tinha.

— Mamãe, me leva pra casa, por favor! — soluçou, sendo tragada pelo mar de devastação sugando suas forças.

Não contara a Laura o que tinha acontecido. Nem cederá às pressões da obstinada Brianna. Procurou o jornal que confirmava que não estava louca.

Michael e Stacy iriam se casar em breve, dizia a nota.

A dor e o desespero em seu coração fizeram-na desejar sua morte, mas era a si mesma que enterrava.

Estava sentada na cadeira de balanço em seu quarto, olhando a paisagem lá fora. Era bonito e estranho a ela, ao mesmo tempo.

Através da janela, não estava a piscina ou o teto das casas ao longe. Via-se o campo e a vegetação encantadora de Greenville.

“Por que chora, minha criança?” Rebecca sentiu a mão delicada em seu ombro, no mesmo momento que reconheceu a voz doce e branda.

“Olivia?”

Quis levantar, mas a amiga ajoelhou-se ao lado dela. Cada lágrima que derramava era amparada por sua delicada carícia.

“Recorda da promessa que me fez?”, perguntou ela, acariciando o ventre abaulado.

“Mas não sei o sexo ainda”.

Não quisera fazer um novo exame, embora seus pais pudessem pagar. Desejava uma menina, mas não queria jogar a frustração em cima da criança, caso suas esperanças fossem frustradas.

“Uns partindo, outros chegando”, disse Olivia com um sorriso ameno.

Havia algo naquele sorriso e olhar sereno que traziam calma e paz ao coração de Rebecca.

“Quando eu tinha oito anos, eu vi minha vó indo embora”, Olivia seguiu acariciando o ventre de Rebecca. *“Ela me disse que a vida é como uma viagem de trem. Alguns seguem até a última parada. Outros descem na primeira estação. Não importa a direção que siga, mas o que você faz durante o percurso. Você só precisa descobrir qual é sua jornada.”*

Rebecca chorou. Seu coração estava amargo demais para ver bondade na vida.

“Sinto sua falta!”, pranteou.

“Sempre estarei ao seu lado”, a mão deixou a barriga e pousou no peito de Rebecca. *“Aqui. Mas será essa Olivia a alegrar sua alma.”*

Tocou o próprio ventre e sentiu os movimentos da filha. Havia algo bom acontecendo a ela.

“Se chamará Olivia, como prometi a você”, ergueu o olhar, mas estava outra vez sozinha.

Despertou nessa hora, como se ouvisse o toque do relógio. Do lado de fora, a mesma paisagem que conhecia.

— É uma menina, Brianna — disse à jovem que via TV na cama — Minha filha.

— Fez o exame de novo? — ela desligou o aparelho e cruzou as pernas ao encará-la — Quando você fez?

— Olivia me disse — disse sorrindo.

As várias expressões desenhando o estado confuso no rosto de Brianna a fizeram gargalhar.

— Não estou ficando maluca como devo ter parecido nos últimos dias. Eu tive um sonho. Na realidade, foi um sinal.

Tivera um sonho, mas sabia que a Olivia do seu sonho estivera certa. Ela sempre estaria com ela.

Capítulo 34

Rebecca observava Brianna do sofá, enquanto bebericava seu chá. Queria ajudá-la na tarefa, mas com a gravidez avançada, ninguém naquela casa permitia que fizesse algo além de caminhar ou ficar sentada. Era o que ela fazia agora, sentada tendo uma manta colorida envolvendo suas pernas enquanto uma xícara aquecia suas mãos.

— Acha que Ryan irá gostar? — perguntou Brianna, descendo a escada após colocar uma estrela prata no topo da colorida árvore de natal.

Ela colocou as mãos na cintura enquanto admirava seu trabalho.

— Problema dele se não gostar — retrucou Rebecca, mas ao se deparar com o olhar de censura, mudou o tom de voz aborrecido para algo suave — Está linda, Brianna, claro que ele irá gostar. Vocês se tornaram bem íntimos, não é?

— Você teria ficado também, se conversasse com ele sempre que liga.

Brianna tinha razão. Ela evitava contato com ele da mesma forma que evitava qualquer notícia ou informação em relação ao Michael e sua família, mas seu irmão adotivo não era alguém que poderia ignorar para sempre.

— Que horas meus pais disseram que chegariam?

— Já devem ter encontrado o Ryan no aeroporto. Por que não vamos nos arrumar?

Rebecca tomou banho, vestiu uma bata vermelha que sua mãe lhe dera e uma confortável calça de lã. Nada mais cabia nela, além de roupas apropriadas para grávidas. Achava-se imensa, porém seus pais e Brianna diziam que nunca a viram mais bonita. Olhou-se no espelho e, pela primeira vez, acreditou que eles tivessem razão.

Ela acariciou a barriga e falou com sua filha. Era o primeiro natal em família para as duas. Seus pais, Brianna e Ryan. Secou as lágrimas correndo em seu rosto, engoliu o soluço e jurou não estragar a noite com aquele estranho vazio que queria tomar conta dela.

Mesmo ainda em seu ventre, faria daquele um momento especial para Olivia. Desejava vê-la logo e que ela pudesse aquecer a parte congelada em seu coração.

Ouviu as vozes animadas assim que desceu as escadas. Brianna, com seu jeito espontâneo, liderava a conversa. Estavam todos em volta da árvore, tecendo elogios a ela.

Seus pais estavam de costas para ela quando avançou um pouco mais em direção a eles. Sua amiga tagarelava ainda alheia à sua chegada. O jovem de olhos castanhos e receosos foi o primeiro a vê-la.

Seus cabelos eram pretos como os dela. Era um garoto de traços comuns, mas bonito. Tinha um ar sério para alguém da idade dele. Lembrou do que Caroline disse sobre ele ser mais tímido e reservado.

— Então, você é o famoso Ryan — disse indo em direção a ele.

Rebecca decidiu quebrar o gelo e ser a primeira a tentar uma aproximação. Com uma espontaneidade que lhe parecia peculiar, cobriu a mão com a sua.

— E você é a famosa Rebecca — murmurou ele com suavidade — Mamãe e Brianna falaram muito de você. É gentil e bonita como elas falaram.

Rebecca sorriu. Todos tinham razão, ele era encantador. Não havia ciúmes ou insegurança em relação a ela. Não a via como uma intrusa que viera ocupar o lugar dele. Ela sentiu, naquele

momento, que se dariam bem.

— Por que não iniciamos a ceia? — disse Laura — Estou louca para começarmos a abrir os presentes.

Ela encaixou a mão no braço de cada um deles e os conduziu pelo corredor. Nicholas e Brianna seguiram abraçados logo atrás.

A noite seguiu exatamente como Rebecca muitas vezes sonhara em sua antiga cama no orfanato: uma mesa farta, pessoas conversando e sorrindo enquanto serviam uma a outra.

Teve canções de natal. Teve jogos de mimíca antes de abrir os presentes.

Havia pessoas que a amavam, pessoas que a queriam feliz.

E, após tantos dias de dor e desespero, chorando em seu quarto sozinha, Rebecca teve uma noite de alegria e de paz.

Capítulo 35

Foi na última semana de janeiro que a pequena Olivia nasceu. O coração de Rebecca inundou-se de um amor que ela nunca imaginou ser capaz de sentir. Sabia que sua vida tinha mudado naquele momento, o momento em que teve finalmente seu bebê em seus braços. A palavra *mãe* agora tinha um novo significado para ela. Fizeram sua ligação quando pela primeira vez colocou-a em seu seio para mamar. Pertenciam uma a outra, isso nunca iria mudar.

Todos em volta dela fizeram festa, enquanto tentavam decifrar com quem ela se parecia mais. Bastou Rebecca colocar os olhos uma única vez no seu pequeno milagre para ter a certeza: herdara todos os traços delicados de sua avó materna, e ela esperava que sua filha também tivesse o mesmo coração bondoso dela.

— Mamãe, eu conversei com o Ryan — iniciou Rebecca, arrumando as roupas novas que Olivia ganhara do avô.

A gaveta já estava empanturrada de coisas. Nicholas não media esforços em mimar a neta. Não havia um dia que ele voltasse do trabalho sem algo para a menina.

— Fico muito feliz que vocês se deem bem — ela sorriu e continuou a andar no quarto com o bebê — Ainda sinto muito pela forma que o tratei. Com todo o passado dele, só precisava de amor. Sinto não ter sido capaz de dar.

— Papai deu por vocês dois — procurou confortá-la — Ele está se tornando um jovem incrível. Só um louco não gostaria dele.

Repreendeu-se do que disse na mesma hora. Laura carregava muitos arrependimentos na vida, o maior deles era o amor que sempre negara a Ryan. Na cabeça dela, estava traindo a memória da filha, colocando outra criança em seu coração. Rebecca agora conseguia compreender a lógica dela. Olivia se transformara em sua razão de viver, e era por ela que queria ser alguém melhor. Queria que sua filha crescesse e sentisse orgulho.

Foi isso, as conversas que tivera com seu novo irmão antes de ele partir para os cursos finais antes da universidade e as conversas realizadas pelo telefone nos dias seguintes que a fizeram tomar a decisão que mudaria suas vidas.

— Como ia dizendo, falei com ele, e me disse que tem excelentes faculdades e cursos na Inglaterra. Alguns deles poderiam me interessar.

Laura parou e a encarou surpresa.

— Inglaterra? Mas por que tão longe?

Embora ainda não tivesse nenhuma informação sobre Michael, Stacy não levaria tanto tempo para arrastá-lo até o altar. Não queria estar presente. Já era doloroso demais para Rebecca estarem na mesma cidade e, ao mesmo tempo, tão longe.

— Quero estudar, sempre fui muito boa com números. Posso ajudar papai em um dos bancos, se me permitir. Eu quero ser alguém, mamãe.

— Querida, você já é alguém — Laura sentou na cama e ajeitou Olivia em seu colo para que pudesse alisar os cabelos de Rebecca — É a nossa filha.

— Mas eu quero ser mais do que a sua filha.

Queria ser independente. A mulher que qualquer homem sentiria orgulho de ter ao seu lado.

— Além disso, vocês dois não viverão para sempre. Sabia que Ryan, na verdade, quer ser pintor?

— Pensei que fosse apenas um hobby.

— Era porque vocês dois, meu pai, na verdade, esperava mais dele. Posso ajudar meu pai, ocupar o lugar dele quando for a hora.

Sua mãe parecia incerta. Ela crescera com uma mentalidade diferente. Mulheres eram educadas para cuidar do marido e da família que formariam.

— Mas, e sua filha? É tão pequenininha ainda.

— Eu tenho vocês. Inicialmente apenas estudaria, também não aguentaria ficar tanto tempo longe dela — ela curvou para dar um beijo na testa da filha, o cheirinho de bebê aquecia seu peito — Posso ser estagiária depois, na filial que papai tem na Inglaterra. Ou apenas ver como meu pai trabalha. Pelo menos tentar, por favor.

Embora os pais tivessem mais dinheiro do que ela sequer imaginava, Rebecca raramente pedia algo a eles. Mas quando fazia, sabia que havia uma nula probabilidade de se negarem.

— Eu preciso falar com o Nicholas — disse ela.

Rebecca sorriu, fazendo planos em sua cabeça. Nicholas diria sim até se ela pedisse que dessem todo o dinheiro deles a caridade. Não era apenas para a neta que ele fazia todas as vontades.

— Se papai aceitar, irão comigo? — perguntou ela com fingida indiferença — Quer dizer, posso estudar à noite e Brianna certamente...

Laura levantou-se, alarmada.

— E ficar longe da minha neta? Não, mesmo! Iremos para onde vocês forem.

Após um momento, Laura tornou a falar:

— Filha, sei que não gosta de tocar no assunto — Laura desviou o olhar para o bebê — Mas e o Michael? Não adianta negar para mim, cada dia mais Olivia se parece com a mãe dele e com o próprio Michael.

Todas as tentativas dos pais em tocar no assunto eram anuladas por um olhar duro ou afastamento dela. Mas ela precisava resolver esse assunto com eles antes de ir embora.

— Sabe o que o Michael sente por mim, viu aquele dia no cemitério. O mesmo sente por nossa filha. Além disso, irá se casar com a Stacy, desejo que seja muito feliz com ela — mentiu. Na verdade, desejava que ambos descobrissem logo o engano e fossem infelizes.

Queria que Stacy fosse a bruxa que sempre demonstrara e fizesse da vida dele um martírio. Sabia que esses sentimentos eram ruins para si mesma, mas odiava saber que sofria e nada acontecera a ela. Lembrou da visita do Turner, logo que chegou ao chalé. Roger tinha saído do país antes mesmo de Rebecca ser levada doente para o hospital. Não podia acusá-lo em nada, já que não tinha provas.

— Eu serei feliz com minha filha. Longe de tudo isso, longe dele.

Doeu dizer essas palavras. Haveria um dia que ela conseguiria arrancar Michael completamente do seu coração.

— Mas agora que a poeira baixou, seu pai pode falar com ele. E depois, se olhar a filha linda que deu a ele, mudará de ideia em relação a isso. Meu amor, sei como dói perder um filho.

— Michael não perdeu! — Rebecca exaltou-se — Ele escolheu ficar longe dela. Ele disse que...

“*Odeio você. Odeio esse bebê!*”, as palavras ainda a machucavam com a mesma força. Sempre que olhava para o rostinho inocente da filha e lembrava do desprezo que Michael sentia por ela, seu coração morria um pouco mais.

Não, Michael não a merecia, não merecia nenhuma das duas.

— Não quero saber do Michael e de ninguém da família dele — continuou, determinada — Se insistirem nisso, vou embora com Olivia, não verão mais nós duas.

Estava sendo má, notou isso na forma que sua mãe ficou pálida. Ir embora ou afastar a neta deles certamente os mataria de milhares de formas diferentes. Mas mesmo amando-os cada dia mais, Olivia sempre seria prioridade para ela. Não deixaria que o próprio pai ou qualquer pessoa causasse uma lágrima sequer à sua filha. Essa não era uma cidade tão grande. *“E se cruzassem com Michael e Stacy em algum lugar?”*, ela se questionava em pânico todos os dias. *“E se eles tivessem filhos que Michael cuidaria e dedicaria seu amor?”*

Não! Seu peito doía apenas com essas possibilidades.

— Tudo bem, meu amor — respondeu Laura, sentindo-se vencida — Faremos o que você quiser. Só não nos afaste de vocês. Se eu te perder de novo...

Ela soluçou. Rebecca a abraçou e esperou que ambas se acalmassem. Doía jogar essa chantagem nos pais, mas não tinha alternativa. Tomara sua decisão certa.

Um tempo depois, enquanto Laura brincava na cama com o bebê, voltou a fingir estar concentrada na tarefa de organizar a gaveta. Um dia, não sabia como, Michael se arrependeria de ter lhe virado as costas, jurava a si mesma.

— Também quero pedir outra coisa, e isso talvez magoe o papai. Quero usar seu nome de solteira. E também que não comuniquem a ninguém que eu voltei.

Já tinha pedido antes que seus pais não alardeassem sua volta, apenas funcionários da casa e pessoas mais íntimas sabiam quem ela era. Inicialmente porque queria levar o restante de sua gravidez com tranquilidade. Agora, queria que todos do seu passado a considerassem morta.

— Mas, por quê?

Sua mãe havia planejado uma grande festa para apresentá-la à sociedade. Era notável o desapontamento em seu rosto.

— Por causa de Olivia — mentiu mais uma vez. Estava se tornando exatamente o que Michael a acusara: uma boa mentirosa — Não quero que aconteça a ela o que aconteceu comigo. Chamaria atenção de pessoas ruins. Vocês sabem que o dinheiro de vocês não é capaz de nos proteger se alguém quiser fazer algum mal.

— Morreria se isso acontecesse, talvez você tenha razão.

Rebecca sorriu. Seu coração estava cheio de novas esperanças; reconstruiria sua vida longe dali. Esqueceria o lugar que só trouxera mágoa e sofrimento a ela.

Estavam na ala de espera do aeroporto, aguardando o voo que os levariam até Heathrow, Londres. Havia acontecido um atraso, e Nicholas estava verificando quando o avião seria liberado.

— Preciso ir ao banheiro — informou Laura — Diga ao seu pai que não me demoro. Voos sempre me deixam nervosa.

Rebecca concordou com a cabeça e continuou a brincar com a filha. Seria a primeira viagem de avião das duas. *“Mas não temos medo, não é, meu amor?”*, dizia a Olivia.

Brianna, por outro lado, estava apavorada tanto quanto sua mãe, por enfrentar aquela fera gigantesca.

— Brianna, relaxa — provocou-a mais uma vez — É só um voo.

A jovem iria responder, mas o celular ao lado dela começou a tocar. Era o telefone de Laura. Havia deixado no banco junto com seu casaco.

— Vai atender? — Brianna estendeu o telefone para ela.

Ainda tinha aquele número em sua memória. Foram dezenas de vezes que quisera pegar o telefone

e ligar para a mansão Hunter.

— Não, deixa tocar.

— E se for importante?

— Não quero saber.

O aparelho tocou cerca de quatro vezes. Rebecca temia que a mãe retornasse e atendesse a ligação. Não podia aceitar que Michael ou qualquer pessoa arruinasse seus planos. Havia convencido os pais a irem embora. Não tinham o direito de destruir isso.

O telefone apitou, indicando uma nova mensagem de voz. Agradeceu que sua mãe não protegia o aparelho com senhas.

Selecionou a tecla que liberava a mensagem e colocou no viva-voz para que Brianna também pudesse ouvir.

— *Tia Laura? É Caroline. Desculpe entrar em contato com você depois de tanto tempo... — a voz da menina parecia triste e chorosa — É que meu pai... Anda bem triste, e o Michael, acho que sabe que vai se casar em breve... Eu poderia ficar alguns dias com você? Sabe, como nas férias de verão?*

Houve uma pausa e um soluço mal contido.

— *Não quero te incomodar, mas... bem, se eu puder. Não tenho muito tempo para esperar a sua resposta. Então, se eu puder... Bem, me liga.*

Rebecca encarava o telefone como se fosse uma bomba-relógio prestes a explodir em sua mão. Sentira a angústia da menina, mas não podia ajudá-la.

— O que você está fazendo? — Brianna praticamente gritou ao vê-la apagar a mensagem.

— Trazer Caroline de volta para nossas vidas, implicaria trazer Michael e Stacy também. Estamos indo embora para evitar justamente isso.

— Mas ela parecia tão triste — Brianna insistiu — Ela é filha da Olivia, lembra? Sua amiga.

Custava a Rebecca fazer isso, muito mais que sua amiga indignada pudesse supor. Era notável que Caroline ainda sofria o luto, mas ela iria sobreviver. Sempre fora corajosa. Assim, esperava que ela fosse.

— Mas é essa Olivia que tenho que proteger — acariciou a filha em seus braços — Ela é a única indefesa aqui. Carol sempre terá Max e Michael.

Seus pais chegaram juntos poucos minutos depois. Se notaram o clima tenso entre Brianna e Rebecca, nada disseram.

Quando a comissária deu permissão para que os passageiros entrassem, ela olhou para trás pelo que achou ser a última vez.

Estava indo em busca de um recomeço.

Capítulo 36

Um ano se passou desde que chegaram a Londres. Rebecca concentrou seu tempo e suas energias entre os estudos e cuidar de sua filha. Mas não conseguiu deixar de pensar nas humilhações que passara e nas três pessoas que marcaram sua vida.

Mesmo com o passar do tempo, eu não consegui esquecer, talvez nunca conseguisse.

E foi somente graças ao amor que tinha por Olivia e recebia dos seus pais que a impediram de enlouquecer.

Com o passar dos meses, a dor em seu peito deu lugar à raiva, seguido do ódio, sentimento que nunca acreditou que pudesse sentir por alguém.

— Nada de estudar, é sexta-feira. — disse Brianna, tomando o livro aberto em cima da pilha — Não precisa bancar a nerd o tempo todo, sabia? Amanhã é feriado.

Rebecca passara os últimos vinte minutos estudando em uma das mesinhas do lado de fora de um café, enquanto esperava Ryan e Brianna chegarem.

— Estou na universidade e em um dos cursos mais concorridos do país — murmurou pegando os outros livros antes que ela os pegasse também — Nem sei como consegui a vaga. Eu tenho que estudar muito, sim.

— Ela tem razão, Becca — murmurou Ryan, virando uma das cadeiras para sentar ao lado dela — Que graça tem isso aqui sem um pouquinho de diversão?

— Falando em diversão — disse Brianna, roubando uma batata frita na mesa — Ethan, aquele deus grego, amigo do Ryan, acabou de chegar com os amigos. Não para de olhar para você.

Rebecca ao menos virou para olhar. Não tinha tempo ou interesse em romances.

— E vocês disseram a ele que tenho uma filha pequena?

Rebecca escondeu o sorriso. Isso geralmente assustava os rapazes interessados nela. Olivia era o melhor escudo que uma garota desinteressada em relacionamentos poderia ter.

— Sim, eu disse — Rayn seguiu Brianna, pegando a fritas, mergulhando-a no molho — E ele disse que teria filhos ruivos lindos com você. Não gostei, mas parece que conquistou o irlandês.

Rebecca foi obrigada a olhar para trás e encarar o ruivo de rosto coberto de sardas.

— Ele é charmoso e tem um amigo lindo. Poderíamos convidá-los e irmos os seis ao cinema. — sugeriu Brianna, animada — Não quero segurar vela para o Ryan e sua namorada nova.

— Ela não é minha namorada, Brianna — ele praticamente a fuzilou com os olhos — Estamos nos conhecendo.

— Cinema? Isso é o que chama de diversão? — Rebecca a provocou antes de declinar o convite — Tenho que estudar e passar mais tempo com Olivia. Minha mãe faz um ótimo trabalho cuidando dela enquanto estou estudando, mas eu me sinto...

— Culpada! — disse Brianna tocando a mão dela — Você é uma mãe maravilhosa. É natural que se sinta assim, mas também tem que viver. Sair um pouco, conhecer pessoas.

Ela levantou, reunindo suas coisas. Viver implicaria baixar suas defesas, confiar novamente. Ela não estava pronta para isso.

— Vejo vocês no fim de semana?

Os dois se entreolharam, derrotados. Entendia o desejo deles de vê-la feliz, mas as coisas não funcionavam assim.

— Vou alugar alguns DVD's — disse Rayn.

— Eu faço a comida — sugeriu Brianna.

— Divirtam-se no cinema e façam tudo o que eu não faria — ela pegou uma batata antes de sair rindo — Ah, paguem a conta também.

Rebecca passou pela mesa de Ethan e seus amigos. Uma jovem sentou ao lado dele e riam de algo. Por um momento, ela imaginou se fosse aquela garota. Com uma vida comum, uma história comum. Rapidamente afastou esses pensamentos de sua cabeça.

Não se arrependia de nada. Não fora ela que errara. Tinha sido ingênua, como uma garota alheia de que no mundo havia pessoas ruins.

Embora a casa que viviam não fosse tão grande como a que tinham em Uptown, era confortável e acolhedora.

— Já chegou? — Laura folheava uma revista quando Rebecca passou pela sala — Pensei que sairia com Brianna.

— Eu tenho alguns trabalhos para fazer.

Não era de todo mentira, mas o suficiente para manter a mãe tranquila.

— Onde está Olivia?

Usou sua velha tática para mudar de assunto.

— Acabei de colocá-la no berço.

Ela indicou a babá eletrônica, alertando que estava de olho em qualquer suspiro que o bebê emitisse.

— Vou vê-la.

Rebecca parou no caminho e voltou para encará-la: — Mamãe?

Laura ergueu os olhos da matéria que estivera concentrada.

— Obrigada — ajoelhou ao lado dela e a abraçou — Obrigada por tudo. Vai sentir orgulho de mim, mãe. Eu prometo.

— Meu amor, eu já tenho — Laura afagou seus cabelos como Rebecca sempre sonhara que ela fizesse — Sempre terei.

Não impotava que Rebecca já não fosse mais a sua garotinha, a bebê que roubaram do berço. Sempre que Laura a abraçava e demonstrava seu carinho, a órfã solitária que sempre fora começava a desaparecer. Era como se nunca tivessem sido separadas.

Quando chegou ao quarto da filha e a viu dormindo como o anjo que era, envolveu o corpinho delicado em seus braços. Era um pecado incomodar a menina, mas não resistiu, precisava tê-la em seu peito.

O bebê bocejou, mas não abriu os olhos. Rebecca caminhou até a cadeira de balanço próximo a janela e lá se acomodou com ela. Dali podia ver o jardim e as rosas que o enfeitavam.

Sempre que se sentava ali, lembrava das tardes que passara no jardim com Olivia.

— Você teria a amado, meu bem — sussurrou beijando a cabeça da filha — E ela teria amado você.

Passou a cantar baixinho enquanto a ninava. O coração já não doía tanto com essas lembranças, sentia apenas uma imensa saudade.

Rebecca ria e se divertia, enquanto lutava para executar uma tarefa tão simples como colocar as luvas de lã em sua inquieta filha de três anos.

— Parquinho! — ela pulava indicando a porta — Eu quero parquinho, mamãe!

— Não esquece o cachecol — Laura entregou a peça delicada e feita por ela mesma — Está ventando um pouco lá fora.

Laura sabia o quanto Rebecca ficava paranóica sempre que a menina ficava doente. Ela se lembrou da primeira vez que isso acontecera e como se desesperara, temendo perder a filha para algo tão corriqueiro como uma gripe causada pela mudança de tempo.

“Crianças ficam doente”, dissera Laura com toda tranquilidade. “Acostume-se a isso”.

Mas ambas sempre choravam quando a menina sofria por uma ou outra picada de agulha quando necessário.

— Duvido que ela fique por muito tempo com ele — disse Rebecca envolvendo a peça entre os ouvidos e pescoço de Olivia — Arrisco meia hora, no máximo.

— Você é a mãe — Laura a provocou — Seja firme.

— Olha quem fala! *Vovó faz tudo o que eu quero!* — retrucou fingindo zanga — Nós já vamos. Vejo você mais tarde.

Rebecca tentou pegar Olivia no colo para chegarem mais rápido à praça perto da casa. A pequena, no entanto, queria ir saltitando. Levaram o dobro do tempo para chegarem até lá. A menina se distraía facilmente acenando para carros e ciclistas na rua, às vezes dava um oi para as pessoas que cruzavam com elas. Aprendera a falar muito cedo e gostava de se comunicar com todos que encontrava.

Assim que chegaram, foram direto para os brinquedos, a caixa de areia era preferida de sua filha. Ajudou-a no escorregador e passaram longos minutos no balanço.

Sentaram em um dos bancos vazios antes de voltarem para casa. Conhecendo bem sua filha, Rebecca sabia que seria uma procissão idêntica à chegada, era melhor recobram as energias antes de retornarem.

Pensava em uma boa desculpa que daria a Olivia, quando avistou um carrinho de sorvete se aproximar. Mas ao olhar para o rosto dela, notou que sua atenção estava voltada para outra coisa. Um casal consolava a filha chorando, que havia caído da bicicleta.

O homem carinhosamente pegou a menina em seu colo, sussurrando e beijando o arranhão em sua perna. Rapidamente a menina o abraçou, substituindo os soluços por um enorme sorriso no rosto.

Antes que o casal seguisse abraçado e felizes, Rebecca desviou o olhar de Olivia para ela. Era pequena demais para entender o que uma família perfeita e feliz significava, mas isso não deixava de abrir um pouco mais a ferida dentro dela.

— Que tal a gente fazer um grande balde de pipoca? — sugeriu fazendo cócegas nela — E assistir aquele desenho que você gosta?

O olhar curioso mudou para animado quando Olivia retorceu o corpo no colo dela, feliz com o novo programa entre mãe e filha.

— Pode ter marshmallow?

— Marshmallows, biscoitos e aquele chocolate quente que a vovó faz.

Doces e desenhos infantis eram muito mais importantes para a menina do que fazer novas amizades pelo caminho.

Aninhada entre as cobertas, Rebecca se perguntava por quanto tempo distrações como aquela seriam suficientes para afastar a curiosidade da filha sobre Michael.

Olivia tinha o carinho dos avós, Ryan, Brianna e o grande amor que a mãe sentia por ela. Mas,

por experiência própria, Rebecca sabia que nada substituía o amor de um pai. O que diria a ela quando a curiosidade virasse insistência?

Tornava-se cada dia mais difícil deixar o passado para trás. Muito mais difícil do que ela imaginara.

Capítulo 37

Havia uma coisa que era sagrada para Rebecca: o tempo que passava com Olivia. Mesmo com as muitas horas de estudo, que se intensificaram no último ano de graduação, e o tempo que dedicou aprendendo e trabalhando com Nicholas também terem ocupado parte de sua vida, mesmo isso exercendo um grau de importância, nada vinha acima de Olivia.

Por isso ela fazia questão de reservar momentos para estar com sua filha, participando de cada estágio do seu crescimento. Vendo a cada ano o desabrochar da menina, e isso também era acompanhado pelo seu próprio amadurecimento como mãe e mulher. Era uma mudança interna que a impulsionava a ter outros sonhos e objetivos.

Estava disposta a ser a mãe que sempre sonhou ter nos dias solitários no orfanato. E muitas vezes se espelhava em Laura para alcançar isso.

— Conta mais, mamãe — implorou a pequena, muito longe da criança sonolenta que acreditara que estaria, após a segunda história infantil — Por favor. Só mais uma.

“*Quem resistiria a um pedido assim?*”, pensou ela, caindo nas graças da menina. Sempre contara contos de fadas para as crianças do orfanato até elas dormirem, nunca imaginou que faria isso com seus filhos um dia. Olivia adorava as histórias que ela contava ou inventava, tanto quanto Rebecca amava contar. Esse era um momento delas, o qual não abria mão.

— A Pequena Sereia? — sugeriu e viu os olhos azuis arregalarem.

Os mesmos olhos azuis que a faziam ter lembranças tão doces e tristes.

— Amo essa! — disse ela saltando na cama.

— Só se você prometer que depois irá dormir — foi Laura parada na porta a negociar com a criança — Tem um dia cheio amanhã. O primeiro dia de aula. Lembra?

Olivia encarava a mãe com olhar travesso. Era difícil para Rebecca manter uma postura firme quando sentia perder tantos momentos enquanto ela estudava e trabalhava fora. Mas sabia que tinha que ser firme com ela, colocar limites e regras, seria o que ajudaria a moldar o caráter da filha e a torná-la alguém de bem.

— Sua avó tem razão — tocou-a na ponta do nariz — Você tem que prometer ir para sua cama depois. Promete?

Ela levantou a mão gorducha em direção a Rebecca, e as duas bateram uma na outra.

— Prometo. Posso dormir com você hoje?

Incitava que Olivia fosse uma criança segura e independente. Apesar do zelo dos seus pais e superproteção com ela, não era mimada ou cheia de vontades.

E embora nunca reclamasse, Rebecca sabia que sentia falta de passar mais tempo com ela.

— Está bem. Pode dormir aqui comigo hoje.

Rebecca trocou o livro ilustrado em suas mãos por outro na pilha que sua filha tinha trazido a ela.

— Era uma vez...

— Vem, vovó — Olivia indicou o outro lado vazio na cama — Você também gosta da Pequena Sereia.

Com um enorme sorriso e o peito transbordando amor, Rebecca iniciou a história com a pequena aconchegada entre ela e Laura. Chegou ao final do livro notando sua respiração suave,

indicando que a menina pegava no sono.

— Mamãe? — sussurrou Olivia, entre o sono e a vontade de manter os olhos abertos.

— Sim, meu amor?

— Acha que vão gostar de mim na escola?

O dia seguinte seria importante para a menina. Passaria a conviver mais com as crianças da idade dela, mais do que as poucas horas em que a levava para brincar na praça nas tardes de domingo.

— Vão amar você, Olivia — sussurrou, depositando um beijo suave em sua testa.

— Meu pai um dia também vai... Como você me ama?

— Ninguém vai te amar tanto como eu te amo — deitou ao lado dela, permitindo que as lágrimas corressem livremente por seu rosto.

Conseguia proteger Olivia de tantas coisas. Mas como a protegeria da dor da rejeição? Ela tampouco sabia lidar com aquele espinho cravado em seu peito.

— Porque eu te amo muito — Olivia não ouviu o que disse, já havia pegado no sono.

Sentiu as mãos de Laura acariciando seus cabelos, exatamente como ela fazia com sua filha. Amor transmitindo amor.

— Como você conseguiu?

Cada vez que o amor por Olivia crescia, ela entendia mais toda a dor e sofrimento que Laura havia passado longe dela. Sua admiração pela mãe nunca ter desistido aumentava.

— Esperança. Eu tinha uma grande esperança de rever você, e mesmo tendo perdido os melhores anos da sua vida, eu vivo a experiência agora com ela. Como dizem, ser avó é ser mãe duas vezes.

Foi abraçada à filha, sentindo o carinho de sua mãe, que acabou também deitando de lado abraçada a ela, que Rebecca começou a pegar no sono.

Havia alguém que poderia ter o mesmo amor incondicional que ela recebia e dava. Mas ele não se importava. Nunca se importou.

E, mais uma vez, a mão gélida e implacável envolveu o coração de Rebecca.

Capítulo 38

Ela finalizou a videoconferência para os demais funcionários, mas manteve a comunicação com seu pai do outro lado da tela. Nicholas estava em Uptown, finalizando a compra de uma importante instituição financeira, que tinha recentemente decretado falência.

Muitos especialistas em economia acharam que aquele seria um investimento de alto risco, mas ela estudou as contas da empresa minuciosamente antes de convencer o pai e os demais diretores de que aquele seria um negócio rentável.

Ela ficara especialista em pegar pequenas empresas rumo à falência e transformar em algo lucrativo novamente. Rebecca sabia que apostava alto dessa vez, mas sempre seguia seu sexto sentido. E até agora não errara.

— Após a surpresa momentânea do mercado, as ações do grupo HadesCard já havia subido consideravelmente — a voz de Nicholas ecoou na sala silenciosa — Acho que você estava certa, pode ter sido um bom negócio.

Rebecca sorriu e fechou o lacre da caneta elegante em sua mão. Olhou para as delicadas e minúsculas pedras cravejadas. Fora um presente de sua mãe quando concluíra sua especialização em economia.

— Está pronta para começar a assumir meu lugar?

A pergunta viera há poucas semanas. Nicholas queria começar a preparar Rebecca a assumir a presidência da empresa, simplesmente a maior rede bancária do país, com algumas filiais pelo mundo.

Sabia que seus pais eram muito ricos, mas só fora entender realmente a proporção do império da família quando começara a estagiar com o pai no último período da faculdade.

— Papai, isso irá levar alguns anos.

Estava se tornando uma excelente administradora, mas o seu pai dirigia um império.

— Você tem algo que eu nunca tive, Rebecca: não tem medo de se arriscar. Eu tenho muito orgulho da profissional que está se tornando.

Constrangida, ela fingiu mexer nos documentos à sua frente.

— Mesmo sendo a “Mulher de Gelo?”

Esse era um apelido que alguns funcionários, desgostosos com seu pulso firme e falta de clemência, passara a dar a ela e que vinha sendo usado pela imprensa sensacionalista, que buscava de todas as formas descobrir o rosto da mulher que vinha aumentando significativamente a receita das empresas de Nicholas.

— E o fato de ainda acreditarem que sou sua amante?

Rebecca via tudo isso com divertimento e insignificância, há muito tempo aprendera que as pessoas viam apenas o que queriam ver, não importava quantas vezes tentasse esclarecer a verdade.

— Isso realmente não me agrada, filha — reclamou Nicholas — Na época entendi sua razão de querer se manter discreta, mas esses comentários são infundados e começam a ter proporções gigantescas.

Nicholas estava irritado em relação a uma matéria de capa que saíra essa manhã, em um jornal de certa importância, e que alegava que a Srta. Griffin tenha chegado ao status de futura CEO da Summer Bank Investment, devido a um relacionamento afetivo com o presidente.

Sua mãe ficara chocada ao ler a notícia no café da manhã e ligara para o marido imediatamente.

Rebecca e Brianna riram do absurdo relatado ali.

— Papai, eles só estão curiosos com quem eu sou — ela sorriu — De certa forma, isso me ajudou em vários momentos. Sempre esperam uma pessoa e encontram outra. É divertido, às vezes.

Ligou o automático quando Nicholas iniciou o discurso do porquê deveriam fazer um pronunciamento público de que ela era sua filha. Ela não tinha interesse de que as pessoas comesçassem a tratá-la diferente agora. Queria ser respeitada por quem era. Não por ser a herdeira rica que todos teriam que engolir.

— Você ouviu o que eu te falei? — perguntou Nicholas, impaciente.

— Sim, papai, eu ouvi — respondeu mal-humorada — Eu tenho uma ano até me acostumar à ideia. Quando assumir as empresas ao seu lado, todos deverão saber quem sou realmente.

Conseguira levar os pais com o discurso de que apenas protegia a filha em relação a revelar sua identidade, depois que gostaria de ganhar experiência sem pressão. Agora, nenhuma das duas justificativas tinham fundamento.

A segurança em torno deles e de Olivia era impenetrável. Havia câmeras de vigilância monitorando a casa a cada minuto do dia e nenhum deles saía sem algum dos seguranças ao lado.

— Será para o seu bem — disse ele em um tom mais suave — Bem, eu volto para casa em uma semana. Até lá, se comporte.

Rebecca riu. Não importava o quanto duro ela trabalhasse, ou sucesso que tinha em cada projeto, seu pai sempre a veria como uma garotinha que ele tentaria proteger.

“Queria que ele tivesse tido esse poder há cinco anos”, pensou ela antes de desligar a tela de projeção.

Conseguira, desde que chegara à Inglaterra, bloquear e guardar toda a mágoa e dor dentro dela. Dedicara-se aos estudos e à sua filha que crescia cada dia mais linda e meiga, mas algo nas últimas semanas vinha mexendo com ela.

Talvez fosse a insistência dos pais para que saísse do escuro. Sabia que quando isso acontecesse, as pessoas especulariam até o último fio dos seus cabelos. Não seria difícil chegarem ao seu passado e obviamente aos Hunter. Isso significaria que Michael teria notícias dela e da filha.

Mantivera Olivia protegida e amada esse tempo todo. Mas qualquer pessoa da família Hunter, ou ligada a ela, ligaria Olivia a eles. A garotinha se parecia com a avó a cada dia mais. Era uma benção e assustador para Rebecca ao mesmo tempo.

Tinha um ano, refletia sobre isso enquanto saía da sala de reuniões. Um ano para se preparar para o furacão que passaria por sua vida.

Mal chegou à sua sala e viu a confusão acontecendo no corredor. Um homem gritava e dois seguranças tentavam colocá-lo para fora. Assim que Brianna a viu, tentou chegar até ela antes que o homem raivoso se manifestasse.

— Vocês só estão interessados em encher o bolso de vocês — gritou ele quando a avistou parada no corredor — Srta. Griffin, um dia terá o que merece, espero ser eu o responsável por fazer isso. Vai pagar por tudo!

Ele continuou berrando enquanto era conduzido de volta ao elevador. Algumas pessoas tinham parado para observar a cena constrangedora.

— Voltem para os seus trabalhos! — Rebecca lançou a cada um deles um olhar duro — Essa empresa não gera lucros sozinha.

Imperativa, cruzou os últimos metros que levavam à sua sala.

— Desculpe por isso — dizia Brianna ao entrar com Rebecca — O Sr. Simmons estava exaltado na recepção, pensei que se conversassem com ele...

— Aqui não é uma clínica, Brianna — Rebecca ocupou sua mesa e olhou firmemente para ela — Nem você uma psicóloga para que ele faça consulta. A empresa do Sr. Simmons foi comprada dentro da legalidade, e fizemos aquilo que ele não conseguiu fazer nos quase dez anos que esteve ao comando dela. Conseguimos lucros e expansão.

— Sim, mas estava em sua família há muitas gerações e...

— E mais nada, Brianna. O que pagamos pela empresa falida foi o justo. Se ele não acha assim, que procure os advogados dele.

Repleta de paciência, ela ocupou a cadeira em frente a Rebecca. Assim como ela, sua amiga tinha mudado nos últimos anos. Estudou e se formou em marketing com excelentes notas. Também havia amadurecido como pessoa, mas ela conseguiu manter o que Rebecca sabia não existir mais dentro dela: Brianna ainda tinha um coração puro.

— Nenhum dos outros proprietários ficaram tão irritados, Rebecca. Ele diz ter sido enganado e está furioso — ela ergueu a mão, impedindo que a amiga se pronunciasse — Eu sei que não faria nada ilegal ou corrupto. Nem você ou seu pai precisam disso. Mas Simmons parece acreditar no que diz. Talvez devesse falar com ele, deixar tudo claro.

— Pedirei que um dos nossos advogados faça isso — finalizou ela, sem realmente dar muita importância ao fato.

Simmons não era o primeiro empresário arrependido por ter vendido a empresa após ver como ela conseguira transformar em um negócio lucrativo.

Não que ela fosse um grande gênio do mundo dos negócios; aliado ao seu talento, Rebecca tinha o dinheiro necessário para investir.

— Quero te mostrar uma coisa — disse Rebecca com a voz animada, o assunto Simmons e sua ira sem sentido ficaram esquecidos.

Ela entregou a pasta a Brianna e aguardou sua reação em relação às fotos.

— Que lugar bonito. Apesar do aspecto abandonado, é realmente muito lindo.

— É um palacete do século XVI, fica no norte da Inglaterra, é completamente isolado e tranquilo. Acho que com uma boa reforma ficará lindo.

— Pretende comprar?

Rebecca jogou a ela os documentos de hipoteca.

— Reivindicar, na verdade. O dono, que deve ser um velho chato e saudosista, vem dificultando as coisas. Pretendo ir até lá amanhã.

— Por que não deixa isso com Haydes? — Brianna praticamente gemeu cada palavra — Qual necessidade de colecionar inimigos?

Talvez ela estivesse certa. Gostava de enfrentar as pessoas e saber até onde poderia ir. Até o momento, saíra vitoriosa de todas as batalhas que havia enfrentado. Quem sabe fosse a fugaz sensação de vitória que a impulsionava a isso, como uma droga que a deixava eufórica, mas que rapidamente perde o prazer que inicialmente proporcionou.

— Papai me deu um ultimato, tenho que parar de me esconder. Esse lugar parece perfeito para ficar com minha filha quando a bomba explodir.

— Ah, vai sair do buraco para entrar na caverna, entendi.

Algo que Brianna também não perdera com o tempo, era conhecê-la muito bem e ser mais racional que ela.

— Vem comigo? — ignorou as insinuações dela ao fazer o convite — Não há nada importante para fazer aqui. Já estou ficando entediada.

— Por que não voltamos a Uptown e ajudamos seu pai? Garanto que tem muitas coisas lá para

manter sua mente ocupada.

Rebecca sabia aonde ela queria chegar.

— Não! Eu disse férias. Eu, você e a Olivia. Nós nunca tiramos férias de verdade desde que começamos a estudar.

Ela porque estava concentrada demais em sua carreira; Brianna porque se sentia em dívida com os pais de Rebecca, que financiaram toda sua educação.

— Por Olivia — disse com a voz mansa, sentindo-se meio culpada por usar a filha dessa maneira.

— Tudo bem, nós iremos até lá. Mas se as coisas ficarem complicadas, voltamos e Haydes cuidará de tudo.

Rebecca pegou uma das fotos que Brianna colocara na mesa e observou a propriedade em ruínas. O palacete lembrava a ela: mesmo com toda reforma que fizesse nele, nenhuma tinta, massa ou restauração que aplicasse poderia apagar sua história.

Capítulo 39

Lake House era uma pequena vila situada em umas das raras regiões montanhosas da Inglaterra. Rebecca, Brianna e, claro, a pequena Olivia, ficaram encantadas e animadas com a vista encantadora ao redor delas.

Em seu primeiro dia, elas apenas exploraram a cidade e passaram boa parte da tarde na famosa loja de chocolates artesanal que havia ali. Caminharam em volta do lago e jantaram em uma pequena cantina, mas que tinha uma refeição maravilhosa e um clima aconchegante.

Olivia era a mais animada, e fizera certa birra quando sua mãe informara que era hora de voltar para casa. O aborrecimento foi logo esquecido quando chegaram ao quarto e ela encontrou suas bonecas.

— A pequena é bem insistente — disse Brianna quando Rebecca colocava a menina sonolenta na cama — Não te lembra alguém?

Ela saiu do quarto sem esperar a resposta. Embora a criança não se parecesse tanto com Michael fisicamente, o temperamento e personalidade faziam com que Rebecca lembrasse dele o tempo todo. Sua filha era tão determinada em conseguir suas coisas como o pai fora em conquistá-la.

Pensar em Michael alimentava sua dor e raiva, que mesmo tentando esconder, pulsava dentro dela. Como um vulcão em erupção, prestes a explodir.

Rebecca decidiu relaxar na banheira após acomodar a filha na cama. Não tinha disposição para aguentar Brianna e suas insinuações essa noite. Afinal, no dia seguinte, ela teria uma longa manhã. Faria o que nenhum dos incompetentes do banco conseguira fazer: alertar ao Sr. Alexander Price que a propriedade não pertencia mais a ele, e que dentro de alguns dias deveria abandonar o local. Não importava quantos berros ou cães de guarda ele pudesse ter. A conversa amigável havia acabado. Aquele seria seu novo lar. Precisaria dele muito em breve, precisava garantir o bem-estar físico e psicológico de Olivia. Não deixaria ninguém magoar sua filha como fizeram com ela.

Quando ela retornou de sua caminhada matinal, tanto Brianna quanto Olivia já estavam acordadas, tomando café na cama e vendo TV.

Cumprimentou a amiga e beijou a filha antes de seguir até o banheiro para uma chuveirada rápida. Rebecca, por natureza, era pragmática e organizada. A roupa que usaria esperava por ela em um cabide, quando saiu enrolada na toalha. Animada, calçou os scarpins e olhou o restante do traje no espelho.

— Vai assim? — indagou Brianna, olhando-a de cima a baixo.

— Está ruim?

— Pensei que estivéssemos de férias. E eu não acho que você, vestida como uma executiva do banco, irá ajudar a quebrar o gelo com o Sr. Price. Poderia usar aquele vestido azul, seria tão mais... espontâneo.

Sorrindo, Rebecca pegou a bolsa e jogou um beijo para ela. Era o máximo de espontaneidade que teria dela. Iria tratar de um assunto de negócios, não desejava agradar um velho rabugento e escorregadio como Alexander Price. Além disso, a roupa austera e coque severo deixavam-na com uma aparência um pouco mais madura que seus quase vinte e cinco anos.

E, de qualquer forma, pouco importava a ela o que Price ou qualquer pessoa pensava dela. Seu objetivo era expulsá-lo dali.

— Bom dia, senhorita Griffin.

— Bom dia, Rufus.

Aceitou a ajuda do motorista para entrar no carro, e assim que ele se acomodou ao volante, seguiram em direção às terras de Price. Ficava a cerca de quarenta minutos de Lake House. O caminho era arenoso e com curvas sinuosas. E embora a vista fosse de tirar o fôlego, Rebecca estava concentrada em verificar os documentos na pasta em seu colo. Documentos que comprovavam que o palacete e toda a terra ao redor dele agora eram propriedade da SBI.

— Senhorita, não dá para passar daqui — Rufus parou o carro e chamou a atenção dela.

Estavam em frente a um portão de ferro antigo e desgastado. A terra era cercada por muretas de pedras de meio metro.

— Tudo bem, Rufus — ela destravou o cinto e abriu a porta — Eu sigo daqui.

Logo que tocou os pés no chão, sentiu o sinal de que o dia não iniciaria tão bem quanto imaginara.

— Merda! — tentou limpar o sapato no tufo de grama, mas a cada vez que o arrastava, lhe parecia ficar pior — Literalmente, merda.

Ignorou os sapatos novos arruinados e foi em direção ao portão. Como imaginara, correntes mantinham-no trancado. Sacudiu as argolas. Diferente das grades enferrujadas, a corrente e o cadeado grossos eram novos e seguros.

O palacete ficava a uns cem metros além do portão. Tinha estilo eclético, emoldurado por colunas clássicas duplas, as paredes eram revestidas de mármore rosa e branco, e a fachada principal era assentada em uma superfície de alvenaria.

Ninguém, além das poucas ovelhas pastando ali, seria capaz de escutá-la de onde estava.

Rebecca abandonou o portão e foi em direção à mureta, onde começou a escalar. “*Graças a Deus não dei ouvidos a Brianna*”, pensou ela. Seria muito mais difícil pular o muro com um vestido estúpido voando entre suas pernas. Mas uma coisa tinha que concordar com sua amiga metida a sábia: deveria ter deixado que os advogados do seu pai assumissem o caso.

— O que está fazendo, senhorita?

Rebecca não sabia se ria da cara assustada de Rufus, de si mesma, ou se irritava-se consigo mesma por se colocar em uma situação tão ridícula. Nem de longe parecia a executiva fria que seus funcionários aprenderam a respeitar.

— Rufus, não faça essa cara de idiota e venha me ajudar — murmurou rispidamente.

Se já estava ali, o jeito era parecer menos imbecil e continuar. Com a ajuda do incrédulo motorista, pulou para o outro lado da propriedade.

— Agora me dê a pasta — pediu ao ajeitar sua roupa — Espere-me aqui, Rufus. O que eu tenho que fazer será algo rápido.

Embora não dissesse nada, ele perguntou de forma silenciosa onde poderia ir sem ela. Rebecca fingiu não notar o olhar insolente e seguiu em direção à propriedade.

O som das ovelhas ficavam para trás enquanto avançava. Estudara a história dessas terras. Há algumas dezenas de anos, serviam de pastagem para a criação de ovelhas, que eram usadas para produção de lã. Era triste ver que um lugar que já fora tão próspero estivesse em uma situação tão decadente.

Chegava próximo à entrada quando viu um homem surgir dos fundos. Ele carregava um forçado e uma caixa de ferramentas.

— Com licença, senhor? — apressou os passos para alcançá-lo antes que entrasse no palacete —

Estou aqui para falar com Alexander Price.

Rebecca não sabia definir se a cara de nojo que ele lhe fizera era decorrido do provável odor em seu sapato ou se era dirigido à presença dela.

— O que você quer com ele? Quem é você?

Ele jogou a caixa no chão, que fez um estrondo aos seus pés, mas manteve o forçado em suas mãos ao se aproximar dela. Mas Rebecca nunca fora a garotinha que se assustava com facilidade.

Encarou os olhos azuis chispando raiva e foi de encontro a ele. Olhando mais de perto, ele era bonito. Embora não fosse uma beleza clássica, o homem chamava atenção tanto pelo porte como ar de arrogância.

— Eu sou Rebecca Griffin — estendeu a mão a ele com um sorriso cordial — Sou da Summer Bank Investment, desejo falar com o Sr. Price. Pode avisar ao seu patrão que estou aqui?

Ele fincou o forçado no chão e lançou a ela um olhar ainda mais desgostoso.

— Não! Eu não posso!

— Senhor...? — esperou inutilmente que ele se apresentasse — Eu preciso. Não, eu quero falar com o Sr. Price. Tenho documentos que...

— Mas ele não quer falar com a senhorita. Em primeiro lugar, não importa quem você é. Segundo, está invadindo uma propriedade privada; e terceiro, ele não quer receber você ou qualquer pessoa desse banco.

— Mas... — Rebecca estava supresa e começava a se irritar com a ousadia do homem em tentar impedi-la de falar com o Sr. Price — Eu tenho documentos que...

Suas palavras foram abafadas por dois assovios estridentes. Logo em seguida, três cães da raça pastor belga surgiram correndo do mesmo lugar que ele viera.

Então, nenhum funcionário da SBI que tentara entrar em contato com Alexander Price mentira. Eram todos expulsos com cachorros dali.

— Acho melhor a senhorita ir embora.

Dois cachorros pararam ao lado dele e um rosnava para ela.

— Quero falar com o Sr. Price imediatamente! — Rebecca não sabia quem rosnava mais alto, ela ou o cachorro mostrando os dentes — Quem você pensa que é para me tratar assim?

— O próprio Sr. Price! — disse ele com um sorriso arrogante — Abaddon, venha aqui.

“*Que tipo de homem dava o nome de um anjo caído ao seu cão de guarda?*”, ela se perguntou ao ver o cão rosnando se afastar.

— Saia daqui!

Rebecca recuou sob o olhar ameaçador, mas não iria embora. Ele estava sendo completamente irracional. Ficaram ali, disputando poder, até que a porta de entrada se abriu.

— Alex? — uma senhora de meia-idade apareceu — Abigail chama por você.

O rosto dele suavizou por um instante, ou foi pelo menos assim que ela imaginou ter visto.

— Eu só vou me livrar desse problema, senhora Lewis — disse ele, sem desviar os olhos de Rebecca — Diga a ela que já estou subindo.

Assim que a porta bateu, Alexander foi em direção a ela com um dos seus cães raivosos.

— Escuta aqui: eu só vou falar com o Nicholas em pessoa. Agora, nunca mais entre nas minhas terras sem ser convidada, entendeu? — ordenou ele, agarrando-lhe o braço enquanto a conduzia em direção ao portão.

— Não são mais suas terras. Saberá disso se respondesse todas as notificações do banco. Sr. Price, todas as dívidas de hipotecas não foram quitadas. Price Palace agora pertence...

— Enquanto eu estiver aqui, essas terras são minhas!

Ele a soltou para procurar as chaves dos cadeados no bolso da calça. Rebecca tentou se aproximar, mas um dos cachorros voltou a rosnar para ela.

— Eu tenho...

— Não quero saber o que tem. Poupei a senhorita por ser mulher — disse ele ao abrir uma fresta do portão e colocá-la para fora — Mas não vou ter a mesma consideração outra vez. Se voltar aqui, solto os cachorros em cima de você. Agora fique longe de mim e da minha propriedade!

— Sr. Price, nossos advogados cuidarão disso. Querendo ou não, em alguns dias irá deixar essas terras e eu terei o prazer de estar presente quando isso acontecer.

Price simplesmente lhe virou as costas e seguiu caminhando com seus cães ao calcanhar.

Lívida, Rebecca agarrou as grades enferrujadas, farpas pinicaram suas mãos, mas ela não se importou com isso. Há muito tempo que ninguém a tratava assim.

— A senhorita está bem? — Rufus veio ao socorro dela.

— Estou ótima, Rufus — lançou a ele um sorriso sereno, bem diferente do furacão em seu interior — Nunca estive melhor.

Alexander Price iria pagar pela forma que a tratou. Ele iria se arrepender de tentar enfrentar alguém como ela.

A primeira coisa que fez ao chegar à pousada foi ligar para Hydes, ele resolveria isso. E Rebecca sentiria um inenarrável prazer de acompanhar passo a passo.

Rebecca olhava a filha brincar com Brianna, na pracinha em frente ao café onde estava com o advogado da empresa. Tentava assimilar o que ele dizia, mas era tão irreal como se vivesse um pesadelo.

— Como assim o meu pai pediu que parasse o processo, Hydes? — ele era uma das poucas pessoas que sabia a verdade por trás do relacionamento entre ela e Nicholas.

Encarou o homem de óculos, que a fazia lembrar de um guaxinim devido às marcas em volta dos olhos.

— Ele me disse apenas para que não me preocupasse com isso e me concentrasse em assuntos mais importantes.

— Haydes, meu pai é um homem ocupado e provavelmente disse isso porque sabe que existem pessoas qualificadas que já deveriam ter sido capazes de resolver algo tão insignificante.

Por mais que Price Palace e as terras em torno dele valessem uma pequena fortuna, era um grão de areia se comparado com tudo o que a família Summer tinha. Para Rebecca, o pai tinha ignorado o assunto, assim como faria com qualquer outra tarefa operacional no escritório.

— Eu quero que você o tire de lá ainda essa semana! — disse Rebecca em um tom de voz que não admitia argumentações — Eu me encarrego do meu pai.

Levantou, pegando a bolsa em cima de uma das cadeiras.

— Tudo bem — Haydes continuou a beber seu café, Rebecca saiu deixando o dela intocado.

Acalmou a respiração antes de sair. Não queria que Brianna e Olivia a vissem tão exaltada. Sentia-se encurralada e irritadiça nos últimos dias. Era para ser férias com as duas, mas Rebecca passara boa parte do tempo dispersa.

Seu desentendimento com Price trouxe a ela uma avalanche de lembranças. Sentiu-se pequena, insignificante com a forma que a tratou, fazendo-a se sentir menosprezada do mesmo jeito que se sentiu quando a trataram como uma marionete, um nada servindo a propósitos egoístas. Isso reavivou,

com as lembranças, mágoa e rancores profundos. Sentimentos que acreditou estarem enterrados iam e vinham com força total.

Como estariam todos que destruíram sua sua vida? A única pessoa de quem tivera alguma notícias fora Caroline. Tinha concluído o colégio e iniciara uma graduação em dança.

Os pais de Rebecca foram em todas as apresentações de balé que ela fizera em Londres. Rebecca fora em apenas a uma delas, a última, na companhia do Ryan. Ainda assim, mantivera-se afastada quando ele se aproximou para parabenizá-la no final do espetáculo.

Pôde notar a amizade entre eles. E o carinho que ele demonstrava com ela. Não era apenas isso; Ryan era apaixonado por Caroline.

Amor que ela não retribuía ou simplesmente ignorava.

— *Você esta bem?* — *perguntara após assistir um dos bailarinos beijar e levar Carol para longe dele.*

— *Tudo bem* — *murmurara Ryan, a voz tão triste como seus olhos demonstravam estar.* — *Vamos embora?*

Ela não insistiu no assunto quando entraram no carro. Assim eram os Hunters. Intencional ou não, destruíam corações desavisados.

Afastou as lembranças. Tinha que esquecer essa parte de sua história. Tinha que virar a página. Quanto mais repetia a si mesma, mais impossível isso parecia ser possível. Estava marcada como alguém presa em uma maldição.

— Onde está a Olivia?

Rebecca sentiu o coração ir até a boca quando encontrou Brianna sozinha em um banco.

Ela levantou os olhos do celular e o guardou em sua bolsa.

— Está ali na frente, brincando com aquela menina.

Sentiu o coração acalmar quando viu o vestido vermelho e branco da filha e os cabelos loiros cacheados caindo pelas costas. Mais calma, observou que Olivia estava em volta de uma cadeira de rodas. Seu coração ficou pequenino ao ver como a filha era amorosa com todas as pessoas em volta dela. Não importavam as condições físicas ou financeiras. Olivia era doce como toda criança deveria ser.

No entanto, o momento perdeu o valor quando ela avistou o homem agachado entre as duas crianças.

— Ela pode brincar comigo amanhã?

Rebecca chegou no instante em que a filha proferia a pergunta. Price ia responder, quando a notou. O sorriso gentil que dera a Olivia morreu ao encará-la.

— O que você faz com minha filha?

— Sua filha?

Price olhou de uma para a outra. Claramente as duas não tinham nada em comum. Enquanto Rebecca tinha cabelos e olhos escuros, Olivia tinha olhos e cabelos claros. Olhos quase tão azuis quanto os dele.

— Olivia, venha aqui.

A garota olhou para a mãe, sem compreender por que estava tão zangada. Não fizera nada de errado dessa vez, estava apenas brincando com uma amiga nova.

— Mas, mamãe!

Esse era o protesto favorito dela. Mas dessa vez Rebecca não se deixou levar pelo olhar tristonho e voz mansa.

— Vá ficar com sua tia Brianna.

Antes de ir, a garotinha correu até a menina na cadeira de rodas. Ela tinha o mesmo tom de cabelos e olhos de Price, não havia dúvidas que seriam parentes. Pelo que Rebecca supunha, a garota tinha por volta de dois ou três anos a mais que sua Olivia.

E mesmo desgostosa com a presença irritante de Alexander, foi impossível para ela não se emocionar com a alegria que a pequena, debilitada em sua cadeira, fazia ao ser abraçada por sua filha.

— Tchau, Abbi — Olivia disse à criança de olhar triste, e em seguida abraçou as pernas de Price — Tchau, tio Alex.

— A gente se vê por ai, menina — os dois bateram as mãos e sorriram.

Enquanto Olivia caminhava para perto da mãe, Alexander aproveitou para se distanciar. Ele e a garotinha sumiram de seu campo de visão assim que a filha pegou a mão dela.

— Por que você o chamou de tio, querida?

Olivia coçou a cabeça enquanto refletia sobre a pergunta.

— Bom, ele não é o meu pai, não é? — disse ela com sua peculiar naturalidade — Então, disse que eu também podia chamá-lo de tio. Todos os homens que conheço e não são meu pai, eu chamo de tio. O Ryan, o Rufos, aquele amigo do vovô...

Rebecca sentiu aquela mão severa apertando seu peito, sem misericórdia. Quando Olivia era menor, era mais fácil desviar qualquer assunto relacionado ao pai dela. Não falara mal, apenas não falara nada. À medida que sua filha ia crescendo, ela notava a diferença entre ela e as crianças na escola que estudava. Claro que havia mães solteiras como ela, mas eram minoria.

— Como você sabe que ele não é o seu pai?

— Porque eu perguntei a ele — disse ela antes de sair correndo até onde Brianna estava esperando.

Rebecca passou o resto da tarde alheia a tudo em sua volta. Estava focada no que Olivia lhe dissera. Teria que ter uma conversa com ela, mais cedo do que imaginara. Sua filha não podia perguntar a todos os homens que encontrasse se eles eram o pai dela. Não sabia por que Price havia sido gentil ao deixar que ela o tratasse como tio, mas sabia que nem todas as pessoas eram iguais. Algum dia, ela poderia sair machucada.

Alguém machucar sua filha era feri-la duas vezes. Olivia fora o principal motivo de ela não enlouquecer.

Capítulo 40

Rebecca decidiu ir embora no dia seguinte. Esperou que sua filha lamentasse a interrupção das pequenas férias, mas ela alegou estar com saudades dos seus avós. Brianna também não se manifestou sobre a abrupta alteração de planos.

— Desculpe por arruinar suas férias — desculpou-se com ela assim que ganharam a estrada.

Brianna levantou os olhos do caderno de desenho que Olivia pintava e a encarou.

— Tivemos dias divertidos, afinal de contas — ela segurou a mão de Rebecca — Eu só queria que baixasse a guarda um pouco. Não precisa estar sempre na defensiva ou atacando o tempo todo. Price não me pareceu alguém ruim e... — ao se deparar com o olhar cético de Rebecca, ela suspirou — Nem todos são seus inimigos ou querem te fazer mal, querida. Gostaria de ver a Rebecca de antes.

Ela puxou a mão das dela e concentrou-se na estrada. Amava Brianna, amava seus pais, amava incondicionalmente sua filha. Mas aprendeu da forma mais amarga que amor e confiança são como uma flor rara e difícil de se encontrar. Todos desejam, poucos podem ter.

— Aquela Rebecca ficou em Uptown — sussurrou.

— Então, acho que deveria voltar e procurá-la — disse Brianna, voltando a atenção à Olivia — Por mais que ame sua filha, ela precisa de mais. Você também precisa de mais.

Não queria mais, não queria nada além do que já tinha. Mantivera-se afastada de Uptown por um único motivo: manter controlada a sede de vingança que nunca a abandonara durante todos aqueles anos. Brianna seria ingênua ao imaginar que enfrentar os fantasmas do passado fariam de Rebecca uma pessoa melhor. A garota que deixou para trás não era a mesma inocente que sonhava acordada com ela no orfanato. Aquela garota estava ferida. Essa nova Rebecca era mais forte e implacável. Unir as duas seria tão perigoso quanto um perigo atômico. Ninguém sobreviveria. Talvez, nem ela mesma.

Rebecca tentava se concentrar nos relatórios e projeções de faturamento diante dela. Os números pareciam dançar em sua frente, como a sopa de letras coloridas que sua filha adorava.

Price... Brianna... Olivia.. Seus pais...

Cada um deles, de alguma forma, mexiam com ela. Estava diante de uma linha que não tinha certeza se queria cruzar.

A luz piscando e o alerta do telefone em sua mesa a vez saltar.

— Srta. Griffin, o senhor Summer deseja vê-la na sala dele, imediatamente.

— Avise que já estou indo.

Um alarme tocou em sua cabeça. Difícilmente o pai usava sua secretária para avisar que queria falar com ela. Normalmente Nicholas ligava diretamente ou ia até a sala dela. Em sua maioria era para almoçarem juntos e irem para casa.

Seu pai não foi a primeira pessoa que avistou ao entrar na sala. Parado, em frente à janela com vista para o Big Ban, estava Price em um terno impecável.

— O que ele está fazendo aqui? — perguntou a Nicholas, parado contra uma parede do outro lado da sala.

— Sente-se, filha.

Rebecca olhou do pai para Price, compulsivamente. *“Por que ele tinha que revelar àquele homem a ligação que eles tinham?”*, ela se perguntava.

— Estou bem assim.

Nicholas caminhou até sua mesa, onde se acomodou.

— Sente-se, Rebecca!

Ela obedeceu. Sabia que quando Nicholas usava esse tom não admitia protesto.

— Você ordenou que expulsassem Alex e a irmã da propriedade deles?

Alex, e não Sr. Price, como o protocolo exigia. Não passou despercebido a Rebecca a intimidade entre eles.

— As hipotecas garantem que...

— Eu disse ao Hydes que eu cuidaria do assunto.

Sim, ouvira isso do advogado, mas concluíra na época que era apenas uma tentativa do seu pai em dispensá-lo ou se livrar do problema.

— Você me disse que eu tinha um ano para tomar aquela decisão — sussurrou.

Não queria que Price tivesse mais informações sobre sua vida do que estava tendo.

— Eu pensei que seria um bom lugar para Olivia e eu ficarmos quando...

— Fugir, você quer dizer — Nicholas a cortou.

— Papai, eu...

Nicholas impediu com um gesto que continuasse falando.

— Alex, pode nos dar um minuto?

Ele concordou e saiu exibindo um sorriso odioso, que fez Rebecca tremer. Quando ele dissera que só falaria com o pai dela pessoalmente, ela encarou aquilo como um blefe ou uma atitude desesperada. Ao que via, os dois tinham um contato bem íntimo.

— Sua mãe e eu passamos nossa lua de mel em Lake House. Era inverno rigoroso. Mas eu insisti com ela em sairmos para conhecer os arredores. Na metade da viagem, a neve começou a cair forte e caímos em uma vala. Edwin, o pai de Alex, nos salvou aquela noite.

Ele parecia emocionado ao se recordar. Rebecca começou a sentir o que odiava sentir: culpa.

— Pensei que íamos morrer. Mas ele nos levou para sua casa. Logo sua mãe ficou doente, e a Sra. Price cuidou dela. Colocaram dois desconhecidos em sua casa e receberam de coração aberto. Alex era um menino quando isso aconteceu. Apesar da distância, nos tornamos amigos. E quando Edwin precisou de dinheiro para o tratamento da sua filha, não hesitei em ajudar. Eu emprestei, e emprestei novamente...

— E de novo — não se manteve calada quando ele a encarou com um olhar severo — As hipotecas nunca foram pagas.

— Eu teria dado o dinheiro ao Edwin se ele aceitasse. Porque é isso o que os amigos fazem, ajudam uns aos outros — continuou ele — Mas ele tinha brio. Quis dar as terras como garantia de que um dia iria me pagar. Mas eu nunca me importei com isso. Quando eles morreram, garanti ao Alex que não se preocupasse. Estava tudo bem, até você se intrometer na história. Onde estava com a cabeça, Rebecca? Expulsar Alex e a irmã doente do único lar que tiveram?

— Não sabia que era irmã dele.

Ela via a palavra mentira brilhando em sua testa. Percebera na hora que eram parentes, cogitou que fossem pai e filha, o que fazia da sua atitude ainda pior.

— E o que ela tem?

A imagem da garotinha frágil, mas ao mesmo tempo sorridente, mexeu com ela. Fazia lembrar da mãe de Michael. Olivia também enfrentou sua doença com coragem.

— Uma doença degenerativa que afeta os órgãos e o sistema motor. Alex tem lidado bem com isso, mas... — ele balançou a cabeça, como se quisesse afastar pensamentos ruins — Eu sei o quanto você chegou aqui magoada, minha filha. O quanto sofreu e tentou se reerguer — ele parecia cansado e abatido — Esperei com paciência que se tornasse uma mulher forte e confiante. Fiz todas as exigências que nos fazia. Mas está se tornando uma mulher fria e solitária.

Em todos aqueles anos, Nicholas nunca fora tão direto com ela.

— Tudo o que eu tinha ou conquistei, não foi passando por cima ou ignorando as necessidades de outras pessoas. Admiro sua sagacidade e talento para os negócios. Estou seguro em passar a administração para você em breve, mas não quero que se torne alguém desumano, isso seriamente me preocupa.

— Eu não sabia que o lugar era tão importante para você.

— Não é o lugar, Rebecca, são as pessoas. Você precisa mudar. Não quero vê-la se destruir assim. Mas não foi por isso que a chamei.

“Havia mais?”, se perguntou, afundando na cadeira.

Tudo o que Nicholas tinha dito a ela era verdade. Fechara a vida e o coração para outras pessoas. Erguera uma barreira em volta de si mesma, impedindo qualquer um de se aproximar. O problema era que estivera tanto tempo longe, que já não sabia se conseguia voltar.

— Para minha infelicidade, Alex é tão orgulhoso como o pai dele — informou Nicholas — Não quis aceitar que eu perdoasse a dívida, então entramos em um acordo.

Rebecca não sabia o porquê, mas seu sexto sentido dizia que não iria gostar do acordo entre eles.

— Ele irá trabalhar para mim, na verdade, para você, e serão descontadas parcelas fixas...

— Mas é muito dinheiro!

Rebecca ficou de pé. Aquilo significava que teria Price ao seu lado por... anos.

— Alex também é formado em administração de empresa, em uma das melhores universidades da Inglaterra. Obviamente pagarei o salário que merece. Também pagarei a cirurgia que a irmã dele precisa fazer.

— Não sabia que era tão grave. Ainda assim, deve muito — ela insistiu, aborrecida — E por que tem que trabalhar comigo? Coloque-o em qualquer outro lugar.

— Eu já disse, quero que assuma as empresas. Por mais que confie na sua capacidade, precisará de ajuda para se adaptar — Nicholas se ergueu, foi até ela e acariciou o ombro dela — Quero curtir com Olivia o que a vida me privou com você, filha. Quero ter mais tempo com a minha neta e todos os filhos que ainda tiver.

Essa declaração tirou o chão de seus pés. Embora eles tivessem criado um vínculo de amor no decorrer dos anos, seus pais nunca mais teriam a sua garotinha de volta. Aprenderam a amar a Rebecca que tinham hoje.

— Alex é um bom rapaz, dê uma chance a ele — continuou Nicholas em uma voz sussurrada — Dê uma chance a você mesma.

— Está me empurrando para o Sr. Price, papai?

— Parece que ele não tem medo de enfrentar você.

Por mais que a declaração tivesse um toque de humor, não gostou do simbolismo por trás dela. Nicholas queria alguém que a ajudasse quando chegasse o momento de assumir a presidência ou desejava vê-la casada e feliz?

— Eu vou trabalhar com ele como você quer — disse indo em direção à porta — Mas esqueça qualquer ideia romântica. Não posso e nem quero amar ninguém.

Rebecca saiu sem notar o olhar decepcionado que o pai exibia. Ele desejava vê-la feliz. Faria

qualquer coisa para que isso acontecesse.

Rebecca se escorou na porta e fechou os olhos. Como seu pai queria que voltasse a se apaixonar, quando os únicos sentimentos vivos dentro dela eram raiva e ódio?

Agira errado com Price e com tantas pessoas em que fora dura nos últimos tempos. Era certo que não deveria respingar em mais ninguém a revolta acesa dentro dela. Tinha que direcionar seu senso de justiça para outra direção. Outras pessoas estavam no topo de sua lista. Eram essas pessoas que tinha que fazer pagar.

— Parece que não ficou muito *feliz* com a notícia?

Abriu os olhos e se deparou com Alexander ao lado dela. Seu ombro apoiado de lado contra a parede enquanto a avaliava.

— Acho que devo pedir desculpas a você — estava sendo sincera — Pela sua irmã. Trabalhar com você não é algo que eu realmente desejo, mas é um pedido do meu pai.

Agora sabia o motivo de ter praticamente fugido de Lake House; fugia da ideia de imaginar a criança doente e desamparada.

— E você sempre faz a vontade do papai?

Estava claro para ela que Alexander estava tão descontente com o acordo de Nicholas quanto ela. Em uma coisa seu pai estava certo: ele era orgulhoso demais para recusar a oferta.

— Alex. Posso te chamar assim agora, não é? — perguntou em tom de deboche — Filhinha do papai é a última coisa que sou. Verá isso muito em breve.

Passou por ele e caminhou em direção à sala de Brianna. Precisava de alguém com quem pudesse conversar, alguém que, embora não aceitasse, entendesse quem ela era agora.

— Tem razão. Filhinhas de papai não invadem propriedades alheias, enfrentam cães raivosos e não fazem ameaças. Estou ansioso para começarmos a trabalhar.

— Bem-vindo, Sr. Price — respondeu sem virar para olhar em sua reação.

Havia um sorriso ao abrir a porta de Brianna. Ainda podia não gostar de Alexander Price, mas tinha que admitir que, quando ele queria, tinha senso de humor.

Andava de um lado ao outro da sala. Sentia-se menos raivosa, mas ainda estava chocada com a ideia de trabalharem juntos. Há alguns dias estava sendo expulsa de Price Palace, e agora teriam meses, anos, dividindo o mesmo espaço.

— Ele é insuportável, Brianna — disse cruzando os braços e batendo o pé — Ainda tem meu pai com ideias casamenteiras.

Rebecca dizia constantemente sua decepção por Olivia não ter nada dela, mas Brianna, ao observar a amiga bufando e batendo os pés, lembrava exatamente dos raros momentos de fúria que a menina tinha.

— Eu o acho muito atraente — disse ela, voltando às propostas de uma nova campanha que estivera estudando.

— Faz um grande favor para nós duas, então — disse Rebecca ao ocupar a cadeira em frente à mesa dela — Fica com ele. Você precisa de um namorado, acho que você e Price têm tudo a ver.

— Não será um grande sacrifício pensar nesse caso — Brianna levou a caneta aos lábios — Estou gostando muito de pensar na ideia.

Rebecca sorriu. Era isso que tinha ido buscar ali. Brianna sempre via o melhor das coisas, sempre a deixava mais calma.

— Ótimo, mantenha-o bem longe de mim.

— Tudo bem, não sei por que você insiste em descartá-lo assim — Brianna a encarou como se ela fosse maluca com a possibilidade de dispensar um homem como aquele — Mas poderiam ser amigos, pelo menos?

— Se ele for menos idiota.

— Se você for menos ranzinza — rebateu Brianna.

— De que lado você está?

— Do meu e da minha paz de espírito? — Ela ergueu as sobrancelhas de forma debochada.

Rebecca suspirou e levantou-se com intenção de voltar para sua própria sala e trabalho que deixara na mesa.

— Prometo tentar — virou ao alcançar a porta — Vai mesmo namorar com ele?

— Sempre fui mais esperta do que você — provocou ela — Se ele quiser, sim.

Rebecca estava animada por ela. Não conhecia pessoa mais carinhosa e leal que Brianna. Do fundo do seu coração, queria ver sua amiga feliz. Não era porque ela tinha fechado essa porta de sua vida que desejava o mesmo a Brianna. Não funcionava assim. Brianna era a irmã que a vida lhe deu. Então, se houvesse qualquer possibilidade que Alex a completasse, tentaria ter um relacionamento o mais cordial possível com ele.

Capítulo 41

Excluindo datas como natais e ano novo, esse era o único dia que baixava a guarda e Rebecca se permitia relaxar.

O aniversário de sua pequena Olivia. Ela adorava festas, e passara todo o mês apenas falando sobre isso.

— Vovó!

Olivia se aproximou da mesa de doces que Laura e Rebecca estavam montando para ela.

— Pode ser a festa de aniversário da Abbi também? — pediu ela, a voz em um sussurro.

— E por que você não pede à sua mãe? — Laura a pegou em seu colo.

— Porque meu avô já deixou — continuou sussurrando — A tia Brianna e tio Alex também. Será um montão de gente contra ela.

— Ei, ouvi tudo isso, sua pequena causadora de intrigas — cutucou a barriga da menina, onde sabia que ela tinha cócegas — Colocando todos contra mim. O aniversário de Abbi é só daqui a alguns meses. Por que quer comemorar agora?

— Ela é minha melhor amiga, mamãe, quero soprar as velinhas com ela.

— Mas é claro que você pode! — dizia Laura ao encher a garotinha de beijos — E vamos agora falar para ela.

Dessa vez, Rebecca não chamaria a atenção de sua mãe por fazer todas as vontades de sua filha. Olivia a fazia lembrar dela e de Brianna no tempo do orfanato. *“O mundo seria melhor se as pessoas tivessem o coração inocente das crianças, não haveria tanto egoísmo e tanta maldade”*, meditou ela.

— Olivia é muito gentil — Alex se colocou ao lado de Rebecca, e juntos continuaram o trabalho de enfeitar a mesa que ela iniciara com a mãe — Será mesmo que os filhos puxam os pais?

— É o seu jeito de fazer um elogio, Alex?

Nos últimos meses trabalhando juntos, crescera entre eles amizade e companheirismo. Rebecca ainda era receosa em confiar nas pessoas, mas dia a dia Alex demonstrava que era alguém de bem. Não apenas por sua sinceridade ao extremo e que às vezes a irritava, mas também pelo carinho com que ele tratava a irmã.

— Eu não faço elogios — respondeu colocando um dos doces na boca — Estava filosofando.

— Filosofando?

Ela enfiou outro doce na boca dele, para o manter calado.

— Já conseguiu o que você queria. Agora vá embora.

“Era uma pena que entre ele e Brianna não tivesse acontecido nada”, pensou ela, desapontada. Acabaram por se tornar um belo trio de amigos. Sua sonhadora e provocadora amiga insistia em dizer que Alex só tinha olhos para ela. Não era assim que Rebecca enxergava as coisas. Mesmo que fosse, não poderia.

— Tudo bem, pessoal — Brianna surgiu com um enorme bolo, salpicado de balas de goma, o preferido de Olivia — Hora de soprar as velinhas e devorar esse bolo delicioso.

Cada momento da festa era registrado por Rebecca. Sua filha era muito pequena para entender o grande significado que era ter todas as pessoas que a amavam ao redor dela.

Rebecca revivia ao lado de Olivia cada ano que sonhara com uma festa como aquela.

No momento de apagar as velas, Alex e Rebecca ajudaram as pequenas em frente ao bolo.

Brianna escondia uma lágrima. Seus pais sorriam felizes, abraçados. Não era difícil deduzir o que todos eles imaginavam. Que os dois pudessem ser um casal.

Ela olhou para Olivia, sujando Abbi de cobertura de bolo, enquanto Alex provocava as duas, e se perguntava por que não podia fazer o que todos esperavam dela.

Com toda sinceridade, Rebecca desejava deixar o passado para trás. Não podia. O quadro era lindo para quem via de fora. Mas não era verdadeiro. Michael era o pai de Olivia, seria ele quem deveria aparecer no álbum de fotos. A cada festa, a cada comemoração, seu coração endurecia mais ao se deparar com essa verdade.

Michael as expulsara da vida dele, mas ele não saíra da vida delas.

Rebecca ajustou o brinco em sua orelha, calçou os sapatos de saltos finíssimos, passou o batom que combinava com o vestido vermelho e saiu.

Não olhou sua aparência no espelho. Não verificou se estava bonita e atraente. Não importava, há muito tempo não se importava com isso.

— Você está linda, minha filha — Laura lhe deu um beijo carinhoso na testa e exibiu um sorriso animado e sonhador — Alex ficará encantado.

Rebecca estava satisfeita que alguém nessa noite estivesse feliz por ela, já que ela mesma estava longe disso. Mas prometera aos pais, a Brianna e até mesmo secretamente à sua filha, que iria tentar. Que seguiria em frente e seria a filha, a amiga, a mãe e talvez a futura esposa que todos eles desejavam que fosse. E esperava, com todo coração, que pudesse ser.

— Mamãe, é só um jantar. Não crie expectativas, por favor.

Ignorando a advertência de sua filha, Laura continuou falando como ele era um rapaz incrível, que pela forma que tratava Abigail seria um excelente pai para os filhos de alguma sortuda que o agarrasse.

— ...E não tenham pressa de voltar. Olivia, Brianna e eu organizamos uma pequena festa para nós três.

A campanha soou antes que Rebecca pudesse manifestar qualquer comentário. Alex surgiu na porta em um terno escuro, que além de lhe proporcionar um ar elegante, deixava-o com toque misterioso.

Ele era bonito, não podia negar. Também conhecera um jovem cuja beleza a fizera perder o fôlego. Pena que por trás da camada sedutora havia uma alma vazia e um coração gelado.

— Está muito bonita, Srta. Summer — Alex beijou sua mão em um gesto galante, mas o divertimento nos olhos dele a fez rir.

— Ainda não sou a senhorita Summer — ela puxou a mão e foi em direção à saída — Não publicamente.

— Ainda não... — sussurrou ele.

O jantar foi agradável, Alex sabia como ser encantador e divertido. Os dois decidiram esticar a noite em um novo clube na cidade. Ela gostava de dançar, e normalmente, quando o fazia, era com Brianna. E a noite sempre terminava com as duas bêbadas, rindo das patéticas tentativas dos homens tentarem se aproximar delas.

— O que você quer beber?

Apesar da casa estar relativamente lotada, tiveram a sorte de encontrar uma mesa desocupada.

— Um Ice e muito gelo.

Rebecca já tinha abusado do vinho durante o jantar. Mesmo sabendo que Alexander era alguém que poderia depositar confiança, sabia que era perigoso baixar a guarda. Algo que ela teria que trabalhar mais à frente se pretendesse dar uma chance àquela relação, era confiança.

— Eu tive que vir olhar de perto para poder acreditar. Rebecca? Achei que nunca mais iria vê-la.

Em questão de segundos, a música estridente, as pessoas em volta, as luzes piscando, a fumaça e o aroma que vinha com ela, tudo isso desapareceu. Rebecca se viu outra vez encolhida em um banheiro minúsculo e frio. Estava tão assustada e perdida como estivera na época.

Durante os longos anos que seguiram, às vezes se perguntava como estavam ou o que tinha acontecido às pessoas que haviam destruído sua alma e inocência. Acima de tudo, o que faria se um dia reencontrasse algum deles.

— Roger?

Encarou o rosto que jamais poderia esquecer. Reavivou o ódio que nunca fora capaz de sufocar. Era como se todos os sentimentos estivessem emergindo de dentro dela, saindo das sombras que um dia os sufocara. Surgindo como uma fênix em toda sua glória.

— Você está bonita — disse ele, varrendo seu corpo com os olhos — E, pelo visto, se deu bem.

Rebecca imaginou-se avançando sobre ele, marcando seu rosto com as unhas e desfigurando o sorriso cínico que um dia ela acreditara ser amigável. Queria agredi-lo e fazê-lo pagar por todos os dias de sofrimento, pela dor e tristeza que ainda carregava dentro de si.

Mas isso seria muito pouco; seria muito pouco descontar a raiva e o ódio por meio de tapas e palavras ofensivas.

— Claro, com esse rostinho de anjo — continuou, aproximando-se mais, sentando-se na cadeira vazia ao lado dela — E com esse corpo. Não sabe quantas vezes sonhei com você, Rebecca. Quantas vezes eu me arrependi de não ter ido adiante. De não ter comprovado o quanto parecia... *deliciosa*.

Rebecca sentia nojo. Um asco tão repugnante que a fazia querer vomitar. Roger não sentia por a ter enganado, traído ou debochado da confiança que depositara nele. Ele lamentava não tê-la levado para a cama, como Michael acreditou.

— Mas a vida sempre dá uma segunda chance — sorriu amplamente e verteu o copo de bebida que trazia com ele — Quanto você tem cobrado pelo programa? Vendo o cara com quem estava, não é uma prostituta qualquer. Soube valorizar o seu passe. É de garotas interessantes assim que eu tenho admiração. Formaríamos uma dupla e tanto.

Ela estava entre atônita e anestesiada. Roger desenhou com a ponta dos dedos uma linha entre seus lábios e o queixo. A bile subiu até sua garganta, sufocando-a.

— Não me toca! — com um gesto brusco, Rebecca o afastou, ficando de pé — Nunca mais me toque, seu verme asqueroso e nojento!

Desajeitadamente, ele ficou em pé. Estava bêbado e encorajado pelo álcool correndo nas veias. Somente isso explicaria a ousadia em se aproximar dela, concluiu Rebecca.

— Já entendi — disse ele, erguendo as mãos — Nada de graça, nem para um velho amigo. Então, quanto custa o programa?

— Miserável! — o xingamento saiu com um brado de fúria.

Queria arrancar suas vísceras como um cão raivoso e faminto saído das profundezas do inferno. Queria destruí-lo!

— O que está acontecendo aqui?

Alex colocou-se entre Roger e ela. Seu corpo bloqueava a visão de Rebecca, mas respirar o mesmo ar que aquele verme seria o suficiente para contaminá-la e transformar em alguém irracional e violento.

Não precisava mais imaginar como reagiria ao reencontro; todos os sentimentos fervilhavam dentro dela.

— É só um acordo de negócios, senhor — emitia Roger em sua voz desprezível — Sei que essa é a sua noite, mas Rebecca e eu somos velhos conhecidos. Também quero ter o meu momento com ela. Não é todos os dias que podemos ter a companhia de uma jovem tão linda. Tenho certeza que valerá cada centavo que der a ela...

Antes que ela pudesse registrar o discurso nojento e desrespeitoso que Roger fizera dela, ele já estava no chão, depois de ter sido nocauteado por Alex até ser obrigado a se calar.

Os pés de Rebecca ficaram gelados com a bebida que respingara neles, quando os copos que Alex trazia estilhaçaram. Mas nada poderia ser comparado ao frio e vazio dentro dela. Nem mesmo o fogo do ódio podia aquecê-la.

— Por quê? — Ela ajoelhou diante do homem caído e que gemia como um bebê chorão.

— Por que fez aquilo, Roger? — agarrou seus cabelos e o obrigou a olhar para ela — Por que me enganou? Por que traiu a minha confiança?

Fizera a pergunta milhares de vezes. Também já sabia a resposta.

Rebecca viu um vislumbre de um sorriso amargo no rosto dele e se perguntava como um dia pudera ter visto bondade nele.

Roger sempre fora um ator, executando o seu melhor papel para uma jovem tola.

— Eu devia muito dinheiro a um agiota, precisava de dinheiro — declarou ele, nenhuma emoção ou arrependimento chegava aos seus olhos — Eu precisava de muito dinheiro. Stacy podia me dar. Michael nunca te amou de verdade, Rebecca. Se amasse teria ficado com você e não teria voltado para ela. No fim, fiz um favor aos dois.

Suas mãos tremiam ao soltá-lo, mas não tanto quanto um imensurável desejo queimando dentro dela.

A necessidade de dar o troco. Pagar na mesma moeda. Tinha Roger ferido aos seus pés. Mas Rebecca queria mais, Roger merecia muito mais...

Olhou em volta. As pessoas olhavam, curiosas. Talvez acreditassem que o que estivesse ocorrendo fosse uma briga entre dois jovens apaixonados. Ou um homem defendendo sua amada de um atrevido e bêbado. Ninguém poderia imaginar que nessa noite surgia algo muito maior.

— Vamos embora! — disse a Alex.

Ele a conduziu, abrindo caminho entre as pessoas. Rebecca se deixou guiar até a segurança do carro como uma boneca sendo carregada. Parecia que todas as suas forças tinham ido embora.

— Rebecca? — Alex ergueu seu rosto, fazendo-a encará-lo — Quem era aquele homem e o que aconteceu?

Jogou-se nos braços dele e aceitou o conforto que ele lhe dava. Estava cansada de guardar tantos sentimentos dentro dela. E com soluços que já não cabiam em seu peito, lavou sua alma.

— Desgraçados! — urrou ele, seu punho batendo contra o volante — Seus pais sabem sobre isso?

— Não tudo. Sabem que trabalhei na casa do Michael e que ele é o pai da minha filha. Sobre Roger e Stacy, o agente da polícia me disse que, sem provas, nada poderia fazer contra eles. E eu só queria sumir dali. Não quis arrastar meus pais para toda aquela lama. Ainda não quero. Então não irá dizer nada sobre essa noite.

— Mas isso não pode ficar assim, Rebecca — insistiu ele, indignado — Eles não podem fazer o que quiser e achar que não tem consequências.

— Quem disse que não terá consequências? — Rebecca o encarou com um olhar carregado de determinação — Cada um deles terá o que merece. Só depois disso eu terei paz. Só depois disso

conseguirei seguir adiante.

Alex emitiu um xingamento, levado pela frustração. Ele entendia o que as palavras dela significavam.

— Achei que se eu fosse embora deixaria tudo para trás. Recomeçaria minha vida e seria feliz ao lado da minha filha e dos meus pais — confidenciou — Mas tudo o que eu fiz foi fugir e negar o que o meu coração implorava.

— Rebecca...

Ela tocou seu peito, impedindo-o de continuar.

— Sei o que essa noite significava, Alex. Eu estava mesmo disposta a tentar, mas eu não posso. Não até ter virado essa página em minha vida. Não até conseguir o que sempre desejei e tentei sufocar aqui dentro.

Ele desviou o olhar da mão contra seu peito e fixou nos olhos determinados.

— E o que tanto você deseja?

— Justiça!

— Justiça ou vingança?

Dando de ombros, Rebecca se acomodou para colocar o cinto.

— Dê o nome que você quiser.

Alex bufou um sorriso. Mais do que ninguém, ele entendia o desejo de retaliação que Rebecca carregava dentro dela, mas ele também sabia que aquele poderia ser um caminho sem volta.

— Vingança pode vir com um preço muito alto, Rebecca — ele colocou o carro em movimento e olhou mais uma vez para ela — Pense bem se está disposta a pagar por isso.

Nessa noite, ela não dormiu. Passou as horas seguintes no quarto da filha. Meditou sobre como teria sido suas vidas sem a interferência e planos sórdidos em separá-la de Michael.

Rebecca teria segurado as mãos de Olivia e se despedido dela; teria falado da neta que levaria o seu nome e também teria presenciado o reencontro com seus pais.

Teria dado todo o carinho e apoio que Caroline e Max necessitaram.

Sua filha teria o pai que tanto lhe fazia falta e provavelmente um ou dois irmãos com quem brincar. Enquanto Michael e ela estariam cada vez mais apaixonados e felizes.

Mas nada disso acontecera. Não se despedira de Olivia, não fora a amiga que Carol e Max precisaram, sua filha não tinha um pai, o amor que um dia sentira por Michael morrera e ela havia se tornado uma mulher fria e vazia.

Movida pelo ódio e sede de vingança. Um desejo que fora invocado ao reencontrar Roger.

E nos primeiros raios de sol, com sua filha ainda dormindo como um anjo, Rebecca desceu ao escritório de seu pai.

— Sr. Brosnan? — a confirmação trouxe o primeiro sorriso aos lábios dela, após aquela noite decisiva em sua vida — Preciso dos seus serviços. Não, prefiro que seja em um café próximo à empresa, segunda de manhã, pode anotar o endereço?

Enquanto passava as coordenadas a ele, Rebecca riscou o primeiro nome em sua lista.

Roger.

Capítulo 42

Reconheceu o detetive em uma das mesas. Estava bebericando seu café em uma parte mais isolada. Brosnan não parecia ter mudado nada no decorrer dos anos, só havia adquirido alguns fios de cabelos brancos na região das têmporas.

— Sr. Brosnan? — aceitou a mão estendida a ela — Espero que sua viagem às pressas tenha sido tranquila.

Ele puxou a cadeira para que ela se sentasse e respondeu com um balançar de mãos.

— Em que posso ajudá-la, senhorita Summer?

Rebecca passou a hora seguinte dizendo a ele o que a levou a pedir por sua ajuda. Brosnan não encarava Rebecca como se ela fosse maluca ou estivesse perdendo a razão. Ele conhecia uma parcela de sua história. Ele testemunhara a garota destruída que sobrevivia naquele chalé e o quanto ela lutou para se transformar na mulher determinada que era hoje. Ou quem sabe fossem os longos anos de profissão e experiência em sua carreira que impedisse que ele se chocasse com os mais absurdos pedidos.

— Você quer que eu descubra tudo sobre eles...

— Que seja a sombra de cada um, vida pessoal e profissional. Quero saber de cada ponto sujo. Tudo o que eles desejam esconder e o que têm a perder.

Brosnan apagou o cigarro no pires. O aviso de que era proibido fumar ali não parecia incomodá-lo. Por estarem em um canto mais afastado e discreto, também não causou a eles mais do que um olhar duro de uma garçonete e um aviso em direção à placa, que obviamente ele ignorou.

— Vou precisar aumentar a equipe — alertou ele — Normalmente trabalho apenas com minha secretária, mas estamos falando de três pessoas. Também sairá caro.

Rebecca tirou o talão de cheques de dentro da bolsa. Assinou uma quantia que achou razoável para que Brosnan iniciasse o serviço.

— Dinheiro não é problema — entregou o cheque a ele.

Brosnan sorriu. Um sorriso de quem tem todas as respostas do mundo, mas não tinha pretensão de compartilhar.

— Dinheiro sempre é o problema — ele sorriu ao olhar o valor — Não no seu caso. Assim que tiver alguma informação válida, eu entro em contato.

Rebecca concordou com um leve aceno de cabeça. Sentia-se eufórica, como uma viciada diante de mais uma dose.

“Vingança pode vir com um preço muito alto, Rebecca.” As palavras de Alex vieram assombrar o momento. *“Pense bem se está disposta a pagar por isso.”*

Vingança era o que dava forças a ela para continuar. Não era tola, sabia que poderia sair ainda mais machucada quando destruísse todos eles, mas dessa vez ela não seria a única a lamber suas feridas.

— Comece pelo Roger, senhor Brosnan — ela levantou e colocou os óculos escuros — Algo me diz que ele será o alvo mais fácil de derrubar.

Saiu do café sentindo-se renovada. Não foi para o prédio da filial da SBI. “O dia parecia radiante ou toda essa energia vinha de dentro dela?”, se perguntava.

— Não vamos para o escritório, Rufus — informou ao motorista que mantinha a porta aberta — Vamos até aquele shopping perto daqui.

Do interior do carro, Rebecca avisou sua secretária que chegaria mais tarde e que ela adiasse todos os seus compromissos.

Sua primeira parada foi no salão de beleza. Fez limpeza de pele, um novo corte de cabelos que os faziam parecer mais volumosos e cair em camadas, refez as unhas e pegou novas dicas de maquiagem com um dos maquiadores. Dali foi a diversas butiques e lojas exclusivas. Trocou o terninho bege que usava por um vestido discreto, mas elegante, em um tom azul.

— Pode levar as compras para casa, Rufus. Volto com meu pai ou pego carona com alguém.

— Sim, senhorita.

Rebecca respirou fundo antes de entrar no prédio. Se antes ela circulava pelos corredores exalando confiança, naquele momento sentia-se poderosa, enquanto alguns pescoços viravam e olhos surpresos seguiam seu rastro.

— Caramba, é você mesma? — perguntou Brianna ao se cruzarem no corredor que levava à sala de Rebecca.

— Tem um tempinho para um café?

— Se não tivesse, com certeza arrumava — respondeu ela ao entrar.

Rebecca virou para sua secretária igualmente atônita, pediu serviço de copa e que as duas não fossem incomodadas.

— O senhor Price realmente opera milagres.

Brianna circulou em volta dela, assobiando a cada giro que dava.

— Do jeito que você fala, parece que eu vinha suja e fedendo para o trabalho.

— Não, mas... — ela se acomodou na cadeira indicada a ela — Eram roupas tão sérias e sem vida. O que aconteceu? O jeito que ficou o fim de semana, pensei que o jantar tinha sido um desastre. Decidiu reconsiderar e dar uma chance ao Alex?

— O jantar foi maravilhoso, estávamos nos divertindo, resolvemos esticar até aquela nova boate na cidade. Já fomos lá uma vez.

— Sei qual é.

— Eu pensei e repensei em dar uma chance ao Alex, talvez eu tivesse me encorajado aquela noite se algo não tivesse acontecido — Rebecca caminhou até a janela e observou a tarde começando a cair lá fora — Na verdade, se eu não tivesse reencontrado alguém.

— Algum daqueles alunos lindos da sua sala? Alguém que fez seu coração palpitar novamente?

Rebecca sorriu. Brianna sempre tinha as melhores expectativas sobre a vida. Já ela, diversas vezes aprendera que sonhar era perigoso. Sonhos eram destruídos e destruíam você.

— Alguém que fez meu coração palpitar — murmurou ela, voltando a encara-lá — Não da forma que você imaginou.

Ela respirou profundamente antes de dizer. Brianna a encarava confusa e calada.

— Encontrei o Roger.

Brianna saltou da cadeira e a olhou como se tivesse acabado de dizer que mortos ressuscitavam.

— Aquele Roger?

Rebecca acenou. Precisou se sentar e tentar controlar as emoções que vinham sobre ela como meteoros caindo do céu.

— Ele te machucou, Becca? — Brianna sempre usava o apelido carinhoso quando estava tensa ou preocupada com ela — Aquele maldito fez alguma coisa a você?

— Não! — tentou acalmá-la — Acreditou que eu fosse uma prostituta de luxo acompanhando o Alex...

— O quê?!

— Alex o colocou em seu lugar.

— Precisamos falar com o seu pai. Aquele cretino não vai...

— Não, Brianna. Deixe meus pais fora disso. Roger não fez comigo pior do que fez no passado. E revê-lo foi bom para mim.

Brianna voltou a sentar, ainda mais confusa do que estivera.

— Como assim? Pensei que o odiasse. Passou a vida toda proclamando isso.

— Eu odeio — disse ela, em uma voz absurdamente controlada — Ter Roger frente à frente me fez ver o quanto eu o odeio. O quanto odeio cada um deles. Por isso foi importante reencontrá-lo. Você me perguntou sobre Alex, certo?

— Sim, mas o que ele...

— Entendi por que não posso dar oportunidade ao Alex e a ninguém mais que surgiu ou surja em minha vida. Eu tenho que virar essa página da minha vida. Você sempre esteve certa, Brianna. Fugir não me levaria a lugar algum. Tenho que os encarar de frente.

— Onde exatamente você quer chegar?

Rebecca cruzou as mãos em cima da mesa e a encarou firmemente.

— Eu vou dar o troco — murmurou com um sorriso se formando nos lábios — Roger... Stacy... Michael. Cada uma deles terá aquilo que merece.

— Está falando sobre vingança?

“*O que havia com Brianna e Alex, afinal das contas?*”, ela se perguntou. Não era apenas a mulher amargurada querendo se vingar de quem a fez sofrer. Não foi apenas uma amizade desfeita, uma garota qualquer que tinha roubado seu namorado e um amor não correspondido. Cada um deles a tinha matado em vida. Tinham manchado sua integridade e honra. Era uma questão de justiça.

— Pode chamar assim, se preferir.

Rebecca lembrou que dissera o mesmo a Alex quando a levou embora.

— Eu entendo que você esteja com muito rancor de Roger e Stacy — disse Brianna — Mas o Michael? Ele é o pai de sua filha.

— É exatamente por Olivia que eu faço isso, Brianna. Sabe que meu pai quer parar com a brincadeira de esconde-esconde. O que acha que irá acontecer quando todos descobrirem? Olha para minha filha...

Entregou um retrato em cima da mesa a ela.

— Se eu acreditasse em reencarnação, diria que é... — suspirou e escondeu o rosto entre as mãos

— Não vou ficar fugindo e tentando defender minha filha. É por ela que faço tudo isso.

— E o que você irá fazer?

— Tenho alguns meses antes que meu pai passe a presidência para mim e Alex. Falei com o detetive Brosnan essa manhã, lembra-se dele?

— O homem que encontrou você.

— Isso mesmo. Pedi que Brosnan investigasse cada um deles. Passado, presente. Eu vou fechar o cerco e derrubar cada um.

— E quando ao Michael? Ele é o pai da sua filha! — Brianna falava e gesticulava para a foto, exaltada — Olivia pode não entender nada agora, mas um dia... Um dia ela irá crescer e descobrir o que sei lá você quer fazer ao pai dela. Sua filha sairá magoada.

Fora por aquele motivo que ficara afastada de todos no fim de semana. Pensou e repensou em como tudo aquilo afetaria sua filha. A única pessoa que podia machucá-la era seu pai. Então, sua vingança em relação a Michael tinha que envolver apenas a ela.

— E é por ela que, com ele, serei mais misericordiosa.

— Então, caso siga com essa ideia absurda, vai deixá-lo de fora?

Rebecca se escorou contra a cadeira, cruzando os braços e pernas. Brianna podia conhecer a ingênua Rebecca que crescera com ela no orfanato. Podia ter aprendido a conhecer a Rebecca magoada e que havia amadurecido, mas ela não conhecia essa nova Rebecca que começava a surgir.

— Não foi o que eu disse.

Ouviram a batida na porta, e em seguida a secretária surgiu com o carrinho de café.

— Primeiro, eu vou destruir o Roger — disse ela, derrubando uma peça imaginária de xadrez em cima da mesa — Depois vou aniquilar a Stacy. O Michael, farei com que se case comigo.

Brianna cuspiu o café que havia colocado na boca.

— Quê?

— Farei com que case comigo. Com que me deseje e rasteje aos meus pés. Farei da vida dele um inferno, e quando estiver completamente apaixonado, vou deixá-lo por outro.

— Exatamente o que fez com você — acrescentou Brianna — Não está esquecendo de uma coisa? E Olivia?

— Olivia terá o lugar de direito naquela família. Mesmo se o desgraçado do Michael insistir em...

— sentia seu peito sangrar apenas em imaginar — Se ele continuar a desprezar a filha, Max e Caroline não o farão.

— Rebecca!

— Não há nada que eu possa fazer contra isso, Brianna. Ela já pergunta pelo pai. Não vou continuar escondendo por muito tempo. O que posso tentar é impedir que Michael a magoe o máximo que eu puder.

— Escuta, por que não esquece tudo isso? — Brianna ajoelhou em frente a ela — Somos outras pessoas agora. Você é outra pessoa. Case com o Alex agora. Olivia o adora. Deixe que ele seja o pai que ela precisa.

— Eu não posso, Brianna. Será que não entende? Farei Alex infeliz e seria infeliz também. Eu tenho que me livrar de todo esse ódio em meu peito.

Rebecca sentia-se fraquejar com a emoção que via refletida nos olhos dela.

— Talvez não seja o ódio que a impulsiona, como acredita — murmurou ela, secando os olhos ao se erguer — Isso se chama amor. Você ainda ama o Michael, não ama? Por isso toda essa mudança?

Rebecca sentiu suas palavras como uma bofetada em seu rosto. Não podia amar Michael, pois ele nunca fora digno do seu amor. O que sentia era ódio.

— Eu amei loucamente, Brianna. Agora só sinto desprezo.

— Você não vai desistir, então? — perguntou ela a caminho da porta.

Rebecca negou com a cabeça. Chegara até ali, não iria voltar.

— Brianna?

Rebecca podia aceitar que ela fosse contra o que planejava. Ela só não podia suportar que Brianna lhe virasse as costas.

— Não pedirei que se envolva ou faça algo — caminhou até ela — Mas não me deixe sozinha.

— Ah, Rebecca — ela encurtou a distância que as separava — Se eu fosse uma boa amiga, ou até mesmo sensata, diria aos seus pais o que pretende fazer, mas isso não iria te parar. Eu entendo a mágoa que carrega, vi você conviver com ela todos os dias. Estarei com você agora, também. Mesmo sabendo que essa história pode acabar mal. Estou e sempre estarei ao seu lado. Algo me diz que vai precisar que esteja ao seu lado quando isso acabar. Apenas tenha cuidado. Não saia mais ferida do que já entrou.

Após ela sair, Rebecca passou a meditar sobre suas palavras. Não tinha como sair mais

machucada. Precisava ter um coração para ser magoado. Isso, ela já não possuía mais.

Os encontros com Brosnan passaram a acontecer no mesmo café onde se encontraram na primeira vez. Ele revezava entre Uptown e Londres em busca de informações sobre Roger. O dossiê que dera a ela a havia deixado mais enojada do que surpresa.

Viciado em jogos e apostas, ele frequentava lugares que Rebecca acreditara existir apenas em filmes ou nos livros policiais que Brianna gostava de ler. Michael uma vez a alertara que seu primo andava com pessoas barra pesada, estupidamente ela não acreditou.

Um dos clubes que Roger passava quase todas as noites encobria ilegalidades como altas apostas, lavagens de dinheiro, tráfico de drogas e prostituição.

Roger vivia na roleta russa. Ganhava e perdia dinheiro com a mesma facilidade com que ficava bêbado. Enganava jovens inocentes para conseguir dinheiro ou servia de fornecedor para jovens ricos e suas festas.

— O que aconteceria se ele devesse algumas dessas pessoas? — Rebecca apontou para um dos nomes na lista.

— Ele estaria muito encrencado — Brosnan deslizou o dedo para o primeiro nome — Mas esse aqui, Caleb Acker. Dever para ele seria o mesmo que vestir o terno de defunto. É ele que controla toda essa área.

— Que tipo de jogos o Roger gosta?

— Na maioria das vezes, cartas. Às vezes, aposta em lutas.

— Lutas?

— Como briga de ruas, mas envolve, digamos, profissionais.

— Sr. Brosnan, preciso que me faça um favor — disse ela — Preciso que contrate uma pessoa.

Enquanto ela explicava o que precisava que ele fizesse, Brosnan se perguntava se aquela garota imaginava onde e com quem estava se metendo.

— Vou conseguir o que você quer — ele levantou, apagando o cigarro — Tome cuidado, senhorita. A última notícia que dei aos seus pais os fizeram chorar de felicidade. Quero manter essa lembrança.

Rebecca o observou caminhar entre as mesas e desaparecer na calçada. Precisava calcular cada passo. Roger gostava de apostas, mas ela também sabia jogar.

Xeque-mate!

Capítulo 43

Rebecca pegou a caixa no fundo do armário e sentou-se no chão antes de abrir. Foi tirando um a um os pertences que guardara no decorrer dos anos. A joia que Olivia tanto insistira em rever, mas não tivera tempo, e que agora tinha uma foto dela e de sua filha. Os primeiros fios de cabelo de quando sua menina ainda era um bebê, havia cortado logo que começaram a crescer. O primeiro sapatinho de lã que usara. Levou-o ao nariz, ainda tinha o leve perfume delicado.

Mas a caixa não protegia apenas lindas lembranças de sua vida.

Pegou a pulseira, o primeiro presente que Michael dera a ela. Lembrou-se daquele dia e como ficara feliz.

Tirou da caixa a folha amassada que continha uma foto antiga. Imprimira a notícia no site do jornal de Uptown, logo que chegara à Inglaterra. A nota descrevia o elegante íntimo jantar de noivado entre os jovens Michael Hunter e Stacy Henderson, dois jovens sortudos da alta sociedade local.

Na foto, Stacy estava sentada ao lado de Michael, a cabeça apoiada em seu ombro, a cabeça virada para a câmera. Na mão erguida, segurando a taça de champanhe, ela exibia o exuberante anel de noivado.

Sorria, vitoriosa.

Michael olhava para frente, só era possível observar-lhe o perfil. Parecia sério ou incomodado com algo.

Rebecca já não poderia contar ou dizer quantas vezes pegara e amassara aquele papel amarelado.

Mas podia afirmar que todas as vezes que o via, sentia a mesma apunhalada de quando ouvira pelos lábios de Stacy que eles iriam se casar.

Todas as vezes se sentia traída.

— Rebecca? — a cabeça de Brianna surgiu na porta após a batida — Alex já está lá embaixo.

Ela guardou os pertences com pressa e secou rapidamente as lágrimas manchando seu rosto.

— Diga a ele que já estou indo — disse a Brianna enquanto guardava a caixa e as lembranças dentro do guarda-roupa — Desço em um minuto.

Assim que ela saiu, correu ao banheiro, lavou o rosto para afastar o vestígio de que havia chorado e retocou o batom.

Encontrou Alex e Brianna cochichando na sala, porém obviamente interromperam a conversa ao vê-la. Não era preciso que eles fizessem segredo sobre o assunto que tanto discutiam. Os dois tinham a mesma opinião sobre o que Rebecca tinha planejado essa noite.

Tinham medo por sua integridade física e emocional. Ela apenas não ficara determinada em colocar em prática seu desejo de vingança; estava obcecada.

— Então, nada do que dissermos fará você mudar de ideia? — perguntou Alex, cruzando os braços — Sabe que é arriscado, não é?

Rebecca sentou na cadeira em frente a eles. Serviu-se de um copo generoso de suco antes de voltar a encará-los e responder.

— Não tem que fazer isso, Alex — bebeu metade do suco antes de concluir — Posso pedir ao Rufus que me acompanhe. Ter você lá é apenas um alibi para os meus pais.

Ela mentia. Mesmo tentando colocar seu melhor olhar indiferente, todos eles sabiam que ela sentiria mais segurança se Alex estivesse presente.

— Eu vou. Vamos repassar o seu plano maluco mais uma vez — disse ele.

Sorrindo, ela devolveu o copo de volta à bandeja, instantaneamente sua sede agora era outra.

Eles estudaram várias e várias vezes cada etapa do que fora arquitetado para mais tarde. O que poderia dar errado e o que precisariam fazer, se fossem obrigados a mudar os planos.

A maior preocupação era que Roger não fosse ao clube hoje. Na última semana, vinha tendo sorte nas cartas, e na noite anterior ganhado uma pequena fortuna. Apostas que sequer desconfiava terem sido financiadas por Rebecca.

— E se ele decidir ir comemorar e gastar todo o dinheiro? — Brianna deu voz aos receios de Rebecca.

— Ele não irá — Alex respondeu — Está eufórico, achando que encontrou a mão no jogo. É um vício tão perigoso como qualquer outro. O que o motiva é a emoção que o jogo provoca a ele .

Ela queria dizer a ele que o que impulsionava Roger era a crueldade em seu coração, mas não podia se permitir ficar emocional essa noite. Sua reação patética em seu quarto tinha sido o suficiente por hoje.

— De qualquer forma, temos o plano B — finalizou Rebecca — Roger aparecendo ou não, terá o que merece essa noite.

O primeiro peão em seu jogo iria cair.

Esperara por isso tempo demais. Tinha chegado a hora da revanche.

O clube era bem diferente do que ela imaginava. Pensou em um cabaré estilo Moulin Rouge, com uma decoração aveludada em vermelho sangue e prostitutas dançarinas andando de corpetes e seminuas. Embora os vestidos minúsculos que algumas mulheres exibiam não ficassem tão longe assim.

A decoração era bem similar a um dos casinos que se encontrava em Las Vegas. Havia vários ambientes. Salas para cartas, outras para *strip dance*, quartos privados, em que ela podia imaginar o que acontecia ali. Ambientes para apenas beberem, enquanto os homens conversavam fumando seus charutos.

— Dizem que depois daquela porta, naquele corredor, leva ao subterrâneo — Rebecca pegou o coquetel que Alex entregou a ela — É lá que acontecem as lutas. Não acha que estão exagerando? Só vejo um bando de homens imbecis querendo ser machões.

— O guarda ali na porta não parece desmentir a lenda. Só membros exclusivos podem entrar.

— Podem estar escondendo drogas — Rebecca sussurrou e olhou em volta para verificar se não estavam sendo ouvidos — Brosnan disse que Acker é o rei do crime por toda Londres.

De qualquer forma, ela não desejava testar aquela teoria. O que quer que aconteça naquele clube, ela sabia que aquele não era o seu lugar. Queria terminar com tudo e ir embora o mais rápido possível. Alguns daqueles homens que a encararam quando circulou pela casa davam-lhe medo.

O celular vibrou, impedindo que continuassem a conversa.

“Já estamos aqui”, dizia a mensagem.

— Eles chegaram.

Rebecca indicou o casal surgindo na porta. A morena ao lado de Roger lembrava muito a Rebecca. Essa fora uma das exigências que fizera ao detetive quando pediu que ele contratasse uma garota de programa que pudesse servir como isca para atraí-lo.

O plano era que Rubi o atraísse até a mesa de jogos enquanto perdia uma considerável fortuna. Para ele, ela era uma herdeira rica, recém-separada, sozinha e entendiada na cidade.

Até mesmo alugara o apartamento de luxo, onde ela passara a viver. Fora com o dinheiro que dera a ela que Roger iniciara as primeiras apostas.

Roger se sentia o rei. Ganhando altas quantias, conquistando o coração da linda mulher de coração partido.

Observou de longe o casal conversar e sorrir. Sempre que Rubi entregava um novo copo de bebida a ele no bar, olhava discretamente para trás, em direção à mesa de Rebecca, e sorria.

Uma de suas missões era embebedar Roger ao ponto de ele não conseguir notar o circo que era armado ao redor dele.

Rubi fora uma farsa. Os jogadores que dividiram a mesa com ele foram uma farsa, o jogo fora uma farsa. Exceto essa noite.

Essa noite, ele estaria na mesa de Caleb Acker e seus ilustres amigos. Perdendo não apenas a fortuna que Rebecca tinha proporcionado; essa noite ele perderia sua alma.

— Vamos tomar nosso lugar — ela disse a Alex quando viram o casal abandonar o balcão do bar — O jogo real começa agora.

Saíram e foram em direção à sala de cartas. Havia quatro mesas de aposta. O ambiente era mais escuro, com luzes opacas presas aos cantos da parede. O objetivo era dar um clima obscuro, misterioso e carregado de adrenalina.

— Aquele de terno branco é Caleb Acker — disse Alex quando foi em direção à mesa em que Roger fizera suas primeiras apostas — O quê? Eu fiz meu dever de casa. Não esperava que eu viesse até aqui apenas com as informações que quis passar.

Ela foi impedida de replicar quando o Pit Boss, o homem responsável por supervisionar os jogos, indicou seus lugares.

De onde eles estavam, podiam observar Roger e Rubi de costas para eles. Podiam acompanhar o jogo de longe sem o medo de serem flagrados.

Algumas pessoas podiam caminhar nas quatro mesas que tinham ali e no pequeno bar, mas ninguém poderia se aproximar da mesa de Caleb Acker.

— Então? Como conseguiu que Acker convidasse Roger para a mesa dele?

As apostas de Roger e Rubi começaram a chamar atenção, principalmente porque um dos funcionários subornados por Rebecca fizera um bom trabalho em espalhar a notícia. Caleb não apenas ficara curioso com o cliente que começara a ganhar admiração, como ficara instigado pelo desafio que isso proporcionava.

Para ela não importava que Caleb fosse o rei do crime em Londres. Era apenas mais um imbecil mostrando suas penas de pavão.

— Não é inteligente brincar com alguém como Acker, Rebecca! — ele sussurrou no seu pescoço quando fingiu fazer um carinho ali, enquanto aguardavam a primeira jogada — Você pode ter dinheiro, mas ele é um criminoso sem escrúpulo algum. Se ele notar que está sendo enganado...

Rebecca olhou em direção ao homem calvo e de bigode comprido, e retribuiu o carinho, sussurrando: — A única coisa que Acker irá perceber é o quanto Roger é um blefe. Duvido que permita que ele entre aqui ou em qualquer casa de jogos que pertença a ele de novo. Agora relaxa. É a sua vez.

Pelo sorriso que o mafioso exibia, o plano de Rebecca seguia exatamente como esperava. Rubi deu o sinal que esperavam, e ela avisou a Alex.

Roger parecia confuso e supreso ao passar pela mesa deles acompanhado de Caleb e seus capangas assustadores.

— Senhores... — Alex colocou as suas fichas na mesa — Um homem sábio percebe quando deve

parar. Essa jovem e eu temos outros planos.

Acertaram as contas, e meia hora depois estavam no carro.

— Acabaram de sair de lá — Rebecca informou a Alex assim que pararam em frente ao prédio — Roger deve cem mil dólares a Caleb Acker. Parece que o nosso amigo não sabe mesmo quando parar.

— E você já não acha que é suficiente?

Ela desviou o olhar da mensagem e foi em direção ao tom de voz exaltado.

— Quase seis anos de dor e sofrimento são suficientes para você? — perguntou amarga — Acha que cem mil dólares paga as mentiras e humilhações que suportei?

Alex esfregou os olhos e apoiou a cabeça contra o banco.

— É só que... clubes ilegais, bandidos como Acker... Não acha que está indo longe?

— Roger frequentava aquele lugar. Ele deve uma pequena fortuna em apostas. Não pode ou tem como nos incluir nisso. E sim, vou até onde for preciso.

Rebecca pegou a bolsa no banco de trás do carro, saiu batendo a porta com raiva e inclinou contra a janela aberta: — Você vem?

Alex não respondeu. Saíram do estacionamento em silêncio. Aguardaram no apartamento vazio que ela alugara por mais de três horas, à espera do alerta de que poderiam prosseguir.

Lá fora, o dia começava a clarear através das janelas.

Rebecca se sentia ansiosa e nervosa quando a mensagem finalmente chegou. Seu coração batia tão acelerado que poderia explodir em seu peito. Não era medo, era euforia.

— Olá, Rubi.

Encontraram a jovem saindo do quarto quando entravam.

— Aqui estão as passagens de avião — Rebecca retirou o envelope da bolsa e entregou a ela — A conta com o valor combinado e todas as despesas médicas pagas com o melhor cirurgião do país.

A jovem deu uma rápida conferida no envelope antes de agradecer e sair. Sua parte naquele plano estava finalizada.

Rebecca parou em frente à porta por um minuto. Além daquela barreira de madeira, estava o último golpe de sua vingança contra Roger.

— Acho melhor você ficar aqui, Alex.

— Rebecca...

Sentiu a mão em seu ombro, mas não podia encará-lo agora.

— Isso é entre mim e ele — murmurou decidida — Eu grito se precisar de ajuda.

A mão abandonou seu ombro e passos seguiram atrás dela. Estava sozinha para enfrentar o fantasma do seu passado. Mas, dessa vez, ela tinha o poder.

Girou a maçaneta fria, abriu a porta sem pressa. Deparou-se com a câmera armada em frente à cama e Roger ainda inconsciente amarrado nela. O efeito da bebida e da droga que usara com Rubi em breve perderia o efeito, e Rebecca estaria ali para vê-lo despertar. Confuso e com medo, exatamente como ela estivera ao despertar no banheiro frio do apartamento dele, anos atrás.

Puxou a poltrona branca e colocou ao lado da câmera. Sentou com elegância e cruzou as pernas. Ela gostaria de ter um cigarro naquela hora, mesmo não sendo fumante. Achou que cairia muito bem à cena, deixaria tudo mais dramático. Por outro lado, não queria distrações, queria toda sua atenção voltada para ele quando acordasse.

Levou mais quarenta minutos até que Roger abrisse os olhos e se deparasse com os dela. Tentou levantar, mas as algemas em suas mãos, na barra da cama, o impedia de se movimentar.

— Que merda é essa? — ele urrou, forçando os pulsos a se soltarem — O que você está fazendo aqui?

— Como você se sente, Roger? — perguntou ela em uma voz branda — Sozinho, com medo, amarrado? Confuso sobre o que possa acontecer? Eu poderia sacar uma arma da minha bolsa e atirar na sua cabeça, ninguém saberia o que aconteceu. Sabia que esse apartamento foi alugado no seu nome? Ninguém chegaria a mim.

Ratos suavam? Rebecca podia afirmar que sim. Roger era uma patética demonstração de um covarde morrendo de medo.

— Rebecca, eu sinto muito — ele começou a dizer — Eu gostava de você, eu juro. Depois acreditei que cedo ou tarde Michael a perdoaria. Eu precisava de muita grana, estava com a vida em risco...

— Por isso decidiu destruir a minha?

Ela mexeu na bolsa, e isso o fez emitir um grito desesperado.

— Foi a Stacy, tudo foi um plano dela. Olha, eu estou devendo muita grana de novo, para um cara muito pior. Então me matar talvez até seja um favor que...

— Não pretendo matar você — disse ela ao se levantar — Não vou descer tão baixo. Não importa o quanto eu tenha te odiado.

— Então o que você quer, porra?!

— Primeiro te contar uma história. Uma linda história de amor. Mas é uma pena, não acaba como uma dessas lindas histórias de amor. Está mais para um drama Shakespeariano. Começa com um lindo bebê sequestrado no berço, tomado dos seus pais.

Ela caminhou até ele, pegou uma das fitas em cima da mesinha ao lado da cama e lacrou os lábios dele.

— Não quero ser interrompida pela plateia emocionada — ela sentou ao lado de um Roger com os olhos esbugalhados.

Sentia todo o nojo e fúria agindo dentro dela, mas os manteve sob controle.

— Essa garotinha cresceu num orfanato, sozinha e triste, sempre sonhando em reencontrar os pais, mas isso nunca aconteceu. Quando fez dezoito anos, foi trabalhar na casa de umas pessoas muito ricas. Sentiu-se acolhida e amada. Apaixonou-se pelo filho dos patrões. Ingênua, acreditou que ele também a amava. Ah, mas não é só isso, não acaba aí. Toda história tem os bandidos e os mocinhos. O primo do suposto mocinho e a ex-namorada dele uniram-se para os separar.

Ela usou o lençol para secar o suor que escorria em direção aos olhos dele.

— Drogaram a mocinha e forjaram uma traição que nunca existiu — continuou ela — Ah, espera, existiu sim. A ingênua mocinha pensou que o primo do seu amado era realmente amigo dela. Mas, resumindo a história, depois de ser enganada, jogada em uma praça para morrer, ser humilhada e abandonada pelo homem que amava mais do que qualquer pessoa nessa vida, a sorte dela mudou.

Rebecca sorriu do mesmo jeito encantador de quando contava uma historinha para a filha dormir.

— Ela reencontrou os pais. Laura e Nicholas Summer. Reconhece esses nomes? — perguntou, satisfeita com a surpresa dele — A mocinha estudou e se transformou em uma linda mulher. Mas o destino teima em agir como quer, não é mesmo? A jovem reencontrou um dos seus inimigos, e em vez de ele demonstrar arrependimento, quis humilhá-la mais uma vez.

Tsc. Tsc. Ela estalou a língua.

— Isso não parece acabar muito bem — prosseguiu ela com um olhar irônico — Velhas feridas nunca deveriam ser abertas. Rebecca, esse é o nome dela, para esclarecer. Contratou um detetive e seguiu cada passo daquele rapaz. Descobriu que ele gostava de jogos e fazia outras coisas ilegais. Contratou uma acompanhante muito parecida com ela para chamar sua atenção.

Rebecca ficou de pé e caminhou até a câmera. O alívio correu seu corpo quando finalmente pôde

se afastar dele.

— Alugou esse apartamento para que ele acreditasse enganar uma herdeira inofensiva e rica, que facilmente pudesse conquistar. Deu dinheiro para que ele fizesse apostas, forjou todas as vitórias que ele pensou ter conquistado e conseguiu um jogo de verdade com um dos bandidos mais temidos da cidade, senão do país.

Queria vomitar a qualquer momento, tamanha era a repulsa que sentia por ele.

— Ainda tem mais: enquanto ele jogava, homens vasculhavam o apartamento dele — ela caminhou até o banheiro.

De onde ele estava, podia ver a pia e o que Rebecca tirava da gaveta. Pílulas, tabletes embrulhados em papelotes prateados, além de uma variedade de drogas ilícitas eram tiradas de uma sacola.

— Bons meninos não deveriam brincar com coisas tão feias — disse ela, jogando tudo no ralo.

Podia ver Roger rugindo e se contorcendo. Dever uma pequena fortuna em aposta de jogos era ruim; dever uma pequena fortuna em drogas era muito pior.

Pegou a frasco e o pano branco em cima da pia e retornou ao quarto, colocando-os na cama.

— Mas, nós ainda temos um *Gran finale* — disse ela indo em direção à câmera que conectou à TV — Não era estranho que Rubi nunca tenha deixado você avançar o sinal? Claro que tinha toda aquela história de que ela tinha o coração partido e queria ir com calma. É claro, você é tão gentil.

Ela ligou o vídeo. Apareceu Roger beijando Rubi. Ela oferecendo mais bebida, a pílula que ele prontamente aceitou, os dois tirando a roupa. Ela vendando os olhos dele. O momento em que ela aparece nua em um close.

— Rubi era o nome artístico usado por Rubens — ela levou a mão à boca, fingindo surpresa — Ah, você não sabia que ela era um homem? Bem, não será mais em algumas semanas. Um dos benefícios em enganar você foi a cirurgia que o fará completamente mulher. Ai, não faz essa cara. Pelo o que eu vejo na imagem, estava gostando... Estava gostando muito.

Rebecca parou em frente à TV, bloqueado a imagem em que aparecia um fazendo sexo oral no outro. Não queria nem precisava ver o restante do vídeo, os gemidos falavam por si.

— Nesse momento, todos os seus amigos, até mesmo os clientes do clube, inclusive Caleb Acker, viram seu vídeo.

Voltou a se aproximar dele e cravou suas unhas no rosto banhado de lágrimas.

— Em uma hora você irá acordar em uma praça qualquer, bem longe daqui — pegou o frasco e umedeceu o pano que tinha trazido do banheiro — Eu sugiro que você fuja para o pior buraco que encontrar. Caleb, seus fornecedores de drogas ou quem mais você tenha prejudicado, irão caçar você. E eles não serão tão misericordiosos quanto eu.

Encarou os olhos desprezíveis pela última vez.

— Olho por olho — pressionou o tecido sobre o seu nariz, enquanto ele esperneava e seu gemido e choro eram abafados pelo lacre em sua boca — Dente por dente. Acho que agora estamos quites. Tenha a vida miserável que sempre mereceu. Espero que se lembre de mim, tanto quanto me lembrei de vocês.

Quando ele fechou os olhos, Rebecca se afastou. Os homens que contratou para o tirarem dali também fariam uma varredura no apartamento, mas, por garantia, pegou todos os objetos que usou e jogou em sua bolsa.

Ainda queria desferir os anos de raiva que sentira por ele. Mas, no momento, era suficiente as marcas que deixara em seu rosto. Por um longo tempo elas estariam ali, o fazendo se lembrar dela.

Sentia o coração um pouco mais leve e de uma outra forma mais pesado também. Fechara aquela

porta do passado, mas sentia que, de alguma forma, tinha aberto uma nova ferida. Fizera exatamente o que pretendia fazer, mas também não sabia se aprovava essa Rebecca sombria que acabara de nascer dentro dela.

— Se você demorasse mais um segundo, eu iria entrar! — Alex esbarrou com ela na porta — Que merda estava acontecendo lá dentro?

Rebecca atirou-se contra os braços dele. Sentia alívio e tormenta dentro dela. Existiam duas pessoas brigando lá dentro.

— Alex, me tira daqui! — soluçou ao ser abraçada — Por favor.

Foi o que ele fez. A levou para longe do passado, da dor, dos fantasmas que atormentavam sua alma.

Dessa vez não era uma intrusa em Price Palace. Era uma mulher quebrada precisando colar os pedaços espalhados pelo caminho.

Capítulo 44

Alexander estava cansado de entrar e sair da residência e encontrar Rebecca no mesmo lugar e posição. Desde que descera para o café da manhã, ela se mantinha envolvida com uma manta em um dos sofás em frente à lareira.

— Seu pai ligou. Sua filha está bem, todos estão bem, se isso interessa — disse ele, sentando na mesinha francesa antiga, em frente ao sofá — Eu avisei que passaríamos o fim de semana aqui. Ele ficou bem animado com a notícia.

Rebecca permaneceu calada, olhando para além dele. Alex se sentia tão invisível como ela demonstrava.

— Rebecca! — estalou os dedos rente ao seu rosto — Está me ouvindo?

Ela o encarou confusa.

— Meu pai disse para eu passar o final de semana aqui?

— Seu pai acredita que estamos aqui como um casal, e sua mãe, nesse momento, deve estar ouvindo sinos de igreja, foi isso o que disse. Ah, sua filha...

— O que tem a Olivia? — perguntou aflita.

— Está bem.

Ela sacudiu a cabeça, fincou os cotovelos nas pernas e segurou a cabeça em uma reação derrotada.

— Acho que sou uma péssima mãe — murmurou amargurada — Tudo o que eu consegui pensar, desde que me trouxe, foi que ao me vingar do Roger, não tirou a raiva que sinto por eles. Não apagou a dor de não ter dado adeus a Olivia. Acho que essa dor nunca vai passar. Eles roubaram meu último momento com ela.

Alex a abraçou e deixou que Rebecca soluçasse em seus braços.

— Eu pensei e só penso no que farei com a Stacy — pranteou ela — E meus pais eufóricos fazendo planos românticos para mim, que talvez...

As últimas horas tinham sido desgastantes para ela. Pensar e planejar uma vingança era bem diferente de executá-la. Tinha uma parte dela que se sentia realizada e ainda mais forte. Outra que se perguntava o que de bom restaria dela quando tudo isso acabasse.

— Nunca irão se concretizar — concluiu ele — O que realmente impulsiona você, Rebecca? O desejo de justiça ou o desejo de ter Michael de volta? Ódio ou amor?

Brianna também já tinha feito milhares de vezes essa mesma pergunta a ela.

— Eu já falei os motivos que me levaram a...

Alex ficou em pé, andando de um lado para o outro, enquanto ela emitia o mesmo discurso.

— Eu me sinto atraído por você — confessou Alex, segurando seu rosto — Me senti atraído pela mulher atrevida e impertinente que esteve aqui há alguns meses. Aprendi a admirar a mulher inteligente com quem passei a trabalhar. A mãe dedicada que é com Olivia. A amiga fiel com Brianna e filha amorosa que demonstra ser com Nicholas e Laura. Mas não sei se estou gostando dessa Rebecca de agora. E menos ainda, se vou gostar da que está indo se transformar. Não sei se consigo vê-la se casar com o Michael e voltar mais destruída do que já está.

Rebecca o encarou com surpresa. Tinha falado seus planos para Roger e Stacy, mas ela pouco falara de Michael.

— Brianna me contou — ele respondeu à sua indagação não pronunciada — Não fique irritada

com ela. Apenas pensou que eu deveria saber onde posso estar entrando.

— Não vou ficar irritada com ela — disse Rebecca, também ficando de pé — Eu disse que me casaria com alguém, Alex, não era necessariamente com você. Bom, ao menos se ainda estivesse interessado. Desculpe não ter sido completamente honesta.

Estava sendo sincera naquele momento. Não queria magoar ninguém que amava, durante aquele caminho. Alex se encaixava em uma das pessoas queridas por ela.

— Só seja daqui para frente — ele murmurou antes de ir em direção à porta — Talvez eu ainda esteja aqui quando isso acabar, mas só se a Rebecca que conheci estiver de volta.

Isso era algo que ela não podia prometer.

Ele estava consertando uma das cercas no lado norte da pastagem quando a viu se aproximar. Os cabelos voavam ao vento e o vestido longo grudava em suas pernas, dificultando sua descida pela colina. No rosto, havia um sorriso que há algum tempo ele não via lá. Umas das coisas que Alex mais amava em suas terras, é que era impossível alguém não se deixar contagiar por tanta tranquilidade e beleza.

A propriedade e extensão em volta dele pertenciam à sua família por gerações.

— Você é um conde? — Rebecca levou a mão à cintura ao perguntar isso — Um conde de verdade!

Alex não pôde deixar de rir com a empolgação que presenciava.

— É só uma formalidade, Rebecca. Um título já sem importância.

— Você é um conde! — ela revirou os olhos — Na Inglaterra!

— Ainda bem que eu não sou um conde na Pensilvânia — ele jogou o martelo na caixa de ferramentas, fechando-a em seguida — Você teria sérios problemas com isso. Imagine. Sozinha. Aqui. Comigo.

— Por que nunca falou nada sobre isso?

— Porque eu não queria essa reação — Alex passou a caminhar — Realmente não tem tanta importância como algumas pessoas possam imaginar. Veja bem, há muito tempo sou um conde falido. Ser conde não ajudou a salvar essa propriedade. Ser conde não vai me ajudar no futuro.

Ela se colocou ao lado dele na caminhada. Ele podia jurar que as engrenagens dentro da cabeça dela estavam girando.

— Como descobriu isso?

— Dei umas voltas pelo palacete, vi alguns quadros. Encontrei a biblioteca e...

— Andou xeretando — provocou ele — Pensei que o senhor Brosnan fosse o detetive nessa história.

— Você fez tanto esforço em esconder como de revelar esse fato, ou seja, nenhum. Sou apenas uma observadora.

Rebecca apressou os passos e parou em frente a ele.

— Não, o nome disse é intrometida.

— Que seja. Eu quero saber de todos os detalhes.

— E o que exatamente você quer saber?

Ela respirou fundo e voltou para o lado dele. Enroscou o braço no de Alex e voltaram a andar.

— Todos os detalhes sujos da realeza. Eu fiz o jantar e vi que você tem bons vinhos em sua adega.

— Está querendo me embriagar para conseguir algo comprometedor contra mim, senhorita Summer?

Rebecca riu. O som foi levado pelo vento em um eco contagiante.

— Ah, sempre tentando desvendar as minhas boas intenções, senhor Price...

— E eu nunca consigo.

Não havia muito na despensa para que Rebecca tivesse se aventurado na cozinha. Pasta ao molho branco e uma garrafa de vinho, era o que teriam para aquela noite.

Preparara o jantar após falar com a mãe e trocar algumas palavras carinhosas com a filha. Ela sentia-se agradecida por Alex a ter levado até ali. Não teria conseguido esconder dos seus pais a tormenta que lhe ia na alma.

— Alex? — chamou a atenção dele ao encher as taças com vinho branco — Você sabe muito sobre mim, pelo menos o mais importante. Mas eu não sei quase nada sobre você.

— Não perguntou ao seu detetive? Ou ao seu pai?

— Não funciona dessa forma. Qualquer relação precisa de confiança. Eu... — ela mordeu os lábios.

— Confia em mim — disse ele, degustando a bebida — O que você quer saber, que já não saiba?

— Já se apaixonou?

— É uma pergunta peculiar. Mas a resposta é não.

Alex aguardou que Rebecca absorvesse a resposta seca.

— Namorei algumas garotas no colegial e conheci uma pessoa na faculdade. Poderíamos ter ido adiante, mas houve o acidente dos meus pais. A responsabilidade com Abigail passou a ser minha. Emilia não estava pronta para isso. Descobri que não a amava tanto quanto pensei, foi quando manter esse lugar em pé e cuidar da minha irmã doente passou a ser o mais importante que minha decepção amorosa. Nem ao menos senti a saudade ou pensei muito sobre ela.

— Ela não merecia você. Abbi não é um fardo. Só alguém muito egoísta pensaria assim.

— Concordo — Alex a encarou com o olhar um pouco mais suave — Abbi gosta de você e adora a Olivia.

— É por esse motivo que quer ficar comigo?

— Eu mentiria se dissesse que não é um deles. Você é bonita. Quando não está sendo uma louca vingativa, é alguém interessante. É uma mãe amorosa. Eu faço o possível, mas Abbi precisa de uma figura feminina em que possa confiar.

— E a senhora Lewis?

— Já está idosa. Minha irmã precisa de algo mais próximo a uma...

— Mãe — Rebecca concluiu por ele — A Abbi é uma criança encantadora, qualquer mulher ficaria encantada em ter esse papel na vida dela.

Alex sorriu e voltou sua atenção para o vinho. Ele tinha lido a mensagem subentendida. Rebecca não poderia ser aquele mulher.

Voltaram à refeição, cada um preso em suas memórias amargas.

— E seus pais? Como faleceram?

— Meus pais vinham da cidade, passavam por aquela curva fechada a caminho daqui. Cruzaram com dois veículos vindo em sentido contrário. Um deles se chocou contra o carro do meu pai, eles foram esmagados contra a parede de pedra, levando-os à morte. Os jovens tiveram apenas ferimentos leves — disse ele, em uma voz dolorosa — O carro do meu pai estava velho, com os faróis quebrados, os garotos não tiveram como evitar o acidente, foi a tese defendida pelos advogados

deles. O que eles não disseram, era que estavam fazendo racha. Eram riquinhos com bons advogados e muito dinheiro. Deve imaginar o que deve ter acontecido. Pagaram uma multa, fizeram serviços comunitários e seguiram suas vidas como se nada tivesse acontecido.

— Infelizes! — Rebecca afastou o prato, havia perdido a fome — Não havia mais nada que você pudesse fazer?

— Quem disse que eu não fiz? Destruí o carro de uns deles e teria feito companhia aos meus pais no cemitério se um amigo não tivesse impedido. Como você disse, era uma questão de justiça. Mas eu tinha Abbi para levar em consideração. Nada poderia fazer por ela ou esse lugar estando na cadeia. Por ela, não fiz justiça com minhas próprias mãos. Sendo louco ou não, entendo a dor que carrega. A necessidade de dar o troco. Também faria isso se tivesse oportunidade.

E provavelmente Alex fosse o único que realmente a entendia.

Capítulo 45

Ela relia o dossiê que Alan Brosnan tinha enviado há duas semanas. Não foi uma surpresa descobrir que Stacy e Michael não tinham se casado ainda. Pesquisara periodicamente notas na internet sobre o possível enlace nos anos que decorreram ao noivado deles.

— Queria falar comigo? — Brianna surgiu em sua porta.

— Quero te mostrar algo — disse Rebecca — Sente-se.

Esperou que a amiga ocupasse a cadeira antes de entregar uma das pastas a ela.

— O que é isso? — Brianna folheou cada página sem realmente prestar atenção em alguma delas

— *A Vingança de Rebecca, Parte II?*

Rebecca permaneceu impassível diante da tentativa de humor. Essa era a forma que Brianna vinha lidando em relação aos planos dela.

— Faça um resumo — pediu ela, colocando a pasta na mesa — Aposto que conhece cada informação nos mínimos detalhes. O que o Brosnan descobriu dessa vez?

Rebecca se serviu de uma xícara de chá que sua secretária havia deixado em um carrinho ao lado de sua mesa. Brianna recusou a oferta, aguardando ansiosamente o que ela teria a falar.

— Vamos começar por Stacy — ingeriu um longo gole de chá quente antes de continuar — Na verdade, pela família dela. Albert Henderson, seu pai, está sendo acusado de desvio de dinheiro das empresas a qual prestava serviços de contabilidade, lavagem de dinheiro para uma organização investigada pela polícia, além de sonegação de impostos. Tudo o que os Henderson têm está sendo embargado ou investigado pelo governo.

Uau!, Brianna emitiu sua surpresa com olhos arregalados. Abria e fechava a boca tantas vezes, que Rebecca a comparou com um dos desenhos animados que sua filha assistia.

— Então, você já conseguiu sua vingança — disse ela, dessa vez interessada no conteúdo do relatório em cima da mesa — Não precisou fazer nada.

— Stacy perdeu a fortuna, mas não a arrogância. Está pressionando Michael para se casarem. Não é uma questão apenas de querer agora...

— Ela precisa — Brianna concluiu por ela — Se ela não conseguiu isso em quase seis anos, por que você acha que irá conseguir agora? Aliás, não entendo por que eles nunca se casaram.

— De acordo com o que Brosnan conseguiu averiguar, Michael queria terminar a faculdade.

— Aqui diz que ele reprovou um semestre. Na época que Olivia morreu. É compreensível — disse Brianna — Mas algo me parece errado, de qualquer forma.

— Isso não importa! Michael não se casou com ela antes e não se casará agora.

Brianna ergueu a cabeça para encará-la.

— Stacy é do tipo que consegue o que quer — advertiu ela — Não acho que irá desistir.

— Stacy é do tipo que manipula as pessoas e as tira do seu caminho. Mas eu não sou mais aquela garota boba. Nem o Michael a pessoa que poderá resgatá-la dos seus problemas.

— Michael é tudo o que ela precisa agora — insistiu Brianna.

Rebecca pegou uma pasta com uma logo usada pela SBI. Anexo aos documentos havia uma foto atualizada de Michael. Ele havia se tornando um homem tão bonito e atraente como insinuava na época em que se conheceram.

— Eu vou torná-lo alguém menos atrativo para ela.

Rebecca entregou a ela as folhas que o gerente financeiro tinha entregado a ela algumas horas

antes de Brianna surgir.

— Meu pai não foi um bom samaritano apenas com Alex. Desde que nos mudamos para cá, vem emprestando grandes quantias aos Hunter — disse ela com um amplo sorriso — O maquinário foi renovado, mas não investiram em um novo produto. A Hunter está sendo tragada pelas concorrentes. Se continuar assim...

— Terão que declarar falência — Brianna concluiu em voz baixa — Como eles chegaram a isso?

Essa era a única parte naquela história que incomodava Rebecca. Max e Caroline sempre teriam um lugar especial no coração dela, eles não estavam incluídos em seus objetivos, e sentia o que causaria aos dois.

— Max não soube lidar com a perda de Olivia. Com Michael e Carol longe de casa, descuidou dos negócios, passou a beber e entregar a empresa nas mãos de capacidade duvidosa. Cavavam um buraco para cobrir o outro. Surgiram pessoas inescrupulosas, vendendo fórmulas e estudos para outras companhias.

— Seu pai sabe o que está acontecendo? Quer dizer, ele pode ajudar?

— Meu pai deixa que os relacionamentos afetivos o ceguem — disse Rebecca indo até a janela — Max sentia vergonha demais para ser totalmente honesto. Hipotecou algumas propriedades para cobrir o primeiro empréstimo. Logo depois solicitou um muito maior.

Enquanto olhava o céu escuro através da janela, Rebecca ouvia Brianna manuseando as folhas que detalhavam o que acabara de resumir a ela.

— Rebecca, você tem alguma coisa a ver com isso? — perguntou Brianna — Com a...

— Má administração, negligência, desvios, falcatuas? Não, Brianna, não fui eu — murmurou ela, voltando para sua cadeira — O mundo dá voltas. Nunca dei muita importância a essa expressão, mas não é incrível que eles tenham girado, girado e caído exatamente nas minhas mãos?

A vida movera as peças sozinha. Tinha pensado em algo como envergonhar Stacy publicamente antes de atrair Michael para o lado dela, mas aquele dossiê havia aberto portas para algo muito maior.

— Vamos ver se eu adivinho? Vai usar o que descobriu para atingir Stacy?

— Está equivocada em um pequeno detalhe — murmurou em voz branda — Eu já usei. Nesse momento, Alex deve ter se tornado dono de uma companhia em falência, uma casa de campo em Greenville e, claro, uma linda mansão em Uptown.

— Então foi por isso que ele viajou às pressas? Não foi para cuidar da sua ida para a matriz da SBI? Ele foi ajudar você com sua vingança.

— Justiça! — Ela corrigiu, antes de pegar a bolsa no aparador embaixo da mesa — Acho que chegou a hora de finalmente voltarmos para Uptown.

Rebecca se dirigiu à sala de Nicholas quando deixaram a dela. Brianna exibia em seu rosto centenas de perguntas não declaradas. Teriam tempo para discutir depois. Primeiro ela precisava acertar alguns detalhes antes da grande viagem.

— Pode ir com Rufus — avisou, parando no corredor — Eu vou com o papai e conversamos depois do jantar.

Brianna a fitou nos olhos, mas apenas meneou a cabeça antes de sair.

— Olá, senhorita Griffin — a secretária saía da sala — Já pode entrar. O senhor Summer a espera.

Encontrou o pai no telefone, como era de se esperar. Nicholas fez sinal para que ela se acomodasse. Pelo tom carinhoso em sua voz, falava com Laura.

— Está bem — ele sorria em meio às palavras — O vovô promete que leva para você.

Rebecca sorriu ao desvendar quem fazia um homem do porte de Nicholas agir como um abobalhado. Sua filha tinha todos os que conhecia sob seu domínio.

— O que prometeu para ela dessa vez, pai?

— Segredos entre uma neta e seu avô nunca são revelados — disse ele sorrindo.

— Sabia que não adiantaria ter perguntado.

Rebecca olhou em torno da sala do pai e imaginou como seria a sala da presidência que ocuparia em breve. Seria elegante ou moderna?, ela se perguntava.

Nunca estivera na matriz. Nunca mais voltara a Uptown depois que decidira abandonar tudo.

— Queria falar comigo, filha?

Circulando a cadeira dele, ela se pôs às suas costas, iniciando uma massagem. Na maioria das vezes, Nicholas era condescendente com ela, mas ele não era tolo.

— Sobre a minha aparição pública, tenho alguns pedidos a fazer.

Nicholas tocou a mão dela, parando-a:

— Exigências, seria o termo certo. O que você quer?

Rebecca sabia que com ele o melhor caminho era ser direta. Admirava a sagacidade do pai. Aprendera muitas coisas no tempo que trabalhava com ele. Desejava um dia alcançar o mesmo nível profissional e admiração que Nicholas havia conquistado.

— Quero antecipar nosso retorno para Uptown, mas preciso de um pouco mais de tempo antes que tudo sobre mim seja revelado e eu assuma a presidência.

— Ao lado de Alex — acrescentou ele — Com a ajuda e a supervisão dele.

Há alguns meses, ter que dividir a responsabilidade sobre a SBI a teria deixado desapontada e frustrada. Mas Rebecca confiava em Alex, além do que, precisaria dele cuidando de tudo quando seus planos fossem colocados em prática.

— Vai me dar tempo?

Nicholas a girou de frente para ele. Ela sentou na ponta da mesa, encarando o olhar firme e investigativo.

— Eu só quero estar adaptada antes de toda essa merda cair sobre a minha cabeça. Depois disso irei a todos os eventos, jantares e festas que desejar. Eu preciso resolver algumas coisas antes.

— Por que isso agora? O que está buscando, Rebecca?

Ela não conseguia identificar se era apenas preocupação natural de pai ou se Nicholas desconfiava que algo acontecia.

— Eu só preciso de tempo, papai.

— Não está mais sozinha. Isso nunca irá acontecer de novo.

— Sei disso, papai — respondeu simplesmente.

Rebecca queria poder abrir seu coração e alma para ele, mas não suportaria a decepção e tristeza que veria nele.

Saíram abraçados, ignorando alguns olhares especulativos. Já não importava mais a Rebecca o que qualquer uma daquelas pessoas poderiam pensar, muito em breve todos se sentiriam idiotas.

Fizeram uma pequena parada em uma famosa casa de doces artesanais que havia na cidade.

Quando o motorista entregou o pacote colorido ao seu chefe, Rebecca entendeu o que Nicholas e sua filha tramavam ao telefone.

A recepção festiva que Olivia deu a eles foi logo substituída por seu interesse na sacola colorida

de doces.

—Um agora e outro depois do jantar — disse à filha antes de subir as escadas em direção ao seu quarto. Não sem antes fazer o pai prometer que ficaria de olho na neta.

Rebecca tirava os sapatos e idealizava um longo banho de banheira, quando o sinal de mensagem do celular ecoou dentro de sua bolsa.

“Tudo ok”, dizia o aviso de Alex.

Rebecca sorriu e jogou o celular e a bolsa na cama. De repente, um longo e relaxante banho parecia maravilhoso para ela.

Acordou com um sacudir insistente de mãos pequenas e delicadas. Olivia estava ajoelhada em frente à banheira e olhava entediada para ela.

— Mamãe, está dormindo ainda? Tem um monte de horas que estou te esperando acordar.

Conhecendo sua filha, Rebecca podia jurar que o monte de horas dela não deveria ser mais de cinco minutos de ansiedade.

— Vovó disse para descer para jantar — ela levou sua mão à barriga sobre o vestido amarelo — Estou com fome.

Rebecca sorriu e pegou uma das toalhas para se enrolar.

— Você está com fome? — perguntou incrédula.

Fazer Olivia comer era tão difícil como seria para a maioria das crianças da idade dela. Pelo menos era o que ouvia de algumas mães quando iam ao pediatra.

— Bom, só um pouquinho — ela coçou o nariz, esse era um gesto que Rebecca reconhecia sempre que Olivia escondia alguma coisa.

— Isso tem a ver com certo saco de doces e um avô, não é?

Tentou fazer cosquinhas nela, mas a menina voltou correndo para o quarto antes de ser atacada.

Rebecca escolhia algo em seu guarda-roupa enquanto sua filha esperava por ela na cama.

— Esse é o meu papai?

Ela passava o vestido pela cabeça quando ouviu a pergunta da filha. Se atrapalhou como uma criança aprendendo a se vestir. Quando finalmente estava coberta, voou em direção à Olivia.

Sentiu o sangue drenar do seu corpo, quando notou nas mãos dela a mesma fotografia que mostrara a Brianna junto com o dossiê que tivera dos Hunter.

— É o meu papai, mamãe? — Olivia insistia, alisando a foto — Ele tem os cabelos e os olhos que nem eu.

— Iguais aos meus — conseguiu sussurrar, corrigindo a filha.

— Não os seus, são escuros — retrucou ela, ainda concentrada no homem que admirava — Eu sabia que meu papai era bonito. Cadê ele, mamãe?

Rebecca sentia-se encurralada. Não podia mentir para ela, mas também não estava preparada para a verdade.

— Olivia? Laura está te chamando.

Brianna surgiu no quarto, salvando Rebecca, pelo menos por ora.

— Posso ficar com a foto? — implorou a menina, cheia de esperança na voz.

— Pode — foi o máximo que a garganta apertada conseguiu emitir.

Tantas coisas já foram tiradas dela, ela não podia tirar a foto também.

— Vou mostrar o meu pai para minha avó Laura — disse ela beijando a fotografia — E para o

meu vovô também. E para Abbi amanhã...

A menina seguiu dizendo a lista de todas as pessoas que iria mostrar sua grande descoberta. Mesmo sem Rebecca ter afirmado nada, Olivia sabia. Reconhecera o pai no momento que colocou os olhos sobre ele.

— Era sobre isso que eu a prevenia — sussurrou Brianna ao sair e bater a porta.

Pela primeira vez, Rebecca vacilou em seu propósito de vingança.

Que Michael fosse agraciado de sabedoria e jamais magoasse sua filha. Ela o destruiria dolorosamente se ele magoasse Olivia.

E apesar do jantar seguir efusivo com a animação da criança, os adultos pouco falaram naquela noite.

Ela alegou uma enxaqueca e trancou-se em seu quarto. Fugia da conversa que prometera mais cedo a Brianna, dos novos conselhos que daria a ela e das especulações que vira nos pais durante o jantar.

“Tenho que manter Olivia longe e segura dessa confusão”, repetia a si mesma enquanto revirava na cama, até se entregar ao sono.

Capítulo 46

Aproveitando que os pais de Rebecca mostravam a casa nova à sua filha, Rebecca, Alex e Brianna trancaram-se no escritório de Nicholas. Não fazia quarenta e oito horas que ela estava de volta à cidade, mas sua cabeça estava fervilhando.

— Como andam as coisas com o Max? — perguntou a Alex. Ele estava em pé, manuseando alguns livros na estante.

— Ele ficou abalado ao assinar os papéis da venda da empresa — disse ele pegando um dos livros da prateleira — Parecia muito arrasado em desapontar os filhos. Nada que algumas horas no bar não tenha resolvido. Eu o deixei seguro em casa, espero que ainda esteja bem, me parece um homem bom.

— Ele é um homem bom! — Brianna foi enfática em defendê-lo — Você disse que deixaria ele e Carol de fora, Rebecca.

Ela estava alterada. Rebecca nunca vira a amiga assim. Atribuiu ao cansaço da viagem e o fato de que Brianna sempre foi contra a vingança que tinha planejado. Também havia a preocupação de que Olivia fosse atingida. Desde que sua filha encontrara a foto do pai, não sabia falar outra coisa. Atrelado a isso, havia a ideia de que a viagem que tinham feito era para encontrarem Michael. Nem mesmo o fato de abandonar a escola e a vida que conhecia em Londres abalou a menina.

Por esses motivos, por toda a tensão, Rebecca quis assegurar a Brianna que ninguém que fosse inocente ao que acontecera com ela iria pagar.

— Brianna, embora eu queira chegar ao Michael — tocou as mãos dela — Eu irei ajudar o Max. O estado que ele e a empresa chegaram não foi culpa minha. Eu sinto que ele não tenha conseguido lidar com a perda de Olivia, mas algo precisa ser feito.

— Tudo bem — ela emitia, o som quase inaudível.

Rebecca queria cercar Michael de todas as formas. Mas era sincero seu desejo de ajudar Max e Carol, devia isso a amiga que partiu, e por sua filha também.

— Você garantiu que ele não falasse nada por enquanto, Alex?

Ele ergueu a sobrancelha e emitia um olhar irônico.

— Está de brincadeira? O homem só faltou me agradecer quando sugeri isso.

— Precisa acontecer no momento certo — disse Rebecca.

Se tudo o que idealizara acontecesse sincronizado, como foi no caso de Roger, muito em breve ela teria o delicioso gosto da vitória e da vingança adocicando seus lábios.

No momento, ela tinha que se concentrar em uma pessoa. A resposta positiva do que pretendia pedir a Alex colocaria tudo em movimento. Ela sabia que pediria demais, mas precisava arriscar.

— Alex? Você se lembra quando me contou sobre seu título e Price Palace?

Ele ergueu os olhos do livro que folheava e a encarou.

— Você me disse que seu título e a história da sua família não poderiam ajudar você. E se eu dissesse que podem?

Ele franziu a testa. Agora Rebecca tinha sua total atenção.

— Toda a sua dívida paga, mais uma quantia considerável para restaurar a propriedade e investir novamente na produção de lã, se me fizer um pequeno favor.

Ele sentou ao lado de Brianna, os dois se entreolharam e voltaram a atenção para ela. O silêncio que se seguiu era tão incômodo que uma pena caindo sobre o colorido tapete persa seria

ensurdecedor.

— O que você quer? — direto, ele foi o primeiro a se pronunciar.

— Quero que se aproxime de Stacy. Conquiste-a e se case com ela.

— Quê?! — Brianna proferiu, chocada — Você está maluca?

Alex continuava impassível e sereno, mas havia descontentamento em sua voz:

— Deixa eu ver se entendi. Você quer que eu me case com uma mulher que sequer conheço, mas que já desprezo profundamente?

Rebecca respirou fundo e cruzou as mãos sobre a mesa. Estava ciente de que convencê-los não seria algo fácil.

— Stacy acha que Michael será sua salvação. Ficarão desesperada quando souber que ele está na ruína. Qualquer homem rico ou bonito que surgir irá atrair a atenção dela. Um conde a fará delirar.

— Eu poderia entender conquistá-la, fazer com que se apaixone por mim e depois abandoná-la. Mas casar?

— Caramba, Alex? — Brianna o encarou provocativa — Você é bem seguro, não é? Não conquistou nem a mim ou Rebecca, por que acha que irá conquistar alguém tão ardilosa como a Stacy?

Ele inclinou contra ela, segurando seu queixo.

— Querida... — disse ele com uma voz aveludada, soltando-a em seguida — eu nem tentei.

Rebecca estava aliviada que lidavam de forma tão descontraída ao pedido que fizera, mas por mais que soasse absurdo, era algo de suma importância para ela.

— Alex! Brianna está certa. Stacy não é tão idiota como o Roger. Ela soube armar contra mim e com uma precisão espantosa, cuidando de todos os detalhes. Temos que fazer o mesmo jogo que ela.

Alex coçou os lábios. Ele já havia se infiltrado naquela história mais do que gostaria ou devia, percebera isso quando tivera que lidar com Max. Esperou encontrar um fracassado entregue à bebida, mas ele viu a dor que ele enfrentava. Sentira por ele o que quase não sentia por ninguém — pena. Max já não tinha mais para onde cavar, chegara ao fundo do poço.

— E como eu me livraria dessa cobra depois? — perguntou Alex — Quanto tempo duraria esse casamento? Não sei se eu poderia tocá-la... Você sabe...

— Não tem que dormir com ela para conquistá-la. Lembre-se que é apenas uma lição a Stacy. E bom, quando ela olhar o real estado de Price Palace e sua real conta bancária, acredite, pedirá para ir embora no dia seguinte.

Rebecca o encarou com um olhar suplicante e entregou o cheque que retirara da gaveta.

— Por favor, Alex? Só quero que a Stacy prove do próprio veneno — Alex observou os cifrões contido no cheque, um valor muito maior do que ele esperava — Lembra que me disse que se pudesse faria justiça? Eu estou podendo dar o troco agora. É importante para mim. Eu sinto como se estivesse presa ao passado.

Alex vivia uma briga interna dentro dele. Queria ajudar, queria que Rebecca concluísse logo os anseios do seu coração e assim, quem sabe, pudesse passar aquela página de sua vida. Devia gratidão a Nicholas por lhe dar tempo para que pagasse a dívida realizada pelo seu pai, por pagar a operação que Abbi precisou fazer, e tantas outras coisas.

Mas até onde estava disposto a ir por ela?

— Pense na Abbi. Ela adora o palacete — Rebecca usava sua última arma para tentar persuadi-lo — Ela ama aquelas terras tanto quanto você. É o legado de sua família. Se não por mim, faça por ela e por seus pais.

Rebecca estava jogando sujo. Alex faria qualquer coisa para garantir o futuro e felicidade de

Abigail.

— Tudo bem — Alex dobrou o cheque e devolveu a ela — Eu aceito. Mas só ao que se refere à reforma da propriedade e o suficiente para tocar o negócio novamente. A dívida que meu pai fez com o seu, ainda vou pagar.

— Pode fazer isso quando estiver com a produção de lã funcionando novamente — ela sorriu aliviada, estendendo a mão — Então? Temos um acordo?

Ele uniu sua mão à dela. Tinham um pacto agora.

— Alex? — Brianna o encarou abismada — Tem ideia do que está dizendo? Ou melhor, aceitando?

Sua expressão era fria e difícil de ler, uma característica dele.

— Stacy não será a primeira mulher fria e interesseira que terei que lidar, Brianna — ele soltou a mão de Rebecca e a encarou — Pode ser divertido dar uma lição nela. Algumas pessoas devem entender que tudo na vida tem consequência. Não podem fazer o que querem e sair impunes.

Não era apenas de Stacy que ele falava. Talvez um dia ele também tivesse meios para fazer real justiça sobre a morte dos seus pais.

“Obrigada”, Rebecca balbuciou para ele com um enorme sorriso em seus lábios.

— Bem, assunto resolvido — ela voltou-se para a amiga — Eu vou explicar a sua parte.

Brianna poderia estar cética, receosa ou até mesmo contra as atitudes de Rebecca, mas ela devia a ela fidelidade e gratidão. Faria qualquer coisa que ela lhe pedisse, mesmo que, no fim de tudo isso, se arrependesse.

Chegaram ao restaurante uma hora antes do combinado. Rebecca estava de costas para a outra mesa que tinha reservado. Alex e Brianna seriam seus olhos, no entanto.

— Acabaram de chegar — sussurrou Brianna, inclinando o corpo em direção a Rebecca.

Ela sorriu diante do nervosismo dela.

— Não precisa sussurrar, Brianna, de onde a Stacy está não poderá nos ouvir.

Enquanto eles conversavam, uma falsa jornalista conversava com Stacy. Ela faria uma matéria sobre a história da cidade e os membros mais importantes. Vaidosa, a garota caíra na armadilha, exatamente como Rebecca imaginara.

— Tem duas ruivas — disse Alex — Qual das duas é minha futura noiva?

— A da esquerda, a mais sorridente e falante ao lado da jornalista — informou Brianna.

— E a outra? — Alex indicou com a taça em sua mão — A mais tímida. Quem é?

— Pela semelhança, deve ser a irmã dela.

— Hannah — disse Rebecca — Deve ser a Hannah.

Ela queria poder ir até lá e dar um olá, mas já se arriscara demais indo até ali.

“Hannah”, balbuciou Alex, seu olhar fixo na ruiva calada e distraída na outra mesa. Ele a achou tão linda e delicada como uma das flores que floresciam em suas terras.

Vendo que estava sendo completamente ignorada, Rebecca elevou o tom:

— Alex! — conseguiu reter sua atenção — Hannah é uma das pessoas fora da jogada. Deixe-a em paz.

Ele tomou o restante do vinho sem lhe dar resposta e continuou atento para o que acontecia na outra mesa. Desde que ele mantivesse o foco, Rebecca não gastaria suas energias tentando entendê-lo.

Ela pegou o estojo com base e olhou-se no espelho. Usava uma peruca loira com corte chanel. Observou por alguns segundos uma Stacy animada e alheia à teia que era costurada em torno dela.

Bateu a tampa, fechando o estojo, e pegou sua bolsa. Deixaria a sobremesa para uma outra hora.

— Hora do show começar — disse aos amigos em sua mesa — Vejo vocês mais tarde.

Colocou os óculos escuros que reforçaria seu disfarce e foi em direção à saída.

— Sim, meu casamento foi adiado devido os estudos do meu noivo — Rebecca parou ao ouvir a declaração de Stacy — Desde o começo eu sugeri isso. Mas agora teremos o casamento mais lindo que essa cidade já viu.

Rebecca fingiu procurar algo em sua bolsa enquanto ouvia os detalhes. Raiva fervilhava em seu sangue como água borbulhando na panela. Lembrou de Olivia, do dia no cemitério, e seu ódio por ela cresceu.

— E vocês já têm uma data marcada? — Ashley, a atriz contratada, tomava nota — Quem sabe nossa revista possa cobrir.

Stacy mudou o rumo da conversa, trazendo de volta o assunto sobre ela. Aquela era uma resposta que ela não poderia dar.

Ficou claro para Rebecca, naquele instante, que Michael nunca realmente quisera levá-la ao altar.

“Então, por que mantiveram o suposto noivado por tanto tempo?”, se perguntava.

Ela olhou de esguelha para as três mulheres. Stacy monopolizava a atenção de Ashley, enquanto Hannah fazia origame com um guardanapo.

Pelo visto, nada mudara. Ela não apenas teria sua vingança, como livraria Hannah de uma pessoa tão desprezível como sua irmã. Quem sabe assim ela enxergasse que tinha luz própria?

Com sua determinação em derrotar Stacy renovada, passou por elas sem ser percebida.

Capítulo 47

Michael entrou no quarto escuro e rapidamente sentiu o impregnante odor de bebida. Caminhou com pressa em direção a uma das janelas e abriu as cortinas com puxões bruscos.

Avistou seu pai jogado sobre a cama em uma posição estranha, certamente seus músculos protestariam quando o acordasse.

Estava dividido entre a raiva o consumindo e a pena por ver o pai naquele estado deplorável. A pena ganhou a batalha quando viu dezenas de fotografias de sua mãe espalhadas pela cama ao lado dele. Michael queria chorar diante da cena tocante. Max sofria. Mesmo passado alguns anos que Olivia tinha partido, ele ainda carregava a imensa dor de viver sem ela.

Michael queria se unir a ele em meio às fotos, às garrafas quase vazias e deixar que o desespero e a dor também o consumissem. Assim como Max, ele tivera uma grande perda. O seu pai nada pudera fazer para manter a mulher que amava, o destino carrasco a havia tirado dos seus braços. Michael fora obrigado a enterrar a única mulher que amou em seu coração.

Às vezes ele se perguntava como ela estava e o onde estaria. Se estaria bem e feliz ou infeliz como ele. Ainda sentia raiva, ainda sentia saudade. E sempre que a ausência dela era árdua demais para suportar, assim como o pai, olhava a foto em sua carteira. Lamentava em um surto de raiva ter jogada fora as poucas recordações que tivera dela.

Só tinha uma foto que Stacy lhe dera há quase seis anos. Era uma foto de Rebecca e Roger em uma boate. Não era possível ver-lhe o rosto, já que ela escondia no pescoço dele, mas o sorriso odioso do primo o trazia para sua amarga realidade. Rebecca preferira ele.

Afastou todas as lembranças e pensamentos ácidos. Precisava falar com seu pai. Michael culpava-se por ter sido tão cego em relação a ele, por ter caído em todas as desculpas que lhe dava de que estava bem e por ter ficado tanto tempo ausente, preocupado apenas em cicatrizar suas próprias feridas.

Max caíra em um grande abismo e ele não vira. Fora egoísta e mesquinho com ele.

— Pai? — sacudiu o homem inerte na cama — Papai!

Se não fosse o movimento dos ombros dizendo que ele respirava, teria entrado em desespero, considerando-o morto. Puxou os seus braços e pernas, conseguiu colocá-lo sentado. Max abriu os olhos, mas não parecia vê-lo. Michael prendeu a respiração ao sentir o forte odor de bebida vindo dele.

— Consegue ficar de pé?

Sua resposta foi um bater de braços e resmungo de que queria voltar para a cama.

— Tudo bem — murmurou Michael, colocando-o em seu ombro — Eu te levo até o banheiro.

Apesar de Max estar muito longe do homem vigoroso que um dia fora, tinha uma estrutura robusta. Michael teve certa dificuldade em carregá-lo até o chuveiro. Tirou sua roupa sob o jato gelado e queixas dele.

— Vá embora! — Max gritou ao sentir a água fria cair em seu corpo — Desgraçado!

Michael ignorava as reclamações e xingamentos enquanto tirava-lhe a roupa e dava banho em Max, como muitas vezes ele lhe fizera quando menino.

Aos poucos, os protestos veementes foram se tornando um suave lamentar, seguido de um choro silencioso. Quanto mais sóbrio Max ficava, mais atormentado demonstrava estar.

— Consegue andar agora? — perguntou Michael com a voz suave ao envolvê-lo em seu robe.

— Consigo — respondeu com a voz fraca.

Ajudou que ele voltasse para o quarto e o auxiliou a se vestir.

Michael olhou em volta. Havia inúmeras peças de roupas, sapatos e garrafas de uísque espalhados pelo chão. Ao que ele notava, esse era o refúgio escolhido para Max escapar da realidade e da dor. Ali os empregados não se atreveriam a presenciar sua fraqueza.

Ele se perguntava por que nunca tinha notado isso em todos os anos. Possivelmente porque sempre ligava antes para avisar que ia visitá-lo. Max sempre os arrastava para longe da casa. Atribuía a isso por acreditar que o pai julgava que as lembranças o fariam sóbrio. Não era isso; ele tentava esconder o homem que se tornara.

Fazia quase duas semanas que estivera ali, e se não fosse a notícia no jornal falando sobre a venda da empresa em falência e a ligação histórica de Stacy mais cedo, Michael tão cedo não teria percebido o buraco negro que Max se enfiara.

No ano da morte de sua mãe, sua decepção com Rebecca e as angústias em seu coração o fizeram descuidar dos estudos, perdera aquele semestre. Após isso, dedicara-se aos estudos com mais empenho que antes. Tinha acabado de concluir o curso e iniciaria sua residência. Sua carreira tinha se tornado seu foco. Não vira Max se destruir, e agora pagava por isso. Não podia perdê-lo, não suportaria perder mais ninguém. Por sorte, Caroline estava estudando na França.

Não deveria ter concordado com Stacy em permitir que ela fosse para o colégio interno. Carol teria notado que Max não estava bem. Carol sempre fora mais sensível que ele. Por outro lado, sentia alívio que sua irmãzinha estivesse longe. Ainda pensava em como contaria a ela. Ponderava se não era melhor continuar deixando a jovem de fora. Ela não poderia fazer nada e não seria justo trazê-la de volta. Ele sozinho teria que arrumar aquela bagunça, e não se referia apenas à desordem no quarto, mas toda confusão que transformara suas vidas.

— Vamos lá para baixo? — perguntou ao homem derrotado e encolhido na cama — Pai, precisamos conversar.

Max sempre fora um herói para Michael. Alguém que ele queria se espelhar. Não conseguia mais ver esse homem diante dos seus olhos.

— Consegue descer? — perguntou ao vê-lo parar entre a porta aberta.

— Estava bêbado, Michael, não inválido — resmungou ao descer a escada.

Max seguiu na frente para que ele não percebesse ainda mais o quanto ele se sentia humilhado.

Michael pegou o jornal em cima da mesa do escritório e entregou a ele. A matéria de capa dizia sobre a venda da empresa para um empresário europeu desconhecido e que os funcionários estavam em pânico, receosos do que poderia acontecer. Parte da matéria dizia que a empresa seria desmembrada e vendida, que haveria demissões em massa. A maior parte descrita ali era especulações sensacionalistas. Michael só conseguia pensar no que se referia à falência e venda.

— Isso é verdade, pai? Perdemos a empresa?

Esperou ansiosamente que ele negasse, que dissesse que era engano, que não tinham perdido o maior patrimônio de sua família. O olhar cabisbaixo de Max e o silêncio prolongado admitiam que pelo menos aquilo era verdade.

— Eu ia te contar, só não sabia como — disse ele, envergonhado — Mas é verdade, perdemos tudo.

— Tudo? — Michael perguntou, atordoadado.

Um trecho da notícia dizia que os bens e imóveis da família Hunter tinham sido vendidos para pagar parte da dívida que tinham com o banco, dívida que Max acumulara ao decorrer daqueles anos.

— Essa casa, a casa de campo, nossos carros — Max escondeu o rosto entre as mãos em um gesto

derrotado — O apartamento onde sua irmã está morando agora, o seu carro... Sobram apenas as joias da sua mãe e o salário que ganharei sendo consultor na Hunter Farm.

Micahel respirou fundo e tentou regular a respiração acelerada. Estavam na ruína. De tudo o que perderam, o que mais lhe doía era a casa de campo. Lá continha a história dos seus pais, parte da história dele. Voltara inúmeras vezes. Escrevera outra vez o seu nome e o de Rebecca no tronco que tinha apagado, após o enterro da mãe. Magoado ou não com ela, eles também tiveram uma história ali, pelo menos para ele tinha sido especial. Agora havia acabado. Não era o fim apenas do que um dia fora bom; era o fim de tudo.

— O que acontece agora?

— Estou esperando o Sr. Alexander Price voltar a entrar em contato.

— Quem é esse cara? De onde ele veio? Por que comprou a empresa? Por que você vendeu sem nos consultar, pai? E o Nicholas, não falou com ele?

Eram tantas perguntas fervilhando na cabeça dele. Se Max o tivesse consultado antes, teria pensando em outra saída. O banco ao qual deviam era de Nicholas Summer. Ele poderia ter conversado com ele, pediria mais tempo, afinal, embora estivessem um pouco distanciados agora, ele era um velho amigo da família. Por que Max não tinha recorrido a ele?

— Tudo o que fiz foi pedir ajuda a ele, não podia mais — Max levantou e caminhou rumo à porta — Me perdoe, meu filho.

Mais do que os ombros caídos e derrotados, ele tinha a alma devastada. Culpa e arrependimento o devastavam.

Michael ainda ficou quase uma hora trancado no escritório, refletindo o que lera e o que seu pai lhe dissera. Trabalhando em alguma ideia que os pudesse tirar daquilo ou reverter a situação de alguma forma. Nada realmente útil surgira. O jeito era aceitar de uma vez por todas essa nova realidade.

Ouviu o leve bater na porta e a voz da Sra. Dickson. O que seria dela e de todos os antigos empregados da casa? Precisava encontrar esse Alex Price e assegurar o futuro deles.

— Desculpe, Michael, mas Stacy está aqui e insiste em falar com você.

Stacy era o último problema que ele queria lidar naquele momento. Podia imaginar o que ela procurava.

— Peça que ela entre — ordenou à governanta.

Um escritório na penumbra não era o local apropriado para receber a noiva, mas, no fundo, Stacy nunca fora isso para ele, fizera isso por Carol. Acreditar que ela precisaria de uma amiga que a ajudaria a suportar a dor da perda da mãe.

“Deveríamos ficar noivos, Michael”. Stacy dissera na época. “Caroline se sentiria mais segura, saberia que eu nunca a deixaria como a outra fez.”

“Não estou pronto para um novo relacionamento, Stacy”.

“Não se trata apenas do que você quer ou está pronto. É a felicidade da sua irmã. Não digo para nos casarmos agora, podemos deixar as coisas acontecerem. Já fomos namorados, irá aprender a me amar novamente”.

Ele tentara. Deus era testemunha de como tentara no início, mas nada ou ninguém era capaz de arrancar aquela maldita de seu coração.

Muitas vezes se perguntara se não deveria ter deixado o orgulho de lado e tê-la aceitado de volta, mesmo com o filho de outro. Mas quando se recordava que Rebecca apenas o tinha usado para causar

ciúmes e outra vez para voltar para os braços de Roger, enchia-se de fúria.

“*Veja como ela está sofrendo*”, Stacy dissera certa noite, ao lhe entregar a foto. “*Rebecca só queria te provocar para causar ciúmes nele e fazer com que assumisse o filho que teriam. Esqueça-a, Michael, ela já esqueceu você.*”

— O que o seu pai te disse? — Stacy entrou como um furacão, tirando-o das lembranças — É tudo mentira, não é? Vou processar esse jornalzinho sensacionalista e...

— A matéria é verdadeira — disse simplesmente.

Michael apenas a assistiu perder a cor e vacilar em uma cadeira. Estava visivelmente transtornada. Sempre que ficava brava ou contrariada, Stacy berrava ou fingia uma crise de choro, isso era algo que ele tinha aprendido a lidar com o tempo, era só ignorar suas infantilidades e tudo ficava bem. Também, mal passavam muito tempo juntos. Viviam um noivado a distância, mesmo estando tão perto. Ia mais para casa quando Rebecca estivera ali do que ia ver sua atual noiva.

Nem uma vida sexual eles mantinham. Saíra com uma garota aqui e outra ali durante a faculdade, tentara usar isso para terminar com Stacy, mas ela havia aceitado suas escapadas com paciência e naturalidade. Aquele noivado sempre fora uma grande farsa. Como só agora enxergava isso? Foram cinco anos vivendo uma mentira.

— Mas essa casa...

— Perdemos tudo, Stacy — afirmou Michael — Exatamente tudo. Eu sei que já falhei muito com você. Mas prometo que vou honrar nossa relação. Ainda não ganharei muito com...

— Que relação, Michael? — perguntou ela, lívida — Nunca tivemos uma relação. Eu suportei todos os anos que se manteve distante, me traía e nem ao menos fingia me amar. Agora isso? Sabe que meu pai está sendo investigado e também já não temos mais nada.

Ele acreditou que ela seria a primeira a entender o que ele passava agora. Dera apoio a Stacy quando o escandâ-lo sobre o pai dela viera a público. Pensando melhor sobre isso, o Sr. Henderson passara a cuidar das contas da família quando a mãe de Michael morreu e Max estivera abalado demais para pensar em negócios. Não cogitara a ideia na época, que o pai dela também tivesse desviado dinheiro da empresa como fizera com outros clientes. Nunca quisera pensar sobre isso.

— Sei que errei com você, Stacy — disse com a voz controlada — Não agi corretamente e peço desculpas. Mas sei que preciso amadurecer. Vamos viver modestamente...

— Não nasci para viver modestamente! — exaltou-se ela — Olha para mim! Nasci para ser servida, cuidada, e não servir aos outros. Faremos o quê? Viveremos em uma quitinete qualquer, comendo hambúguer todos os dias? Isso pode servir para você, mas não para mim.

— Quando a gente ama...

— Eu não te amo — disse ela — Você também nunca me amou, sejamos sinceros. Se amasse, por que andaria com a foto daquela vadia em sua carteira há tanto tempo? Eu tentei, Michael, esperei por você pacientemente.

Ele não sabia se ficava irritado ou surpreso por Stacy colocar tão prontamente um ponto final no noivado que por anos mantinham. Na verdade, estava muito furioso. Stacy agia exatamente como acusou Rebecca um dia. Só se importava com o dinheiro que agora ele não tinha. Todas as mulheres eram iguais.

— Descupe, eu não posso. Além disso, conheci outra pessoa — lamentou ela — Desejo boa sorte para você, mas é melhor seguirmos outro caminho.

— Conheceu outra pessoa — repetiu ele, rangendo os dentes — Eu poderia saber quem é?

Ela afastou os cabelos dos ombros e alisou a roupa.

— Bem, saberá logo, de qualquer forma. É alguém muito importante — iniciou ela de forma

arrogante — É um conde com alguns negócios aqui na cidade. Vamos no casar em breve e iremos viver na Inglaterra. Acho que assim será menos doloroso para você.

Ele queria dizer que ela poderia morar e queimar nos quintos do inferno, mas em uma coisa Stacy tinha razão: nunca dera mesmo importância a essa relação. Estava fadada ao fracasso no mesmo dia que começou.

— Espero que seja feliz e tenha encontrado o que buscava.

— Adeus, Michael — disse Stacy antes de deixar a sala como uma rainha dispensando o súdito indesejado.

Não estava arrasado ou depressivo como ela saíra acreditando. Naquele momento, não sentia nada além de alívio.

Sua prioridade era o Max. Quando Alexander Price se pronunciasse, teria uma conversa com ele. Veria o que ainda poderia fazer a favor do pai e de todos que dependiam deles.

Capítulo 48

Os pais de Rebecca estavam em uma viagem com a neta, quando a notícia sobre a venda da organização Hunter explodiu. Obviamente que Rebecca tranquilizara o pai, dizendo que Alex cuidaria do caso, enquanto eles estivessem fora do país e que não deveriam interromper o momento de diversão na praia que Olivia e sua mãe estavam tendo.

Nicholas não precisava saber, pelo menos por ora, que Price movia o tabuleiro há mais tempo do que ele imaginava.

Por outro lado, Rebecca se sentia mal por enganar os seus pais. Mas ela sabia que eles não seriam capazes de entrar. Talvez, se tivesse sido honesta e tivesse revelado o quanto sofrera e fora humilhada, fizesse mais sentido para eles. Agora não tinha mais como recuar. Apostara muito e não estava disposta a perder.

— Nicholas ficará irritado com você — disse Brianna pelo o que ela acreditava ser a décima vez — E muito irritado, além de desapontado comigo e com Alex quando souber que a ajudamos nessa estupidez.

Rebecca a ajudou a fechar o vestido e a encarou através do espelho. Não podia ignorar o receio de Brianna. Ela respeitava e considerava os seus pais como se fossem dela. Fora assim que eles a trataram também, como sua filha.

— Se te deixa mais tranquila, vou deixar bem claro que obriguei os dois — garantiu ela, tocando seus ombros — Meu pai sabe que sou insuportável quando quero.

Brianna revirou os olhos. Era seu jeito de dizer que mais uma vez Rebecca estava errada.

— Sabe o que tem que fazer, não é? — entregou os sapatos a ela — Ela adora um desafio. Tem que se fazer de ciumenta. Alex cuidará do resto.

Stacy havia sido atraída como uma serpente hipnotizada pelo encantador de serpentes. O almoço no restaurante tinha sido o pontapé inicial. Alex e Brianna desenvolveram muito bem o papel de casal em férias pela cidade. O título de conde chamara a atenção dela, exatamente como Rebecca previra.

E ela soube, por uma funcionária da casa dos Hunter, que Stacy e Michael tiveram a pior briga de suas vidas quando ele confessou que a notícia que vazara no jornal sobre sua família era verdadeira. Ela havia terminado tudo com ele.

— E se o Michael me reconhecer no jornal?

Embora a festa que Alex daria no apartamento que haviam alugado contar com algumas pessoas importantes, todos o demais haviam sido forjados.

O papel de Brianna era simular uma cena de ciúmes em relação a Alex e Stacy, deixando a ruiva completamente segura de que tinha mais uma vez saído vitoriosa.

— Por que tenho que bancar a ex desiludida?

— Dará mais força à crença dela de que Alex faria tudo por ela, até mesmo apressar a data do casamento.

— E se Michael me reconhecer? — Brianna perguntou, pegando a bolsa em cima da cama.

— Phil dará um jeito para que seu rosto não apareça nas fotos. Fique calma e tudo dará certo.

— O que eu não faço por você?

— Matar e esconder o corpo? — sugeriu bem-humorada, mas ao encarar o olhar descontente de Brianna, se recompôs — Estou só brincando. Eu juro.

Era verdade que odiava Stacy mais do que qualquer pessoa no mundo, mas ela não chegaria tão

longe, ao menos era o que acreditava.

Rebecca e Alex estavam na sala que provisoriamente ocupavam na Summer Bank Investment, cuidando dos últimos detalhes da apresentação que em breve fariam aos membros da diretoria, quando o telefone dele começou a tocar.

— Olá, querida — ele apontou a garganta, simulando uma ânsia de vômito, mas manteve a voz suave e sedutora — Jantar hoje à noite? Deixa eu olhar minha agenda.

Rebecca cobriu a boca com as mãos para evitar gargalhar e se denunciar.

— Eu tenho um compromisso, mas claro, por você irei desmarcar — disse ele — Mal posso esperar. Até a noite.

Alex desligou o telefone e bateu a cabeça contra a mesa. Rebecca não sabia se ria ou tinha pena dele. Para manter as coisas equilibradas e a calma que Alex não tinha, escolheu a segunda opção.

— Ela parece bem envolvida — murmurou, focando em suas anotações.

— E muito mentirosa também.

Ele voltou ao próprio trabalho, mas tinha algo aguçando a curiosidade de Rebecca.

— Você não me contou como foi o fim de semana. — disse com um fingido desinteresse — O meu foi bem divertido com sua irmã e a senhora Lewis.

Alex soltou a caneta e deu a ela um olhar enfadonho.

— Se você considera almoço e jantares enganando vovós fofinhas divertido — disse ele — Tive um fim de semana incrível.

— Conheceu a Rosie? — perguntou Rebecca.

Ainda se lembrava da senhora simpática. Lembrava claramente dos seus dias felizes como lembrava dos que atormentavam sua alma.

Era previsível que essa Stacy bancaria a neta carinhosa, apresentando sua avozinha simpática para impressionar o Conde respeitável e familiar que Alex desempenhava.

— Ela me perguntou por que os homens sempre escolhiam a neta errada — disse ele sorrindo — Obviamente deixou Stacy zangada, o que eu fingi não notar, e Hannah um tanto incomodada.

— Hannah estava lá?

Antes de responder, ele escondeu o rosto em uma das pastas que estivera espalhada na mesa.

— Estava e não estava — murmurou ele — Parecia fugir de mim o tempo todo. Garota estranha.

— Alex! Seu foco é a Stacy.

Ele a brindou com um sorriso enigmático.

— Falando na víbora, tenho um encontro essa noite — disse ele levantando e colocando o terno — Espero que não se importe em terminar o trabalho sozinha.

Ele a beijou na testa como seu pai teria feito em um momento íntimo.

— Trapaceiro! — conseguiu gritar antes de ele sair.

Há duas semanas, os dois protagonizavam uma história romântica, regada a jantares, joias caras e uma promessa de futuro maravilhoso juntos. Stacy fingia estar tão apaixonada como Alex fingia ser um homem rico.

Tinham mais duas semanas antes que seus pais retornassem. Diria, no dia seguinte, para que Alex apressasse o pedido. Empenhada como estava para conquistá-lo, Rebecca duvidava muito que Stacy estranhasse o pedido apaixonado.

Tudo seguia bem e muito em breve teria mais um nome riscado de sua lista.

Stacy.

Capítulo 49

Chegara o grande dia. O dia que Stacy finalmente começaria a pagar pelo o que fez. Sentiu um frio na espinha quando lembrou que há quase quatro horas seu plano teria ido ladeira a baixo.

— Não posso fazer isso, Rebecca!

Alex aparecera em sua casa no momento em que Rufus havia aberto a porta do carro para ela.

— Aquela mulher é o inferno em pessoa — dissera ele, fora de si. — Se tivesse visto as coisas que disse a Hannah — ele andava de um lado para o outro, visivelmente transtornado.

— O que você fez, Alex? — inquiriu Rebecca. — Enfrentou a Stacy?

— Não. Eu a teria matado — confessou ele. — Saí sem que me visse. Lembra do que eu falei antes? Acho que fazer com que ela passe um vexame público seja o suficiente. Aqui está o seu cheque.

— Não! Você não pode fazer isso! — Rebecca recusou-se a pegar a folha que ele estendia a ela.

— Só irá deixar Stacy irritada e nem de longe é castigo suficiente para o que ela fez.

— Rebecca, isso tudo é uma farsa e...

— Não quer conviver com ela? Não quer aturar a Stacy? Tudo bem — ela segurou sua mão. — Eu cuido do resto depois, mas não desista. Hannah será a primeira a sentir a ira dela. As duas vão viver juntas na pequena casa da avó. Rosie já não tem fôlego para defendê-la. Você não quer isso, quer, Alex?

Havia alguma coisa ali. Ela teve certeza no modo que ele reagiu à possibilidade de que fosse Hannah a sofrer as consequências. Rebecca não tinha ideia do tipo de relação eles haviam desenvolvido, mas era óbvio que Alex não permitiria que Hannah saísse machucada, nem ela deixaria que seus planos fossem arruinados. Não quando estava muito perto do que queria.

Além disso, os pais dela chegariam em alguns dias. Não teria como fazer um novo plano de vingança. Nicholas chegaria, e em vez de constatar que ajudara os Hunter como ele solicitara, Rebecca tinha os levado para o precipício.

— Por favor, Alex — insistira ela. — Pegue o cheque e faça a coisa certa.

— Garota! — A gerente contratada para realizar o buffet surgiu em frente a ela — Para de sonhar acordada e vá olhar se está tudo certo lá fora. Não temos o dia todo. Acabei de saber pelo rádio que a cerimônia já terminou. Os noivos e convidados estão chegando. Esse é o meu primeiro trabalho para a realeza.

Rebecca sorriu ao invés de revirar os olhos como realmente gostaria. Mal sabia ela que o título que Stacy ostentava de seu noivo de nada valeria a ela. Um conde falido, era o que ganharia com esse casamento.

— Sim, senhora — apressou-se em dizer — Estou indo.

Andou de um lado a outro do salão, verificando as mesas. Alisou a plaquinha dos noivos quando parou ao lado dela.

— Ainda não entendi você trabalhando aqui hoje — Brianna foi a primeira convidada a aparecer na festa — O objetivo não era se vingar de Stacy?

— Lembra de quando eu te disse que o Roger acreditou que eu fosse uma prostituta? — perguntou ela, devolvendo a placa ao lugar — Precisava ver a cara que ele fez, quando soube a verdade. Se quiser eu te mostro quando chegarmos em casa.

Brianna fez uma cara de nojo e sacudiu as mãos:

— Me poupe daquele vídeo repugnante.

— Eu preciso voltar ao trabalho agora — disse ela apontando a porta com a cabeça — Os noivos chegaram.

A noite seguia festiva, as pessoas comiam, dançavam, riam. A senhora Price monopolizava a atenção de todos em volta dela, excluindo o noivo. Ele bebia e fugia de Stacy como um rato correndo em um labirinto.

— A senhora Preston está com um problemão lá na cozinha — Rebecca disse ao garçom que levava o balde com a champanhe para a mesa dos noivos — Acho que tem alguma coisa a ver com o bolo, deixa que eu levo isso.

Ela tinha conseguido passar boa parte do tempo escondendo-se na cozinha. Embora tenha passado duas ou três vezes próximo a Stacy, a jovem estava ocupada demais inflando seu ego para prestar atenção em uma simples funcionária.

— É melhor eu verificar mesmo — o homem piscou os olhos para ela — Aquela mulher, quando fica nervosa, ninguém aguenta.

Rebecca equilibrou a bandeja, desviando das pessoas enquanto caminhava. Visualizou Alex vertendo outra taça, enquanto a noiva conversava com a mãe, fingindo não notar a indiferença do noivo em relação a ela.

— Ah, hora do brinde! — disse a mãe dela quando Rebecca alcançou a mesa — Vou avisar ao mestre de cerimônias.

Enquanto a voz do locutor ecoava no salão, ela aproveitou para servir aos noivos:

— Acho que deveria aguardar o discurso, senhor.

Alex a encarou abismado, mas manteve-se em silêncio.

— Não seja abusada! Não diga ao meu marido o que ele tem que fazer — Stacy virou para ela com um olhar furioso — Ele é um... Você?! O que faz aqui?

Embora Rebecca quisesse pegar uma das facas para arrancar a mão asquerosa que segurava o seu pulso, esforçou-se para manter a calma.

— Por favor, Stacy, não faça nada — suplicou com a voz enfraquecida — Preciso desse trabalho.

Por dentro, ela se vangloriava, era melhor atriz do que imaginara.

— Certo — disse Stacy — Mas mantenha-se longe de mim.

— Sim, senhora — disse Rebecca em um tom humilde — Com licença.

— Quem era a garota? — ouviu Alex dizer.

— Uma ex-empregada que foi pega roubando — murmurou Stacy — Não dá para confiar em ninguém. A tratamos como alguém da família.

Ela aprumou o corpo e continuou a trabalhar. Os brindes e discursos foram feitos. O noivo agora dirigia toda a tensão à esposa. Vez ou outra Rebecca sentia o olhar de Stacy sobre ela. Conhecendo a víbora como conhecia, sabia que ainda não estava acabado entre elas. A mulher não perderia a oportunidade de humilhá-la ainda mais.

A certeza se concretizou quando Rebecca reabastecia uma das bandejas na cozinha.

— Então foi assim que você acabou? — disse Stacy ao entrar — Uma vez empregada, sempre empregada.

— Não estou querendo briga, Stacy — disse ela, levando a mão ao bolso do colete que usava.

— Senhora Price para você — disse ela pegando um dos camarões empanados — Sabia que meu marido é um conde? Bela troca eu fiz, não é? Troquei o fraco do Michael por alguém melhor.

Rebecca tornou a abastecer a bandeja, fingindo desinteresse no que ela tinha a falar.

— Quando penso em todo tempo que desperdicei com ele. Depois de tudo o que eu fiz para

separar vocês dois, tudo o que ele fez foi me enrolar.

— Estava com o Roger naquela história? — perguntou Rebecca, simulando incredulidade — Por quê?

— Quem você acha que idealizou tudo? — Stacy inclinou contra a mesa — Era uma garota tão estúpida, e o Michael tão fácil de induzir. Eu estava lá quando Roger drogou você. Estava no quarto preparando a dose. Depois levei Michael ao apartamento para que a pegasse no flagra. Pensei que morreria quando a deixamos naquela praça imunda, mas tem o sangue ruim. Foi audaciosa em tentar nos denunciar à polícia, então tive que acusá-la de roubo para que não levasse o processo adiante.

— Por que está me contando isso?

— Para que entenda que deve ficar longe do meu caminho — murmurou ela, os olhos injetados de fúria — Venci você uma vez e venço de novo.

— Só estou trabalhando, Stacy, não tenho intenção alguma — mentiu — Michael não me interessa mais.

— Pode ficar com ele agora — disse ela — Está tão pobre e miserável quanto você. Aproveita e dê um pai ao filho bastardo que teve.

— Deixa a Olivia...

— Olivia? — Stacy sorriu — A bastardinha se chama Olivia. Tão clichê.

— Já disse para deixar minha filha...

As palavras dela foram abafadas pela bandeja caindo estrondosamente no chão.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Preston com o olhar indignado.

— Essa jovem faltou ao respeito comigo — Stacy levou a mão ao peito em um gesto abalado — Apenas porque chamei sua atenção por dar em cima de um dos convidados. Quase me atingiu com a bandeja. Que tipo de funcionária a senhora contrata?

Horrorizada, a mulher encarou Rebecca:

— Não se preocupe, senhora. Foi o primeiro e último dia dela. Saia!

Rebecca enfrentou o olhar vitorioso e debochado de Stacy mais uma vez antes de virar as costas e sair correndo.

— Para o aeroporto — disse ao motorista que a esperava na saída — Tenho uma recepção a fazer.

Acomodada no estofamento macio, Rebecca tirou o micro gravador de dentro do bolso do colete. Retirou o cartão de memória e colocou o dispositivo do carro.

A conversa entre ela e Stacy era como uma sinfonia massageando seus ouvidos. Manteria aquela gravação segura, e quando chegasse a hora, usaria seu trunfo.

Paredes descascadas, outras removidas, teto aberto. Para um desconhecido chegando em Price Palace, aquela pareceria uma propriedade decadente e em ruínas.

As obras de restauração já haviam iniciado, mas a pedido de Rebecca, tiveram uma pausa. Stacy teria uma grande surpresa quando chegasse.

— Mandou me chamar, senhora?

Rebecca terminou de encher a taça de vinho antes de virar em direção à voz: — Os homens já chegaram?

— Todos eles, assim como os cães.

— Ótimo — disse ela, indo em direção ao sofá e olhar a noite caindo através da janela — Sr. Petrov?

Ela encarou o russo corpulento de quase dois metros. Gostava do agente de segurança que contratara, ele não questionava nada ou fazia perguntas indiscretas.

— Sim?

— Ela não deve sair daqui, em hipótese alguma. Mantenha toda a área coberta.

— Sim, senhorita.

Petrov se retirou, deixando-a sozinha. Há quase uma hora recebera o telefonema de Alex, dizendo que haviam chegado a Londres. “*Eles já devem estar chegando*”, pensou ela, degustando do vinho.

Ouviu o barulho do carro se aproximando e os latidos dos cães quando abria a garrafa mais um vez. Deixou o copo no balcão e foi para o topo da escada, onde aguardou.

— Você não vai me dizer que o seu palácio é essa pocilga?! — Stacy parou na porta, olhando a sala com completo desprezo — É só uma parada, não é?

Alex jogou as malas no chão aos pés dela e passou bruscamente ao seu lado, indo para o bar.

— Bem-vinda à minha humilde residência... — satirizou Alex, antes de levar o copo com uísque à boca — ...querida. Há alguém que ficou ansiosamente à sua espera.

Ele indicou em direção à escada.

Mais do que um sorriso brilhando em seu rosto, Rebecca exibia um lindo colar de diamante, iluminando seu colo nu e o mais perfeito vestido de festa, assinado pela melhor casa de costura de Londres.

— Stacy! — proferiu, descendo a escada — Que alegria revê-la mais uma vez.

Rebecca frustou-se consigo mesma por não ter feito como Roger e mandado instalar uma câmera ali. Desejaria olhar para o rosto estupefato quantas vezes ela pudesse.

— Alex? O que está acontecendo aqui? O que ela faz aqui?

— Estou muito cansado — disse ele, indo em direção a Rebecca — E não me refiro a viagem. Ela é toda sua.

— Alex? — Stacy berrou ao vê-lo se afastar.

Silenciosamente, Rebecca caminhou até a mesinha em frente ao sofá. Depositou a taça no vidro e olhou para Stacy, tão hirta como uma das estátuas na sala.

— Por que não se senta? — bateu no lugar vago ao lado dela.

— Não quero me sentar! Vou atrás do Alex e fazer com que um dos guardas lá fora a coloque para fora.

— Não irá fazer nada! — ordenou Rebecca — Nada a não ser ouvir como será sua vida daqui para frente.

Rebecca cruzou as pernas e olhou friamente para ela.

— Alex foi uma farsa. Seu casamento foi uma farsa. Você é uma farsa — disse com a voz controlada — A única coisa real aqui sou eu, Stacy. Seu pior pesadelo diante dos seus olhos. Mas antes de eu dizer por que está aqui e o que irá acontecer, quero que ouça algo.

Ela pegou o controle remoto e ligou o aparelho de som. A única coisa nova e moderna naquele ambiente.

A conversa que tiveram no dia anterior repercutiu na sala. A confissão orgulhosa e pretensiosa de Stacy preenchia a sala silenciosa.

— Como... como... você fez isso?

— Um trapaceiro nunca revela suas artimanhas. A menos que ele seja pego.

— Você é completamente louca! — esbravejou Stacy, indo em direção à escada — Alex?

— Pare!

Rebecca esperara por isso por longos anos. Não deixaria que a garota estragasse aquele momento

triumfal bancando a mimada ridícula.

— Alex não pode ajudar você, porque Alex está comigo. Ele foi um peão para atrair você até mim — disse ela, agora com a voz mais amena — Eu investiguei sua família, você, seus passos. Sabia que estava na miséria e que faria qualquer coisa para sair dela. Até mesmo abandonar o homem que dizia amar.

Rebecca levantou e caminhou em direção a ela. Seu olhar fixo no rosto transfigurado.

— Estou louca sim, Stacy! — desferiu o primeiro tapa com tanta força, que a cabeça dela inclinou para trás; o segundo provocou um arranhão na face perfeita — Louca de ódio e uma fúria muito longe de ser aplacada.

Circulou o anel em seu dedo, decidindo que fizera a escolha certa ao escolher aquela joia para colocar em seu dedo.

— Eu vou fazer você pagar por ter usado Roger contra mim — aproveitando-se da surpresa compelida, agarrou-lhe os cabelos, fazendo-a se curvar — Por ter envenenado Michael contra mim e ter me afastado de todos que eu amava.

Cravou os dedos no rosto dela, levando lágrimas aos olhos assombrados.

— Mas nada, Stacy, nada do que eu fizer com você, será suficiente para apagar a dor de ter me tirado meu último momento com Olivia — Rebecca rangeu, tentando controlar a vontade de rasgar o pescoço dela ao meio.

Tinha dito a Brianna que não seria capaz de matar, mas naquele momento, com todos os fantasmas e dor do passado sob sua pele, sentia que era capaz de tudo.

— Jamais perdoarei isso, jamais esquecerei ou farei que esqueça — solto-a, fazendo com que caísse aos seus pés — Você não tem dinheiro, não tem amigos e nem para onde ir.

Rebecca andou em volta dela, satisfeita com a figura humilhada diante dela.

— Irá me servir. Será minha criada pessoal e fará tudo o que eu quiser, até que eu me sinta satisfeita e talvez, um dia, decida deixá-la ir embora. Não tente nenhuma gracinha. Temos aquela gravação em que você confessa tudo o que me fez. Acho que uma cela superlotada não será melhor que esse palacete. Ouvi dizer que a comida do presídio é horrorosa, fora o que as presidiárias fazem com carne nova e bonitinha como você.

— Vá se foder! — esbravejou Stacy, pegando uma das malas ao se erguer do chão onde estivera calada — Você e o imbecil do Alex. Mas vão me pagar, Rebecca. O que fiz no passado nem chegará perto do que farei.

Rebecca permitiu que ela tivesse seu momento de coragem. Aguardou que os cachorros se manifestassem e Petrov retornasse com Stacy.

— Hum...Esqueci de avisá-la — murmurou, regada de ironia — Há guardas e cães raivosos lá fora. E Alex está com os seus documentos, não acho que chegaria muito longe.

Stacy se contorcia nos braços do brutamontes com o dobro do tamanho dela.

— Fique de olho nela, Petrov — ordenou impassível — Sem água e comida até amanhã. Quem sabe aprende a ser uma boa garota.

Aos gritos e berros vindo da jovem furiosa, Rebecca subiu a escada. Encontrou Alex deitado na cama, olhando para o teto, quando entrou em seu quarto.

— Como se sente? — perguntou ele sem encará-la — Vingada?

Rebecca cruzou os braços e se apoiou contra a porta.

— Nem de longe, Alex — murmurou, perdida no tempo — Nem de longe.

Deitou ao lado dele, também com os olhos focados no teto. O ódio que sentia de Stacy era intenso demais, para que a parcela de vingança que usufruía há pouco fosse o suficiente para satisfazê-la.

Sua fome de vingança parecia insaciável.

Rebecca sentou à mesa de café da manhã ao lado de Alex exibindo um sorriso jovial. Olhou para a mesa farta, indecisa sobre o que gostaria de provar primeiro.

— Sabe, Alex, o dia está tão lindo lá fora. — disse Rebecca, com a voz jovial.

— Maravilhosamente lindo — ele respondeu sem desgrudar do jornal que estava lendo.

Falava com ele, mas era para Stacy, usando uma ridícula roupa de empregada, que ela olhava.

— O que está esperando? — perguntou a ela, impaciente — Me sirva.

Petrov estalou os dedos ao lado dela, mas não emitiu uma palavra. Rebecca sabia que ele deveria ter tido uma agradável e convincente conversa com ela.

Stacy serviu a xícara de café com a delicadeza de um rinoceronte. Não importou a Rebecca. Como um dos cavalos que vira em Grenville, iria amansá-la.

— Está sem açúcar — jogou a xícara no chão antes mesmo de levar aos lábios — Sirva-me um suco e limpe logo essa sujeira. Serviços desastrados não têm vida longa nessa casa, e acho que já sabe para onde irá se eu não estiver satisfeita com seu trabalho.

O restante do café seguiu sem perturbações. Stacy passou a servi-los com prestabilidade e delicadeza. Rebecca não sabia dizer se foi devido à sua ameaça ou os olhares assustadores que Petrov lançava a ela.

— Que tal darmos uma volta lá fora, Alex?

À luz do dia, os cachorros fazendo guarda e os homens andando em torno do muro, pareciam muito mais intimidadores do que Rebecca se lembrava.

— Precisa mesmo de tudo isso? — perguntou Alex enquanto seguiam para a parte leste do campo.

Lá havia mais ovelhas pastando e um grande galpão abandonado.

— Garantias nunca são demais — passou o braço no dele como fizera da última vez que caminharam ali — Escuta, eu sei que não gosta de pessoas desconhecidas em suas terras. Me dê apenas um tempo para arranjar outro local para levar Stacy e logo estaremos longe daqui.

— Vai mantê-la cativa? — Alex parou, encarando-a — Sabe que é crime.

— Como foi crime o que ela me fez? — resmungou, contrariada — Stacy veio aqui por livre e espontânea vontade. Não a estou mantendo acorrentada.

Alex voltou a andar. Ele sabia que não adiantava tentar ser coerente com Rebecca. O jeito era esperar que ela se cansasse daquele jogo.

— O que aconteceu entre você e a Hannah? Você gosta dela?

Ela notou os ombros dele enrijecerem. Era um sinal de alerta, como um sinal vermelho no semáforo.

— Hannah não faz parte dos seus planos — murmurou ele — Lembra?

— Sim, eu sei, mas...

— Deixe-a fora dessa.

Alex continuou a andar. Rebecca o seguiu, cada minuto mais curiosa. Mas iria respeitar seja lá o que for que ele estivesse escondendo dela.

Foram para o galpão. Alex mostrou os equipamentos antigos que teriam que ser substituídos por novos e todo processo de produção de lã. Era com empolgação e paixão que ele falava sobre o trabalho. Nunca o vira assim, tão animado, nem mesmo quando fechavam bons negócios na SBI.

Voltaram para casa por volta da hora do almoço. Rebecca passava por um dos cachorros com o

segurança, quando teve a ideia.

— O que está fazendo? — Alex a encarou como louca ao vê-la sujar as botas.

— Dizem que merda dá sorte — sorriu ao observá-lo fazer cara de nojo — E também é verdade que quanto mais se mexe, mais ela fede.

— Não chega perto de mim — ele retrocedeu alguns passos.

— Maricas!

Rebecca gritou, correndo atrás dele de volta ao palacete.

Eles entraram rindo. O segurança na porta mal disfarçou a repulsa que o odor vindo das botas dela lhe causava.

— Por que fez isso? — indagou ele, desconte com o estrago que ela fazia no tapete ao caminhar.

— Já irá saber.

Chamou por Stacy, rodopiando em torno de todo o tapete claro. Dançava e ria, realizada com sua pequena maldade.

— Senhora? — rangeu ela, surgindo com Petrov a tira-colo.

Rebecca riu ao notar os cabelos desganhados e o estado deplorável de suas roupas.

— O que você fez? — sorria amplamente ao observá-la — Subiu pela chaminé? Não importa. Alex e eu estávamos passeando quando eu tive um terrível acidente.

Ela levantou os pés, mostrando uma das botas.

— São caríssimas, quero que fiquem limpas como se estivessem novas.

Stacy recuou, mas o russo empurrou-a para frente outra vez:

— Ouviu a patroa. Pegue panos limpos e material de limpeza na despensa.

A menos que Rebecca estivesse tendo alucinações, foi um vestígio de lágrimas que viu nos olhos de Stacy. Ela ainda tinha muitas lágrimas a derramar.

— Srta. Griffin — Petrov chamou a atenção dela — O senhor Summer ligou, pediu que entrasse em contato em breve.

Rebecca sentiu sua alegria desaparecer. Algo lhe dizia que não gostaria nada do que o pai tinha a dizer a ela.

— Anda logo, Stacy! — ordenou à jovem com ânsia de vômito, inclinada contra a bota dela — Não tenho o dia inteiro.

Embora fosse prazeroso vê-la naquela situação tão humilhante, só conseguia pensar no que Nicholas tinha a dizer.

Tirou uma das botas e depois a outra, entregando a ela:

— Pegue. Depois cuide do tapete também.

Descalça, foi direto para o escritório. Era o único lugar no palacete que tinha um telefone, celulares não funcionavam ali.

Respirou algumas vezes antes de pegar o telefone com as mãos trêmulas.

— Papai?

Ouviu a respiração pesada do outro lado da linha.

— O que você fez, Rebecca?!

Ela nunca vira o pai tão nervoso. Nem mesmo quando expulsara Alex e a irmã de Price Palace.

— Papai, eu posso explicar.

— É exatamente isso que eu espero — rugiu ele — Volte para casa. Agora.

O telefone mudo alertava que a conversa estava encerrada.

— Algum problema? — Alex surgiu na porta.

— Temos que voltar a Uptown.

Só havia um motivo para Nicholas estar exaltado assim: ele descobrira o que fizera a Michael e sua família.

Capítulo 50

Rebecca quase nunca dera trabalho às freiras do orfanato, sempre fora uma garota tranquila e raramente recebia um sermão ou castigo, mas olhando seu pai andando de um lado a outro do quarto e sua mãe praticamente chorando na cama, teve um vislumbre de como teria sido sua vida se tivesse crescido com eles. Bancando a adolescente rebelde sendo pega fumando um baseado qualquer.

— Não acredito que me manipulou por tanto tempo — disse Nicholas, direcionando o olhar para Alex e Brianna, parados em um canto do quarto — E vocês dois a ajudando...

— Eles não têm nada a ver com isso — Rebecca tentou defendê-los, embora, no fundo, soubesse que não teria muito efeito — Podem nos deixar sozinhos, por favor?

Os dois se entreolharam, encararam os pais dela com um pedido mudo de desculpas e saíram.

— Eu sabia que alguma coisa estava errada — disse Nicholas olhando para ela — As transações que fazia eram significativas...

— Não fiz nada do que não tenha feito antes, investir para lucrar — retrucou ela — Do jeito que fala, parece que roubei você.

— Roubou minha confiança, agiu pelas minhas costas. Com que propósito?

Rebecca tentou mantê-los longe de toda essa lama em que se afogava o máximo que poderia. Teria que ser honesta agora, e esperava que fosse compreendida.

— É uma longa história, acho melhor se sentar — disse a Nicholas, que apenas lançou um olhar de reprimenda a ela.

Em meio aos suspiros angustiados de Laura e murmúrios contrafeitos de seu pai, narrou aquela parte dolorosa de sua vida. Não poupou ninguém, não escondeu nada.

Sentia seu coração um pouco mais leve agora. Conforme etapas de sua vida iam sendo concluídas, era como se camadas fossem retiradas dela.

— Minha filha — Laura a abraçava chorando — Por que não nos contou antes?

— Nada poderiam fazer para me ajudar, além do que, já fizeram. Essa era uma guerra que só eu poderia lutar.

— Isso se chama vingança, Rebecca! — Nicholas proferiu exaltado — Acha que terá a atenção de Michael de volta usando meios tão baixos? Ninguém consegue amor dessa forma.

— E quem disse que procuro amor?

— Então, o que você quer?

Sua filha poderia usar todas as justificativas que quisesse, mas Nicholas estava convicto de uma coisa: ela ainda amava aquele rapaz. Por mais empenhada que ela estivesse em negar, a realidade era essa.

Ele sabia que algo de errado havia acontecido, algo que a ferira de tal forma ao ponto de deixá-la vazia e quebrada. Embora ele não concordasse com tudo o que fizera até aqui, podia entender.

Fora ele e Laura que receberam a filha pela metade. E se não fosse pela pequena Olivia iluminando os seus dias, nem mesmo a metade de sua filha teria de volta.

— Quero que minha filha tenha um nome e tudo o que é de direto a ela.

Ocultou que desejava ter Michael humilhado e rastejando aos seus pés. Que o faria se apaixonar e o desprezaria com a mesma facilidade que ele fizera com ela.

— Não pode arrastar pessoas inocentes com você — Nicholas sentou ao lado da esposa, parecia cansado — Max a acolheu quando mais precisou, e como você paga? Tem que parar com isso,

Rebecca.

— Olivia te amava — foi Laura a dizer com a voz trêmula — Te amava como uma filha.

Essa era a única parte a torturar Rebecca.

— Papai, eu não fiz nada contra o Max. Pode olhar todos os últimos relatórios da empresa... E ele ainda poderá ocupar o cargo de consultor, caso queira.

— E sobre as propriedades?

— Comprei as dívidas e promissórias legalmente.

— Tudo bem — Nicholas se levantou e caminhou até a porta — Deixarei que siga com os seus planos, exatamente como idealizou. Mas há uma condição. Na verdade, uma ordem.

Rebecca o encarou surpreendida. Já estava preparada para usar de chantagem emocional, como ameaçar ir embora com Olivia, se eles tentassem pará-la. Era a única arma que conhecia para manter seus planos intactos.

— Tem seis meses para reerguer e devolver a empresa para o Max — disse ele — Enquanto isso, assumir a presidência da SBI está cancelada para você e todas as suas decisões passarão a ser monitoradas por mim.

— Nicholas... — Laura iniciou um protesto, pondo-se ao lado dele — Não podemos comp...

— A guerra é dela, querida — Nicholas a interrompeu, tomando sua mão e conduzindo-a para fora — Deixe que use suas próprias armas.

Rebecca os viu sair entre confusa e aliviada. Chegara preparada para uma batalha ferrenha entre ela e os pais, mas nada acontecera como previra.

Foi para seu quarto, caminhou até o guarda-roupa e tirou sua caixa de recordação. Pegou a foto, rasgou a parte que Stacy aparecia e deitou na cama com a outra parte.

Tinha seis meses. Seis meses e mais um nome em sua lista seria riscada.

~~Michael.~~

Capítulo 51

Nicholas observava a esposa pentear os cabelos. Há quase vinte minutos a admirava enquanto fingia ler e há quase vinte minutos a via repetir os gestos bruscos desde que seguiram para o quarto deles. Tentar ignorá-lo era a forma de Laura dizer que estava muito aborrecida com ele. Na cabeça dela, fechar os olhos para o que Rebecca estava obstinada a fazer era o mesmo que concordar com ela.

Ele via de uma forma muito diferente.

— O que queria que eu fizesse, Laura? — jogou o livro sobre a cama — Acha que ela iria parar se eu o pedisse? Veja tudo o que já fez e onde chegou.

— Por isso mesmo — disse ela, olhando-o através do espelho — Além de louco, é perigoso.

— Rebecca não vai parar. Está magoada...

— Você acha certo o que ela está fazendo, admita — insistiu ela.

— Ouviu o que ela nos contou? — Nicholas fez questão de lembrá-la — Já era difícil engolir que Michael deixou nossa filha grávida e sozinha. Tudo bem, eu estava ali para protegê-la, elas não precisavam dele. Até achei que um dia ele iria se arrepender. Por que acha que insisti tanto em voltar e dar a presidência a ela? Pensei que um dia se entenderiam, por Olivia desejava que sim. Mas o que eles fizeram a ela, eu mesmo teria me vingado, tivesse conhecimento sobre aquilo.

— Eu também sinto muita raiva, Nick... — sua voz vacilou — Mas não estamos agindo como pais.

— Está preparada para perder sua neta? Porque eu não duvido que Rebecca faria isso se tentássemos a impedir. Sumiria no mundo como muitas vezes ameaçou. Eu já perdi anos da minha filha, não posso perder Olivia também. Me chame de covarde, mas farei qualquer coisa para manter aquela garotinha perto de nós. Até mesmo compactuar com o que nossa filha deseja.

— Ela não faria isso! — disse ela com a voz trêmula — Somos os pais dela.

— Lembra de como nos convenceu a ir para Londres? — lembrou ele — Não duvide do coração de uma mulher machucada. Eu conheço muito bem. Além disso, pense bem, nada do que ela fez foi ação grave, ela deu o troco.

— Era nossa obrigação fazê-la enxergar a razão e não concordar com essa sandice — Laura jogou a escova contra a penteadeira e foi até ele — É nossa filha, não a protegemos antes, não estamos protegendo agora e parece que nunca seremos capazes disso. Me sinto impotente porque eu sei, ela sairá magoada.

— Você não consegue enxergar? — ele a puxou, sentando-a em seu colo — Não é só apenas vingança. É sobre amor.

— E se Rebecca se machucar ainda mais, Nicholas? — perguntou com os olhos marejados.

— Estaremos aqui para ela. Sempre estaremos aqui...

Poderiam julgá-lo se quisessem, mas cada uma das pessoas que fizeram mal a filha dele tiveram o merecido, por destruírem o coração e sonhos de uma garota inocente. Ele certamente teria feito de tudo para dar a eles um castigo muito mais duro.

— Vamos ajudá-la a ficar de pé mais uma vez.

Quanto a Michael, ele fora fraco e impulsivo, não duvidava agora que tinha sido vítima tanto quanto sua filha. Conhecia o rapaz desde bebê, sabia que no fundo ele não era mau. Desejava que seus instintos estivessem certos. Que Michael e Rebecca encontrassem um ao outro.

Capítulo 52

Rebecca passou o cartão que permitia a entrada na suíte que alugara com as mãos trêmulas. Nos últimos dois dias, vira-se ansiosa e nervosa, agora estava eufórica e carregando uma carga gigantesca de adrenalina.

— Uau! — Brianna exclamou ao entrarem na antessala luxuosa — Você caprichou. Se queria causar uma boa impressão, fez exatamente o que precisava fazer.

Não era com o hotel de luxo que estavam que ela queria causar surpresa em Michael, era com a mulher segura e elegante que ela havia se transformado. Embora naquele momento se sentisse a mesma jovem apavorada que entrara na mansão Hunter pela primeira vez.

Mas ela não deixaria que o nervosismo e fantasmas do passado a desviassem do seu foco.

— Que horas o cabeleireiro irá chegar? — perguntou ela indo até o bar.

Chegou a pegar a garrafa de uísque, mas desistiu na última hora. Já estava nervosa o suficiente, precisava se manter sóbria e segura. Michael, por si só, era capaz de alterar seu humor.

— Dentro de dez minutos o massagista — disse ela olhando o pulso — Em uma hora o cabeleireiro e maquiador.

— E o vestido?

— Confirmei na recepção. Está na sua cama com as joias.

Em algumas horas, Michael chegaria. O que sonhara durante todo aquele tempo estaria muito perto de acontecer.

Pegou a pasta das mãos de Brianna e verificou os documentos mais uma vez.

— Sobre Caroline?

Brianna olhou duramente para ela antes de reponder: — Alex cuidou disso, não tive coragem.

— É só um blefe, Bri... — encarou-a com um olhar suplicante — Juro que não vou levar isso adiante.

— Não acho certo, de qualquer forma.

Rebecca respirou fundo e concentrou sua atenção nos documentos que tinha. Pensou e repensou no discurso que ia falar, assim como uma atriz estudava o roteiro de uma peça.

Ela tomou um relaxante banho de banheira, recebeu a massagem, e já se sentiu mais confiante. A maquiagem e o penteado elegantes fizeram o resto. Sentia-se como em uma armadura impenetrável.

Observou o vestido manga três quartos, vermelho como sangue, através do reflexo de uma estatueta de metal retorcido, em um canto da sala. A peça justa até os joelhos realçava as curvas que ganhara com o tempo.

As fotos que vira de Michael haviam provado que ele tinha se tornado um belo homem, mas Rebecca não ficava atrás.

— Caramba! — Brianna assoviou e bateu a porta com os pés.

Carregava uma bandeja descartável de café e algo que havia comprado na rua.

— Podia ter pedido serviço de quarto.

— Eu sei — disse ela, depositando os objetos na mesa — Mas eu queria caminhar. Acredite, estou mais nervosa do que você.

Rebecca queria concordar, dizer que nunca estivera tão calma, mas seria mentira. Com Roger e Stacy tinha sido diferente, ela os odiava. Também desprezava Michael e queria fazê-lo sofrer e pagar por todo sofrimento que causara a ela. Que sentisse a dor do desprezo e humilhação.

E, ah... Ela o faria. Mas havia alguém a quem ele importava. Sua filha Olivia. Não o conhecera, não falara com ele, não sabia o homem frio que ele poderia ser, mas a menina estava encantada. Carregava a foto sempre que era permitido, às vezes dormia com ela.

Por Olivia, não chegaria tão longe como fora com os outros dois, mas, ainda sim, o faria pagar.

— Ficaré aqui? — perguntou à sua amiga no mesmo momento em que o telefone começou a tocar.

— Michael chegou — disse Brianna, colocando o aparelho no gancho — Estarei no quarto.

Rebecca abriu e fechou as mãos. Caminhou lentamente e parou em frente à porta. Parecia que a maioria dos seus sentidos estavam alertas. Audição; o sangue bombeava tão velozmente em suas veias que parecia ser possível ouvir seu coração bombeando em seus tímpanos. Tato; sentia a umidade nas palmas.

Não tinha dons sobrenaturais, mas podia vê-lo entrando no elevador. Os dedos longos que um dia correram pelo seu corpo, tocando o botão que levaria até ela. As portas abrindo, cerca de vinte passos no corredor, o momento que tocava a campainha.

Visão; era o que mais lhe importava agora.

— Michael... — sorriu lascivamente ao homem atônito na porta.

— Rebecca? — parecia diante de um fantasma.

Ela, de alguém a quem desejava aniquilar.

— Olá.

A primeira etapa de seu plano estava concluída. Tinha Michael exatamente onde desejava: em suas mãos.

O Valor
do
Perdão
Livro 2

Capítulo 1

Michael se sentia tão confuso ao vê-la parada ali, como tinha ficado ao pegar o fax que Alexander Price havia enviado ao seu pai. As instruções diziam que Max deveria comparecer ao hotel Uptown Plaza para um encontro de negócios naquela tarde.

Contrariando os dois últimos dias de sobriedade, Max amanhecera embriagado ao ponto de mal conseguir ficar em pé. Restara a Michael enfrentar o comprador misterioso.

— Rebecca? — Ele balbuciou, salteado.

Não eram as roupas, joias ou porte elegante exalando dela, que o deixara atônito (travado na porta), tão rígido como uma estatueta. Foi o impacto em tê-la tão perto, após tantos anos.

Ela estava ali, ainda mais bonita do que ele se lembrava. Mudara bastante obviamente, os traços de menina ganharam as linhas firmes de uma mulher fascinante, e sem dúvida alguma, sexy.

Deus! Como sentira sua falta.

Foi imerso nesses pensamentos que acabou esquecendo completamente o que fora fazer ali. Pensava somente em como gostaria que o tempo fosse generoso com eles e se eternizasse. Por instinto, ou levado por seus sentimentos irrefreáveis, ergueu a mão para tocá-la e ter a certeza de que era real, e não apenas mais um dos incontáveis sonhos que tivera com ela.

— Entre — murmurou Rebecca, afastando-se de sua mão, que permaneceu parada no ar, formigando o desapontamento de não poder tocá-la.

E ele queria. Muito...

Sobre a autora

Elizabeth Bezerra, nascida em São Paulo, é uma leitora ávida que, ao acabar um livro, sempre ficava imaginando como poderiam ser as vidas dos personagens, depois do fim das histórias. Criava então, muitas possibilidades em sua imaginação, o que deu início à sua dedicação à escrita. As coisas que mais ama: ouvir música, ler, viajar e conhecer novas pessoas.

Saiba mais sobre ela e os próximos livros em seu site www.elizabethbezerra.com